

ADRIANA VARGAS

Autora de O Oitavo Pecado, vencedor do prêmio INTERARTE

O TÚNEL DO
Tempo

LIVRO II DA SÉRIE
O VOO DA ESTIRPE

ME
MODO
Editora

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Adriana Vargas

O Túnel do Tempo

O voo da Estirpe II

MODO Editora Tradicional
2013

Dedico esta obra a alma de meu querido Sergio Rodrigo Palma Riffo. Onde se encontrar, que encontre também a luz, a paz e o descanso jus de seu eterno sorriso que não se apagará.

Um poema de Klaus para Clarice:

"Eu deixarei... Tu irás e encostarás a tua face em outra face.

Teus dedos enlaçarão outros dedos e tu desabrocharás para a madrugada. Mas tu não saberás que quem te colheu fui eu, porque eu fui o grande íntimo da noite. Porque eu encostei minha face na face da noite e ouvi a tua fala amorosa. Porque meus dedos enlaçaram os dedos da névoa suspensos no espaço. E eu trouxe até mim, a misteriosa essência do teu abandono desordenado.

Eu ficarei só como os veleiros nos pontos silenciosos. Mas eu te possuirei como ninguém, porque poderei partir. E todas as lamentações do mar, do vento, do céu, das aves, das estrelas, serão a tua voz presente, a tua voz ausente, a tua voz serenizada."

Vinícius de Moraes

Nota da autora:

Para uma melhor compreensão dos temas abordados nesta obra, faz-se mister abordar brevemente sobre os temas que serão expandidos durante a leitura da série O voo da Estirpe, Túnel do Tempo.

O livro tratará de temas como: experiência quase-morte, vidas passadas e regressão. Não se trata de um tema que segue alguma vertente dogmática ou religiosa, apenas tem como pano de fundo tais ferramentas ilustrativas, que não seguem na obra, conceitos religiosos ou pragmáticos.

Experiência quase-morte é ou EQM refere-se a um conjunto de visões e sensações frequentemente associadas a situações de morte iminente, sendo as mais divulgadas a projeção astral (também chamada de "projeção da consciência", "desdobramento espiritual", "emancipação da alma", "experiência fora do corpo", etc), a "sensação de serenidade" e a "experiência do túnel". Esses fenômenos são normalmente relatados após o indivíduo ter sido pronunciado clinicamente morto ou muito perto da morte, daí a denominação "EQM". Até recentemente, este fenômeno costumava ser considerado pela ciência estrita como um assunto vulgar, fruto de lendas, credence popular ou religiosidade. No entanto, na década de 1970, pesquisas como a do Dr. Raymond Moody e a da Dra. Elizabeth Kubler-Ross, principalmente após a publicação dos best-sellers Vida Depois da Vida e Sobre a Morte e o Morrer, respectivamente, levaram ao início de uma corrente de pesquisas em todo o mundo sobre o fenômeno. Mesmo com tanto interesse e a presença de numerosos relatos anedóticos, ainda não há qualquer comprovação científica sobre as experiências de quase-morte. Entre os cientistas que pesquisam o assunto, há os que interpretam as experiências como reações do cérebro e há os que interpretam tais experiências como prova de que a consciência não é produzida pelo cérebro e de que existe vida após a morte*.

O conceito de vidas passadas está ligado ao conceito de reencarnação – uma ideia central de diversos sistemas filosóficos e religiosos, segundo a qual uma porção do Ser é capaz de subsistir à morte do corpo. Chamada consciência, espírito ou alma, essa porção seria capaz de ligar-se sucessivamente a diversos corpos para a consecução de um fim específico, como o autoaperfeiçoamento ou a anulação do carma.

A regressão é uma situação que acontece em qualquer destas terapias, quer na hipnose ou noutra que se dirija à mente quer nas terapias que se dirigem ao corpo.

E a regressão tanto se pode ficar por esta vida como eventualmente ir até vidas passadas.

Algumas das pessoas veem as regressões como uma possibilidade para irem a vidas passadas e dessa forma encontrarem respostas para a sua curiosidade ou para os seus males. Infelizmente isso nem sempre é possível e nem sempre isso é o aconselhável. Quando se faz um trabalho sério, o terapeuta leva a pessoa a resolver ou a lidar com o problema em causa e cinge-se apenas a isso.

Qualquer bom terapeuta não promete nem pode prometer a ida a vidas passadas, pois está mais interessado em que a pessoa se sinta bem e que funcione bem quer física quer mentalmente.

**Dados da Wikipédia:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Experi%C3%A7%C3%A3o_de_quase-morte*

**Dados da Wikipédia:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Reencarna%C3%A7%C3%A3o>*

Índice

PRÓLOGO

TOMO 1

CLARICE E ENZO

1

2

3

4

5

6

7

8

TOMO 2

CLARICE E KLAUS

1

2

3

7

A DECISÃO

Prólogo

Senti o carro passando por cima de meu corpo. Não houve tempo de sentir dor. Estava distraída demais com meus sentimentos. Eu quis este momento e não tinha volta, havia me cansado da solidão e de mim mesma. Logo após uma sensação de alívio, sentindo o corpo tão leve quanto um pena, saí de minha vestimenta corporal e me vi flutuando acima de todos que passavam pelas ruas. Eu olhava de cima e tudo era mágico e envolvente. Contemplava o azul do céu e agora sabia o que significava a expressão – o voo da estirpe. Significa sentir o que as borboletas sentem quando voam. Sei que ainda estava viva, pois sentia minha respiração, embora não quisesse mais participar do mundo onde todos tinham um nome, uma identidade e uma regra a seguir.

Vi quando meu corpo foi levado para o hospital e o cordão de tecido, etéreo e brilhante, que me ligava a ele fez com que eu seguisse a ambulância, embora quisesse me libertar e voar além do que eu poderia imaginar. Eu estava morrendo e, quando cheguei ao ponto de maior aflição física, comecei a ouvir um ruído desagradável. Um zumbido alto ou toque de campainhas e, ao mesmo tempo, senti o que restava de mim movendo-se muito rapidamente através de um longo e escuro túnel. Assisti às tentativas de ressurreição deste ponto de vista inusitado em um estado de perturbação emocional. Depois de algum tempo, acalmei-me e fui me acostumando à minha estranha condição. No entanto, descobri que precisava voltar... O momento da minha morte ainda não havia chegado.

Eu decidi continuar como se nada tivesse acontecido, e fiz o que meus impulsos me pediam. Voltei a andar entre as pessoas e ouvia a voz do coração me pedindo para entrar dentro daquele café aconchegante situado em uma das ruas de Paris. Ele estava lá, o rapaz do paletó marrom que tanto perturbou meus sentidos. Entrei e tudo aconteceu como se fosse real. Revivi todos os momentos

que desejava viver ao lado daquele que, um dia, se fez presente em minha vida em uma existência anterior. Voltamos a um passado que minha mente não podia recordar. Outra vida totalmente diferente de tudo que conhecia, muitos chamam de vida passada. E foi isso, exatamente isso, que revivi durante o coma. Muito embora jamais acreditasse nestas situações, foi maravilhoso. Verdade ou mentira, fantasia ou realidade, não sei... Somente saberei depois que acordar do coma e conseguir abrir meus olhos. Esta foi a intenção da estranha odisseia de volta ao tempo. Algo precisava de mim, viva. Algo precisava ser modificado no passado para libertar sofredores e libertar pessoas. Eu seria usada para a libertação do homem que amo e estaria disposta a ir até o fim, se conseguisse abrir os olhos.

Tudo poderia se possível, se não fosse minha grande atração por atravessar o túnel. Eu vi a luz. Eu precisava voltar para a vida, mas não conseguia resistir. A luz brilhava, sentia-me profundamente atraída por ela. Sua cor era um dourado intenso com algumas nuances em tons lilás. Eu ouvia as vozes dos médicos ao meu redor. Eles falavam de minha pulsação e receavam me perder. Estavam quase me declarando morta. Nada me abatia, nem mesmo o medo da morte, pois para mim, naquele momento, ela não mais existia. Jamais senti sensação assim. Era como se pudesse acontecer a pior tragédia envolvendo as coisas mais sagradas ou importantes em minha vida, e mesmo assim eu não conseguia desviar minha atenção da luz, já que dela saiu ser mais impressionante que já havia visto – o mais altruísta, cheio de amor, bondade, compreensão. Este ser me acalmava e me fazia sentir vontade de sorrir e de chorar, não de tristeza, mas sim de emoção. O amor que vinha Dele envolvia a tudo. Era algo que me refazia completamente. Ele não falava comigo, mas era como se pudesse ouvi-lo. Sentia que a luz me aceitava completamente. Envolvia-me com um amor tão puro capaz de me transformar instantaneamente.

Sei que se voltasse, deveria mudar em muitos aspectos. Não poderia ficar imune a tudo que senti e vi. Algo deveria mudar

em mim. Eu sentia isso. Eu deveria amar as pessoas. Deveria perder o medo de amá-las.

Eu ouvia sons. Ouvia a voz de Klaus me dizendo para não seguir a luz. E ouvia Enzo cantando para mim. Sentia-me confusa sem saber qual caminho seguir.

A temperatura era amena e de todos os lados haviam pessoas que surgiam uma a uma, como se tivessem vindo de algum lugar, atraídos também pela mesma luz. Eu ouvia seus murmúrios, bendizendo aquela presença de amor, e uma voz firme, dizendo alto sobre as demais:

“Levantam-se!”

Então passei a chorar e estendi minha mão na direção de onde vinha aquela presença iluminada. O que senti a seguir foi uma espécie de climax muito mais forte que o orgasmo, em todo o espaço de meu corpo etéreo e alma. Fechei os olhos e deixei-me levar pela força de tudo que me refazia. Avistei de longe um túnel que crescia cada vez mais. A vontade de atravessá-lo foi imensa. Cada vez que me aproximava deste, sentia-me diferente, feliz e plena. Alguém, entretanto, se aproximou de mim e disse amorosamente:

“Não vá ainda!” – disse uma voz que me prendeu; absorvendo completamente o ar ao meu redor.

Eu conhecia aquela voz, mas não conseguia ver o rosto de seu dono. Tentei firmar a visão e compreendi que não precisaria deste ato, pois até de olhos fechados podia ver todo o cenário a minha frente.

“Deixe-me ver seu rosto” – disse sem precisar usar sua voz, mas através do pensamento.

“Não é necessário. Apenas confie em mim e volte. Um dia nos encontraremos.”

Ouvi novamente o canto tão lindo e fui recuando. A voz tocou algo dentro de mim, que me distraiu instantaneamente da luz. Meu corpo flutuava em direção ao nada, era como se eu tivesse

perdendo a força e caindo no espaço. A velocidade aumentava cada vez mais, e quando dei por mim, já estava no hospital.

Antes de abrir os olhos e ver meu corpo que estava deitado, senti o peso da vida. Uma sensação totalmente diferente daquela que experimentei. Novamente estava de volta a um lugar que não queria voltar, mas uma força me chamava como um convite à responsabilidade. Eu jamais saberia que a sensação densa e pesada de um corpo vivo era tão incômoda, se não tivesse sentido um dia flutuado e visto coisas e sentimentos que nunca havia experimentado antes.

Ainda pude ver alguns corpos etéreos sendo atraídos pela luz que os recebia. Percebi neste momento que isso se tratava do desligamento com a vida neste plano. Porém, depois de tudo que vi e senti, tenho certeza absoluta de que a morte não existe, e sim, de que há um lugar totalmente desconhecido por quem aqui está, e jamais saberá como é, a não ser que atravesse o túnel.

TOMO 1
Clarice e Enzo

2012

As luzes ofuscavam os meus olhos que se abriam devagar. Eu tentava identificar o local – um quarto todo branco e uma cama. O local tinha o aspecto de hospital ou a vida do outro lado era um lago morno e pálido de sensações estranhas e quase mórbidas. Desejava saber quanto tempo passei ali. Meus braços se moviam lentamente, não sabia se estava viva ou morta, mas havia apenas uma certeza – algo tinha acontecido e mudado radicalmente tudo que havia vivido e conhecido até ali. Olhei novamente ao meu redor, queria apenas saber quem eu era depois de tudo que vivi.

— Clarice!

Uma voz me acordou para a realidade. Sim, este ainda era meu nome. Quis reconhecer a voz, mas novamente meus olhos se fecharam, desejando que fosse a de Klaus. Dormi. Talvez ao acordar eu me reconheça.

Abri meus olhos com mais consciência. À frente do meu leito, um relógio marcava 15h33min. Era um hospital. Eu não sabia o motivo de estar ali. Tentei me movimentar quando a enfermeira entrou no quarto, colocando as mãos nos lábios em um suspiro de admiração. Eu era um fantasma ou minha vida ainda estava latente?

Minutos depois, entraram no quarto duas ou três pessoas com a enfermeira. Uma delas, o médico, se aproximou de meu leito e passou a me examinar. Sentia frio, embora pela janela o dia anunciasse os raios de sol tórridos.

— Por favor, não tente se levantar – disse o médico, examinando-me quando percebeu meu corpo se curvando. — Lembra-se de seu nome?

Eu poderia mentir. Tanto faz um nome para quem não tem a mínima noção de quem é.

— Clarice... – disse em uma voz quase adormecida, com milhas de sentimentos introspectivos, loucos para serem expostos.

— Sabe por que está aqui?

— Eu morri? – quis ironizar. Certamente se estivesse morta, não estaria conversando com ele.

— Passou por um período longo em coma; um processo que denominamos por quase morte.

— Sei... Isso quer dizer... Quanto tempo exatamente? – Minha indignação perante a vida é como ser um pássaro com asas sem poder voar.

— Um ano.

Meus olhos se arregalaram incrédulos.

— Não é possível!

— Já tínhamos perdido a esperança... – ele confessou. — Lembra-se do que te causou este coma? Eu queria dizer que era por causa de Klaus. Que sua ida não me deixava sentir vontade de respirar. Queria dizer também, que odeio a sensação de estar viva. Se tivesse morrido, teria uma esperança de reencontrá-lo.

— Não senhor.

— Um acidente – respondeu ele.

— Lembro-me de ter perdido a memória antes do acidente... Não sei ao certo...

— Isso é comum para quem volta de um coma.

A cena viera a minha mente. Sim, eu me lembro. Lembro-me de ter atravessado a rua, com o desejo de... Morrer. O carro passou e levou meu corpo junto. Depois me lembrei de ver meu vulto andando pelas ruas, como se tivesse a liberdade de um pássaro, nada me prendia. Eu saltei do penhasco e voei.

— Escute bem... As cenas que recordo nitidamente em minha mente após o acidente? Eram como... Como se eu estive realmente vivido. E... Como isso pode acontecer? – Eu me referia ao fato de ter viajado, encontrado pessoas, andado pelas ruas sem que ninguém me percebesse, e depois, ter pulado de um precipício com os braços abertos com o vento tocando suavemente meus

poros a ponto de me tirar suspiros. E... Os braços de Klaus foram meus cúmplices.

— Não se preocupe com isso. É muito natural acontecer de pessoas entrarem em coma e acreditarem ter vivido experiências quase morte. Seu cérebro não estava morto. Apesar de frequentemente estarem associadas a uma experiência mística, essas visões tendem a se explicar pela comunidade científica como uma resposta secundária e fisiológica do cérebro à hipóxia*. Em alguns casos, a morte clínica do paciente chegou a ser atestada pelos médicos, mas em nenhum deles houve a confirmação de morte cerebral. No entanto, durante o procedimento de ressuscitação, a equipe médica raramente consegue manter registros sobre as funções cerebrais, pois a emergência exige atenção total ao sistema cardiopulmonar.

Fiquei calada. Estava tudo muito confuso para entender algo neste momento. Eu apenas queria organizar minhas ideias e me situar no tempo em que estava. Talvez não soubesse nem voltar para casa. Não me lembro de ter alguém me esperando. De mim... Sabia apenas o nome.

Os dias se passaram e recebi alta. Sentada na cama do hospital, pensei para onde iria. O médico, à minha frente, olhava-me tentando adivinhar meus pensamentos enquanto tudo me irritava.

— Certo. Recebi alta e não tenho para onde ir.

— Não se lembra do lugar onde mora?

— Não. Aliás, não me lembro de nada.

— Na recepção do hospital há um cadastro de pacientes que passaram por aqui, podem te ajudar.

— Quem poderia ter feito meu cadastro doutor? Eu não tenho ninguém – disse, sabendo que tinha alguém, mas morreu.

— Está certa disso? Então se lembra de algo mais... Não iria dizer a ele sobre Klaus.

— Doutor, eu... Preciso saber mais sobre o que aconteceu... Alguma data já ajudaria. Estou perdida no tempo.

— O que posso te afirmar é que faz um ano que deu entrada neste hospital.

Fui até a recepção do hospital e pedi informações sobre meu cadastro. A moça do atendimento trouxe do arquivo, uma folha, e entregou-me enquanto meus olhos procuravam famintos por alguma pista. Li as informações sobre a causa da internação, e mais abaixo havia uma assinatura.

— Por favor, poderia me dizer de quem é esta assinatura? — perguntei esperançosa.

— Sim, como poderia me esquecer. É que já passou tanto tempo... Na verdade, quem assinou foi um rapaz chamado Enzo, que nesta semana deixou anotado aqui o telefone de contato caso houvesse alguma melhora em seu quadro, para que o avisássemos. E antes que eu me esqueça, ele esteve sempre aqui, visitando-a e buscando por notícias. Esta roupa que está usando, foi ele quem trouxe; dizia que tinha esperança de você voltar para casa.

Fiquei muda. Perplexa! Enzo? Enzo? Não conseguia me lembrar de seu nome. Voltei os olhos pela ficha e vi a data da internação – 25/09/2011. Mais adiante, meu endereço. Certamente Enzo passou esta informação.

— Como ele conseguiu meu endereço? Ele... Ele era meu amigo? — perguntei sem ter a noção de quem se tratava.

— Ele era seu aluno. Em um ano conquistou prêmios literários e tem seu livro vendido nos Estados Unidos. Só um instante... Vou telefonar, avisando-o de que você recebeu alta.

— Não! — fui incisiva. — Pode deixar que direi pessoalmente, apenas me passe um papel e uma caneta para que eu anote meu endereço. A atendente me olhou de forma estranha. Não deve saber que perdi a memória e estou mais zozna que uma barata que foi pisada.

Segui rumo à casa que estava descrita como minha no cadastro do hospital, embora não me recordasse nem mesmo da cor de sua pintura. Aliás, as ruas eram todas desconhecidas por mim. Parei em uma banca de jornal e pedi informação sobre o endereço, foi aí que me lembrei do acidente.

O rapaz me ensinou o caminho e à medida que eu ia andando, lembrava-me dos prédios e dos nomes nas placas. Eu estava voltando a me recordar dos fatos e coisas.

Ao chegar à frente da casa indicada no papel que trazia do hospital, fiquei parada apenas absorvendo o ar e forçando-me a reconhecê-la. Aos poucos fui me ambientando e lembrei-me do carro de Klaus, que ficava na varanda. Esta era a minha casa, porém, o carro de Klaus não estava mais lá.

Entrei e fui sentindo a atmosfera do lugar que um dia foi chamado de meu lar. Assim que vi meu gato, o reconheci. Ele veio ao meu encontro, ele não me esqueceu. Esfregava-se em minhas pernas como se tivesse sentido minha falta. Peguei-o no colo e fui me lembrando de tudo, como se um filme passasse em minha mente. Lembrei-me do jardim!

Corri para o fundo e abri a porta com pressa. O jardim de minha mãe ainda estava lá. O mato tomava conta, mas as plantas resistiam à falta de cuidados. Lembrei-me que coloquei os fluídos de Klaus no jardim. Agora doeu novamente, do mesmo modo como doeu um dia. Pestanejei algumas lágrimas e fui para dentro da casa, prometendo-me que limparia o jardim, assim que amanhecesse o dia.

Olhei para os discos de vinis de minha mãe. Eram blues e músicas francesas românticas da década de sessenta. Eu os ouvia. Eram minhas músicas prediletas. Agora posso dizer que estou em casa. Lembrei-me de tudo que diz respeito a este território, calmo, acolhedor, que me dá a sensação de solidão e reencontro.

Preparei-me para tomar uma ducha quando escutei alguém bater na porta. Senti medo. Não sei se era o momento apropriado para uma visita. E se eu não a reconhecesse?

Fui até a porta e a abri vagorosamente.

O rosto apareceu. Era um rapaz bonito, moreno e me olhava de um jeito feliz. Seus olhos brilhantes traziam o escuro da alma de tão pretos. A boca bem desenhada e o nariz mais perfeito que Deus possa ter feito e, no rosto, uma barba por fazer. Eram suas características que mais chamavam atenção. Olhei cada detalhe, precisava me certificar de onde o conhecia. Raios de sol batiam em seus cabelos escuros e eles brilhavam... De repente, ele sorriu. E seu sorriso me trouxe uma lembrança de algum tempo que eu não poderia ter esquecido, mas as surpresas da vida nos pegam de calças curtas. Seu sorriso era terno e vibrante. Sim, eu vi quando seu queixo revelou um furinho. Ali estava um homem na faixa de vinte e poucos anos, porém, com o olhar quase infantil.

— Professora! – disse ele abrindo os braços para me abraçar.

Então percebi... Sim! Só poderia ser Enzo.

Abraçamo-nos e assim ficamos até que eu me sentisse confortável e me lembrasse... Dele... Enzo – o rapaz que Klaus me pediu no coma para estar por perto após sua partida.

"Graças a Deus você voltou! Você não partiu... Isso é sinônimo de felicidade. Que seja válida toda punição que terei que passar pelo que sinto." – pensou Enzo.

Lembrei-me de Enzo sentado, estático, na aula de redação. Seus olhos viam coisas que eu não podia ver e sua presença me trazia lembranças de Klaus, mesmo sem saber o porquê, pois tinham traços físicos completamente diferentes.

Queria não acreditar na realidade – Enzo saiu de dentro de meu coma e estava à minha frente. Não o conheci antes de sofrer o acidente. Mas surpreendentemente, ele estava ali, vivo, e não tinha como não sentir alegria por isso, mesmo sendo uma situação absurda, porém, uma certeza de que tudo que vivi e senti na experiência quase morte não era de todo irreal ou ilusão. Era a esperança de me encontrar com Klaus.

— Enzo! Oh, Enzo! – Abracei-o novamente como se fosse o único membro de minha família ou a única referência que eu tinha de mim mesma.

— Eu tinha certeza de que você voltaria, professora! Eu tinha certeza de que não iria embora deixando-me aqui... – disse ele com lágrimas nos olhos.

"Ninguém consegue apagar os sinais do seu coração em minha alma. Eu vivi o tempo todo te esperando, e vou te esperar o tempo que for preciso até que seu coração desperte para a verdade." – pensou Enzo.

Enxuguei-as com delicadeza.

— Estou muito confusa ainda... Lembro-me aos poucos de cada coisa, mas ainda não é o suficiente. Talvez... – É claro que ele não podia me ajudar, como sou tola...

— Precisa de ajuda, professora? – ele perguntou como se soubesse o que eu tinha pensado.

— Como adivinhou o que pensei? – perguntei, espantada, sem entender.

— Não... Eu não adivinhei... Eles me falaram – disse isso e sorriu, simplesmente, como se pudesse ser real o que pensava.

— Eles quem?

— Meus amigos invisíveis – Riu novamente.

Lembrei-me de que não poderia contrariar sua crença, pois era a única forma dele ter confiança e segurança em minha amizade. Lembro-me do coma quando ele estava na Instituição Esperança. Enzo é esquizofrênico.

— Ah, sim! – Sorri sem jeito, fingindo acreditar nas coisas que ele imagina em sua cabeça. — E o que eles disseram?

— Eles disseram que eu precisava ajudá-la.

— Eu preciso de ajuda, Enzo?

— Sim, meus amigos invisíveis disseram que sim. Eles falam em minha mente, professora. Estão constantemente ligados a

mim, sirvo como um para-raio.

— Claro Enzo... Eu tenho certeza disso. – Retribui ao sorriso dele. Não sei como sabia disto, mas tinha certeza de que estudei algo sobre esquizofrenia e sei que devo fingir acreditar em tudo que fala para não magoá-lo, pois ele acredita piamente em suas verdades.

— Como chegou até a mim? – perguntei para me certificar de algo que não me lembrava. Não saberia como acreditar nas coisas alopgradas que ele dizia, mas não teria outra escolha; lembrome nitidamente de Klaus me pedindo para que deixasse Enzo me guiar. Será que Klaus tinha absoluta certeza disso?

— O rapaz do jornal, que trabalhava com você, passou-me o endereço.

— Sim, mas como descobriu onde fica o jornal?

Ele me olhou firmemente nos olhos e então percebi o quanto era bonito, mas completamente perturbado.

— Eu descobri apenas.

Meu coração disparou. Eu não sabia dizer o motivo, mas agora tenho certeza de que não estou louca sozinha no mundo. Antes mesmo de perguntar, lembrei-me de que Klaus... Estava... Morto... Ou esta lembrança era a única coisa que evidenciava seu passado.

— Como pode ser possível, Enzo? – Abaixei a cabeça sentindo o peito doer. A tristeza e a saudade de Klaus me acompanhariam por toda a vida.

— Eu não estou aqui agora?

— Sim.

— Você estava em coma... Estava... Sonhando... Klaus morreu em seu sonho. – Ele sentiu que eu estava pensando em Klaus.

— Não! – Eu não queria que ele me dissesse uma só palavra sobre este assunto! Não queria acreditar que Klaus era

apenas alguém que esteve em meus sonhos; muito menos acreditar que sou lunática e espero por alguém que não existe. Mas se ele não existe, como... Como Enzo está aqui? Enzo estava no sonho também... Como pode ser possível esta situação?

— Sim, professora, eu estava em seu sonho também – disse ele, adivinhando meu pensamento novamente e isso se tornou irritante.

— Como adivinha o que penso? Como está aqui, se você é personagem de um sonho? Como? – gritei sem perceber.

— Você precisa apenas acreditar em mim. Agora não é momento para respostas. Não está preparada para elas... Mas pode ter certeza de que sou real e vim para te ajudar.

— Como pode entrar em meu sonho... E agora, do nada, está aqui? Eu não conheço você! – Senti medo e angústia.

— Não tenha medo de mim. – Ele estendeu sua mão. — As pessoas não acreditam naquilo que não conseguem ver e comprovar, mas sou a prova viva de que nem tudo é criação da mente, veja... Toque-me?! – disse ele com a mão ainda estendida. Eu toquei em sua mão e senti o calor vindo dela. Senti um conforto e proteção, sem falar na familiaridade que elas me soavam.

— De onde conhece Klaus? – eu quis saber quase num lamento.

— É uma longa história. Prometo ir aos poucos te revelando. Agora não é o momento. Está fragilizada, acabou de sair de um coma. Sua mente está em confusão, talvez não te ajudasse muito, se explicasse tudo de uma só vez. Eu tenho contatos extrassensoriais com os mortos. Conversam comigo como se vivos estivessem. Eles estão por toda parte, bons ou maus, assim como pessoas vivas.

— Como conseguiu meu endereço? – perguntei sem me lembrar de todas nossas passagens durante o sonho, não dando importância para suas impressões místicas e insanas.

— No jornal que você escrevia.

— E você sabe onde fica este jornal?

— Sim.

— Poderia me levar até lá?

— Claro!

— Diga-me... Não me lembro muito de você durante o coma... Estou meio atordoada com tantas novidades estranhas e, confesso, cética como sou, para mim, não tem sentido certas coisas. Uma delas é sua presença diante de mim, falando coisas sem... Nexo... Mas a verdade é... Que eu queria ter uma vida normal. Entende? Não queria achar normal dizer por aí que te conheci durante um coma e que você está agora diante de mim, como se isso fosse o fato mais natural do mundo.

Agora ele não sorriu. Ele apenas me olhou fixamente e tocou minha mão. Algo percorreu minha coluna como se este toque fosse muito familiar e eu não sabia como.

— Qual é nossa relação Enzo? – perguntei devido a sensação que o toque dele me causava.

— Desculpe-me... Eu achei que se lembrava... – ele me pareceu embaraçado.

— Do que deveria lembrar?

— Não tem importância professora...

Talvez fosse melhor assim... Se ela não se lembra do que sinto e de como me declarei... Quem sabe não seja a melhor maneira de ajudá-la. Preciso ir embora antes que não consiga esconder mais do que devo. – pensou Enzo.

Segurei-o pela mão, pois vi que virou as costas e caminhava para fora da casa.

— Enzo, para mim é importante, diga.

— Sempre fazíamos as oficinas. E... Numa dessas vezes, eu disse a você...

— O que me disse? – insisti, tentando olhar em seus olhos que se desviavam dos meus.

Ele se virou de frente a mim e tocou em meu rosto. Senti-me acolhida e perturbada.

Jamais falarei o que disse... Se souber, não aceitará. Se eu disser a verdade, não acreditará... – pensou Enzo, insistindo em ir embora.

— O que eu disse... Não posso voltar a dizer. – Seu rosto se fechou em seu universo paralelo, quase pude ouvir o barulho da porta interior batendo. Ele era como uma cerca elétrica, ao tocá-lo, seria arremetida para longe. Por este motivo sua presença era sempre solitária, sem convites para entrar e se sentar, pondo os pés em cima das mesinhas horríveis que se situam na sala de estar que existe dentro de cada um.

Perdi-me em pensamentos. Não conseguia me lembrar de seus relatos. Soltei um suspiro denso com ele me olhando.

— Por que não quer me dizer, Enzo?

— Porque as coisas são assim. Uma palavra dita se perde no tempo, ninguém poderá voltar atrás para consertá-la.

Fiquei sem saber o que pensar ou fazer. Enzo me deixou completamente confusa. Talvez fosse melhor não levar a sério o que dizia.

Ele sorriu, e seus olhos não paravam de brilhar.

— Vamos então, ao jornal?

— Sim!

Saímos de minha casa em passos confusos. Hora ou outra, nossas mãos se tocavam sem querer enquanto caminhávamos, e meu sensor de alerta ficava em estado de vigília. Depois que me perturbou a mente, mesmo que queira nada mais será como antes. Uma pequena pitada de sal em qualquer alimento preparado, muda sua característica e sabor. Sua única diferença com os outros homens era a dificuldade que tinha de se expressar. Mas isso não é de todo o certo, pois a maioria dos homens que conheci, esbarrava em seus próprios sentimentos antes de abrir a boca. Enzo não era

diferente de ninguém. Ele tentava esconder as palavras, mas não sabia esconder os sentimentos.

Passamos pelas calçadas quase reconhecidas. Abri os braços e sentia o vento tocar minha pele. Andei assim por um momento enquanto meus cabelos voavam. Eu poderia soltar de minhas amarras de mau gosto e experimentar sentir a liberdade? Por que viver teria de ser em um mundo que todos me compreenderiam?

Abri os olhos e vi Enzo me olhando. Quando o olhei, ele sorriu

. "Professora, me perdoe, mas você é linda. Posso ver asas em suas costas que não conseguiria ver no espelho. Sua energia chega até a mim." – pensou Enzo.

Olhei mais adiante e senti o coração disparado. Parei. Teimeei em olhar para o mesmo sentido que prendia minha atenção, com os pés encostados um ao outro e as mãos encontrando-se por detrás do corpo. Eu reconhecia aquele lugar. Uma galeria de artes. Sim. Eu reconhecia. Tenho certeza disso.

Deixei-me ser guiada pelos passos que caminhavam quase sem sentido. Parei diante da vitrine e as lembranças vieram...

— Estela... – balbuciei com Enzo me observando.

Entrei na galeria e no mesmo balcão que um dia ela esteve ali, pronta para receber o cliente, estava sentado um homem velho que fedia a fumo de corda, olhava para um caderno com anotações mal escritas. Fiquei observando-o; tinha um bigode quase branco que se encontrava nas laterais com a barba feia e sem cuidados.

— Por favor... Poderia me dar uma informação? – perguntei, olhando para todos os cantos, de algum lugar iria surgir Estela. Sim, Estela! A mesma que quase ataquei sexualmente, tentando me vingar, para saber o que Klaus sentia por ela quando a tocava. Imaginei teimosamente que eram amantes. Eu a odiei ou me apaixonei por ela? Meu desejo era de vingança, mas ela me

salvou, levando-me para o hospital quando fiquei sabendo que... Klaus tinha morrido. Mas era um sonho! Será que Estela existiu?

O homem fedido me olhou estranhamente. Poderia mandá-lo para o inferno caso percebesse seu interesse por meus peitos, que marcavam na blusa branca de algodão com rendinha branca em torno do colarinho.

— Quem é você? – a pergunta soou seca e num tom rançoso.

— Meu nome é Clarice. Estela é uma... Conhecida... – queria dizer, amiga.

— Impossível! – disse ele, voltando os olhos para o caderno sujo e mal escrito.

— Não, senhor, eu não estou enganada! Estela trabalhava aqui, nesta mesma galeria.

— Por acaso, a senhorita pode adivinhar minha idade?

Achei estranha aquela pergunta. Por que diabos esse senhor está me perguntando isso?

— Não senhor! Não tenho tendências à adivinhação. – Sei que fui mal educada, mas na verdade ele estava me irritando ou minha ansiedade por respostas era tão densa que chegava ao cume da complexidade.

— Estou no fim da vida, filha. Insisto em viver. Tenho mais de 90 anos e sou filho de Estela.

Minhas pernas pareciam se descolarem do corpo. Fui atingida por um furacão que invadiu meu plexo e me fazia em mil pedacinhos como papel picado. A cabeça girava enquanto o pescoço teimava em segurá-la. Segurei-me no balcão. Enzo veio ao meu socorro, segurando-me pela cintura enquanto todas as vozes ficavam distantes de mim. Não me alcançavam. Não poderia ser verdade! Eu não iria acreditar no que ouvi. Nego-me! Nego-me cem vezes!

— Não! – gritei em som solto e estridente.

— Sim. Minha mãe faleceu quando eu era pequeno. Ela conseguiu comprar a galeria e este comércio é meu único meio de sobrevivência.

— Mas... Senhor... Eu a conheci... – quis explicar.

— Não! Você não a conheceu. Não passa de trinta anos de idade. Nem a da tecnologia faria isso se tornar possível.

Saí da galeria, zonzas. Havia muitos zuniados enlouquecendo meus sentidos.

— Clarice, vamos voltar para sua casa? Podemos ir ao jornal amanhã, o que acha?

Eu nada respondia. Caminhava amparada pelo braço de Enzo, como se tivesse morrido pela segunda vez.

Estava voltando para casa. A minha casa. Voltava com minhas interrogações toscas e cinzentas. Não seria possível esta informação. Havia alguma equivocada. Eu conheci Estela. Não posso voltar no tempo para provar isso. Senti medo. O receio era da realidade. Temia em saber de coisas que eu bateria o pé, afirmando que sim ou não.

Enzo fechou a porta e ficou sem saber o que dizia. Percebi que seus olhos me diziam – está tudo bem.

Não sou este tipo de mulherzinha que se abate por qualquer unha encravada. Nem mesmo me faria vítima de alguma situação, pois sei que pessoas assim são da pior espécie, sempre conseguem o que querem – chamar a atenção; um colinho; um tadinha ao pé do ouvido faria toda diferença em meu dia. Mas eu queria que tudo isso fosse para o inferno! Eu quero minha vida de volta! Toda ela! Sem faltar nenhum pedaço! Principalmente o pedaço em que se encontra Klaus.

Deitei-me na cama e fiquei olhando para a sombra de Enzo na parede. Sempre muito calado e com os olhos tão perdidos.

— Professora, você acredita na existência de outras vidas? – ele disse olhando para o nada.

— Não! Não acredito nem nesta vida, e muito menos em vidas plurais. A impressão que tenho é de que estamos todos mortos e ainda não sabemos – disse isso, lembrando-me de Klaus dizendo que... Sim! Klaus me disse no sonho que estávamos juntos em 1950. Rapidamente minha calculadora mental fez as contas da idade daquele homem que se diz filho de Estela e... Sim novamente! Sim, como não? Lembrei-me de que Estela no sonho dizia ter morrido e... Que sua alma ficava na galeria de artes porque... Não conseguia se desgarrar... Então... Isso quer dizer que Estela teve um filho em uma vida anterior a 1950. Provavelmente, nesta vida anterior, eu também estive presente e certamente... Tenho alguma ligação ou devo algo para que ela esteja presente em espírito no meu coma. Se tudo isso faz sentido, significa que existem... Outras vidas... Ou não?

Lembrei-me de algo confuso e estranho... Klaus me dizendo que estávamos revivendo todos os momentos que estivemos juntos na década de 50, onde Estela estava morta... E teve seu filho em outra vida antes a 1950. Enfim... Algo em minha cabeça passou a ligar uma coisa com outra, mesmo não tendo sentido racional para as pessoas que não acreditam nessas coisas, mas para mim, só me restava acreditar.

— Professora... Era apenas um sonho o que reviveu durante o coma. O que reviveu foi o suficiente para lhe trazer de volta à vida. Este foi o motivo de ter reencontrado com todos, não importa se Estela estava viva ou morta, importa que ela esteve lá e isso te ajudou a se lembrar de Klaus e garantiu sua sobrevivência, dando-lhe força para voltar. Não era sua hora de partir. Estela estava morta e continua morta. Mas em outra época, antes de 1950, ela não esteve... E Klaus, onde está?

— Como disse... Mesmo me lembrando de tudo... Sou completamente cética. Preciso de provas fáticas. Eu só não entendo o porquê e como você sabe de tudo isso.

— Eu poderia levá-la a um lugar que lhe daria a compreensão do que estou dizendo. Como disse, falo com os

mortos.

— Jamais, Enzo! Não tenho crenças, nem filosofias. Sou pagã por natureza.

— Eu poderia levá-la até a paz. A paz espera por você.

Enzo não sabe o que diz. Deveria ouvi-lo mais, pois desta forma distraio-me de mim mesma.

— A paz está dentro de você. – Ele tocou com receio a minha mão e a pôs sobre meu peito. — Você pode senti-la?

Sua alma limpa quase me deixava ver o que havia por dentro de si.

— Enzo, não pode ser verdade que Estela esteve presente aqui, nesta cidade, apenas 92 anos atrás. Eu não tinha nascido naquela época, e depois... O cenário que a conheci no coma, era este... Modernidade, prédios imensos, gente louca e colorida andando pelas ruas, mesmo com todos vocês me dizendo que eu estava revivendo apenas os momentos de 1950. O que aquele senhor disse não faz sentido. Nada faz sentido! Entende?!

— Muitas coisas que acreditamos também não fazem sentido. Deve olhar para as coisas de dentro para fora.

— Eu não posso acreditar no que aquele senhor disse. Amanhã voltarei lá e tirarei dele, a verdade. Está mentindo ou caducando. Pode ser um mal entendido. Não há duas respostas para um mais um. A resposta é dois, Enzo.

— E se você quiser acreditar que a resposta é três? Quem poderia lhe contrariar? – Ele agora retirou sua mão de cima da minha, e desafiou-me a responder.

— A matemática é a única razão existente.

— Professora, a minha razão é o que creio, mesmo que seja ilusão ou que alguém discorde dela. Para mim, ela é a única razão existente.

Levantou-se da cama e ajeitou-se.

— Preciso ir. Meus pais viajaram e estou cuidado de Penélope. — Ele riu, estranhando minha expressão de curiosidade no rosto. — Penélope é minha cadela.

Enzo se foi e me deixou com muitas perguntas na cabeça. Mas nenhuma resposta viria hoje. As coisas nunca serão como quero. Elas poderão até ser um dia, mas no momento que tiverem de ser ou não.

***Hipóxia** significa baixo teor de oxigênio. Trata-se de um estado de baixo teor de oxigênio nos tecidos orgânicos. Como resultado, hipóxia cerebral pode rapidamente causar a morte ou graves danos cerebrais.

"Clarice alguém que não consegue se identificar. Precisou tornar-se incompreensível pelos olhos alheios, para poder entender seu ser. Na mente, experiências no estado quase morte confundem sua realidade, ela já não sabia em qual parte da vida se encontrava.

Onde está ou esteve Klaus? Quem é e porque é tão especial? Ele existe? Ou apenas em está no interior da alma? Enquanto Clarice não sabe responder, Klaus está dentro de sua alma, a mesma que vaga pelas ruas sem ser percebida, que conversa através da imaginação com pessoas inexistentes. Klaus existe em seu coração, e ela mergulhará no misterioso universo interior do ser; atravessará as fronteiras e limites da compreensão e das leis naturais para encontrá-lo ou reencontrá-lo. Cabe ao leitor descobrir antes do livro II se é verdade ou fantasia os momentos vividos... Quem é Clarice?"

O voo da Estirpe I, pg 10

Acordei com os pássaros cantando. Corri e abri a janela. A vista dava para meu jardim. Olhei o gramado e a primeira lembrança foi ter sido amada por cima da vegetação rasteira sob uma chuva fina. Ah! Klaus, eu sinto tanto a sua falta...

Coloquei uma roupa de se usar em casa em tardes de domingo e olhei-me no espelho. Estava sentindo falta de me olhar. Os olhos insanos eram os mesmos, eu gostava da cor cheia de nuances com um lindo girassol ao redor da pupila, cheio de pontinhos que contavam tantas história e nenhuma ao mesmo tempo, pois meu passado tornou-se um baú de segredos.

Meus cabelos estavam crescidos, nunca estiveram tão grandes. Precisava cuidar do jardim. Sim. O que restava de Klaus estava lá. Ele ia renascer na natureza.

Acaricieei meu gato e peguei a velha pá que um dia fizera calos em minhas mãos e passei a limpar o jardim. Não com sacrifício ou com dor, precisava fazer algo por mim e pela memória de Klaus. Lembrei-me de que no sonho eu coloquei ali seus fluídos.

Depois de duas horas estava tudo perfeito. Gostei do resultado, sem dizer dos sentimentos que experimentei tocando na terra, sabendo que existiam nela fluídos do que um dia foi o corpo de meu amado; pelo menos, era o que eu precisava acreditar. Não me permiti chorar. Esta não era uma boa hora. Apenas me deitei sobre o jardim, não me importando em sujar a roupa; passava a mão pela terra como se pudesse sentir os dedos entre os cabelos de Klaus.

Recolhi os matos retirados e os colocava em sacos de lixos quando Enzo chegou sorrateiramente e ficou me observando sem nada dizer. Tomei um susto, mas no mesmo momento, lembrei-me de que K. fazia exatamente igual, e por esses motivos Enzo me lembrava dele sem que eu percebesse.

— Posso ajudá-la? – perguntou, olhando-me fazer o serviço final.

— Irá se sujar! Pode deixar que recolho o lixo.

Sem dizer nada, ele se aproximou de mim e passou a pegar o mato do chão. A terra molhada que havia nas raízes sujou sua roupa e ele sorriu balançando a cabeça.

— Eu te avisei! – brinquei com ele.

— Ah professora, isso é uma bobagem! – Ele jogou o capim para cima e este caiu sobre seu cabelo, ficando com um aspecto engraçado que me fez rir.

Entrando na brincadeira, peguei uma mão de capim e joguei nele que ria como criança, devolvendo-me o que eu havia jogado. Escutamos trovões e rimos mais.

"Ela é uma criança grande. Ela se sente feliz com pequenos gestos. Eu me sinto feliz em saber que ela está feliz agora."

— É melhor entrarmos.

Coloquei uma música francesa enquanto fui tomar banho, pedindo que Enzo me aguardasse. Ele se sentou em minha poltrona predileta e fui para o quarto cantando a melodia. Não sei dizer, mas esse clima nostálgico era algo que eu verdadeiramente gostava. Sentia-me leve e pronta para defender minhas vontades.

Enquanto procurava uma roupa para me vestir, lembreime de nossa aliança. Ela poderia estar por ali em algum lugar. Fui voltando no tempo e me veio à recordação da caderneta de anotações de K. Procurei vagamente nos lugares mais prováveis e nada encontrei. Eu sabia que não encontraria, mas a esperança me fazia acreditar em coisas inexistentes.

Coloquei um dos vestidos que mais gostava. Sentia-me feminina, usando-o. Mas não sabia se era assim que queria me sentir, talvez, quisesse apenas me transvestir de algo para fugir de mim mesma.

Quando cheguei à sala, Enzo olhou-me espantado, e logo depois virou o rosto para outro lugar qualquer. Suas atitudes às vezes me incomodavam. Mas este era ele, e eu sou eu.

Caminhamos até a estação para pegarmos o metrô. Fui olhando os prédios de Paris. Sua arquitetura é digna de destaque, os templos romanos e as pontes que se construíram durante seu império; as catedrais góticas de Notre Dame, Amiens ou a de Chartres, assim como os palácios e os castelos que podemos encontrar ao redor do país. O Palácio do Louvre e o seu estilo barroco; o modernismo da Torre Eiffel, o Arco do Triunfo, o Teatro Ópera são locais que representam a arquitetura francesa. Eu sentia certo orgulho de estar ali. Vários nomes se consagraram no seio de meu País. No campo das artes plásticas, da pintura, tenho que destacar nomes como o de Delacroix, de Matisse, com o romantismo e o fauvismo como correntes mais destacadas. Sem me esquecer de outros nomes que deram esplendor à pintura francesa, como o impressionista Eduard Monet, Tolouse, Latrec, Gauguin... Porém o nome que menos saía de minha mente era o de Klaus. Klaus era singular. Paris jamais receberia celebridade igual.

Franceses são extremamente exigentes em relação à educação, não apenas a educação escolar, mas a do convívio social. Para tudo se pede licença, se agradece e se desculpa. Eu percebia que algo não era característico de um típico francês em Enzo, mas não sabia dizer o quê. Vamos falar do parisiense, que é com quem estou acostumada a conviver. Além do vestuário, que é muito peculiar, percebo que Enzo não segue o padrão, não usando roupas clássicas, terno ou paletós esporte, com ou sem gravata, calças jeans, casacos pesados no inverno de cores discretas (em geral marrom ou preto) sapatos de couro. Enzo prefere camiseta básica, usando por cima uma camisa xadrez com calça jeans surrada. Seria pouco atrativo para sociedade andando por aí desta forma. Se bem que as mulheres são adeptas às calças compridas, saias de todos os comprimentos, sapatos bico fino ou calças jeans com sandálias finas e também muito usado as famosas sandálias havaianas (pirateada pelos chineses). No calor usam bermudas, mas ninguém usa

shortinhos colados como fazem os turistas. Eu não sou adepta a tais costumes. Sou francesa, mas gosto muito de minhas roupas pretas, saias compridas com botas, vestidos de seda e renda transparentes e meu colar com um crucifixo de pedra roxa.

Os parisienses são pessoas apressadas e inventaram uma maneira de evitar a interrupção do tráfego humano nas escadas rolantes – aquele que desejar 50 segundos de descanso, apenas deixa-se levar pela escada. Mas aqueles que não querem interromper sua corrida ofegante têm passagem livre à esquerda. E quem posar à esquerda nas escadas rolantes, corre o risco de ganhar uma boa cara feia acompanhada de uma rezinga francesa. Tudo bem, a pressa não é problema exclusivo de Paris, acontece em toda e qualquer cidade grande. Mas não sei o porquê as pessoas tendem a dizer que os franceses são os campeões no mal humor.

Outro detalhe, o cumprimento é só beijinho de bochecha, inclusive entre os homens, o que é perfeitamente comum entre nós. Os turistas ainda estranham, achando que a maior parte de Paris é bissexual. Aquela coisa efusiva do povo latino, de mil abraços, não acontece não. Aliás, os franceses parecem não saber abraçar. Não tenho que estranhar a distância de Enzo. Tudo bem, não o acho um francês nato, porém, se algum latino tentar me abraçar, será algo bem engraçado, ele ficará desconcertado e eu também.

Quanto à higienização, algo por aqui, fica a desejar... Eu aprendi a não adotar para mim este costume, sentindo o mal estar que é entrar no metrô durante o verão. Está certo que é um exagero dizer que não tomamos banho, mas... Os legítimos franceses não usam desodorantes. Alguns até alegam que é porque aqui faz frio a maior parte do ano, e as pessoas não sentem necessidade de usar desodorante nessas épocas e acabam se acostumando a não usá-lo mesmo quando faz calor. Quando percebi que algo estava errado com as pessoas dentro do metrô lotado, passei a corrigir tal hábito, adquirindo em minha lista de compras, o herói amigo dos usuários dos trens. Percebo que Enzo não sofre deste mal. Não que ele use desodorantes, pois ainda não tive

tempo e liberdade para averiguar, mas seu cheiro é bom, como se tivesse acabado de sair de um banho preparado com essência amadeirada. Não importa a hora do dia. Enzo tinha um cheiro muito diferente. Então, imagine a equação: muito calor + alta concentração de gente + pouca utilização de desodorante = metrô. Sentia-me imune de sofrer este mau presságio ao lado de Enzo.

As comidas mais consumidas aqui são saladas com carne branca, embora tenha algumas churrascarias que servem carne vermelha à vontade, e isso não é meu forte. A meia garrafa de vinho não pode faltar, nem mesmo em minha mesa. As confeitarias são muito frequentadas e os doces são magníficos, a panificação idem. Não sei como não engordo, certamente não tenho o dom para tamanha proeza. Gosto de comer bem.

Eu e Enzo poderíamos fazer passeios extraordinários neste dia. Eu deveria aproveitar sua companhia para desfrutar daquilo que, na opinião dos turistas, são os melhores lugares de Paris, já que não saio de casa quase nunca, e depois de um ano esticada numa cama de hospital, dada como morta, nada melhor que ver Saint German, no Marat, em Montmartre e Montparnasse; os points tradicionais, torre Eiffel, arco do Triunfo, Avenida Champs Elysees, museu do Louvre, parque das Tulleries, loja de perfumes Benlux, sorvetes Bertillon.

Aproveitando a oportunidade, deveríamos assistir Moulin Rouge ou qualquer outro cabaret. Mas... Não havia tempo para diversão. Aliás, não havia tempo para pensar no quanto poderíamos nos olhar, o suficiente para acharmos atraente alguma parte do corpo um do outro e, assim, acabarmos uma noite e meia, um sobre o outro, virando-nos sobre uma cama desarrumada com os pelos dos braços arrepiados... Precisava me distrair, transar, dar risadas, recuperar o tempo perdido, mas minha vida havia se transformado em uma loucura, e os prazeres de Paris eram reservados apenas para os turistas.

Um filme veio a minha mente. Lembrei-me de que Klaus uma vez andou comigo no trem e falávamos em ter filhos. As luzes

do lado de fora iam e viam, num vai e vem que me deixavam tonta. Fechei os olhos e senti as mãos de Klaus tocando meu rosto. A impressão era de que ele jamais havia partido.

— Vamos. É a próxima estação! – disse Enzo segurando na barra de ferro enquanto meus olhos perceberam as entradas marcantes de sua virilha no baixo ventre, com a bainha da camiseta branca levantada. Suei frio. Seus pelos da barriga eram deitadinhos, como se tivessem sido penteados. Não eram muitos, mas o tanto que mexia com minha potencialidade em sentir muita vontade de... Passar a ponta dos dedos, apenas. Não mentirei! Tenho vontade de beijá-los também. Sou pervertida ou não minto para mim mesma? Sei lá! E eu quero saber? A única coisa que preciso neste momento é conseguir desviar meus olhos. Não é isso que os hipócritas fazem? Ah! Errei, não são os hipócritas... São os que têm bom senso, Claricinha! Hahahaha! Até parece que ter bom senso não é hipocrisia. O que importa é o pensamento que minha formação mental-espiritual-intelectual e não sei mais o quê... Gera! Sentia-me estranha. Além do mais, Enzo era cinco anos mais novo. Ele não percebeu meu interesse por seu baixo ventre, o que me deu certo alívio. A insanidade era algo que perseguia todos os dias minha doce e pobre existência.

Descemos do trem e caminhamos algumas quadras até avistarmos o prédio do jornal. Eu reconheci de imediato. Lembrei-me do café charmoso que passava sempre para divagar um pouco sobre a vida. Vi a mesma garçonete peituda com seu uniforme branco. Ela sorriu para mim, como se recordasse de algo... Então... Percebi – este café fora o local que tinha o banheiro do incidente com Klaus. Sim! Como poderia me esquecer? Foi exatamente aqui que o abordei no banheiro numa atitude impensada, como um animal vingativo no cio. Tanto o café, quanto a garçonete – existem. Estão ainda no mesmo local. Ponto para mim! Não estava tão louca quanto pensava.

Sorri de volta para a atendente e vi a renda branca de seu soutien quase me dando tchau. Disfarcei o olhar para que Enzo não

percebesse os dons estranhos que sua professora tinha e seguiu adiante.

Entramos no jornal e, para a minha felicidade, meu colega de trabalho estava lá. Ele não tinha traços de quase sessenta anos atrás. Eu havia estado ali antes do acidente e todos do jornal também me reconheceram. Para minha surpresa maior, descobri que Enzo estava trabalhando no jornal e que meu antigo colega havia lhe ajudado nesta oportunidade.

Sai de lá mais real. Havia uma esperança de eu não ser uma mentira. Fui convidada para voltar a escrever para a coluna. Fiquei feliz, pois precisava de dinheiro para sobreviver. Vida de passarinho não era para todos.

Levantei-me naquela manhã, final de Novembro, com o desejo de viver. Era um desejo autêntico e me fez contemplar o céu límpido, quase anil, ouvindo os pássaros despertando meus sentidos. Os sons se misturavam na minha mente de forma acolhedora. Sentia-me preparada para aquele dia.

Fiz meu solitário café da manhã e rabisquei algumas linhas na construção de meu primeiro texto para o jornal. Nincho esparramava-se entre meus pés e meu senso "família" estava completo.

Mordi um Petits fours com sabor de baunilha e pedaços crocantes de chocolate que se dissolviam em minha boca, e logo em seguida, tudo se misturava ao gosto inconfundível do café.

Penteei meus cabelos castanhos claros com esmero. Modelei as mechas dos cachos com o devido cuidado. Passei minha loção após banho da Victoria Secrets com cheirinho de vanila para homenagear o Petits fours que comi em meu café da manhã. Meus lábios carnudos mereciam um brilho, apanhei o brilho com sabor de morango que ganhei há muitos anos e passei-o com o dedo indicador na superfície macia de minha boca. Às vezes sinto tanto desejo por mim mesma, que me beijaria se pudesse.

Andei pelas ruas sentindo os pingos de chuva tocarem minha pele, causando-me arrepios. O seio ouriçava-se no contato com o algodão do vestido e com o choque de temperatura advindo do frio da água. A velha Clarice estava de volta. Sorria ao sentir meu corpo reagindo a sensações que gosto tanto. Faltava apenas a boca macia de Klaus em meu pescoço.

Eu poderia fazer qualquer coisa hoje. Tenho Paris em minhas mãos como Napoleão Bonaparte jamais imaginou. Poderia desfrutar do glamour da Costa Azul de Mice ou esperar o inverno para esquiatar nos Alpes ou no Pirenéus. É uma cidade romântica, que inspira os cobertores, mesmo no verão das ilhas das Caraíbas ou do Pacífico Sul.

Passei no jornal e deixei meu artigo. Lá, lembrei-me do café caindo em minha roupa no dia em que conheci Enzo na Instituição. Era um sonho, mas muito mais real do que se possa imaginar. Meu nobre colega de trabalho, Joe, quem me apresentou o local, sorriu para mim ao ver minha disposição. Certamente ele ainda era voluntário da casa Esperança. Poderia voltar, mas Joe poderia me considerar uma maluca. Ele não faz ideia de que estava em meu sonho, levando-me até Enzo. Ainda usava aquelas roupas de nerds com óculos de armadura escura.

Estava de saída quando trompei sem querer num corpo forte e alto que me segurou pelos braços, como se me repreendesse por ser atrapalhada.

— Professora! – ouvi Enzo.

Seu tato era forte, não correspondia a sua personalidade, por vezes, quase infantil.

"A pele do braço dela é macia. De tão alva, parece-se com a lua. Eu a namoro em segredo. Clarice é a lua e eu a toquei."

— Bom dia Enzo! – respondi ainda sentindo a pressão de suas mãos em meus braços.

— Também vim entregar meu trabalho – disse num sorriso matreiro. Ele soltou-se de meus braços e o calor de sua mão ficou

em minha pele.

— Ah, sim! Então... Entreguei hoje a minha primeira crônica. – Sorri sentindo-me perturbada.

— Tem passado bem? – perguntou-me.

— Sim, muito bem.

— Está indo para onde? – quis saber.

Eu não sabia. Nem mesmo sabia se queria saber para onde iria.

— É... Eu estou indo para qualquer lugar.

Ele tirou do bolso um bombom e me ofereceu.

— Comprei para você – disse, comigo tentando entender como ele sabia que me encontraria hoje. Antes mesmo de eu abrir a boca para falar algo, ele respondeu: — Eu tive a intuição de que a encontraria.

— Ham... Tá... – deixou-me sem saber o que responder. Mas eu não acreditava muito nesse sexto sentido tão aguçado. Klaus ou sua alma me seguia antes do acidente. Lembro-me de ter me deixado quase maluca no supermercado e no ven. boutique*. Eu não podia acreditar que Enzo também estava fazendo o mesmo. Não consigo definir Enzo fora do coma. Não sei ao menos dizer se ele é real.

— Queria convidá-la para ir comigo ao meu ensaio no teatro.

— Teatro? Não acredito que está atuando em artes cênicas! – disse admirada, orgulhando-me dele. Este era um gesto e uma prova de que era real.

— Sim, professora! Eu sempre quis saber como era interpretar os personagens que crio, então, fiz minha inscrição.

— Com muito prazer, Enzo, o acompanharei. – Sorri sinceramente.

— Então vamos! – disse ele, segurando-me novamente o braço. Andávamos pelas calçadas de Paris, sentindo o cheiro das

flores avermelhadas que cobriam as calçadas e o vento sereno em nossos rostos enquanto ouvíamos alguém tocando cravo em algum café. No meio do caminho ele parou de repente, como se lembrasse de algo.

— Tinha me esquecido... – Tirou do bolso de sua camisa xadrez uma flor pequenina colhida de algum jardim e me deu.

Sorri e fiquei com a florzinha na mão, sentindo-me inadequada.

— Ponha no cabelo, professora! Ficaré bem assim – disse ele olhando-me a colocar o cabo da flor atrás da orelha.

"Se ela soubesse que é tão linda quando sorri, talvez sorrisse mais vezes. Eu a faria sorrir, se aprendesse esta arte... Ela não sabe, mas gosto de vê-la sorrindo. Ela merece!"

Chegamos ao Teatro Ópera Garnier. O edifício é considerado uma das obras-primas da arquitetura de seu tempo, construído em estilo neobarroco.

Entramos naquele gigante local com meus olhos vidrados a todo e qualquer movimento. A primeira impressão fora o cheiro do ambiente. Difícil se esquecer de algo igual, sendo eu, um animal movido pelo instinto, gosto, sabores e sensações. O interior do Teatro é composto por colunas neoclássicas, vitrais, mosaicos e muitas obras de arte, bustos, medalhões e bronzes, cristais e paredes decoradas. Tem uma característica do ecletismo romântico, reunindo magistralmente motivos do Renascimento e do Barroco. Na fachada, que fica voltada para a praça, abre-se uma galeria que liga aquele elemento urbano ao salão, conduzindo o espectador. A cúpula achatada domina o edifício. No interior destaca-se a grande escadaria, o mármore e os lustres que funcionam também como cenário. Encantei-me com as cores bronze e vermelha do teatro. Os anjos desenhados no teto pareciam olhar para mim e ver meus sentimentos. Passei por uma cortina feita de pedras transparentes, parecidas com cristais e senti o toque das peças em meu rosto.

Sentei-me em uma das cadeiras, quase de frente ao palco e fiquei com o pescoço voltado para o alto. Era verdadeiramente

lindo! Havia vários pisos repletos de cadeiras abaixo daquele teto cheio de pinturas clássicas.

Enzo foi para o palco se juntar a seu grupo e produção. Fiquei observando-o atuar. Sei que era difícil para ele vencer seus obstáculos, abandonar seu mundo preferido e cumprir alguma etapa paralela a este universo particular.

Ele ajoelhava-se com as mãos para o alto, seu olhar perdia-se nas palavras proferidas. Não existia ninguém ali, somente ele e o palco, dizendo:

— Quem me dera poder roubar asas e voar para um espaço distante.... Sem dono... Quem sou agora diante de um mundo abaixo de meus olhos – um pássaro ou apenas um sonhador?

"Eu pensava sobre as coisas que não consigo falar ou me expressar. Queria que conhecesse o que sinto, sabe – eu não sou diferente... Apenas não sei ser igual." – pensava e sentia Enzo.

Dos seus olhos escorriam lágrimas que vi rolando sobre a face perfeita. Suas lágrimas eram inocentes e estavam vivas. Elas falavam comigo e me sensibilizavam. Todo seu corpo encenava. Seus lábios tremiam na emoção das palavras que dizia. Eu não estava próxima dele, mas podia ouvir seu coração. E ele continuava encenando:

— Desejo falar com as palavras da alma. Desejo ser o que a necessidade não espera – um pássaro que voa longe... — Ele fazia o gesto do pássaro com as mãos e acompanhava com o olhar sereno, ao longe. — Espero no infinito por aqueles que não têm amarras ou correntes em torno de si. Sim... Estou triste... Triste como a voz de Renée Fleming, interpretando *Casta Diva*. Estou só, como a alma que percorre o mundo, a procura... — Ele me olhou dentro dos olhos, que mesmo à distância, pude ver suas pupilas brilharem. — À procura da alma que se perdeu de mim...

Aplaudi sua sensibilidade. Minhas palmas solitárias faziam ecos no local e minha vontade foi de gritar, tamanha a emoção.

Aplaudi de pé, com seu grupo me olhando enquanto ouvia o eco dentro do teatro. As pessoas talvez não saibam o significado disto na vida de alguém que possui suas limitações. Chorei aplaudindo-o. Enzo era a tradução do inesperado.

Saí de lá maravilhada. Ele realmente era especial. Algo nele me levava para lugares distantes dentro de mim. Era como se fossem duas pessoas em apenas um corpo. O belo e o sobrenatural.

Paramos em um restaurante para almoçar. O passeio fora tão agradável que me esqueci do passado. A sensibilidade de Enzo envolveu tão profundamente minha alma, que é impossível passar por este momento desapercivelmente.

Sentamos um de frente ao outro enquanto ele me falava de seus projetos. Eu sentia curiosidade em saber mais sobre sua família e estilo de vida que levava. Era um talento cru e me despertava o desejo de saber mais sobre suas origens.

— Enzo, me fala sobre sua família – arrisquei-me, mesmo com ele tentando fugir de assuntos relacionados à sua intimidade.

— Somos uma família pequena. Eu, pai e mãe – disse somente, com os olhos fixos em algum ponto atrás de mim.

— Como vivem no dia a dia? – Tomei um pouco mais de liberdade.

— Vivemos bem. Meus pais me apoiam.

Suas respostas eram curtas, e sentia que se insistisse mais, ele poderia se irritar e isso eu não desejava.

— Você tem amigos, namorada; sai de vez em quando? – Não aguentei ficar de boca fechada.

— Meus amigos são invisíveis. Nunca namorei e meus passeios são os que você conhece.

Até compreendo que, pela dificuldade de comunicação, ele não tenha amigos e não faça questão de se envolver com algum, mas uma namorada ou uma paquera sequer... Ele é tão lindo... Como isso é possível?

— As pessoas não se apegam a mim. Meu jeito as espanta. Julgam-me esquisito. Prefiro me manter longe delas, para não magoá-las ou assustá-las sem motivo.

— Enzo... Como se sente neste mundo em que vive? – perguntei, observando sua distância constante.

— Sinto-me bem. Não sei o porquê de tanta pergunta. Sinto-me entrevistado. Mas... Confio em você. Não tenho o hábito de explorar ambientes e novidades, restrinjo-me a poucas coisas.

Ao mesmo tempo em que me mostrou tamanha sensibilidade no palco e na arte da escrita, fecha-se em seguida, não aparentando importar-se com mais nada ao seu redor.

— Vamos embora? – disse ele após terminarmos a refeição.

— Sim, Enzo, vamos.

Cheguei à minha casa e me lembrei de que tinha uma missão importante – encontrar os pertences de Klaus ou alguma anotação que me levasse até os rastros dele.

Olhei as gavetas e repartições do armário, em cima dele, debaixo das roupas, dentro da cômoda, e nada... Nenhuma pista. Era como se ele jamais tivesse existido em minha vida. Como se tudo que havíamos vivido não passasse de um sonho... Isso me deixou abatida. Ele somente existia dentro de mim? Morrer então era para sempre.

Ocorreu-me a ideia de encontrar seu apartamento, caso conseguisse me lembrar do endereço. Eu só conseguiria esta proeza se fosse atrás. Estava chovendo, eu me arriscaria, era a única alternativa para dormir naquela noite. Pelos menos tentei.

Vesti uma capa cirre e peguei o guarda-chuva. Deixaria meu coração me guiar, ele não mente para mim.

Assim que coloquei os pés na calçada, senti meus passos sendo levados por algo que não conseguia interpretar. A força era irradiante e enchia meu coração de esperança. Eu olhava a chuva

fina caindo na cidade com prédios antigos e bem conservados. As ruas, milagrosamente, pareciam estar vazias, mas vivas. Como se tivessem por todos os lados – olhos, bocas, ouvidos sempre atentos a qualquer passo que eu trocasse. Tudo acontecia debaixo de meu guarda-chuva onde se encontravam meus anseios. Vez ou outra, eu colocava a mão para fora e sentia os pingos caindo em minha pele. Chegaria a algum lugar.

Passei a me lembrar da frente do prédio. Havia uma fileira de árvores nas calçadas. A cor do prédio era cinza e tinha um portão muito alto de ferro. Lembrei-me do jardim bem cuidado na entrada, ao lado de degraus que conduziam ao hall. Lembrei-me de mais... A face do porteiro. Corri. Corri na chuva sentindo as poças d'água espirrando em minhas pernas e meu coração batendo forte. Eu estava sentindo a presença de Klaus tão perto de mim... Sim! Ele está aqui, ele está aqui meu Deus! Queria fechar os olhos na esperança de vê-lo me fitando novamente. Balbuciei duas ou três palavras sem sentido. Com lágrimas nos olhos, lembrei-me do nome da rua e do número de seu prédio. O sonho foi muito real, trazendo-me lembranças vivas, não poderia ser apenas um coma. Em Paris não existem números nos apartamentos e isso causava certa irritação quando chegam cartas. Lembrei-me de sentir o mesmo quando estava no apartamento de Klaus, e ele tinha que descer e ficar no portão da entrada aguardando o carteiro, se estivesse esperando alguma correspondência. Lembrei-me também do caminho até o apartamento.

Ajoelhei-me na calçada molhada. Chorei em silêncio, agradecendo a quem quer que seja por ter me ajudado a lembrar. Espremi uma mão contra a outra e soltei um baixo gemido de saudades; de solidão... Não sei dizer. Sentia-me otimista, enquanto caminhava o mais rápido que podia rumo às lembranças que somente alguém que amou, conseguiu guardar secretamente dentro da alma. Ele me ensinara a viver e voou... Voou tão longe e para sempre. Disse que estaria na vida real, cá estou eu.

Fui ao endereço recentemente recordado. Um misto de medo e felicidade me inspirava. Ele não estaria lá, mas isso já era

uma grande vitória. Ao entrar na quadra do prédio, precisei parar os passos para respirar um pouco mais forte. Perdia o fôlego e a voz quase não saía.

As árvores ainda continuavam lá, mas... Tudo havia mudado. As arquiteturas das casas já não eram as mesmas, comércios vizinhos desapareceram. Eram outras. Não podia acreditar! Fui até o número do prédio de Klaus, o número existia, mas o prédio não... A frustração era tão grande que doía o peito e senti vontade de gritar.

A casa que indicava o número que eu havia me lembrado, era de um prédio muito antigo. Ainda tinha a cor da pintura original da época que fora feita, estava gasta pelo tempo e descascada em algumas partes das paredes que também possuíam marcas de bolor e infiltração. Fiquei parada olhando. Algo que me atraía tão fortemente para seu anterior, que não conseguia impedir minhas pernas. Mesmo não sendo o prédio de Klaus, existia algo ali que não sabia dizer o que era.

Toquei no portão de ferro antigo e abri o trinco enferrujado, que fez um barulho rançoso, estava trancado há tempos. As folhas secas das árvores invadiam toda a entrada e, em algumas partes da passarela, chegavam a alcançar meus tornozelos. Era uma bela casa, se não fosse tão antiga. Em uma placa, logo próxima à porta, pude perceber uma data logo – Dezembro* de 1920. Tremi inteira. Esta casa tem exatamente 92 anos.

Coloquei a mão na maçaneta da porta e meus olhos marejaram. Eu não sabia explicar de onde vinha tal emoção, apenas sei que ela existia e, por existir, deixava-me assim. Não abria. Estava trancada. Eu não conseguiria entrar.

— Precisa de algo, *mademoiselle**? – Ouvi uma voz logo atrás de mim. Assustei-me grandemente.

Ao me virar, percebi um homem de meia idade, olhando-me curiosamente.

— Não... Quero dizer... Sim... Eu... Eu estava passando e...

— Está interessada na casa?

Não sabia o que responder. Apenas permaneci espantada, olhando-o sem palavras.

— Mas ela não está para alugar... A não ser que queira comprá-la. Não compensa para ninguém, alugar uma casa tão velha. Gostaria de olhá-la por dentro?

— Sim! – disse o mais rápido que consegui.

Ele retirou um molho de chaves de seu bolso e passou a abrir a porta. Era uma daquelas chaves grandes e antigas de cor bronze.

— Eu a vi quando entrou. Trabalho na imobiliária daqui da frente. Meu pai comprou esta casa quando seus donos faleceram. Eu não os conheci. Era muito pequeno nesta época, segundo meu pai, eles foram mortos na sala no dia que se casariam. A suspeita recaiu sobre o irmão do falecido, mas ninguém sabe. Alguns dizem que eles eram rivais. Outros, que a amante do irmão era ex-noiva do dono da casa e se vingou por ter sido rejeitada.

Entrei na casa, tirando as teias de aranha que estavam na porta e se enganchavam em meus cabelos. O piso era assoalho de madeira e os móveis estavam todos lá, cobertos por um lençol branco. O único móvel descoberto era a poltrona antiga de veludo vermelho.

— Meu pai dizia que esta poltrona era a preferida do *décédé**. E que muitas pessoas que por aqui passaram, viram-no sentado aí. Por isso, ninguém se atreveu em comprar a casa. Mas isso é lenda urbana, não?

Fiquei impressionada com tudo que via. Tudo parecia estar do mesmo jeito como fora deixado. Não conseguia conversar com o senhor, apenas me sentia muito contagiada com o ambiente, tocando nas paredes, nos móveis e sentindo o cheiro da casa como se a conhecesse.

— *Mademoiselle* percebeu que o carro dele ainda está na garagem? – Ele soltou uma risadinha. — Não acredito que aquele

carro um dia volte a andar. Um Quadrilette Peugeot, isso não existe mais hoje em dia. Quem comprar esta casa deveria pensar em vendê-lo a um colecionador. Eu ainda não consegui fazer isso, na verdade... Não parei para ir atrás de alguma boa negociação, tenho mais coisas a serem feitas na imobiliária.

As janelas antigas eram brancas e abriam para fora. A cortina de tecido suave, também na cor branca, estava empoeirada, mas eu podia perceber sua leveza mesmo assim. Fui caminhando rumo ao hall dos quartos e percebi uma bela cama em mogno, toda trabalhada com imagens talhadas na cabeceira. Havia acima dela, no teto, uma cortina que cobria todo o espaço ao redor da cama. O lençol era de cetim com alguns bordados feitos à mão.

Fui até o banheiro e ele era encantador. A banheira no estilo vitoriana estava intacta. Quase centenária. Mas se os donos faleceram tão logo mudaram para cá, haveria mesmo de estar em tão bom estado.

Voltando para o quarto, vi um armário antigo e por causa de um pedaço de tecido preso na porta, percebi que estava com as roupas das pessoas que ali moraram.

— Tudo está intacto! – eu disse quase num suspiro.

— Sim *mademoiselle!* Mas se isso lhe incomodar, providencio a retirada de tudo no outro dia após a assinatura do contrato de compra e venda. — Quanto está pedindo por esta casa, *monsieur**... – Não me lembro de ele ter dito seu nome.

— Meu nome é Alóis. Bom, pelo estado em que ela se encontra, muito embora seja quase um patrimônio estatal, e pelas reformas que terá que fazer, creio que... 220 mil euros e não se fala mais nisso.

— Oh-la-la! – Certamente ele pensava que eu tinha este dinheiro todo. Era muito dinheiro. Não teria esta quantia. Perguntei apenas por perguntar.

— Tudo bem, senhor Alóis, eu vou pensar e volto a lhe procurar. O senhor teria algum cartão?

Ele retirou o cartão de seu bolso e me despedi da casa que tanto me afeiçoei, com os olhos.

— *Merci beaucoup**! – agradeçi.

— *Je vous en prie**.

Passei a noite pensando na casa antiga. Como poderia estar no endereço que era o prédio moderno de Klaus? Eu estaria maluca ou seria tudo um sonho mesmo? É claro que poderia ser possível! Meu Deus, quando começarei a pensar que tudo não passou de uma experiência quase morte durante um estado de coma? Lógico que não poderia ser real! Não tinha nenhuma pista; nenhuma evidência...

Quando estava quase adormecendo, escutei batidas na porta. Certamente me assustei. Não tenho família. Não tenho o costume de receber visitas. Aliás, na França, temos horários para receber visitas – hora para entrar e hora para sair, o que não é muito estranho de ver um francês convidando sua visita para deixar a casa, após vencer o horário estipulado. Já havia passado da hora de ser realizar um *apéro**. Mas... Quem poderia ser numa hora daquelas? Senti medo.

Escutei um choro e corri para ver quem era.

Assim que abri a porta, Enzo entrou. Chorava de cabeça baixa, totalmente preso em si mesmo, segurando as mãos uma a outra ao longo do corpo.

— O que houve Enzo? – perguntei apavorada. — Eles se foram – disse ele tentando chorar ou segurar o ,choro. — Eles quem? Diga? – alterei a voz. — Meus pais sofreram um acidente. Estavam num barco ,em alto mar fazendo um passeio turístico e... O barco foi encontrado vazio. Nem o guia turístico que estava junto com eles foi encontrado. As buscas se encerraram hoje. Somente me avisaram três dias depois do acidente. Eu sabia que um dia isso aconteceria, mas não esperava que fosse tão de repente. Agora tenho apenas você.

O corpo de Enzo era grande, mas mostrava-se frágil. Eu me aproximei com cuidado e ele respirava descompassadamente. Levantei a mão vagorosamente rumo a seu corpo e sua cabeça se virou para o outro lado da parede. Eu não sabia o motivo, mas ele resistia ao meu toque.

— Acalme-se, Enzo... estou aqui... Deixa-me te abraçar... — disse em voz calma e tom baixo.

Ele continuou sem resposta, olhando para a parede. Sem muito pensar, arrisquei o abraço. Abracei-o e guardei-o junto ao meu corpo que queria protegê-lo do que estava sentindo.

— Eu não sei abraçar — disse ele engasgando-se na inadequação. — Não se assuste! Estou bem. Eu cresci preparando-me para este momento. Já sabia que um dia ele chegaria.

— Não precisa saber abraçar, apenas sinta — disse passando a mão em suas costas. Senti quando sua mão timidamente tocou as minhas, tentando corresponder ao abraço. Ele conseguiu e assim ficamos — quietos, apenas abraçados, dividindo a dor.

Levei-o com cuidado para meu quarto e o deitei em minha cama, cobrindo-o com a edredon. Ele obedecia a todos os meus gestos, como uma criança desprotegida.

— Irá demorar um pouco, mas passará. Você acredita em mim, Enzo?

— Sim. Eu acredito.

Acariciei seus cabelos tão escuros e fartos e beijei suavemente sua testa.

— Vou fazer um chá bem quente e relaxante para você.

— Nunca ninguém fez isso por mim... — disse ele pela primeira vez olhando em meus olhos e eu sentindo que ele estava realmente me enxergando.

— Mas eu estou fazendo. E faço porque me sinto bem em te ajudar. Tenho muito carinho por você, Enzo. Não se sinta só.

Estou aqui – disse eu, desarmada. Realmente, Klaus mudou muita coisa em mim, desde que o conheci. — Já volto.

Servi o chá e esperei que tomasse.

Deitei-me ao seu lado e liguei o abajur. Passei a noite sondando seu sono como fosse incumbida desta missão a mim. Ele dormia o sono dos anjos e sua alma tão acostumada a ser distante, pareceu-me perto. Acreditei que deveria cuidá-lo. Assim como eu, não tinha mais ninguém. Éramos absolutamente como eu e Klaus, absortos na imensidão de pessoas que possuem seu lar cheio de mãos para te afagar quando chegar a solidão.

Rezei por Enzo. Olhei-o pela última vez antes de fechar os olhos. Desliguei o abajur e tudo se perdeu na escuridão do quarto que acolhia dois seres órfãos.

*Sex Shop

*Dezembro

*Senhorita

*Falecido

*Meu senhor.

*Muito Obrigada.

*Eu que agradeço

* Horário que se bebe algo antes do jantar.

"Enquanto andava feito loba de olhos inquietos, pensei se este estranho era o homem que conquistaria meu coração e me levaria para a Babilônia. Sua petulância era algo que, já no preâmbulo, mostrava-me tratar-se de alguém no mínimo interessante, ou de fácil tato a ser detestável. Antes do prelúdio, seria bom recomendar ao futuro e estranho amado acerca do meu lado obscuro. Saiba que, se eventualmente me magoar, estou armada para arrancá-lo do meu mundo com as unhas. Tomo de volta o chão que dei. Infelizmente as coisas são assim, as moças boazinhas e bem comportadas possuem sua vaga garantida no plano celestial. Eu, porém, aproveitarei minha morada eterna onde achar mais propício à vazão da minha loucura."

O voo da Estirpe I, pg 23

A cordei cedo sentindo o cheiro de café recentemente feito. Não estava mais acostumada a esses caprichos tão bem feitos a quem se quer bem. Fui à cozinha e ele estava lá.

— *Bonjour**.

Foi somente neste momento que percebi a cor de sua roupa. Estava todo vestido de branco, parecia-se um anjo vindo do espaço sideral para um mundo cheio de maldades.

— *Bonjour* Enzo, como dormiu? – perguntei, sentando-me à mesa com ele servindo minha xícara de café.

— Dormi bem. Você estava ao meu lado – disse ele, fugindo com o olhar.

Senti-me muda com seu comentário. Eu não sabia direito proteger alguém. Estava aprendendo com o legado deixado por Klaus.

— Fico feliz. A sua roupa... Eu não havia percebido ontem, ficou muito bem de branco.

— Estou de luto.

Imaginei que luto fosse representado por roupas pretas por um período interminável de tempo.

— Com esta roupa?

— Sim. O meu luto, com roupa branca, simboliza o que desejo aos meus pais, que descansem em paz...

Este ponto de vista era surpreendente. Eu queria entrar em sua mente e saber o que se passa lá dentro e como é sentir e ser o que é.

— O que pretende fazer, Enzo? Digo... Depois que eles se foram...

— A vida continua para quem não se esquece de quem partiu. É apenas uma separação momentânea. Um dia nós nos

encontraremos. Não devo sofrer por este motivo, por pior que a saudade me deixe triste. A morte não existe.

Ele tinha razão... Jamais me esqueci de Klaus, embora esteja aqui. Não pude ir com ele, lembrei-me da luz e da voz de Enzo cantando.

— Nunca podemos ir junto – ele adivinhou meu pensamento. Era impressionante, e não era a primeira vez que acontecia. Lembro-me de que K. também adivinhava, mas para uma alma isso é possível; porém, Enzo... Morava em um mundo distante do alcance dos sentimentos e atos dos simples mortais.

— Sim, isso é verdade.

Percebi que ele não tocou na comida. Estava abatido, porém, não havia resquícios de lágrimas.

— Ontem fui atrás do condomínio que Klaus morava, e no local do prédio havia uma casa muito antiga que me deixou impressionada. Como isso pode ter acontecido? O número era o mesmo e não tem lógica ter lá, à venda, uma casa no mesmo local desde 1920.

— Você precisa ir a um local que lhe dará respostas.

— Pensei em procurar alguém que faça uma terapia de regressão de memória.

— Não professora... Você precisa voltar lá...

— Lá onde? – ele me assustava.

— Nas vidas passadas.

— Esta terapia com um profissional realiza a regressão desde o ventre de minha mãe, em minha vida presente. Não preciso mais do que isso.

— Acredito que este tipo de situação deveria ser com alguém que tenha uma espiritualidade elevada, e não com um profissional cheio de técnicas.

— Eu não acredito nisso, Enzo. Prefiro a ciência, é eficaz e segura. Ficarei consciente o tempo todo. Esta terapia é para a

pessoa acordar, sair do transe hipnótico que viveu até então, pois todo sofrimento é num tempo imaginário, nunca em tempo real.

— Caso mude de ideia, te levarei até outra alternativa.

Não discutirei com ele. Estava abalado, sensível e certamente este local citado não existe, a não ser, dentro de sua imaginação.

— O que queria te dizer é que a casa é linda e fiquei tentada em vender tudo que tenho para comprá-la.

— Se achar que isso é bom para você, tem o meu apoio.

Ninguém em sua sã consciência me apoiaria nesta empreitada.

— A questão não é esta, Enzo. A questão é que a casa é muito cara. Por ser quase um patrimônio histórico, estão cobrando 220 mil euros. Mesmo se vender esta casa, conseguirei no máximo a metade do que estão pedindo, mas... É apenas uma ilusão, uma bobeira, talvez um capricho sem importância.

— Irei até minha casa, professora – disse ele cortando o assunto e já se levantando da mesa, caminhando rumo à porta. Eu ainda não estava acostumada a essas atitudes dele, sempre me pegando de surpresa. Na verdade, Enzo jamais seria íntimo de alguém. Quando você pensa que alcançou este posto, ele se levanta e parte.

Passei a metade da tarde escrevendo e me recordando de minha mãe. Os mortos sempre estavam muito presentes em minha vida. A imagem daquela casa também não saía de minha cabeça.

Procurei na internet, alguns locais que fariam a terapia de regressão de memória e consegui alguns centros terapêuticos. Telefonei e agendei um horário para logo mais à noite.

Cheguei ao consultório sentindo-me estranha. Entrei na sala de consulta e antes de me deitar no divã, o terapeuta me explicou que a sessão seria de forma consciente, o que me deixou

mais aliviada, pois temia adentrar em mundos desconhecidos e me perder, sem saber como voltar. Mas para saber de Klaus, tudo passava a valer à pena.

— Gostaria de saber se conseguirei me recordar de fatos que não consigo mais me lembrar e são importantes para mim, pois perdi a memória após um coma.

— É possível sim, perceba que o fato traumático só incomoda porque a pessoa nunca o esqueceu, a mente faz a ligação por associação não é de forma direta, por esta razão a pessoa acha que não se lembra de nada. Na terapia de regressão de memória conduzimos a pessoa a rever de forma lógica e incontestável; aliás, na grande maioria das vezes, as pessoas ligam os fatos sem nenhuma dificuldade.

— Durante a terapia, o que conseguirei ver? Estou com medo.

— Não há com o que se preocupar. A terapia de regressão não é feita para ver alguma coisa, e sim, para resolver algum problema da vida hoje, mas para ver o caminho certo, primeiro a pessoa fica consciente do caminho errado que havia trilhado e isso é Regressão.

— Terei algum resultado satisfatório?

— Sim, é necessário que faça as três horas. Algumas pessoas, por medo do novo, do desconhecido ficam de olhos abertos e falando quase sem parar, com estas, paramos a terapia na primeira hora.

— Não acredito em vidas passadas, portanto, quero fazer a terapia até certo momento de minha vida. — A terapia com regressão que ministramos não tem nenhuma conotação de crença religiosa, são suas verdades que vem à tona, para quem não acredita em vidas passadas serão informações de sua ancestralidade, pais avós, que se encontra em seu DNA, e que podem fazer a diferença a uma nova compreensão do seu hoje.

— Sente-se preparada? – ele me perguntou olhando-me por cima dos óculos.

— Sim – disse tremendo. As pernas já não paravam quietas. — Fique à vontade para se deitar no divã. Dirigi-me ao tal divã em passos lentos. Tinha medo do que poderia compreender, além do que minha sanidade é capaz de suportar.

Ao me deitar, o terapeuta ajustou a iluminação do local para uma cor azul muito aconchegante. Em seguida, começou a sessão de relaxamento em diversos pontos e áreas do meu corpo, dos pés ao couro cabeludo.

Em uma voz suave, disse:

— Seus pés não fazem mais parte do seu corpo. Fique alheia a suas pernas. Faça de conta que elas não pertencem mais ao seu corpo. Avise-me quando estiver conseguido isto.

Houve uma pausa para a minha resposta. Não estava mais sentindo as pernas e nem os pés.

— Sim – respondi com muita sonolência e paz anterior.

— Muito bem; seus pés, suas pernas e seu abdômen não pertencem mais ao seu corpo. Fique alheia ao seu peito. Faça de conta que ele não pertence mais a seu corpo. Levará somente um momento. Assim que deixar de sentir, mexa seus dedos da mão direita.

Era como se meu corpo obedecesse ao seu comando. Estava perdendo a sensibilidade tão rapidamente quanto a velocidade do pensamento. Mexi os dedos da mão direita.

— Ótimo, seus pés, pernas, abdômen e peito não pertencem mais a seu corpo. Respire fundo e solte o ar bem devagar. Assim que respirei, senti-me completamente desligada de meu corpo físico. As amarras não existiam mais e o sonho era consciente. — Agora se imagine parada em frente ao local onde mora atualmente. Avise-me quando estiver lá. Vi minha casa e o muro de cor cinza. Parei-me de frente ao portão e olhei para o jardim da frente.

— Estou à frente de minha casa.

— Ótimo. Agora descreva a fachada do local onde mora atualmente. — Minha casa tem um muro alto e cinza com um portão de ferro e um jardim no canteiro da calçada. — Em que estação do ano, estamos? É outono? É inverno? Levará somente um momento. — Estamos na Primavera.

— Descreva as modificações que ocorrem no local durante esta estação.

— As árvores do lado de fora soltam flores pelas calçadas. Meu jardim está lindo e florido. As flores me trazem alegria.

— Imagine-se em frente à porta de sua casa. Imagine-se abrindo a porta. Imagine que a porta se abre para um longo túnel, no fim existe uma luz. Vou contar de 20 a 1. A cada número imagine-se andando pelo túnel em direção à luz e voltando ao tempo, exatamente onde estão suas dúvidas e tormentos.

Ele passou a contar o tempo iniciando-se por 20. Eu estava caminhando em direção à luz em um túnel. A luz estava cada vez mais forte e meus pés estavam indo nesta direção.

— Três... Dois... Um. Você está na época em que sua mente te levou. Mentalmente, olhe através de seus olhos e ouça através de seus ouvidos. Olhe, mentalmente para seus pés. O que você está usando em seus pés?

— Botas marrons com fivelas.

— Qual o seu nome?

— Clarice.

— Onde você está?

— Andando pelas ruas.

— Para onde está indo?

— Para o jornal, entregar meu texto.

— Conte-me qualquer acontecimento importante ou realização que você gostaria de compartilhar. Há alguma coisa em especial que gostaria de fazer e não conseguiu?

— Sim. Eu me sinto só. Não tenho família e queria encontrar alguém que me amasse.

— E qual a lembrança mais marcante que tem deste período?

— O acidente.

— Como foi este acidente?

— Eu sentia a presença de Klaus em todos os lugares. Mas não conseguia me comunicar com ele. Sentia-me só, vivendo numa ilusão. Nada em minha vida era real.

— Você sentiu Klaus ou o viu em todos os lugares antes do acidente?

— Eu o vi. Ele usava um paletó marrom e sapatos pretos.

— Consegue ver o rosto dele durante a perseguição?

— Não.

— Como sabe que é ele?

— Porque depois do acidente, quando o encontrei no café, ele usava a mesma roupa.

— Pode olhar para o rosto dele agora? Vá até o momento da primeira perseguição.

— Ele está andando muito rápido e entrou no sex shop. Lá dentro está escuro. Mas começo a ver seu rosto...

— Trata-se de Klaus?

— Não.

— Quem é?

— Enzo. Ele me persegue usando o mesmo paletó marrom e sapatos pretos.

— Em qual outro local ele te perseguiu após o acidente?

— Durante o coma, quando fui ao cinema.

— Sim.

— Como foi o acidente?

— Eu quis morrer. O carro passava pela rua e eu não saí. Depois meu corpo passou a flutuar. As pessoas não me viam quando eu passava por elas nas ruas.

— E o que aconteceu?

— Fui levada para o hospital.

— Você encontrou a pessoa que procurava?

— Não como deveria. Eu o encontrei somente após o coma.

— Como deveria?

— Ele vinha apenas em meus sonhos quando estava em estado quase morte. Eu o quero na vida real.

— Quem é ele?

— Klaus.

— Conheceu-o antes ou depois do acidente?

— Depois do acidente.

— Onde está Klaus?

— Ele morreu no meu sonho e minha alma saía aos poucos de meu corpo e ia ao seu encontro.

— Como o encontrou?

— Quando ele me perseguia, durante o coma. Eu o encontrei dentro do café próximo ao jornal para o qual escrevo, mas o tempo durante a experiência quase morte é diferente da realidade. São apenas imagens refratárias. O acidente já tinha ocorrido quando ocorreu este encontro.

— Este episódio do café existiu na vida real antes do coma?

— Não, somente durante o coma. Eu apenas sonhei.

— Com o que mais sonhou?

— Sonhei que fomos ao parque e andávamos pela cidade e de metrô; que nos casamos e viajamos para conhecer as pirâmides, e depois ele partiu.

— Você sabia que estava sonhando?

— Não.

— Você acreditava que ele era real?

— Sim.

— Por quê?

— Porque eu o amo.

— Quando deixou de vê-lo?

— Quando voltei do coma.

— Quais acontecimentos foram realmente vividos por você nesta época, antes dos sonhos?

— O trabalho no jornal.

— Quando se deu este acontecimento?

— Antes do acidente. Klaus me disse que conheceria Enzo após sua partida e eu o encontrei. Também me disse que estávamos revivendo nossa vida juntos em 1950.

— Quando sonhou com esses fatos, você se lembrou se esses se repetiram do mesmo jeito que aconteceram em 1950? Estava na mesma cidade ou em outro local?

— Sim, repetiram-se os mesmos fatos e atividades corriqueiras, somente a época era diferente. O cenário não era de 1950 porque minha mente se lembrou apenas do cenário da época que estava mais próxima de minha memória, que é esta, a da atualidade.

— Tem algo mais que gostaria de dizer?

— Sim. Estela.

— Quem é Estela?

— Quem pensei que fosse a amante de Klaus.

— Onde ela está?

— Também estive no sonho.

— Voltou a vê-la?

— Não, ela estava morta no sonho.

— Continue andando no tempo até o período posterior a este. Levará somente um momento. Diga-me assim que estiver lá.

— Já estou lá.

— Onde está? — Na Instituição Esperança.

— O que faz lá?

— Sou voluntária numa Instituição para pessoas portadoras de síndromes.

— E quem está nesta Instituição?

— Enzo. Klaus me pediu para encontrá-lo.

— Tem mais alguma coisa que gostaria de dizer?

— Quero dizer que nada é tão irreal quanto pareça.

— Diga quando você estiver pronta para encerrar a sessão. Vou contar de 1 a 5. Quando eu disser "cinco" você abrirá os olhos no aqui e agora, sentindo-se alerta e renovada. Traga todas as coisas que possam ser benéficas, deixando para trás as que lhe sejam prejudiciais. - 1 - 2 - 3 , quando eu contar até cinco você estará em sua vida atual, sentindo-se renovada e alerta, 4 - 5, olhos abertos, sentindo-se renovada e alerta.

Abri os olhos com a sensação de quem acabou de acordar, porém, dormindo de forma consciente. Eu ouvi tudo que disse. Estou pasma. Estou sem rumo. Klaus não existe.

O terapeuta se sentou à minha frente e passou a falar tranquilamente.

— Creio que já obtive as respostas, porém, se quiser fazer nova sessão em outra ocasião para constatar o que presenciou hoje, estou à sua disposição.

— Creio que... Não será necessário...

— acredite que esteja confusa, pois seus sentimentos estão dentro de si, porém, a verdade também. É preciso encarar os fatos, separando o real do imaginário. Os sonhos não são

verdadeiros. Todos os momentos que viveu com este rapaz, Klaus, foram partes dos sonhos ou reservas mentais que estavam alojadas em alguma área de seu cérebro antes do acidente, seja por ter se desiludido alguma vez em sua vida, seja apenas a exteriorização de fatos, desejos e acontecimentos em sua rotina. Sinto informar, Clarice, Klaus não é real, ele é o que você desejava encontrar em um homem. O único homem existente em tudo que relatou, chama-se Enzo. Agora, precisa saber o porquê ele a perseguia.

Meu mundo desabou em mil pedaços.

Saí da clínica aos tropeços, procurando chegar o mais rápido possível à minha casa. Solucei baixinho andando entre as pessoas. Não iria acreditar no que ouvi. Eu creio na existência de K., Não irei subestimá-la. Ele existe, ele está dentro de mim, mesmo que seja em sonho ou sintomas do coma.

Antes de chegar ao meu refúgio, encontrei-me com Enzo no caminho. Ele estava sentado na Place de La Concorde, observando minha aproximação. Fiquei imaginando o motivo de ele ter me perseguido antes do acidente, quando pensei que fosse Klaus. Eu nem conhecia Klaus ainda, mas Enzo já me conhecia, não sei como e nem de onde, muito menos o motivo da perseguição. Ele sabe de muito mais coisas do que posso imaginar. O difícil é saber distinguir entre a fantasia e a realidade de suas palavras. Gostaria imensamente de saber qual sua ligação com Klaus e por que resolveram me torturar, unidos para sempre?

Olhei para os monumentos da praça e ainda não me acostumei com esta beleza tão aparentemente viva. Mesmo soltando fogo pela narina, não pude deixar de olhar as imagens reluzentes no tom dourado dentro das fontes. E entre elas, Enzo.

— Eu estava te esperando – disse ele.

— Não posso acreditar que você está me seguindo, Enzo! – disse irritada, querendo descontar minha raiva e descontentamento na primeira pessoa que encontrasse pela frente.

— Eu não a segui. Apenas senti sua presença. Senti que precisaria estar perto de você hoje.

— Não me venha com brincadeiras sensitivas. Tive um dia péssimo, preciso ficar sozinha – disse eu, seguindo meu trajeto.

Meu corpo parou quando foi tocado pelas mãos fortes de Enzo, que me virou por inteira, obrigando-me a ficar de frente a ele, forçando-me a olhá-lo.

— Professora, eu não estou brincando! Se não quer minha presença, então faça só novamente como fez com Klaus, quando ele quis te dar amor e você não deixou! Quando você o abandonou por medo de ele morrer e você sofrer! Ficaré sozinha novamente. Por que sempre afasta as pessoas de você? – disse ele, apertando braço.

Não sei como sabia de tudo isso... Ele me questionou da mesma forma como Klaus fez um dia: *Por que sempre afasta as pessoas de você?*

— Solte meu braço, Enzo, está me machucando – disse em voz calma para não deixá-lo ainda pior. — Solte e me explique como sabe de tudo isso? Explique por que... Por que me seguia antes do acidente usando a mesma roupa que Klaus usava em meu coma? Fez-me confundi-lo com ele... No supermercado e no sex shop. Vamos, diga!

— Eu não sei... Do que você está... Falando, professora. – Seu rosto ficou pálido e ele tentou virar a face para o lado, evitando que eu o encarasse. Retirou do bolso um saco cheio de dinheiro e jogou no chão, próximo aos meus pés, fazendo com que algumas notas saíssem para fora e voassem pela calçada. — Eu vim entregar isto! Quero que compre a casa antiga e procure um motivo para ser menos infeliz.

Virou as costas e foi embora sem ouvir meu chamado. Eu não sabia o que fazer com o dinheiro que estava no chão, já chamando a atenção das pessoas. Peguei o saco de dinheiro e levei comigo. Enzo voltará e eu devolverei o dinheiro. Jamais aceitaria. Ele não sabe o que faz.

Esta discussão com Enzo serviu para me desligar um pouco de minha própria preocupação. Estava aflita por encontrá-lo. Tinha sido grosseira, ele não merecia. E de onde conseguiu retirar tanto dinheiro? E como sabia daquilo que falou? E por que me seguia passando-se por Klaus?

Três dias se passaram sem que eu tivesse notícias de Enzo. Durante todo este tempo pensei sobre os acontecimentos da regressão e não encontrei nenhuma resposta que me convencesse de que Klaus existe, apenas o sentia dentro de mim, entre as recordações tão vivas e nítidas de sua companhia. E nada me convenceu sobre a ligação de Enzo com Klaus. Ambos estão em épocas diferentes... Nunca pensei que em minha cética vida, um dia me renderia a tais questionamentos. Já falo de Klaus como se realmente e sempre acreditei em vidas passadas.

Preparava-me para me sentar ao computador quando ouvi batidas na porta. “Enzo” – pensei. Levantei-me o mais rápido que pude e abri a porta com esperança.

Ele estava lá, lindo como sempre, trazendo no rosto um meio sorriso e uma inadequação.

— Entre – pedi gentilmente.

Assim que entrou, foi se desculpando sem jeito.

— Desculpa por ter... Ter apertado seu braço...

Eu fiquei desconsertado... Eu entendia perfeitamente sua condição. Eu tinha que ter muito cuidado para mantê-lo sempre tranquilo, não era de sua vontade ou culpa, seus atos impetuosos. Fazia parte de sua doença. Enzo era alguém importante para a descoberta de todos os mistérios que cercam minha vida.

Ele entrou e se sentou em minha poltrona predileta.

— Aquele dia me disse que tinha ido à terapia de regressão e descobriu que tudo não passou de um sonho... Já não sabia disso? — Sim, mas tinha a esperança de encontrar alguma

pista de Klaus. Segundo o terapeuta, os sonhos não são reais, mas eu sei que existe um fundo de verdade. A prova disso é você aqui.

— É... Quando dormimos e sonhamos, ao acordar, sabemos que foi só um sonho, mas quando se está em coma, vivendo situações extrassensoriais por um longo período, é mais difícil se chegar a alguma conclusão. Eu jamais saberia que estava sonhando, se não tivesse ouvido esta declaração pelos lábios de Klaus.

— Como se sentia enquanto vivia tudo que viveu durante o coma?

Eu queria dizer a ele sobre o que descobri na sessão de regressão. Queria dizer que sei da existência de sua ligação com Klaus, mas não sei por que me perseguia, mas ele não me dava chance alguma. Parecia ler meu pensamento e dava um jeito de escapulir.

— Eu não sei dizer... É estranho... Havia um sentimento de solidão e... Introspecção em relação às coisas ao meu redor; questionava, sentia e olhava para dentro de mim a tempo todo, como se... Eu pudesse ver em minha alma; uma necessidade de autoconhecimento.

— Você se via por dentro?

— Sim. Existe alguma razão atrás disso, Enzo, ninguém cria este cenário em sua cabeça simplesmente porque procurava por alguém como Klaus. Eu não sei como vou descobrir as respostas, mas sei que elas existem. Se ele não morreu, se foi tudo apenas um sonho, então... Eu quero encontrá-lo novamente! Quero voltar a sonhar com ele...

— Você disse que se casou com Klaus na experiência vivida no coma, certo?

Apenas balancei a cabeça.

— Lembra-se onde se casou?

— Sim. Como aqui na França todo casamento válido deve ser realizado na presença de uma autoridade civil, e podíamos

escolher entre esta cerimônia ser realizada em uma aldeia, cidade ou prefeitura na frente do prefeito, optamos por nos casar na prefeitura.

— Vamos lá.

Chegamos à prefeitura, eu estava com medo e dúvida. Poderia ser uma grande perda de tempo estar ali, pois se tudo aconteceu apenas numa experiência durante o coma, obviamente não estaria ali.

O atendente veio ao nosso encontro e me fez perguntas difíceis. Perguntou-me pela data do casamento e nada foi encontrado por esta data. Se soubesse a data de nascimento de Klaus, supondo que ele um dia nasceu e não estava apenas em meu coma, seria mais fácil encontrar alguma informação, pois todos os registros civis constam no arquivo de nascimento. Ele me olhou atentamente e disse que este nome não era um nome comum, talvez fosse mais fácil pesquisar pelo nome e sobrenome e encontrar alguma coisa. Passei os dados que sabia.

Estava quase me desanimando. Não queria sair dali com a impressão de que nada existiu, mas de repente... Sem saber o motivo, me veio à mente a data que estava na placa da casa antiga.

— Procure por esses nomes na data de Dezembro de 1920 – disse Enzo, sem olhar para meus olhos.

Intriguei-me. Como ele sabia do ano que estava gravada na placa da casa antiga que hoje está no lugar do prédio em que Klaus morava no sonho? Ou será uma mera coincidência? Só podia ser brincadeira! É óbvio que esta data não tem nada a ver com nosso casamento. Ela só está na placa da casa e nada mais. Aliás, não tem a ver com nenhuma data que eu me recorde de algo regado ao bom senso.

O atendente olhou de forma estranha, certamente achando-nos dois lunáticos. Eu já esperava por uma resposta

estapafúrdia, mas ao invés disso ele voltou os olhos para o computador.

— Espere... – disse ele. — Aqui não consta com tais sobrenomes que me passou, mas há um casamento realizado em 27 de Dezembro de 1920 com os nomes Clarice Lefevre e Klaus Roux . Não são os mesmos sobrenomes, mas é uma grande coincidência, não acham?

Fiquei estarecida. Muda. Perplexa. Não conseguiria me mover ou sequer piscar os olhos. Não sabia o que pensar. Agradei e saí completamente sem rumo.

Andamos mudos um do lado do outro. Enzo sabia o que estava acontecendo, mas fingia não estar participando. O que pensar sobre isso? Que vivi em 1920 e tive sobrenome diferente? Devo acreditar em vidas passadas? Ah, eu sou uma estúpida, uma completa estúpida! Quanto mais me envolvo com esta situação, mas ridícula me pareço. Acredito que Klaus existe, mas não posso acreditar em pluralidade de existência.

— Eu estava “chutando” quando disse aquela data. Não era uma dúvida – disse eu.

— Você não chutou, falaram ao seu ouvido – Enzo me respondeu.

— Já te disse que não acredito nessas coisas.

— Seria muito mais fácil para você se acreditasse.

— Isso é coisa para gente mística, supersticiosa. Não pondero certos tipos de comportamentos. Ele parou de frente a mim, no meio da rua. Fixou com esforços os olhos nos meus e disse:

— Pois deveria. Eu sei o que digo, eles me escolheram. Estou pronto para conduzir a humanidade.

“Ela não faz ideia do que posso fazer para mudar meu mundo e estar junto dela como... Se eu pudesse, pularia esta fase probatória e lhe contaria toda a verdade. Quando descobrir, um jardim nascerá de seu sorriso.”

Não iria discutir novamente com Enzo. Deixei-o pensar como quisesse e continuei pensando como queria. Seguimos em silêncio o resto do caminho.

Entramos no metrô como duas crianças emburradas. Ele se sentou ao meu lado, mas virando o rosto para o lado oposto a direção que eu estava. A pessoa que tem esquizofrenia sofre e causa transtornos a quem está ao seu redor. Quando a doença não passa, os sonhos se desfazem; a preservação da imagem não tem mais sentido porque a doença é mais grave que o preconceito. A esquizofrenia é uma enfermidade incapacitante e crônica, que ceifa a juventude e impede o desenvolvimento natural.

Apesar de lindo, ele não é comum. Poderia ser, mas apenas seria se estivesse respondendo aos sinais de recuperação; até acreditei que estava reagindo melhor, pois havia expressado sentimentos. Sentiu-se triste com a morte dos pais nos primeiros dias, porém, esqueceu-se tão rapidamente... Nunca mais disse nada sobre o assunto. Mas ainda se isola e abusa da ideia de ouvir vozes ou amigos invisíveis. Sem dizer que quase me agrediu em nossa última discussão, e agora, sente-se um ser superior aos demais no Universo.

Ouvi gritos dentro do metrô e a voz de um homem falando alto. Virei-me para ver o que estava acontecendo e vi dois homens armados dentro do vagão.

"Eles vieram consumir suas forças! Precisa reagir!" — Enzo escuta a voz em seu ouvido; seus inimigos invisíveis tentando perturbá-lo.

Assustando-se, Enzo se levanta de seu local e começa a suar frio, passando a gritar.

— Vocês não conseguirão levar minhas forças! Evaporem! Evaporem! — disse ele, com os olhos estatelados, colocando a mão em sentido de imposição.

— Enzo, por favor, não faça isso, olhe para mim? — disse eu, aflita, tentando puxá-lo pelo braço, com intenção de acalmá-lo.

Um dos homens aproximou-se de Enzo e deu uma coronhada em sua cabeça. Ele caiu junto a mim. Tentei puxar seu corpo para próximo de onde eu estava, mas os homens me flagraram.

Quando parou na próxima estação, os policiais entraram e renderam os marginais. Tentei reanimá-lo, mas ele parecia adormecido.

Busquei ajuda para tirá-lo do metrô e peguei um taxi, levando-o para casa. No caminho, dentro do carro, ele acordou. Ao me olhar limpando o sangue de sua testa, sorriu.

— Que bom que você está aqui, Clarice – disse ele, não me chamando mais de professora.

"Os anjos tocam flautas quando acordo e olho para você. Ouço os sons... Eles estão tocando... Por sua causa... Eles estão aqui..."

Chegamos à minha casa com meus ouvidos fazendo ecos. Com tantos acontecimentos, e ainda somando os surtos de Enzo, estaria completamente sem espaço para pensar em minha própria vida.

— Onde estão seus medicamentos?

— Eu não tomo medicamentos.

— Enzo, isso é sério! Sabe que não pode ficar sem medicação.

— Pode acreditar no que estou dizendo pelo menos uma vez? Eu não preciso de medicamento. Não estou doente. Os médicos desconhecem o que tenho. A sociedade sempre me taxará de doente, mas eu não sou.

Fingi que sim, balançando a cabeça. Sua presença passou a me dar medo e provocar calafrios.

— Promete que quando estiver se sentindo mal com algo tentará se controlar? – disse a ele, morrendo de medo que em

algum momento de descuido, em uma crise, e ele avance em meu pescoço.

"Você precisa ouvi-la, Enzo! Controla-se! Estaremos aqui, do seu lado. Clarice não pode ser vista como mulher. Precisa protegê-la! Não perca seu objetivo." – Enzo ouviu os amigos invisíveis.

— Eu prometo Clarice! – Ele sorriu de forma radiante e sedutora.

— Enzo... Posso te fazer uma pergunta? Por que não está mais me chamando por professora?

— Porque você não é mais minha professora. Quero me habituar em chamá-la pelo nome – Clarice! Um lindo nome.

Fiquei espantada por dois motivos. O primeiro, porque deveria desconfiar pela metade, apenas, da veracidade do que Enzo dizia. Ele novamente adivinhou meu pensamento e está querendo me provar isso. Segundo, ele está estranho. Seu modo de me olhar mudou. Algo nele está diferente de horas atrás.

— Estamos com fome, certo? Que tal algo bem gostoso para comer?

Fomos para a cozinha.

Pensei no episódio da casa antiga e sua data na placa, a mesma que a do casamento com os supostos Klaus e Clarice. Havia algo nisso, sim, e para entender, precisarei abrir muito a mente.

— Enzo, preciso te devolver o dinheiro que ficou comigo naquele dia, mas primeiro, responda-me... Como conseguiu aquela quantia?

— Sim, muito simples de responder. Eu vendi a casa de meus pais para um amigo de nossa família. Ele é engenheiro, e sabendo de tudo que aconteceu, eu o procurei e menti algo muito pequeno...

— Eu não acredito que você fez isso, Enzo? E agora? Como fará? Não podia ter feito isso!

— Está tudo bem, Clarice... Foi somente uma mentira pequena. Eu disse que ia estudar nos Estados Unidos longe das lembranças que me deixam tristes e recomeçar minha vida... Disse que faria um tratamento. Ele, assim como você, acredita que sou esquizofrênico. Ele tomará conta da venda de todos os bens que meus pais deixaram. Podemos gastar este dinheiro tranquilamente com a casa que quer comprar. Logo teremos dinheiro o suficiente para levarmos uma vida tranquila. Não se preocupe. Não te faltará nada.

— **Enzo!** – gritei enlouquecida. — A questão não é mentir e faltar alguma coisa! A questão é clara: onde você irá morar?

— Bom... Eu pensei... Em morarmos juntos na tal casa de seus sonhos. Pensei em dividir contigo o que meus pais deixaram. Eu não preciso de tudo que hoje disponho, preciso de uma companhia. Uma amiga que possa morar comigo. — Ele riu como criança fazendo peraltice.

— **Morar comigo???** – não estava conseguindo acreditar no que ouvia.

— Sim, Clarice, eu vou cuidar de você.

— Você não deve estar falando sério... Alimentou-se hoje? Dormiu bem? Está consciente?

— Não me chame de louco! – ele gritou, mudando a expressão dos olhos. — Por que não acredita em nada do que falo? Ora Clarice! Você se torna desagradável com este excesso de autoproteção. Permita-se a acreditar pelo menos uma vez na vida!

— Por favor, desculpe-me! Eu não tive esta intenção... Ele fechou os olhos e ficou assim por um instante.

"Ouça a flauta, Enzo, ainda está tocando por causa de Clarice" – disse a voz para Enzo.

— Desculpa-me por ter sido rude – disse ele com lágrimas nos olhos. — Você está o tempo todo desconfiando de mim, de minhas intenções, do que digo.

— Está certo.

— Eu deveria ter falado com você antes, se poderíamos dividir aquela casa, mas queria te fazer uma surpresa. Acreditei que você ficaria feliz em poder se mudar para lá.

Por menos lógica que tivesse tudo isso, eu não poderia fazer mais nada. Tudo estava feito e não há como voltar atrás. Poderia estar ficando cada vez mais louca, esta era a sensação. Mas eu tinha outra saída?

— Tudo bem, Enzo, já está feito. Não tem como mudar a situação. Prometa-me que da próxima vez você irá conversar antes comigo? Eu não estava... Na verdade, eu não estou ainda preparada para morar com alguém, mas como você precipitou as coisas, não tenho como deixá-lo na rua, pelo menos, até arrumar uma casa para você morar.

— Clarice! – Ele me segurou o braço, mas de forma firme, porém, carinhosa.

— O quê? – respondi, fingindo não sentir seu toque.

— Eu preciso de você!

Fiquei olhando para ele, sem saber o que dizer.

Ele se aproximou de mim e me abraçou ternamente. Pegou meus braços e os colocou em torno de seu pescoço. Queria sentir-se aceito. Abracei-o por alguns segundos. Estávamos aprendendo a nos abraçar.

Se só o abraçasse quando me abraçasse, nunca saberei qual a textura de seu abraço, nunca saberemos de fato o que é abraçar. O abraço pelo qual me levanto e caminho até o outro, esse não morre, não cessa, ainda que o outro solte os braços e me abandone.

— Vamos para a sala? – disse eu, saindo do clima gerado por sentir-me refém de seus braços.

Virei e caminhei até à sala. Aproximei-me da vitrola e coloquei uma música francesa que tanto gosto *Quelqu'un m'a dit*, Carla Bruni.

— Eu gosto muito desta música, é a única que tenho da atualidade – disse eu, tentando encontrar algum assunto.

— Vamos dançar? – disse, vindo a minha direção sem esperar por minha resposta.

*"Pourtant quelqu'un m'a dit
Que tu m'aimais encore
C'est quelqu'un qui m'a dit que tu m'aimais encore
Serais ce possible alors"**

Pegou-me em seus braços fortes e olhava em meus olhos. Dançou segurando em minha mão direita e, com a esquerda, trouxe-me para junto de seu corpo, que eu tentava respeitar. Seus olhos tão escuros pareciam lâminas perfurando minha íris. O efeito era hipnótico, era quase uma alucinação olhar para seu queixo de formato quadrado com barba por fazer... Mas que jamais em minha vida eu poderia... tocar. Mas sentia o corpo dele naquele momento e isso era algo perturbador.

— Ok, Enzo, já dançamos e nos divertimos, agora vamos tratar seriamente de negócios – disse, forçando uma tosse para me recompor.

— Trataremos sobre a casa que compraremos?

— Não sei se iremos comprar, mesmo porque, você pode morar aqui por algum tempo enquanto não encontrar uma casa para mudar – disse sem olhar nos olhos dele. A insanidade era tamanha. Não queria sucumbir.

— Acho que você não entendeu, Clarice... Ficarei com você até que descubra tudo sobre Klaus. Esta casa antiga te trará as respostas, você não foi levada até lá à toa.

— Como tem certeza de que descobrirei?

— Eu apenas tenho certeza – disse ele olhando-me sem piscar os olhos.

"Jamais te deixarei... Pode me surrar, chamar-me de louco – mesmo assim – estarei ao seu lado." – pensou Enzo em silêncio.

Ajeitei-me no sofá e cocei a nuca.

— Tudo bem... Acho que estou fazendo a maior loucura de toda a minha vida. Que Deus me proteja de mim mesma.

Ele sorriu, pegou minha mão e beijou. Senti os lábios deles em minha pele, roçando.

* Horário que se bebe algo antes do jantar.

* Carla Bruni Quelqu'un m'a dit No entanto alguém me disse / Que você ainda me amava / Foi alguém que me disse que você ainda me amava / Seria possível então?

"Alguém se levanta e segue até o banheiro, deixando uma revista sobre a cadeira. Confusa sobre o que observar primeiro a revista ou a pessoa que se levantou meus olhos famintos e obsessivos perseguem a curiosidade que quero saciar. O cheiro dele invadiu minha percepção – lembrei-me! Era o cheiro das mãos invisíveis...

Por um breve momento, pareço uma criança em um parque de diversão chorando sem saber com o que se divertir. Busco por misericórdia para que Deus me acolha na angústia de minhas dificuldades; se mudo o comportamento, ou se O espero esquecer o que fiz para eu fazer de novo, Ele me perdoará novamente?

Dissimulada! Farei de conta que não pensei deste modo. Escondo embaixo do tapete minhas misérias humanas, sem a coragem de olhar para mim até chegar o momento crucial, mudar para viver, ou morrer para mudar.

Olho para o ser que se levantou.

Novamente uma taquicardia!

Era o mesmo homem de paletó marrom e sapatos pretos de verniz com lábios carnudos e semiabertos, que parecem estar em eterna sede. O mesmo e infernal paletó marrom que me tirou a paz no dia anterior.

Esta era a oportunidade de me vingar!"

O voo da Estirpe I, pg 42

Mudamos uma semana depois. O impasse fora difícil. Estava eu, novamente com receio de me relacionar com pessoas problemáticas. Relacionar-me, digo, conviver, mas aquele dia na rua em que ficou enfurecido, agarrando-me pelo braço, o que mais me assustou foi o que ele disse – que ficarei sozinha novamente porque afasto as pessoas.

Mas no caso de Enzo, não era necessariamente a questão de afastar por afastar. Ele tinha um distúrbio que eu somente sabia lidar quando era sua professora no sonho. E se isso se complicar? E se ele tentar me matar com uma faca? E seu eu tiver preconceito?

Seu comportamento estava muito bom depois que prometeu se controlar. Ele fez a mudança praticamente sozinho, sem camisa, o que me fez passar mal por diversas vezes, precisando sair da parte da casa onde ele estava. Talvez Enzo não saiba, mas sou muito mais problemática que ele... Meus distúrbios sexuais eram quase incontroláveis. Enzo ainda conseguia se conter para não surtar, eu não.

A casa me trazia algo muito forte por dentro. O cheiro dela era peculiar a algum momento que eu não conseguia decifrar. Conservamos os móveis que lá se encontravam. Trouxemos pouca coisa. Cedi minha cama para Enzo dormir. Eu experimentaria o quarto de casal da casa. Fiquei meio assombrada com a ideia de dormir no colchão da cama deste. Mas precisava descobrir porque a placa da casa continha a data que coincidia com o casamento daqueles nomes, que se lembravam dos nossos. E aquela casa simplesmente me fascinava.

— Precisa de uma pintura – disse Enzo.

— Não. Deixe-a como está. A casa precisa, única e exclusivamente, de uma limpeza. Vamos lá! – disse animada.

O assoalho era difícil de limpar. Eu e Enzo nos revezamos para cumprir tal tarefa, estava manchado e precisaria ser pintado

depois com verniz. Os móveis possuíam uma poeira imensurável. As teias de aranhas existiam em todo lugar. Tirei com cuidado as cortinas dos cômodos e mandei para a lavanderia. Eram todas brancas e de tecido leve. Troquei os forros de cama e resolvi abrir o armário para guardar minhas roupas. Ao abrir, percebi que estava cheio, abarrotado de roupas antigas. Eu não tinha onde guardar minhas coisas. Vi que no quarto havia uma cômoda grande de madeira e, como todos os móveis da casa, era no estilo rústico com alguns detalhes talhados.

Passei todas as roupas para a cômoda. Entre todas, uma me chamou mais atenção – um vestido de noiva. Encostei-o em meu corpo e olhei pelo antigo espelho da penteadeira.

— Linda... – disse Enzo, olhando-a de modo emocionado.

"Ainda me lembro como se fosse ontem..." – pensou Enzo.

— É apenas um vestido de noiva.

— Sim – disse ele, engasgando a lágrima.

— Por que está chorando? – perguntei, desviando os olhos do espelho e olhando para ele.

— Apenas me emociono quando vejo uma noiva. A mais linda de todas.

— Mas... Não sou uma noiva, Enzo. Este vestido é da esposa do antigo dono desta casa.

— Você... Ficou muito linda vestida de noiva...

Coloquei o vestido em um manequim que havia no quarto e o cobri com um lençol branco.

— Vou deixá-lo ali para dar um ar lúdico ao meu novo quarto. — Algum dia você o vestiria novamente? – perguntou Enzo da porta do quarto. — Não sei... Por que vestiria?

— Para dançarmos.

— Talvez – respondi sem olhar para ele. — Agora vamos terminar nosso serviço.

Abaixei-me para colocar as últimas peças de roupas na cômoda, e ao abrir a única gaveta que restara, levei um susto muito grande, um casaco marrom dobrado cuidadosamente guardado na gaveta.

Pus a mão nos lábios para não gritar. Não tinha como não me lembrar de Klaus. Peguei o casaco nas mãos e levei à narina. A peça cheirava a roupa antiga, muito tempo guardada; devia estar cheia de ácaro. Não era de Klaus. O cheiro dele não saía de suas roupas, mesmo depois que voou. Lembro-me disto no sonho. Mas... Lembro-me também que Enzo usava a mesma roupa... Não é de Enzo; mesmo porque, ele não tem razão alguma para colocar o paletó nesta gaveta, sequer, conhecia este lugar. É melhor não ligar meu botão de fazer louco antes de terminar o trabalho com a limpeza da casa.

Tirei o mosqueteiro e o levaria para a lavanderia. Sim, o usaria, por que não? Sempre quis saber como era dormir com um desses à volta de minha cama. Sentei-me na cama e sentimentos se misturavam. Ouvei sem querer, em minha mente: “Eu te amo!”. Também, sem intenção respondi: “Também te amo.”

Fui à garagem olhar o carro. Jamais venderia para colecionadores. Iria levá-lo para uma oficina e ver o que precisaria para que ele funcionasse. “Continue cantando, querida...” – lembrei-me de que o carro de Klaus servia para eu levá-lo para passear quando passava mal e a dor era insuportável. Eu cantava enquanto dirigia e ele parecia melhorar. Decidido – não desfazeria deste carro.

Voltei para dentro da casa e flagrei Enzo sentado na poltrona preferida do antigo dono da casa. Ele estava com uma expressão estranha no rosto e isso me deixou um pouco assustada.

— O que há com você?

— Esta poltrona... Era dele...

— Esta poltrona era do antigo dono desta casa. E não venha me assustar!

— Era o que eu ia dizer. Ele se sentava aqui para ler seus livros e para pensar em seu irmão... E... Nela...

— O que está dizendo? Como sabe disso, Enzo? Está me assustando. É melhor não começar com suas adivinhações. Deixaremos os mortos onde estão e nós tocaremos nossas vidas.

— Os mortos estão nesta casa. — Sua voz mudou a entonação e seus olhos brilhavam de forma diferente.

— *Nunca mais diga isso! Ouviu?* — gritei assustada. Ele estava tentando me amedrontar. Sua doença e mania de ouvir e adivinhar coisas tirava o prazer de momentos importantes como este, na casa mais interessante que já pisei em toda a minha vida e não permitiria que Enzo estragasse o prazer descoberto de estar ali.

— Desculpa-me Clarice, você tem razão. — Abaixou a cabeça, aborrecido. Voltando ao seu normal.

Tomei banho naquela banheira com modelo de antigo. Não tinha instalação hidráulica e nem chuveiro com água quente. Precisei esquentar a água e levá-la até a tina.

Deitei-me, fechando os olhos; apenas sentindo a atmosfera do local, com um pano molhado sobre meus olhos. Por um momento tive a sensação de estar sendo observada, mas foi somente uma impressão. Levantei-me para observar com mais cautela, não tinha ninguém no banheiro além de mim e aqueles pensamentos estranhos. Não havia requinte, nem sais, nem óleos, mas era maravilhoso estar ali.

Fui dormir após tomar a sopa preparada por Enzo e, diga-se de passagem, maravilhosa. Estava muito cansada e mal sentia o dedo do pé. Tudo estava anestesiado, precisando de repouso. Fechei a porta do quarto, escutando seu ranger. Deitei-me na cama antiga e me aninhei no travesseiro do ex-dono da casa. Era delicioso. Dormi tão rapidamente que mal senti a sensação de estar ali.

Acordei no meio da madrugada com a camisola toda suada. Não sabia onde estava, apenas acordei com o timbre

daquela voz em meu ouvido – Volte para mim...

Gritei com tudo que havia em mim. Imediatamente, Enzo bateu na porta do quarto. Abri e ele se sentou na beirada da cama ao meu lado.

— O que houve? – disse ele com cara de assustado.

— Ouvi uma voz. Acordei com ela ao meu ouvido – disse eu, colocando a mão no rosto, tentando retirar o medo e a má impressão que isso me causou.

— Quer que eu durma com você? – perguntou ele. E quando olhei melhor, percebi que estava apenas de zorba. Gelei.

— Não será preciso, foi apenas um pesadelo. Volte a dormir – disse sem olhar novamente. Fechei os olhos para não me trair. — Qualquer coisa me chame.

Voltei a deitar tentando não pensar no que ouvi e, depois, no que vi. Cobri toda a cabeça, tentando não deixar os dedos dos meus pés para fora. Não sei o porquê, mas essas coisas de assombração, além de me deixarem neste estado febril de medo e falta de ar, causam-me uma sensação inebriante de excitação. Não conseguia mais pensar no fantasma falante, porque a zorba de Enzo não saía de minha mente.

O dia clareou... Apesar das impressões estranhas, principalmente pela casa ser muito antiga, era tudo lindo por ali, até o amanhecer tinha certo glamour. Uma nostalgia que fazia tempo que não havia experimentado.

— O que faremos hoje, Enzo?

— Subirei no porão. Escutei barulho durante a madrugada.

Ratos!

— Ah, por favor, faça isso o quanto antes.

Estava passando ilustrador nos móveis da casa quando me deu uma vontade súbita de ver o que Enzo estava fazendo. Subi a escada do porão, pelos fundos da casa, e o vi parado, olhando para algo que não deu para ver de onde eu estava.

— O que está fazendo? – perguntei curiosa

— Nada, apenas olhando. –Ele tentou esconder uma velha agenda amarelada.

— Não sei de quem é, mas não nos pertence. Melhor não ler isso, não fará diferença em nossa vida – disse eu, curiosa para saber o que tinha ali.

Aproximei-me e olhei o baú aberto. Eram álbuns antigos da década de 1920. Muitos colares e roupas com miçangas, tiaras com pena, chapéus e outros apetrechos.

— Daria para fazer uma festa dos anos 20 – disse Enzo sorrindo.

— Nada mal, uma festa da década de 20.

— Quem serão os convidados? – perguntou Enzo.

— Obviamente, a festa será para nós dois – disse eu, guardando o diário dentro do baú.

— Eu topo.

— Combinado, mas depois que encontrar os ratos do porão.

— Não os encontrei... Limparei tudo por aqui, talvez resolva o problema.

Depois de todo o porão limpo, escuto novamente Enzo me chamando. Subi, e o que vi foi fantástico. O porão mais parecia um salão de festa. Grande, com vários pilares cheios de esculturas feitas na própria parede e as luzes eram todas acesas através de lamparinas. Enzo fez um ótimo trabalho, organizou tudo, guardando num armário tudo ensacado e lacrado, os objetos que por lá estavam alojados.

— O que faremos com tantos objetos? – perguntou Enzo.

— Não desfaremos de nada por enquanto. Vamos aproveitar tudo, até que percam a graça para nós.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que usaremos esses objetos e roupas e nos divertiremos. – Ri alto.

— Quando será nossa festa?

— Hoje à noite.

— O que teremos para brindar?

— Encontrei uma *champagne* francesa. O que acha?

— Não sei se será uma boa ideia...

— Por quê?

— Eu não bebo...

— Entendi. Então... Eu bebo e você... – Ri esculachadamente. — Você cuida de uma *mademoiselle* em estado de porre.

Enzo sorriu e fomos preparar nossa festa.

Prepararei os frios e as frutas enquanto ele improvisava uma mesa no porão, levando a vitrola antiga de minha avó.

— As músicas que tenho são as que estão dentro do armário da vitrola, francesas, country e blues dos anos 60.

— Adoraria conhecer seu gosto musical.

Abri o baú e peguei o vestido preto de franja feita por miçangas. Uma tiara com uma pena nos tons roxo e vermelho. O sapato no modelo boneca, a meia rendada e o colar de pérolas pretas.

— Escolha uma roupa para você – disse eu a Enzo enquanto corria, descendo a escada para me trocar.

Com euforia, coloquei o vestido de franja com miçangas e o colar de pérolas escuras, com a sensação de ter antes experimentado algo assim.

Olhei-me no espelho e me vi de uma maneira tão familiar. Pintei os olhos com presteza de quem já o fez em épocas atrás, com mesmo traço característico do lápis nas pálpebras e a sombra escura, esfumando os cantos dos olhos, deixando ares líricos dos

anos loucos. Passei o batom de cor vermelha-amora e preendi o cabelo com grampos na franja, colocando com jeito a tiara com pena que circundava toda a cabeça, deixando à mostra, com muita graça, a tira bordada que a prendia, passada no meio da testa.

Notei, na penteadeira de modelo antigo, um perfume com bomba de borrifar e respinguei algumas gotas com notas de lavanda, pinho, louro, alecrim e coentro.

Subi a escada, tentando manter a aparência de euforia, mas a naturalidade permanecia, como se todos os dias eu me vestisse daquela forma.

Entrei no sótão e deparei-me com Enzo de um jeito como jamais notara. Ele vestia uma calça cinza de linho com suspensório, camisa branca sem colarinho e uma boina, com o tom um pouco mais escuro que a cor a calça. Percebi que seus cabelos tinham algo parecido com gel, mas o cheiro também continha notas de lavanda.

— Onde encontrou isso que passou nos cabelos? Ele quase não piscava enquanto me olhava.

— Ah... Bem... Ali... — Apontou para o baú. A *champagne* já estava em cima da mesa, mergulhada no gelo e os pratos e talheres arrumados com muito bom gosto.

— Quem te ensinou arrumar tão bem uma mesa? — disse eu sorrindo, tocando nos guardanapos de tecido, com as pontas bordadas de uma forma delicada.

— Minha mãe me ensinou — disse ele com um tom meio triste na voz. Eu não deveria lembrá-lo disto agora. — A toalha e os guardanapos consegui no armário da cozinha — disse ele, disfarçando a tristeza.

Sentamos à mesa, um de frente ao outro, e segui os gestos de Enzo servindo meu copo com a *champagne*. Tomei o primeiro gole e senti asas batendo, descendo pela garganta. Ele me observava como se eu fosse digna de louvor.

— Por que tanto me olha? — perguntei sem olhar para os olhos dele.

— Eu te acho bela. E hoje, está muito mais.

Tomei o restante da bebida em somente um gole. Sentia-me desconcertada toda vez que ele me dizia algo que soava um elogio.

— E você, por que fica corada quando quer ouvir o que acho a teu respeito?

Para fugir de sua pergunta, enchi novamente meu copo e seus dedos tocaram os meus em torno da garrafa. Fiquei imóvel apenas sentindo o toque.

— Por que me acha tão idiota, incapaz de te fazer um elogio?

Aos poucos fui levantando o olhar até encontrar o rosto dele, que olhava para mim aguardando por uma resposta.

— Sua pele é tão... Macia... — Ele passou o dedo indicador em meu rosto, causando-me calafrios.

— Eu... — ia dizendo, enquanto ele fez um gesto de silêncio.

— Psiu... Estou aqui para cuidá-la e te ver sempre... Sorrindo.

Eu tinha um medo desesperador de Enzo. Algo me espantava a ponto de querer me esconder em uma concha bem confortável.

Levantei-me da mesa e fui até a vitrola.

— Vamos ouvir uma música descontraída? — disse eu, quebrando o clima.

Escutei sua cadeira se arrastando por detrás de minhas costas, assim que me levantei. Antes mesmo de alcançar algum disco de música alegre e festiva, as mãos dele foram ao encontro de discos que eu não queria ouvir e seu peito encostou-se a minha costa seminua, quase me fazendo parar de respirar. Fiquei assim, sentindo sua mão em minha cintura, e a outra manejando a vitrola enquanto sua respiração pairava sob meu ombro e pescoço.

— O que pretende fazer? – disse eu, buscando por explicações que me salvassem.

— Iremos dançar – disse ele, me puxando pela cintura para o meio do sótão sem que eu tivesse tempo e oportunidade de contestar.

A música era suave, e o corpo de Enzo, grande e protetor. Ele segurou minha cabeça, forçando-me a deitar em seu peito. — Enzo... – disse eu, tentando relutar. — Psiu... Você fala demais. Fiquei sem saber quem sou até a música acabar. Mal parou de tocar, e ele me deixou bem no momento em que comecei a me acostumar com o calor de seu corpo devoto ao meu.

— Vamos comer – disse ele, puxando a cadeira para eu me sentar.

Pronto! Era somente isso que me faltava. Enzo resolveu acreditar piamente que devo fazer tudo que ele imagina que é o correto e bom para mim. Mal me sentei e ele passou a servir meu prato. Irritada, eu disse com uma voz de poucos amigos:

— Por que está me tratando como se fosse uma... Imbecil?

— Você se sente assim?

— Sim... Quer dizer... Não! Eu não sou uma imbecil.

— Se, não é, então por que se preocupa com isso?

Fiquei quieta para não estragarmos nossa festa. Servi mais do *champagne* e comecei a me embriagar.

Já na segunda garrafa, passamos a nos falar novamente. Percebi que ele esperou meu momento de me sentir bem para continuarmos a nos comunicar e parecermos menos “estranhos”.

— Você não se lembra de mais nada a meu respeito, além de que era minha professora? Tem certeza de que olha para mim e vê apenas seu aluno?

— Sim. Lembro-me de que era um menino ingênuo que não existe mais. Por que ficou tão diferente? – disse eu, já nem sabendo mais o que falava.

— E o que mais se lembra? – ele insistiu e não respondeu a minha pergunta.

— Bom... – Eu ria meio idiota, meio bêbada. — Lembro-me de que um dia você se declarou a mim. – Parei de falar e ouvi minhas palavras.

A cena veio à mente. Ele se declarou a mim em meu coma de uma forma tão linda e pura. Achei tão repentino o surgimento daquele sentimento todo, porém, tão lindo e dito com palavras simples e sinceras.

“... Mas não é esta estima, professora... Não é deste gostar que estou falando... É daquele gostar que... – Sua respiração falhava e seus olhos brilhavam. — É aquele gostar que dói no peito... Parece que... – Ele não tinha palavras. — É aquele gostar que só me faz ver seu rosto à minha frente o tempo todo... E só me faz querer ficar ao seu lado... Que me faz sentir vontade de tocar, de abraçar e apertar muito... Professora! Olhe! Escute... – disse ele tocando em meu rosto. — Tudo que eu tenho é seu... E eu não tenho nada, mas tudo é seu. Eu só tenho a minha vida para viver e este sonho que me trouxe você... Pois tome a minha vida... Porque ela é sua... Eu... Eu Sou... Seu...” – lembrei-me de cada palavra e sentimento nas palavras ao serem pronunciadas.

— Então você se lembrou... – ele disse em meio sorriso.

— Ainda bem que estou meio boissons alcooliques*, assim, não passo tanto constrangimento em falar tudo que penso, e penso que... Se eu fosse muito Fils de Chienne*, atiraria-me em seus braços sem pensar... Veja bem Enzo, você é um homem bonito, e eu... Eu sou uma mulher solitária, carente e... Às vezes é difícil de suportar suas... Insinuações, portanto, fique bem longe de mim – disse eu rindo como alguém descontrolada.

— *Je ne sais pas** – disse ele.

— Não se importa em ter uma *mademoiselle* bêbada ao seu lado?

— Não.

— *Franchement** – lamentei-me.

— Não entendo você! Uma hora, diz que te faço parecer uma imbecil, de tanta proteção. Outra hora, simplesmente, admira-se de eu não me importar...

— É verdade Enzo, é verdade! Daqui a pouco irei me deitar e acabaremos com a festa, pois já deu o que tinha que dar por hoje.

— *Bon courage!** – disse ele, desejando-me boa sorte quando me viu levantando da cadeira interrompendo nossa festinha, tropeçando em tudo, aparentemente... Estranha?! Ele também quis dizer que sente muito, mas não iria me ajudar. Grosso! Estúpido! Lindo!

Antes de sair ainda tomei a última dose de *champagne* com ele me olhando, como se pudesse se vingar de minha idiotice precoce. Nem eu sabia o porquê estava me sentindo assim, na verdade, não temos motivos para nos repudiar sem mais, sem menos. Enzo é um menino especial, e eu, uma adulta carente e sabe-se lá, a quanto tempo sem sexo, pois não sei de devo contar o sexo durante o coma... Oh meu Deus! Já estou confusa sem ter motivo! Claro que Klaus é um fato incontestável. Sim, fato sem provas! Enzo... Enzo apenas... Existe! Talvez isso seja a pior parte. Além de existir, existe morando comigo dentro da mesma casa. E não posso me esquecer do detalhe – não importa todos os motivos e justificativas que me diriam – não olhe para ele! ele é lindo e ponto final. Um perigo! Esquizofrenia ficou em último posto.

— Boa noite! – disse eu, tentando sair como boa moça.

Percebendo que eu estava indo mesmo, ele tratou de se levantar o mais rápido possível, impedindo minha passagem pela porta.

Franzi o cenho, já quase o mandando para aquele lugar, e ele leu meu pensamento.

— Não precisa ser grosseira, professora.

— Grosseira? Absolutamente. Não é esta a minha intenção, apenas estou indo dormir.

— Você se lembrou de meus sentimentos e não tem nada a falar sobre isso?

— Enzo! – Eu queria dizer, por favor, me deixe em paz!

"Parece que ela jamais se lembrará de mim... Sinto uma agonia muito grande em pensar que terei que me passar por um cara esquisito e tolo até conseguir concluir a missão."

— Já sei, já sei... Sou um rapaz especial que os médicos não acharam solução e nem origem de minha esquizofrenia, enfim... Sou um problema...

— Não é isso, Enzo... Você se esqueceu de que... Que amo Klaus?

— Também não me esqueci de que estou aqui apenas para ajudá-la. Fique tranquila, não a incomodarei.

Olhei-o, sentindo-me tão estranha, que por um momento pensei que estava desmaiando. Uma força desconhecida invadiu-me repentinamente, e não percebi quando fechei meus olhos e Enzo acolheu-me em seus braços, e ouvi ruídos de passos andando de lá para cá.

Perdi os sentidos ou me transportei para um local através de sonho ou algo parecido. Vi-me vestida de noiva e com um penteado de época. Sentia-me aflita, sentada no sofá da sala. O que mais me chamou a atenção foi que o sofá era o mesmo da casa que estou morando. Tudo estava exatamente igual. O relógio fazia um tic-tac irritante e a apreensão aumentava quando eu olhava insistentemente para os ponteiros, contando os segundos. De repente, entra pela porta da sala Klaus e meu coração dispara. Queria dizer a ele que senti muitas saudades e estava assistindo àquela cena sem entender do que se tratava, quando ele olha para a pessoa que me representava naquela visão, aparentemente parecia-se comigo, mas com cabelos penteados de forma diferente da que uso. Ela, que era eu, levantou-se e correu para o quarto,

tentando colocar outra vestimenta quando ouviu gritos na sala. Correu até lá, com certo desespero e viu Estela vestida de noiva, apontando uma arma para Klaus. Sem ter tempo de dizer qualquer coisa, escutou os tiros.

Acordei nos braços de Enzo, que me levava para o quarto. Quando passamos pela sala e olhei para o sofá, gritei novamente. Era o mesmo estofado. Estaria louca ou era apenas uma vertigem causada pela bebida?

— Acalma-se! Estou aqui – disse Enzo, oferecendo seu pescoço para eu esconder meu rosto.

Senti quando ele abriu a porta do meu quarto com uma mão e me colocou cuidadosamente na cama.

— O que está acontecendo Enzo? Eu vi Klaus e um homem com uma arma nas mãos... Ouvei o tiro...

"Conte para ela... Vamos! Enlouqueça-a!" – diziam as vozes do mal para Enzo.

— Não foi nada Clarice! Não há o que temer. Foi apenas... O efeito da bebida – disse-me sem que eu pudesse ver seu rosto, mas sentia sua respiração. — Pode dormir! Estarei aqui, quando você acordar – disse ele, colocando minha cabeça em seu colo, enquanto cobria meu corpo.

Fiquei quieta, de olhos fechados, sentindo Enzo acariciando meus cabelos. Em instantes, passou a cantar a mesma canção que ouvi quando ele me ajudou a acordar do coma, impedindo-me de seguir em direção a luz que me atraía e me faria morrer, levando-me para outro lugar.

— Enzo...

— Oi.

— Quem é você? – A última sílaba da palavra 'você' ficou em minha mente fazendo eco.

— Sou alguém que quer seu bem.

— Por que me seguia antes do acidente?

— Porque já te amava sem você saber.

— E de onde me conhecia para me amar?

— Eu a amo desde que a vi pela primeira vez. Eu sempre te amei... Você não sabe, mas saberá um dia.

— Como pode ter certeza de que existiram outras vidas?

— Se você me acompanhar até onde quero te levar, saberá.

— Mas não é somente isso... Você lê meu pensamento; estive em meu coma; saiu de lá e veio me encontrar... Como fez tudo isso?

— Eu recebi ajuda deste lugar. Eu não leio seus pensamentos... Eu converso com quem lê e eles me falam o que você está pensando. Por que não acredita em mim?

Quis pensar em algo para testá-lo. Não sabia exatamente em que, mas arrisquei-me a imaginar seus lábios nos meus. Sou uma tremenda de uma *Fils de Chienne*. Enzo não é um rapaz comum, embora fosse lindo.

— Você não é *Fils de Chienne* – disse ele.

— Como sabe o que pensei? – disse eu, abismada, já me levantando de seu colo.

— Eu te disse que eles falam constantemente comigo. Eles leem as mentes das pessoas e seus sentimentos. E eu escuto o que eles me dizem.

— E quem são eles?

— São almas do mal; da escuridão. Clarice... Eu não sou o que você pensa.

— O que eu penso?

— Você me imagina um doente, lunático, mas eu não sou. Eles esperam por vingança; querem te usar para se vingarem. A

medicina classifica isso como esquizofrenia, mas te juro, minhas faculdades mentais funcionam perfeitamente.

Voltei a me deitar.

— Eu não sei o que pensar sobre isso. Conheço apenas um tipo de explicação, e o que conheço é o que a medicina e a ciência afirmam.

— A medicina não tem prova e nem consegue saber a origem do que acontece comigo, mas o lugar que quero te levar, sim. Eles sabem o que aconteceu e porque tive que nascer assim.

— Me diga, então, por que nasceu assim?! – disse já nervosa, irritada com a conversa.

— Eu nasci assim para poder te reencontrar. Têm as vozes do mal, mas têm as vozes do bem que me conduzem, e quando ouço a do bem, eu cumpro seus desígnios.

— Veja... Eu não posso acreditar em vidas passadas, apesar de que Klaus me disse no coma que estávamos revivendo momentos juntos nos anos 50. Mas... Era apenas um sonho, Enzo... É duro ter que admitir isso, pois se o fizer, passarei por cima do que sinto e fatalmente acreditarei que Klaus não... Existe. Não entende isso? – gritei e silencieei em seguida.

O silêncio reinou naquele quarto escuro. Somente nossas respirações eram ouvidas e o roçar dos galhos das árvores lá fora, nas laterais da casa. Ouvei os primeiros pingos de chuva caindo no telhado e meu coração foi apertando. Queria poder me controlar, mas não contive a lágrima morna caindo no canto do olho. A chuva avançara rapidamente e minhas pernas se moveram na cama, com um impulso levantei-me.

— Aonde vai? – perguntou ele.

Não queria explicar o que estava sentindo, se ele já sabia, não precisava de minha resposta. Eu sou o nada e ninguém. Sou a única pessoa do mundo que vive do que se passou em um coma, sem identidade, sem família, sem planos. Tudo que senti foi em vão. Eu não sei no que acreditar e para onde ir.

Passei pela sala, olhando com coragem para o sofá, esperando que as almas penadas de meu inconsciente aparecessem à minha frente e me fizessem acreditar em algo. Mas não surgiram desta vez! Senti raiva e vontade de quebrar as coisas. Joguei a mesa cantoneira no chão e ouvi o vaso antigo se espatifar no assoalho. Pisei descalça nos cacos, sentindo meus pés se ferirem. Eu queria gemer de dor, mas tapei a boca com uma das mãos e apressei os passos.

Ouvi Enzo vindo ao meu auxílio e corri para os fundos da casa. Abri a porta e corri sob a chuva fria, molhando minha fantasia dos anos 20. Eu não via Enzo, mas ouvia seu chamado no meio do breu. Escondi-me atrás do canteiro do muro e ali fiquei, em soluços contidos, sentindo os pingos de chuva arderem em minha pele. Eu não queria ter sobrevivido ao coma. Deveria ter seguido a merda da luz que vi e acabado de vez com tudo que me atormenta.

Coloquei a cabeça entre as pernas e chorei baixinho. Senti a presença de Enzo à minha frente, deparei-me com a sombra de seu corpo com 1,90m de altura.

Antes que eu dissesse qualquer palavra, ele se agachou próximo ao meu rosto, e tocou em meus cabelos.

— Vamos entrar.

Eu o segui em silêncio. Sentia dores nos pés e disfarcei para não mancar, mas foi impossível, ele percebeu e me tomou em seus braços. Estava totalmente ensopada e gelada.

Entrei para o quarto na tentativa de ficar sozinha, mas foi inútil. Ele apressou-se em entrar atrás de mim, assim que me pôs no chão. Fui para atrás do biombo, e vesti apenas um roupão que ali estava e procurei pelo cobertor em cima de minha cama. Ao colocar a cabeça no travesseiro. Ouvi a voz de Enzo.

— Dê-me seu pé?

— O quê?

— Você ouviu... Eu disse – dê-me seu pé.

— Está tudo bem...

Sem mais nenhuma palavra, ele simplesmente colocou a mão embaixo do cobertor e puxou com cuidado meu pé para fora do abrigo. Levantou-se e foi até a tomada. Quando voltou, ouvi apenas um gemido de seus lábios.

— Oh! Como conseguiu fazer isso com você?

Ele fez um curativo com tanta presteza que nem senti dor ou algo assim. Seu toque era sutil e ágil, como se fosse preparada para tal manejo.

— Agora chegue para lá e me dê um canto em sua cama – disse ele como se tivesse toda a razão e direito do mundo em se deitar comigo.

— Não tem necessidade de dormir comigo.

— Você não decide mais nada por hoje.

— *Sot!* – chamei-o de tolo.

— E não me xingue – disse ele zangado.

Deitou-se do meu lado direito e percebi que seu jeito não era mais gentil e agradável. Estava se tornando petulante e grosseiro, assim como eu. Que homem é esse?

* Grogue

* Filha da puta

* Não sei

* Francamente * Boa sorte

Estava prestes a cometer um crime digno de manchete nos jornais. Estava preparada impetuosamente para fazê-lo.

Encostei-me à porta e ela se abriu como se estivesse me esperando.

Nada mudou, continuo a mesma que chora no tapete da sala, que escuta country romântico e dança com a taça de água tônica.

O estranho apenas me olhou com aqueles olhos que me enfeitiçaram, tocou em meu rosto e me engoliu em seguida. Poderia lembrar-me do velho guia de instrução, orientando como chegar a um orgasmo rapidamente, como a um disparo do gatilho – procure o orgasmo estimulando o ponto "G" (aquela região vaginal do formato e tamanho de um níquel situado acima do osso púbico), uma porta de entrada com cavidades quentes e úmidas, muito próximo ao colo do útero.

Ah! Quanta bobagem para explicar algo que todo mundo sabe o que proporciona.

"O importante é que o orgasmo venha!"

O voo da Estirpe I pg. 44

Acordei com o barulho de um motor invadindo a casa toda. Olhei assustada para o lado, Enzo já havia se levantado.

Somente quando firmei o pé no assoalho, lembrei-me de que estava ferida. Fui mancando para a direção de onde vinha o zunido irritante. Passei pela cozinha e a mesa estava posta como se tivesse sido preparada para um grande banquete. Copos, xícaras, pães fresquinhos, torradas, bacon, ovos mexidos, biscoitos, café, suco e frutas.

Quando abri a porta, percebi Enzo limpando o quintal com uma máquina, dando a parecer que seu trabalho já estava pela metade. Estava tão sedutor que meus olhos me traíam ao ver o suor escorrendo em suas costas morenas, por entre seu músculo trapézio, descendo para o infraespinhal. A lista certa para evitar acidentes em relação a Enzo, seria:

— Não olhá-lo por mais de dois minutos quando estiver sem camisa.

— Prenda a respiração quando ele passar por você.

— Quando ele falar, desvie os olhos de seus lábios.

— Jamais olhe em seus olhos escuros quando ele falar de sentimentos.

— Não aceite dançar com ele. Se estiver bêbada, o perigo é maior.

— Seja sempre grossa e mal educada. Mais tarde você agradecerá.

— O que está fazendo? – gritei alto para que ele me escutasse.

— Farei um jardim – respondeu ele gritando, sem olhar para trás.

Cocei a nuca e balancei a cabeça. A diferença entre ele e Klaus estava apenas na personalidade de Enzo, pois a liberdade era

praticamente a mesma.

Voltei para a mesa. Estava faminta e pretendia me beneficiar do trabalho que ele havia tido para arrumar a mesa. Ao sentar-me, percebi uma rosa num vaso pequeno com o aspecto de que fora recentemente colhida. Certamente, ele queria me agradar.

Pouco depois da primeira mordida no pão de batata, ele entrou e se sentou ao meu lado. Pôs o café em sua xícara e pegou alguns biscoitos.

— Ainda não tinha tomado o café? — Não, estava te esperando acordar. — O que pretende fazer no quintal? — Plantarei girassóis.

Pus a mão nos lábios para não rir. Eu não acreditava que iria abrir a porta dos fundos e ia me deparar com uma plantação inteira de girassóis. Sem dizer que são imensos; grandes demais para o pouco espaço disponível.

— Não temos espaço para esta plantação.

— O espaço que temos é o suficiente. Eu preciso praticar. Logo isso será uma rotina, pode acreditar.

— Então teremos apenas girassóis no quintal? – disse eu, colocando o pão de batata em cima da mesa.

— Sim, e o que você pretende? Plantar pés de eucaliptos? – ele respondeu.

— Eu não posso acreditar que você fará de nosso jardim, um espaço selvagem. Ele se levantou e me olhou furioso.

— Teremos que aprender a dividir o espaço. Eu fico com o jardim, e você, arrume a casa como quiser.

Deu-me as costas.

Petulante! Mil vezes petulante! Eu deveria imaginar que seria assim. Como pude acreditar que o convívio com um estranho seria diferente depois de morar anos sozinha?

Fui para o quarto soltando fogo pelas narinas. Tranquei a porta para não ser incomodada. Não tinha muito a ser feito, a não

ser... Experimentar as roupas da antiga dona da casa.

Coloquei as roupas dos anos loucos, experimentando todos os chapéus que ali encontrei, amarrotados, dentro de um saco. As cores eram as minhas preferidas – marrons, dourados, grafite, creme, vermelho e cinza. Talvez, se tivesse vivido nesta década, seriam esses modelos que gostaria de usar, com muita renda, transparência e sensualidade.

A cada vez que eu me olhava no espelho, sentia-me mais tonta, com a vista embaralhada. Estranha sensação. Faltava o vestido de noiva. Peguei-o com cuidado, certamente sua dona o pegaria assim, pois deveria ser parte de uma data muito especial.

Coloquei-o cuidadosamente sobre o corpo. Parecia uma encomenda sob medida. Caiu perfeitamente. Novamente, ao me olhar no espelho, a névoa sobrevoou todo o espaço e minha respiração se tornou dificultosa. Não conseguia descrever o que estava sentindo, apenas sabia que não era normal. Ao voltar novamente a me olhar, vi a cena de um casamento, como se tivesse vendo-a de uma tela dentro da memória.

Sentei-me na beirada da cama e me contorci no sofrimento. Não poderia ser apenas um sonho... Se existisse alguma força maior do que eu e todo o Universo, gostaria que me ouvisse agora e sentisse o que sinto, tentando compreender o meu lugar.

— Abra a porta Clarice! – interrompeu-me, Enzo, batendo na porta.

— Deixe-me em paz!

— Não, *mademoiselle*, em paz você faz muita besteira.

Ele insistia em bater na porta, como se pudesse abri-la com o toque.

— Não quero ver ninguém!

— Estou pedindo, abra a porta!

Meu Deus! O que fiz para merecer isso? Onde pararia esta história? Falarei com ele e me retirarei desta casa. Colocarei uma pedra em cima de tudo que consigo me lembrar e me mudarei para outra cidade. Quem sabe para as Ilhas Guiné ou alguma parte da África, onde jamais me lembrasse de onde vim.

Antes que ele quebrassem a porta, eu a abri.

"Fale toda a verdade de uma só vez! Ela está tentando te enlouquecer! Está tentando te fazer acreditar que você é um idiota! Por que não dá um fim nela?" – disse a voz do mal.

"Não os escute, Enzo! Não é o momento de falar a verdade. Eles não sabem o que dizem. Dê amor a Clarice." – disse a voz dos amigos do bem.

Ele estava parado. Perplexo, olhando-me. De seus olhos desceram lágrimas. Sua testa estava suada. Percebi que seus nervos da face estremeceram. Com os lábios entreabertos, ele quis dizer algo, mas ficou mudo, olhando para os detalhes do vestido de noiva.

Não pude entender sua reação, apenas percebi sua emoção e me senti estranha. Suas mãos, ainda sujas da terra do jardim, circundaram minha silhueta, ensaiando um toque que não veio, apenas senti o calor de suas mãos percorrendo próximas ao meu corpo que se arrepiava.

— Jamais esquecerei esta imagem... – disse ele quase sussurrando. Ele fechou os olhos e voltou a abri-los em seguida. Virou as costas e saiu, deixando-me confusa e solitária.

Fui atrás dele. Observei através da porta da cozinha seu corpo moreno e suado trabalhando na plantação dos girassóis. Ajoelhado no chão, o suor descia por seu nariz bem traçado, percorrendo seus lábios. Em seguida, as lágrimas insistiam em descer por seu pescoço e pingarem no solo. Algo mais forte tomou conta de minhas pernas e me fizeram correr até ele. Quem é este homem que me faz fazer coisas que desconheço, mudando o não querer para – eu quero demais?

Toquei em seu ombro nu e me abaixei lentamente, sujando a barra do vestido na terra. Ele me olhou com os olhos marejados de lágrimas. Eu as beijei como se quisesse curá-las. Toquei em sua barba por fazer e aproximei meu rosto do dele. Senti o cheiro de seu suor e algo me enlouquecia por dentro, fazendo meu corpo vibrar e comprimir meus órgãos que queriam saltar da pele. Abracei-o com fúria, trazendo-o de encontro a mim. Enzo me levantou no abraço. E ficamos assim até que eu pudesse me acalmar.

Minha mente viajava em ações inexistentes.

Imaginei Enzo encostando minhas costas na parede do muro enquanto me segurava em seu colo, com as pernas em torno de si. Olhei-o com desejo, e ele a mim. Desejei-o infinitamente. Seus lábios encontraram os meus e nos beijamos como se pudéssemos nos engolir enquanto uma de suas mãos esparramavam meus cabelos e a outra me trazia cada vez mais para seu corpo, comprimindo seu sexo rígido contra minha textura já úmida e tensa.

Em minha viagem monossilábica pelo seu corpo, ele colocou-me no chão por um instante e abriu o zíper de meu vestido, deixando-o cair à volta de meus pés. Eu tive esta sensação como se fosse real, mas sei que não era, embora quisesse que fosse. Apenas com uma mão, puxou com sofreguidão minha peça íntima enquanto beijava meu ventre e seios, olhando para mim com olhos de quem gostaria de me rasgar, me infiltrar, me amar... Voltou para meus lábios e prendeu-me contra a parede fria; suas mãos percorriam minha pele como se a conhecesse...

Seus passos caminhando para dentro da casa desmentiam as imagens que surgiam em minha mente, mas meu corpo queria me convencer de que era tudo real. Eu podia sentir seu gosto como se tivesse provado, era conhecido, quente e sensual. Seu cheiro, inebriante, perturbador me deixava com vontade de devorá-lo por dentro. Novamente imaginei-o colocando-me em torno de seu

quadril, beijando-me com vontade de tirar meus lábios do lugar e tomá-los para si.

Voltando para a realidade, Enzo depositou meu corpo em cima da cama, delicadamente, e me deitou sobre sua mão que amparava minha cabeça.

— Não pense, assim, por favor... Não podemos... – dizia ele, beijando meus cabelos e assistindo todas as reproduções mentais que meu cérebro doente e meu corpo carente desenhavam numa tela que eu pensava que era apenas minha, mas agora, dividia com ele, que assistia comigo sem poder fazer nada para me deter.

De volta a minha imaginação, eu o imaginei colocando-me na cama e beijando meus pés, acariciando, sentindo os contornos e me arrepiando. Subiu até meus joelhos, seus lábios eram macios e quentes. Senti a sensação térmica de sua língua e sua textura mordiscando a parte interna de minhas coxas. Eu já estava delirando quando sua boca tocou minha virilha, devorando-me, fazendo-me arder em brasa, sufocando, apertando o travesseiro, gemendo, quase chorando... Pedindo, implorando...

— Eu quero te sentir... – minha voz rouca e solta estava em todos os cantos do quarto, submersa em minha imaginação doentia e febril.

— Não podemos Clarice, não me tente. O que você sente não é verdadeiro. Abra os olhos e mude a sintonia.

Não sei de onde, e nem como, mas em todo o ambiente eu pude ouvir o som do violino e uma voz macia cantando algo bom, como se pudesse ser transportada dali para outro lugar. Eu não queria acreditar que não era real. Eu queria que fosse real.

Minhas mãos tocaram a haste de madeira da cama e apertaram forte quando o senti me penetrando levemente, docemente, denso e rijo, quente e maravilhoso. Ouvi meus gemidos apelativos, mendigos e carentes. Senti o modo como ele se movimentava, preenchendo meu espaço totalmente e retirando-se levemente, como se quisesse me dizer que estar no céu é senti-lo

encostar-se ao meu côncavo. Estava transando com ele numa espécie de transe telepático. Ele correspondia, mas tudo acontecia apenas em nossas mentes.

— Eu te quero, Clarice... Te quero... — Eu o ouvia dizer enquanto os pingos de seu suor caíam em meu mamilo nas cenas telepáticas. — *Voir votre corps nu est un rêve ensemble, est le tonnerre, est le calme, la beauté, c'est que si mon Touch est folie...** — Ouvi sua voz rouca, dizendo próximo ao meu ouvido.

Duas horas depois, acordei com o som do piano na sala. Eu e Enzo tínhamos ficado juntos somente num estado louco de transe. Estava ainda nua e podia sentir o cheiro dele em meu corpo, muito embora estivéssemos juntos apenas no pensamento, mas algo era tão real, que eu não conseguia pensar em mais nada além do que desejava – concluir, em pele e osso, carne e sangue.

Enrolei-me no lençol e fui até à sala. Ele estava sentado ao piano. Não me percebeu. Estava vestido com calça cinza dos anos 20 e usava o suspensório sem a camisa. Suas costas largas não me deixavam tirar os olhos dele. Seus cabelos escuros estavam molhados, provando que havia acabado de sair do banho. Fiquei por ali, sondando-o feito um animal arisco.

Sua imagem ao piano era de um homem de grandíssimo refinamento, tocando sem qualquer movimento do corpo e raramente algum movimento dos braços, dependendo inteiramente de suas mãos. Jamais imaginei que Enzo sabia tocar algum instrumento. Os amplos arpejos de sua mão esquerda mantidos em um fluxo contínuo de tom por um legato preciso e fino, e o constante uso do pedal de sustentação formavam uma subestrutura harmoniosa de uma maravilhosa *cantabile* poética. Sua delicada dinâmica musical, as modificações constantes na troca de tom e tempo são de efeito indescritível. Mesmo nas passagens mais enérgicas, ele praticamente não ultrapassou um mero *mezzo-forte*.

A cada instante eu ficava mais admirada com todas as descobertas neste homem, e como estas me provocavam de um

jeito incontrolável. Não poderia confundir nada disso com amor ou paixão. Ele era apenas o homem bonito que me causava calafrios.

Quando parou de tocar, permaneceu estático por algum momento, sentindo minha presença, e procurou por meus olhos curiosos e perdidos. Eu também não sabia como me portar.

Quando fiz menção de fugir, sua voz me ordenou:

— Venha cá.

Fiquei sem rumo, parada no meio do caminho com os olhos arregalados. Fui andando devagar, em passos lentos. Sentia medo. Ele me dominava sem perceber.

— O que quer? – perguntei quase com a voz falhando.

Ele apenas fez o gesto com a mão me chamando.

Aproximei-me mais e parei de frente a ele.

Suas mãos alcançaram o nó que dei no lençol para prendê-lo ao meu corpo. O lençol caía lentamente pelas minhas pernas e ele o segurou, usando-o para me puxar ao encontro de seu colo.

— acredite em mim... Não me tente... Não podemos... Se fizermos nossas vontades, sofreremos por ela. Você não me ama. Você me deseja. Ama a minha imagem.

Passamos aquele dia trancados dentro de casa, com fome um do outro, porém nos restringíamos apenas nos olhares, abraços, toques e divisão da cama. Abraçados como dois loucos namorados que não se beijam, mas se procuram durante a noite, apenas para sentir o calor da pele no contato de um corpo com o outro. A chuva não parava lá fora. As ruas de Paris estavam com ares de romantismo. Sentia-me confusa entre a atração por Enzo e o amor por Klaus, ao mesmo tempo em que os dois pareciam tão misturados. Talvez fossem esses detalhes que me prendiam a este moço que não sai de perto de mim, e eu não quero que saia.

— *Voulait être votre sueur. Drain de votre corps, Parcourez vos courbes, Je sèche sur vos vêtements** – Enzo dizia quando nos deitávamos, e meus olhos procuravam pelos seus. Estávamos

vivendo um jogo maluco de “te quero, mas não posso”. Sentia-me sem fôlego e fraca. Fizemos do desejo correspondido, o sono e alimento, a roupa e proteção. Dormimos juntos. Entrelaçados na cama, como se as pernas dele fossem as minhas.

Levantei-me da cama e fiquei olhando a chuva pela vidraça semiaberta. Seu ruído era tranquilizador e sereno. Fechava os olhos e sentia a brisa fria que ela trazia para dentro de casa. O vento tocava em meu rosto e as cortinas voavam com meus cabelos. Não sei dizer como... Enzo me faz sentir tão próxima de Klaus...

Senti seus braços em torno de minha cintura, abraçando-me.

— Preparei algo para você comer – disse ele, beijando meu pescoço.

— O que temos?

— Choucroute garnie.

— Oh-la-la! Então teremos batatas, repolho com carne e salsicha. Uhm!!!

— Está com fome?

— Faminta! Ele me pegou no colo e me levou até a cozinha, enchendo-me de beijos e cuidados.

— Desse jeito ficarei mimada.

— Eu adoro isso.

Colocou-me sentada na cadeira e serviu-me o vinho.

— Clarice, você sabe o porquê os bebês de proveta nunca poderão ser humoristas de programa de televisão?

— Nunca pensei nesta hipótese, deve ser uma resposta idiota, quase burra, mas... Por quê?

— Porque nunca foram gozados.

— Oh! Não acredito que estou ouvindo isto — Dei-lhe um tapa no ombro e rimos.

— Ok, só mais esta. Tenho certeza de que não saberá a resposta — Como um português desinfeta a água?

— Como?

— Ele joga a água do décimo andar para matar as bactérias!

— Ahh! Enzo! Que maldade! — rimos muito. — Esta eu conhecia, apenas te deixei ganhar de mim e ver o quanto você é sem graça e preconceituoso. Que feio!

Depois do almoço fomos dar o ar de nossa graça para a cidade. Apertamo-nos debaixo do mesmo guarda-chuva e saímos pelas calçadas de Paris, pisando em suas flores murchas esparramadas pelo chão. Enzo me contava sobre sua infância e o quanto seus pais se dedicaram à sua educação, sempre ligada às artes e outros idiomas. Eu o achava muito inteligente, acima do normal.

— Você... Já tinha... Quero dizer... Com quantas mulheres já transou? — fiz basicamente esta pergunta, pois não sabia de onde ele havia tirado tanta experiência na cama, não era normal, um moço como ele, com dificuldade de se relacionar, ter uma desenvoltura tão... tão...

— Quer mesmo saber?

— Sim.

— Com todas as *mademoiselles* do Advanceé — Ele riu sem que eu soubesse se era verdade ou mentira.

— Você quer me dizer que era frequentador de uma casa de meninas faceiras?

— E por que não?

Rimos.

— É brincadeira. Eu sou virgem.

— Não minta para mim. Não existe um homem virgem em pleno 2012.

— Eu não sou daqui.

— Por isso... Não quer me tocar? Teme algo?

— Não. Não é por isso, e não temo nada. Apenas não posso. Não estou aqui para isso. Mas podemos visitar um cabaret.

— Eu nunca fui num lugar desses...

— Como imagina que sejam?

— Bem os cabarés franceses me parecem muito sedutores, pois o mundo fala sobre eles. Percebi que ele tocou meu braço e mudou o rumo de nossos passos.

— Para onde estamos indo? – disse eu.

— Não quer saber como é o cabaré?

Apenas dei um suspiro de admiração e me deixei conduzir pelos passos de Enzo.

Entramos e percebi um ambiente na semiluz, com ares de nostalgia. No palco alguns músicos e cortinas grenás por todos os lados, e muitas barras de Pole Dance.

Um rapaz uniformizado se aproximou de nós e nos perguntou:

— Mesa para dois?

Enzo me olhou e olhou para meu lado, e em seguida para seu lado.

— Não, para quatro, por favor. Duas cadeiras a mais você nos traz para colocarmos os pés.

— Enzo! – disse eu, tentando não rir para não me parecer mais grosseira.

— Mesa para dois, senhor.

Fomos à direção da mesa indicada pelo recepcionista e meus olhos olhavam para todos os lados. Por enquanto, não havia nenhuma outra *mademoiselle* por ali, a não ser, eu e algumas dançarinas.

O local tinha o formato de bar temático, sistema de hostess (recepcionista) e garçons diferenciados com trajes de

época, decoração e figurinos inspirados nos cabarés franceses dos anos 40. Os clientes ficam acomodados confortavelmente em mesas dispostas ao redor do palco e assistem as apresentações saboreando as bebidas vendidas no Bar Blue Moon. Tudo isso comandado por um divertido mestre de cerimônias ao som de grandes sucessos do Jazz. Além disso, há também uma agência de artistas com músicos e cantores, dançarinas, artistas circenses, atores e atrizes, recepcionistas, modelos e muito mais. Havia apresentações de Dança do Ventre, Dança Aérea, Pole Dance, Striptease Burlesco, Tribal Fusion, e várias outras formas de dança e arte que utilizam a sensualidade, elegância e linguagem de expressão do corpo. As moças eram encantadoras, tinham pernas longas e cintura escultural. Algumas se aproximaram de nossa mesa enquanto dançavam e olhavam para Enzo, oferecendo seu busto para que fosse colocado algum trocado. Percebi pelo sorriso, que uma delas o desejava e ficaria com ele mesmo se ele não pagasse. Fechei o cenho.

— Não sinta ciúmes!

— Eu? Com ciúmes? Você só pode estar muito enganado.

— Hum, não tente me convencer de algo que não conseguiu convencer nem a si mesma.

— Não tente se sentir o convencido, porque não estou nem aí para quantas mulheres você se deitou ou se tenta me convencer de suas mentiras! Tenho certeza que estive aqui e transou pelo menos com uma dúzia delas. Eu também já me deitei com muitas mulheres, se é o que quer saber. — Sentia-me louca. Ele me fazia confessar minhas insanidades quase em público.

Levantei-me irritada e fui ao banheiro. Precisava de tempo e espaço para pensar em quantos minutos precisava para me irritar e deixar de me irritar com alguém irritante.

Passei pela tal sala de jogos e olhei os quartos desprovidos de censura. Eram bem arrumados e tinham as portas abertas. Os que estavam com portas fechadas, provavelmente se encontravam ocupados.

Dirigi-me ao banheiro e fechei-me em uma cabine. Ainda me sentia irritada e por isso demorei a fazer o xixi. Precisei fazer o truque do “xiiii” e pronto! Funcionou.

Saí do box e fui ao espelho retocar o batom. Mal coloquei o batom nos lábios e uma imagem no espelho me deixou um tanto apreensiva. Ela passou por trás de mim com uma roupa de melindrosa e balançando seu colar de pérolas, na outra mão, uma cigarrilha. Assustei-me. Estela. Não poderia ser ela...

Virei-me para olhá-la diretamente e ela simplesmente desapareceu. Voltei para o espelho e ela estava do outro lado, rindo de minha confusão mental.

— O que quer? – perguntei sem saber o que perguntar. — Sua imagem é real?

Ouvi os sons de sua risada e vi quando ela arrumou a meia calça de renda em sua perna. Em seguida, deu-me as costas e desapareceu.

Saí de lá, apreensiva. Não sabia se contava para Enzo ou se guardava segredo; afinal, poderia ser apenas alguém muito parecida com ela.

Quando me sentei ao lado de Enzo, ele apenas me olhou e já sabia que havia acontecido algo de errado. Imediatamente, chamou-me para irmos embora.

— Não irá me dizer o que houve?

— Não!

— Posso saber o por quê?

— Porque não acredito no que vi.

— Não sei o que você viu, mas tudo que se vê é fato. Prova concreta de algo.

— Eu não acredito em fantasmas.

— Qual fantasma viu?

— Estela, no banheiro feminino do cabaré.

— E por que não acredita?

— Se algum dia ela existiu, está morta; e mortos não voltam de seus túmulos e saem assombrando as pessoas.

Ele parou no meio da calçada. Exatamente como fazia Klaus, e tocou em meu queixo.

— Eu vou te levar no local que tanto estou insistindo. Não vá por mim, nem por Estela, nem por Klaus, vá por você.

Fiquei apenas olhando-o em silêncio e assim seguimos todo o trajeto até chegarmos a nossa casa.

Enzo foi trabalhar e eu fiquei sozinha em nossa casa. Depois de arrumar as coisas fui preparar algum material para o jornal. Sentia-me tão surreal, que nem me deu vontade de pentear os cabelos.

Ao anoitecer, querendo me arrumar um pouco, e claro, não admitindo que o faria para esperá-lo, tomei um banho na banheira que tanto gostava e coloquei uma roupa da ex-dona da casa. Era um vestido preto, com uma renda que cobria os ombros e batia no meio das pernas, em nuances transparentes. Coloquei uma meia preta rendada e o sapato modelo boneca de verniz avermelhado. Amarrei uma tira grossa de paetês no meio da cabeça e me sentei à frente do computador.

O vento forte fazia alguns sons estranhos na casa antiga. Não há o que temer. Continuei escrevendo. Escutei quando a janela do quarto se abriu e me levantei, para ir fechá-la. Sim, o vento estava forte. No meio do caminho ouvi meu celular tocar e olhei o número, não sei o porquê tenho um celular, se não o uso e nem tenho para quem telefonar; isso quer dizer, que ninguém teria razões para me ligar, e por este motivo, ignorei a ligação. Com o celular ainda em mãos, escutei-o vibrar e percebi que era uma mensagem – “Eu não sairia da sala... E me atenda...”

Não teria como alguém saber que eu estava saindo da sala, se esta pessoa não estivesse me sondando por alguma janela,

pelo lado de fora, ou... Se estivesse aqui dentro da casa. Gelei, mas fui até o quarto assim mesmo. Ao entrar, tive uma sensação estranha, mas não dei muito atenção a isso, afinal, a única coisa mais estranha naquela casa não era o passado que ali esteve, e sim, eu.

Fechei a janela e me virei para voltar ao meu trabalho. Repentinamente, vejo o mosqueteiro mover sozinho, abrindo-se como se alguém o tivesse puxado para se deitar na cama. Vi quando o colchão se afundou, dando a impressão de que uma pessoa estava se sentando ali. Escutei um grito assustador e nada via, apenas ouvia.

Saí correndo, tropeçando nos móveis e a porta mexeu sozinha a maçaneta, abrindo-se. Meu coração parecia que ia saltar para fora. Sem muito pensar, gritei.

— Quem está aí e o que quer de mim?

Não obtive nenhuma resposta. Ouvei passos atravessando a sala e os segui, eles saíram para fora da casa e subiram a escada que levava até o porão. Mesmo com medo, eu os acompanhei. Escutei um assovio assustador vindo de algum lugar, mas nada havia ali além do vento frio e forte e os passos de alguém sem corpo. Meu sangue pulsava forte, um misto de medo e fascínio pelo desconhecido invadiu minha alma. Eu aguentaria firme até o fim, quero saber o que este ser invisível insiste em me mostrar.

Ao entrar no porão, a porta se fechou sozinha. Agora senti medo. O local estava totalmente escuro e deserto. As lamparinas foram se acendendo, como se tivesse alguém ali tentando me assustar ou me retirar do escuro.

Lentamente minhas pernas foram se movendo em direção do baú antigo. Sentia uma sensação de vazio e dor, como se estivesse revivendo o sentimento pela perda de Klaus durante o coma. Pus a mão no peito e toquei no baú. Abri-o e fui mexendo dentro dele, como se estivesse procurando por algo, mas nada havia além do que já sabia que estaria ali, roupas e fotos antigas.

Abri o álbum de fotografia. Abri a passagem para um mundo que não conhecia. Novamente a dor na alma e a sensação de vazio. Olhei para aqueles olhos que jamais esqueceria, nem se passasse mil anos. Klaus estava ali no álbum, pousando para algum retratista da época com uma aparência mais jovem, porém, com os mesmos olhos. Suas roupas eram deste modelo que encontramos no baú e, sendo assim... Não haveria outro motivo para este álbum estar ali, se não pertencesse ao... Dono da casa. Klaus, o amor da minha vida, quem esteve comigo durante o coma como se fosse real, revivendo, segundo ele, momentos da década de 50, agora está num antigo retrato dos anos 20 que, tudo indica, foi o dono desta casa, e se isso não for muita loucura, sua mulher, a mesma que morreu ao seu lado nesta mesma casa, fui eu.

Olhei as fotos, colocando algumas no peito enquanto fechava os olhos e sentia uma saudade que jamais sentira antes... Uma saudade real, não a saudades que senti no coma quando ele partiu, e sim de alguém que um dia fez realmente parte de minha vida e que foi separado dela, sem que eu desejasse isso.

Passei carinhosamente a mão sobre a fotografia e a beijei, sentindo o cheiro do papel antigo e amarelado. Mais adiante, outra revelação, uma fotografia nossa, juntos, vestidos de noivos. Meu Deus! Não pode ser um sonho... É o mesmo vestido que encontrei nesta casa. Trata-se de uma experiência, no mínimo, curiosa e formidável – eu e Klaus, juntos em uma fotografia nos anos 20 – esta era a prova de que tanto precisava para acreditar que... Ele existe! Ou existiu... Mas que de alguma forma, um dia estivemos juntos.

Eu não sabia se sorria ou se chorava. A emoção era algo tão grande, que meus impulsos mortais não conseguiam definir o que faria. Até me esqueci dos passos que levaram até o sótão. Nada passou a ser tão importante e obsessivo do que descobrir como tudo isso pode ser possível. Eu que jamais acreditei em vidas passadas, e eis uma prova de que as pessoas que defendem este assunto não são tão lunáticas quanto parecem. Uma foto, uma história, um grande amor... Estivemos juntos em 1920 e 1950.

Então... Poderemos estar juntos hoje, em 2012. Irei encontrá-lo!
Irei encontrá-lo!

Revirando um pouco mais a caixa antiga com as fotos, encontrei outra imagem que me deixou paralisada. Eu e Estela, juntas! Não é possível! Outra prova de que Estela realmente existiu e os fatos ocorridos durante o coma então... Foram reais! Pela nossa fisionomia no retrato, estávamos felizes e éramos amigas... Talvez um pouco íntimas, não sei... O importante era que agora todas as peças deste meu quebra-cabeça não estavam mais quebrando tanto minha cuca, mas retirando tudo do lugar e mexendo comigo de uma forma jamais imaginada. Talvez este retrato tenha alguma revelação a se feita pela eminente atração entre nós duas. Algo me diz que Estela sempre foi um enigma em minha vida. E no coma, quando ficamos juntas, havia alguma história anterior a se contar, e agora... Eu já não sei mais de nada, apenas que a foto me traz sentimentos estranhos.

Ouvi barulho na casa e apressei-me em guardar tudo em seu lugar, sem que Enzo percebesse o que estava acontecendo. Levantei-me e respirei profundamente, preparando-me psicologicamente para esconder segredos de alguém que consegue ler a mente das pessoas.

Ao entrar na sala, ele estava de pé, olhando para o lado de onde eu iria surgir de repente, como se já estivesse sentindo algo estranho no ar. Fingi que não percebi e fui para a cozinha, fugindo daqueles olhos escuros, numa tentativa de me resguardar.

Corri até a geladeira e comecei a tirar coisas sem sentido, pensando em preparar algum lanche para ele, assim eu teria tempo de me recompor da ansiedade e emoção em ter encontrado alguma pista sobre a existência do amor de minha vida.

— Você encontrou...

— Como? – perguntei, fazendo-me de besta.

— Encontrou as fotos no sótão. — Bem... Eu...

— Se, encontrou, era para ser assim, pois somente te provou de que não sou louco como pensa e que o lugar que quero te levar, te trará as respostas que procura.

Desta vez, não retruquei. Passei a pensar seriamente em seguir seus conselhos, e se não fosse uma grande besteira, tudo bem, era mais uma chance de encontrar mais pistas sobre Klaus.

Mas tinha algo que eu ainda não havia pensado... Como ia esconder meu sentimento de Enzo. Afinal, estávamos transando, morando juntos na mesma casa e sabia de sua afeição por mim. Seria muito fácil magoá-lo se ele souber que a qualquer momento, estaria sendo abandonado, assim que me encontrasse com K.

— Não me magoarei.

— Como sabe que estou pensando? – irritei-me. Não suporto essa invasão de privacidade. Não suporto a ideia de ele saber tudo que sinto e vou fazer.

— Eles me falaram que eu deveria tocá-la desta casa e deixá-la na chuva lá fora, mas não darei ouvidos a eles, pois meu coração diz que preciso estar ao seu lado até o final.

Era tão estranho ouvi-lo dizer essas coisas. Mais estranho ainda foi o que aconteceu aqui em sua ausência, mas depois de tanta coisa junta, não há motivos para se estranhar mais nada.

— Enzo, eu irei com você neste lugar.

— Está indo por quem, por mim, por você ou por Klaus? Eu ia mentir. Queria deixá-lo menos preocupado, mas não pude.

— Estou indo para encontrar Klaus.

Estranho foi olhar para seu rosto e não ver nenhuma reação de ciúmes ou mal estar. Este rapaz era realmente o fato mais assustador de todos que já encontrei desde que acordei do coma.

— Eu te desejo boa sorte.

Precisava juntar forças e ser sincera com ele. Sim, eu conseguiria se o quisesse bem.

— Enzo, preocupo-me com sua situação nesta história toda.

— O que você acha que poderá acontecer a mim?

— Não sei... Mas temo magoá-lo... — Irá me deixar?

Que pergunta difícil em uma hora nada descomplicada.

— Esta não é minha intenção, mas se isso for preciso para não te fazer sofrer, sim.

— Não precisamos ficar separados. Se, quiser, eu respeito seu espaço.

— Por favor, Enzo, não me interprete mal... Eu tenho medo de encontrar Klaus, e... Não saber o que fazer...

— Se me disseram um dia, que eu tinha que encontrá-la nesta vida, apenas para ajudá-la a se encontrar, é porque isso já é algo muito bem resolvido em minha cabeça. Se, nasci com este modo esquisito de escutar vozes e precisei me abster de muitas oportunidades na vida apenas para que um dia pudesse estar ao seu lado, é porque todo o resto entre nós é tão pequeno, incapaz de me fazer sofrer. Já aceitei tudo isso para minha vida.

Novamente estava perplexa com sua visão em relação às coisas. Lembra-me Klaus com sua evolução ao se comparar com os demais viventes sob o seio da Terra. Agora sim, posso falar sobre K. como se ele realmente existesse, pois estava receosa.

— Dê-me, por favor, este tempo; é importante para mim. Ele acenou com a cabeça e foi para o quarto que deveria estar dormindo, desde o dia em que nos mudamos para esta casa. E eu, fui para o meu.

Antes de dormir, passei a mão no lugar em que Enzo esteve a noite passada e senti sua falta. Poderia ser canalha, se o chamasse para vir dormir ao meu lado. Poderia ser hipócrita se não confessasse que gostaria imensamente de ser canalha só por mais esta noite. Ele não é só delicioso. Ele é intenso.

* Desejei ser teu suor. Escorrer por teu corpo, Percorrer tuas curvas, me secar em tua roupa.

* Ver teu corpo nu é mil maravilhas juntas; é o trovão, a calma, a beleza que se apalpa, é minha loucura...

"Estava "Ele me desvendava sem a mínima misericórdia. Parecia rir de minha inadequação, divertir-se à custa de minha insegurança.

Totalmente inadequada, sem saber o que dizer, levantei-me desconcertada. Ele se levantou logo em seguida e novamente seguro o meu braço.

— Fique! – pôs-me delicadamente sentada na poltrona. Sentou em seu lugar e falou: — Desculpe por deixá-la confusa. Talvez esteja sentindo-se invadida e confusa, mas posso garantir que você me ajudou a viver. Estive por perto todo esse tempo, nas compras do supermercado e enquanto caminhava nas ruas. Não era impressão, era real. Vi você dançando... E...

Senti minhas mãos gelarem e o corpo esquentar, ele realmente sabia os detalhes. Ele esteve em todos os lugares, foi o sacana do óleo lubrificante e o mascarado das cortinas mágicas no sex shop...

— Como fez isso? Como sabia onde me encontrar? Por que me perseguiu antes, durante e depois de nos conhecermos?"

O voo da Estirpe I, pg 69

Por Enzo

A cama fria tornava-se cheia de espinhos. Virei-me para um lado, e para o outro. As palavras de Clarice não saíam de minha mente... E se ela descobrisse toda a verdade, como iria me aceitar em sua vida? E se a equipe de forças especiais do plano superior não aceitar que eu ame Clarice e me decida ficar aqui, por ela? E se não puder ficar? Como irei esquecê-la se sucumbir aos desejos de nossos corpos?

"Eu não sei o que você está fazendo ainda, que não a colocou para fora desta casa? Você comprou a casa com o seu dinheiro; ela está levando todas as vantagens sem merecer... E depois... Não é sua presença que ela deseja... É seu sexo. Está lá, deitada naquela cama como uma putinha mal amada, louca para trepar!" – disse a voz do mal com uma risadinha irônica no final da frase.

— Eu não te darei ouvidos! Está querendo me influenciar. Não farei mal algum a Clarice. Estou apaixonado por ela, não consegue entender? Certamente você não deve conhecer este sentimento. Ele é humano, e de quem um dia sentiu algo bom por alguém.

"Crendices! O dinheiro vale muito mais que o amor. Está perdendo seu tempo com esta putinha. Veja, se a mandasse para longe daqui, poderia trazer todas as dançarinas do cabaré. Seriam todas suas... Seria muito mais de duas, assim como te disse naquele dia e você topou, não foi bom? Não se divertiu? Um homem não precisa se apaixonar durante sua vida, e sim, conquistar o poder!" – insistia a voz.

— Não consigo deixar de desejá-la... Só vejo Clarice a minha frente. O corpo dela, o cheiro, o gosto, a cor da pele... Estou louco!

"Somente agora que veio a perceber? Está louco e idiota! Ela não irá querer voltar, se você levá-la até àquele lugar infeliz! Acredita mesmo que ela trocará o passado pelo presente? Desista disso, ainda dá tempo, você poderá conquistar a putinha e deixá-la louca por você, se ouvir meus conselhos." – disse a voz do mal.

De certo modo, ele tinha razão, porém, não quebraria a promessa que fiz um dia. Não seria tão louco como todos pensam. Mas por outro lado, eu sei que tenho uma chance de fazê-la esquecer de tudo que aconteceu, começando do zero. Uma nova vida e no mundo real. Não precisaria levá-la até aquele local, apenas para ver algo que deixará sua cabeça confusa, e certamente... Ela trocaria o passado pelo presente.

"Não se esqueça de sua promessa, Enzo! Não dê ouvido ao que seu corpo sente. Seu corpo humano é provisório. Logo estará salvo das paixões terrenas. Lembre-se, quem ama verdadeiramente sacrifica-se em prol do que sente, mesmo quando não ganha nada em troca. Amar significa apenas amar, ou quer estacionar no tempo sem crescer, sem merecer a felicidade verdadeira?" – disse a voz do bem, fazendo-o refletir.

Levantei-me sentindo o suor percorrer meu tórax, mesmo fazendo frio. Sentia-me confuso diante das vozes, não sabia a quem ouvir e por que deveria ouvir algum deles? O que eu queria era estar ao lado de Clarice, sentindo seu cheiro, protegendo-a.

Encostei a mão na parede e apoiei minha cabeça no braço. Sentia-me em uma encruzilhada, mas ouviria a voz do bem. Provaria a mim mesmo que sou capaz de ser melhor. Clarice não precisa saber de minhas razões. Eu iria ajudá-la até o fim, mas não sei se conseguiria respeitar seu pedido para ficar longe dela.

Peguei meu travesseiro e fui até seu quarto. Percebi a porta entreaberta e imaginei que ela estivesse esperando por mim, sem coragem de me pedir para vir.

Entrei devagar e abri delicadamente o mosqueteiro. Olhei fixamente para a cama e foi aí que percebi... Ela não estava na cama. Apavorei-me! Para onde iria à uma hora daquelas? Não

deveria estar longe, pois não fazem nem meia hora que nos deitamos.

"Ela está no sótão, Enzo, não se preocupe!" – disse a voz do bem.

"Eu não sei o que você está fazendo ainda, que não a colocou para fora desta casa? Você comprou a casa com o seu dinheiro; ela está levando todas as vantagens sem merecer... E depois... Não é sua presença que ela deseja... É seu sexo. Está lá, deitada naquela cama como uma putinha mal amada, louca para trepar!" – disse a voz do mal com uma risadinha irônica no final da frase.

Subi a escadaria devagar e silenciosamente. Assim que alcancei o sótão, percebi a porta aberta. Entrei e a vi. Estava novamente vestida de noiva e com o álbum de fotografia rente ao peito, rodopiando em uma dança solitária no meio do salão. Sua face trazia duas lágrimas quase secas na pele. As mãos tocavam o álbum como se pudessem senti-lo dentro do coração. Ela o amava. Klaus era a verdadeira identidade do homem capaz de tocá-la profundamente, alcançando sua alma. Dançava na ponta dos pés, com o calcanhar levantado, graciosamente. Seus cabelos castanhos claros roçavam em suas costas e a luz do sótão iluminava seu rosto alvo. A sombra de seu corpo no chão lembrava um cisne livre e triste por não saber voar próxima ao céu.

Sem querer, encostei-me à porta e a chave caiu no chão, despertando sua atenção, que se voltou a minha direção. Sem jeito, num sorriso tímido e cativante, tentou esconder o álbum atrás de seu corpo delicado.

— O que está fazendo aqui? Não deveria estar dormindo? – perguntei.

— Sim, Enzo, mas...

Ela não queria me dizer, mas senti que tentava reviver o passado. Um passado que não se lembrava, mas que existiu, e agora que descobriu esta verdade não consegue viver o presente.

Eu estava totalmente fascinado por ela e tentava esconder meus sentimentos para que não percebesse mais do que já sabe.

"O que foi que eu disse? Eu não te disse isso até agora? Por que está teimando tanto para descobrir no final, que tenho razão?" – insistia novamente a voz do mal.

Poderia ouvir a voz. Com esta paixão latente no peito, ardendo. Vendo-a sair de meu alcance a cada dia. Mas não o faria, pois eu conheço a verdade que um dia, no tempo certo, será revelada a ela.

Sentei-me no chão e fiquei parado por um momento.

— Dance Clarice... Dance para mim?! – pedi em tom natural, mas no peito era quase uma súplica. Queria vê-la alucinada, desesperada, dançando. Uma bailarina para mim.

Ela voltou a dançar na ponta dos pés e com os olhos fechados. Insegura nos primeiros passos, e depois soltou-se, como se eu pudesse ouvir a música que estava apenas em sua mente. Seu jeito doce de mexer o quadril bolinava-me sem me tocar.

Vi quando suas mãos com dedos longos e finos prenderam algumas mexas do cabelo, deixando alguns fios que lhe davam certa graça tocando em seu pescoço tão alvo, com algumas pintas que eu já havia decorado o formato e tamanho. O tom rosado de seus lábios me fazia ainda sentir o gosto de seu beijo, como se jamais tivesse saído do contato com minha boca, faminta... Louca por ela.

De repente, seu corpo parou de costa para mim. Vi os flashes das luzes de Paris para fora de nosso mundo, entrando pela fresta da pequena janela do sótão, fazendo brilhar seu cabelo sedoso. Ouvi seu choro que não conseguia mais prender. Levantei-me lentamente e abracei seu corpo. Ela segurou forte em minhas mãos, buscando apoio e compreensão. Fomos silenciosos para o quarto.

Cobri-a com meu corpo e beijei sua cabeça que estava completamente soterrada no meu peito.

— Não tema! Não deixarei que nenhum mal te aconteça. Ela balançava a cabeça dizendo que sim, e eu beijava sua testa. — Você ainda é como uma criança muito pequena e eu preciso cuidá-la – disse eu, com seus cabelos em minhas mãos, acariciando-os. — Está tudo bem. Não sairei daqui enquanto não estiver segura. Pode dormir sossegada.

Ela fechou os olhos e me pareceu cansada. Adormeceu assim, agarrada a mim. Quando fiz menção de me mexer, ela me abraçou mais forte, com medo de eu sair dali. Jamais sairia. Nunca!

— Estou aqui minha bela, não sairei de perto de você – dizia eu, sussurrando em seu ouvido.

Acordamos cedo. Eu precisava fazer algo por nós enquanto houvesse tempo para isso. Estávamos juntos naquele momento, e não sei quanto tempo demoraria até ela ir ao local que lhe dará as respostas; e depois, eu temo pelos resultados e escolhas que Clarice optar para sua vida. Não irei trabalhar. Iremos fazer um passeio. Preciso de um tempo bom que comungue com os bons momentos que gostaria de lhe proporcionar. Ainda temos tempo de sorrir e nos sentirmos felizes.

"Esta mulher está te trazendo problemas desde que voltou. Esqueça-a! Está perdendo seu tempo. Veja... Ela não te ama, ela ama apenas o passado!" – disse a voz do mal.

— Cala-se! – gritei, tampando o ouvido. Sentindo-me comprimido pelo peso de tais palavras. Gostaria de ter o dom de retirar esta voz para sempre de minha vida.

Passei a ouvir um assovio fino que latejava o tímpano. Curvei-me aos pés da cama e me retorci no chão. Clarice acabou acordando, vendo-me neste estado, o que me causou certa irritação. Não queria que me visse assim... Não queria...

"Se não tomar uma providência, eu a enlouquecerei... Farei com que ela vá embora ou se atire novamente diante de um carro, e desta vez ela não voltará..." – insistia a voz maligna.

— Não! Você jamais conseguirá isso enquanto eu estiver vivo! – gritei, dando um murro na cama.

Clarice se levantou assustada e veio ao meu encontro.

— Por favor, saia daqui, Clarice... Saia! – gritei com ela e a vi saindo pela porta, sem compreender, mas antes assim... Não precisa entender, desde que esteja bem e salva.

A voz permanecia fazendo sons em meu ouvido, ameaçando retirar a vida de Clarice. Transtornado, gritei alto, sentindo a testa pingar gotas de suor. Estava a ponto de enlouquecer. Eu sabia que estavam atrás dela, desde antes do acidente, por isso eu a perseguia desesperado pelas ruas. Eu fiz de tudo, tentei de tudo... Mas eles foram mais fortes, entraram na mente de Clarice e a induziu ao suicídio. Estou preso ao mundo dos vivos em um corpo, não consigo vê-los. Eles me veem em todos os lugares que vou. Desde que vim para esta vida, eles me acompanham, porque amo Clarice.

"Se levá-la no local sagrado, para regredir a 1920, acabaremos com você. Ninguém muda o passado! O que passou, está feito. Se ela voltar lá e não conseguirmos ter acesso mais a ela, destruiremos você." – insistia a voz maligna.

— Destruam-me! Não me importo! Mas poupem Clarice. Ela não tem culpa do que aconteceu... A culpa foi minha, somente minha! Deixem-na em paz.

"Já sabe... Se, levá-la ao local sagrado e mudar o que já está sacramentado, ela jamais voltará desta regressão. Você não mais a verá. Não permitiremos que ela volte. Aprisionaremos sua alma eternamente no passado, como fizemos com Estela."

Permaneci com a cabeça entre as pernas, sentado no chão, até que tudo se tornasse silencioso. Levantei-me e fui procurar por Clarice. Ela estava na sala, temerosa com meu ataque de nervos repentino. Ela não sabe, ela apenas imagina que tenho uma doença progressiva, incurável e estranha. Sou um esquizofrênico aos seus olhos que agora me olham com medo. Não tenho como mostrar a verdadeira natureza de todos os fatos.

Somente a regressão a fará entender, entretanto, temo que Clarice não volte mais, e sua vida se restrinja ao passado, como algo que já passou, e deixou de existir. Ela pode não conseguir mudar o que aconteceu; poderá... Morrer e sua alma se aprisionar ao breu. Por outro lado, lá eles não a alcançarão como pretendem – se lá ela estiver viva até seu momento de voltar.

Atordoadado, fui procurá-la. Encontrei-a na sala, apreensiva e assustada. Com cuidado, aproximei-me dela.

— Confie em mim. Sei que não consegue compreender minhas atitudes, mas não fiz por mal. Às vezes se torna insuportável ter que ouvi-los a todo o momento. O que dizem me deixa muito nervoso – resolvi chegar um pouco apenas da verdade. Ela não me questionará, pois tudo que digo, toma como alucinação e esquisitice.

— Compreendo.

Ela disse sem me olhar. Ignorava minhas palavras. Qualquer argumento seria medíocre.

— Desculpa-me – disse, saindo da casa com um sentimento de magoa. Ela não tem culpa. Eu não suporto mais esconder a verdade.

— Enzo!

Virei-me com os olhos umedecidos.

— Estou saindo hoje desta casa.

Assim como ela fazia, eu somente podia concordar com suas palavras. Balancei a cabeça expressando um sim.

— Mas deixe para fazer isto amanhã, depois que voltarmos do local sagrado. Queria apenas te pedir algo hoje.

— Diga?

Olhei diretamente nos olhos dela. Não teria motivos para desviar o olhar. Não éramos tão estranhos como imaginávamos ser.

— Se hoje fosse o último dia de sua vida, o que gostaria de fazer?

Senti que minha pergunta lhe causou estranheza, mas gostaria de realizar algum desejo dela ao seu lado. Não sei como seria depois e qual a chance que teria de estar ao seu lado na vida real. Este momento tinha o valor de ouro para mim.

Ela ficou pensativa. Estava pensando no momento que seria importante para mim, e que eu iria realizá-lo.

— Por que me pergunta isto de forma tão... Estranha? Algo irá me acontecer?

— Não é para este sentido que queria levar a pergunta. Na verdade, quero saber se ainda lhe resta algum sonho passível de realização. Já que irá embora amanhã, gostaria de vivê-lo ao seu lado hoje.

— Preciso ser sincera?

— Extremamente sincera.

— E se minha sinceridade te magoar? Talvez não tenha como viver tais sonhos ao seu lado.

— Não me magoará, diga...

— Meu maior sonho era me encontrar com Klaus, como na primeira vez durante o coma. E viver ao lado dele um dos desejos que ele tinha e não conseguiu realizar ao meu lado, como pular de paraquedas.

— Todos os seus sonhos incluem Klaus. Você não tem um sonho que é somente seu?

— Não. A minha vida pertence a Klaus. Tudo que sinto e penso pousa em torno dele, me perdoe, Enzo. Fiquei pensativo. Não sabia como passar ao lado dela tais momentos.

— E, se...

— E, se?

— Você aceitaria viver esses momentos ao meu lado, como se eu fosse Klaus?

Ela riu, e seu riso encantador inundava meu tímpano como um beijo.

— Nunca pensei nesta possibilidade.

— Não pense, vamos vivê-la. Troque-se. Em vinte minutos sairemos.

Vi quando o corpo dela me deixou, linda; olhando para mim com ares de mistério os quais nenhum ser humano comum seria capaz de desvendar. Vi suas pernas bem torneadas se afastando, andando quase na ponta dos pés – este é o traço característico que mais amo em Clarice.

Ela voltou para a sala vestida como antes – botas de couro com fivelas douradas e um belo casaco longo. Seus cabelos castanhos claros se esparramavam pelos ombros. A gola alta quase cobria seu queixo, deixando à mostra, bochechas rosadas e olhos grandes na cor do mel. Fiquei observando-a pelo buraco da fechadura do meu quarto, quase agachado. Sua presença me hipnotizava e eu podia sentir a textura aveludada de sua pele na palma de minhas mãos.

Abri a porta devagar e deixei a luz repousar sobre meu corpo que agora ela via, perplexa.

— Por que está vestido como Klaus?

Sua pergunta fazia sua voz ecoar no ar, e vi o medo e o fascínio despontando por suas saídas – voz, expressões faciais, gestos e um leve suor cobrindo seu buço mesmo estando baixa a temperatura.

— Não estou vestido de Klaus. Este paletó marrom é meu. Lembra-se quando me viu, antes do acidente, confundindo-me com Klaus?

— Sim...

Seu “sim” ecoava os sentimentos todos dentro dela, misturados e densos, como algo capaz de grudar em mim e me induzir a admirar suas reações.

— Enzo... – ela parecia querer dizer algo, mas fechou os lábios e calou a voz. — Onde conseguiu essas roupas?

— São minhas.

— Eu as vi na gaveta da cômoda em meu quarto.

— Exatamente. Elas estavam lá.

— Por quê?

Apenas a olhei. Seu olhar implorava por resposta e eu gostava de me sentir com o poder em minhas mãos.

— Por que conheci este lugar primeiro que você.

— Como? – Ela estava cada vez mais atônica.

— As vozes me trouxeram até aqui, elas me disseram que você encontraria esta casa e que eu precisava trazê-la para cá.

— Não me esconda a verdade...

— Estou dizendo a verdade.

— Ainda acredito que esta ideia de se fazer de Klaus para realizar meus desejos é uma extrema loucura.

— As coisas mais loucas desta vida são aquelas que nos trazem vontade de viver.

Seus olhos brilharam. Eu disse algo que a fez se lembrar de Klaus. Senti desejo de morrer com aqueles olhos doces, me devorando. Ficaria eternamente assim, sem exaustão. Sua presença era algo entre a luz e o céu, e seu silêncio calava minha voz.

Saímos da casa e, quando menos ela esperava, aproximei-me do carro na garagem com a chave em mãos.

— Iremos com o carro? – Seus olhos grandes e lacrimejantes se espantaram.

— Você não quer? – perguntei, sabendo a resposta.

— Sim, mas... Este carro não deve funcionar.

— Funciona sim. Eu já testei.

— Você não tem carteira de motorista, e...

— E?

— E... Não pode dirigir.

— Por que não posso?

— Você é esquizofrênico.

Parei, olhando para ela. Acredito que não entendeu o que eu tentei explicar até agora. Não consegue perceber que meu tormento vem dos inimigos invisíveis que querem nos separar, nos destruir, e não do que a medicina prega, tentando me embriagar de remédios. Eu não tenho como provar para a sociedade a verdade do que me acontece. Não tenho como dizer para Clarice que as vozes são os inimigos do passado, pois me internariam; taxar-me-iam de louco.

— Eu aprendi a dirigir com meu pai. Eu dirigia seu carro, pois uma de suas mãos era paralisada por uma doença que o tomou de repente. Meu pai confiava em mim.

Entrei no carro sem dá-la importância e abri a porta do carona.

— Entre – disse quase em tom de ordem, pois se não o fizesse, ela continuaria parada, me olhando como se eu estivesse cometendo uma atrocidade.

Entrou com o corpo meio contorcido, encolhido, sentindo-se uma idiota por ter cedido. Eu conhecia suas reações e sensações. Seus dedos estavam aflitos, esfregando-se nas mãos. Segurei forte em sua mão e olhei em seus olhos.

— Você está comigo. Não deixarei nenhum mal te acontecer.

Liguei a chave do carro e escutamos o ronco do carro antigo. Ela não me disse onde conheceu Klaus, mas eu sabia. Eu sabia cada detalhe do que havia acontecido. As imagens vinham a minha mente como algo que eu não podia deixar de sentir. Sentia o cheiro dela, como na primeira vez que Klaus a encontrou.

— Para onde devemos ir? – ela me perguntou com a expressão pasma no rosto. Dobrei a esquina, enquanto ela olhava minhas mãos no volante. — Por que dirige como Klaus? – Seu rosto se tornava cada vez mais perplexo e aturdido.

— Porque serei Klaus por alguns momentos e deixe de fazer perguntas. *Chérie*, viva apenas o momento.

Vi quando seu corpo se curvou para frente e ela ficou pálida.

— Era exatamente assim que Klaus me diria agora.

— Se é... Então por que não acredita nisso?

— Porque... Porque não sei...

— Nunca te deixarei ir.

Vi quando de seus olhos caíram lágrimas. Vi minha mão direita procurando as mãos dela, estavam frias. Percebi quando nossas mãos se encaixaram, entrelaçando-se – o céu parecia mais próximo. Nosso toque era inconfundível. Eu morreria assim, quantas vidas fossem necessárias.

— Não me deixe... – ela pediu em uma voz rouca quase falhando, tragada pela emoção. Reconheceu Klaus em mim por um dia. Esta não era minha vontade, mas era o desejo dela e eu estava ali para realizá-lo.

— Jamais, amor da minha vida. Ninguém poderá te machucar agora.

Por Clarice

Eu olhava para ele com espanto e paixão. Não sabia mais diferenciar Klaus de Enzo. Haviam se tornado um só, se não fosse pela tonalidade da voz e traços físicos. Era difícil de acreditar, mas eu sabia que ele estava ali, em um corpo que não o pertencia.

Sentia-me embaraçada e não podia mais controlar a ansiedade para entender o que estava acontecendo – era para ser apenas uma brincadeira, mas a realidade misturava-se à fantasia de forma hidrogenada, sem conseguir separar uma da outra.

Abri a boca várias vezes para questionar, porém, os lábios de Enzo sorriam como os de Klaus, e minhas mãos ficavam aflitas sob minhas pernas, com o desejo do toque.

— Toque-me! – ele pediu.

Levantei a mão que ia à direção de seus cabelos. Fechei os olhos no júbilo que isso me causava. Sussurrei palavras sem sentido, sem me importar com o que ele pensaria. Senti os cabelos de Enzo, com a textura dos de Klaus quando nasciam depois da quimioterapia. Percorri seu rosto, a pele tinha a temperatura quente como antes, com sensação febril e poros abertos. A ponta dos dedos percorreram o queixo, o formato e geografia de seu maxilar, tudo idêntico! A sensação era a mesma, embora se abrisse os olhos, perceberia que se tratava de outra pessoa.

— Klaus... Você está aqui? – sussurrei com um soluço atravessado na garganta; a voz rouca e desconsolada falava de saudades e de um amor louco e puro que jamais esqueceria; independente de quantos anos, décadas e séculos, precisassem passar.

— Mas não se engane... Eu sou Enzo... Apenas estamos brincando de Klaus por um dia.

Ele me jogou um balde de água fria. Sentia-me zozna, como se pudesse arrancar Klaus de minhas mãos, comigo detendo-o por entre os dedos languídos. Não era possível... Eu senti Klaus ali.

— Sim – disse embaraçada, disfarçando os olhos famintos que buscavam nele, o meu amor.

Assim que dobrou a esquina com aquele gesto peculiar que tanto pertence a Klaus, as mãos firmes no volante, até para dirigir. Klaus exalava virilidade e me excitava sem que eu conseguisse piscar os olhos.

Sem eu nada dizer, estacionou na frente do café em que me encontrei com Klaus pela primeira vez. Como um perfeito cavalheiro, saiu do carro e abriu a porta para eu descer, segurando em minha mão, que foi beijada assim que meus pés sentiram a calçada. Olhei-o e meus olhos viram a pele morena de Enzo e seus olhos escuros, brilhantes e úmidos. Senti-me uma deusa louca e confusa. Seus lábios exuberantes se comprimiam naturalmente e

me tiravam suor da pele, mesmo estando uma noite gelada. Eu só não sabia como ele conhecia o local e o momento.

Entrei no café com a garçonete loira e linda nos olhando sob um sorriso.

Pôs-me sentada à mesa que escolhi quando entrei no café durante o coma. Onde esteve Klaus um dia. De uma das mãos retirou o livro Kama Sutra, e folheava como se não sentisse a minha presença. Suas mãos eram fortes e grandes, nem de longe eu conseguia disfarçar o quanto olhá-las me fazia criar situações em minha mente. Seus lábios carnudos pareciam sussurrar algo que eu queria ouvir e não conseguia. Diabos! O que ele está me provocando? Eu o olhava boquiaberta sem acreditar ser possível o que via e sentia. Mas sabia que não era momentâneo. Enzo me provoca instintos fortes desde que me tocou e eu neguei em mim esta atração.

A atendente se aproximou e não dei atenção. Ela permaneceu parada à minha frente segurando o cardápio.

— *Whisky*, por favor – foi o que consegui falar.

Ela voltou com o copo e a garrafa para me servir na mesa. Eu não consegui retirar um só instante os olhos de Enzo. Peguei a garrafa e deixei em minha mesa.

— Ficarei com a garrafa – disse ainda com os olhos direcionados na imagem morena e tentadora a minha frente, que agora, além de todos os adjetivos e quinquilharias de nomes que poderia lhe dar, era também mágico e incorporava personagens como se fosse... Um ator... Sim! Claro! Como poderia me esquecer! Enzo é um ator! Ufa! Quase me esqueci deste detalhe que justifica todo o resto.

Ele se levantou da mesa. O corpo alto e tentador era vestido pelo paletó marrom, que quase não cabia em seus braços. A calça não era apenas justa, como também, tornava-se desconfortável diante de sua situação, quase crítica, digamos, muito mais crítica do que eu poderia imaginar.

Fiquei petrificada quando aquele corpo sedento de tudo que não presta se moveu. Meu olhar insano o acompanhava – tropeçando no desejo, o coração explodindo por dentro. A febre nos órgãos causava-me falta de ar.

Enzo se afastou, deixando como Klaus, a revista em cima da mesa. Mais que depressa, movida pela súbita curiosidade, mesmo sabendo o que encontraria, peguei a revista com os olhos estatelados. Tomei com dois únicos goles, a bebida que filtrava meu sangue em polvorosa. Eu queria saber qual posição o deixou naquele estado, o qual meus olhos jamais haviam visto igual. Não sei o que houve, mas me esqueci completamente da presença de Klaus. Era somente eu e aquele monumento cor de canela, que me surpreendia, me excitava e me fazia criar novas perguntas em relação a ele.

Com a ânsia de um animal no cio, levantei-me após sentir o rastro de seu perfume amadeirado em meu caminho. Fui atrás de seus passos, quase me arrastando em suas pegadas, que me faziam sentir desejo por onde existissem células vivas em seu corpo. Ele não era Klaus, era Enzo, e eu sabia quem ele era. Conhecia seu toque, seu cheiro, seu gosto, a geografia do seu sexo despudorado, forte, notável.

Entrei no banheiro, ala masculina, procurando pelos sapatos e já sabendo que os encontraria ali. Não demorei muito, os vi por baixo da porta. Ao sentir minha presença, ele saiu de onde estava, revelando seu desejo e puxando-me para dentro do box.

"Perdoem-me, amigos das forças especiais. Eu não consigo resistir. Meu corpo é humano, meu coração é dela... Somente dela... Não me ajudem neste momento... Eu não quero resistir." – pensou Enzo.

Com uma mão em meus lábios e a outra em minha nuca, encostou-me à superfície fria da porta de alumínio. Com os olhos vivos e curiosos eu vi a cena se repetir como se jamais tivesse tido um final, mas desta vez não era com Klaus, era Enzo roubando a

cena com toque forte e viril, encostando-se a mim, fazendo com que eu sentisse sua excitação felina e quente.

— É isso que você quer Clarice? É isso? Podemos nos arrepender? – disse ele, beijando meu pescoço, e com mãos velozes, puxava minha nádega de encontro ao seu sexo como se quisesse me partir ao meio.

Eu ouvia sua respiração descompassada, estávamos a ponto de gozar antes mesmo de iniciarmos um coito. Senti suas mãos que me excitavam, rasgando a minha blusa que fazia um novo barulho à medida que ia me despindo.

— Enzo! – disse em desaprovação. Não tinha como sair dali, sem roupa.

— Psiu... Quietinha... – disse ele, tampando minha boca levemente com uma das mãos.

Suas pernas prendiam as minhas e, em instantes, livrou-se de meu jeans e passou a procurar por minha cavidade, já tenra e úmida, como jamais havia estado antes.

"Deixe-a Enzo..." – disse os amigos das forças especiais.

"Com muita dificuldade, consegui largar o corpo dela, desejando ao menos tocar em seus lábios por uma única vez. Depois de todos os toques que tivemos, sem nos beijar, eu sabia... O dia que acontecesse esse desatino, não a largaria mais... Sofreria o que tivesse que sofrer. Penaria no calvário; perderia meu objetivo na Terra, mas a levaria comigo, sem precisar sofrer e morrer todos os dias sem a chance de fazê-la feliz." – pensou Enzo.

O mundo lá fora era somente um ponto no espaço. O movimento do corpo de Enzo junto ao meu, quase uma explosão de sentimentos e desejos contidos – era algo adorável e me fazia sentir desejada. Eu não entendia seu mundo e o porquê me evitava. Eu poderia descobrir novos sentimentos, se pudéssemos ceder sem culpa.

— Perdoe-me! Não podemos! – disse ele, encostando sua cabeça na minha. —Não podemos! Tente me entender.

Senti sua agonia louca quando esfregou seus lábios em minha testa, comprimindo meu rosto. Estávamos prestes a morrer entre desejos e delírios. Ninguém poderia nos salvar. Nossos corpos nos matariam. Engoliria nossas roupas, armas secretas, segredos e facetas. Era o corpo devorando a alma e tudo que havia nela – nosso destino – morte doce, lenta e cruel.

Sáímos do banheiro – exaustos e entregues ao mundo. Como se tivéssemos colocado em prática aquilo que nossos órgãos rogavam, mas ninguém ousou pular de cabeça – da ponte – até morrer afogado, seja de prazer ou de algum sentimento inesperado, sem nome, que não se explica, no entanto, seca por dentro. Algo havia mudado em mim e ainda não tinha me dado conta. Sentia-me feliz e radiante. Sentia a outra parte de meu ser que estava oculta por entre meus caprichos. Não era satisfação física de um prazer sexual, era satisfação por saber que... Eu ainda conseguia ser eu mesma, mesmo quando, quem estivesse ao meu lado, não fosse apenas e exclusivamente Klaus. Saía do sofrimento que me causava angústia com um sorriso leve nos lábios. Ainda não sabia quem era Enzo em minha vida, mas sabia que ele tomava um espaço que, de tão grande, era desconhecido por minha mesquinha consciência.

Eu me cobria com o paletó marrom, que tanto persegui em outrora, pois a blusa estava toda rasgada. Enzo me levava; agarrado à minha cintura, como se fosse meu dono, possessivo e ciumento, protegendo-me do inferno que estava condenada a morrer.

Passamos pela atendente e pagamos a bebida. Caminhamos apressadamente em direção ao carro.

— Como sabia deste local? – perguntei logo que entrei no carro.

— Eu não sabia, eles me disseram – respondeu seriamente, enquanto dirigia.

— Por que insiste em querer me fazer acreditar nesses duendes fofos e invisíveis?

— Não acredite, se quiser. Eles existirão assim mesmo.

Não fazia ideia de onde estaria me levando agora, sei apenas que eram quase meia-noite e que seria impossível pular de paraquedas em uma hora dessas.

— Para onde estamos indo?

— Surpresa.

— Não existem surpresas entre nós. Seus amigos contam tudo para você.

— Disso você tem razão! Pena que não contam para você, não? Neste caso ainda continua sendo uma surpresa.

Ele era o lindo mais irritante que eu já conheci. Quando dei por mim, o carro parou no aeroporto.

— *Chérie!* O que se passa por sua cabeça neste momento? – perguntei louca para saber seus planos.

— Achei que somente Klaus te surpreendia...

— Eu também achava... – confessei sem jeito, descendo sem saber para onde ir.

— Vamos! – disse ele, grudando em meu braço, arrastando-me, praticamente, para perto de si. Suas atitudes grosseiras e repentinas era o segredo de minha atração por este Ogro.

Andamos por todo o saguão do aeroporto com ele grudado em mim. Carne e osso, unha e carne. Paramos à frente de uma boutique de roupas unissex, ele entrou, com meu corpo resistindo à passagem para o consumismo noturno, quase esquisito, num horário daquele. Neste caso, ele me puxou e me abraçou como se fôssemos um casal feliz, o que me causou o cume da irritação e pisei forte em seu pé.

— Sabe, *Chérie*, suas botas possuem um bom solado, porém nunca fora meu calçado favorito. Vamos aproveitar e mudar isso agora.

Fiquei mais irritada, tendo a pele do rosto queimando. Então me lembrei de sua petulância no *sex shop*, antes do acidente,

e as peripécias que cometeu no supermercado. Ogro! Ogro! Mil vezes Ogro! Quando ia reivindicar meu direito de não comprar nada, uma moça veio ao nosso encontro.

— Boa noite, em que posso lhes servir? – disse em um sotaque refinado. Eu ia agradecer e responder que não precisava de nada quando aquele tom grave atropelou a minha fala, decidindo novamente por mim.

— Boa noite! Na verdade, eu e *mademoiselle*, precisamos de roupas praianas. Resolvemos fazer uma lua de mel repentina, e só levaremos conosco, as roupas que comprarmos aqui.

Ia novamente pisar em seu pé, quando ele sorriu e tirou com a maior cara de pau, seu pé próximo do meu.

— Ah, sim! Precisam especificamente de quê?

— Creio que está muito tarde, não? Por que não voltamos em outra oportunidade, Enzo? – atravessei a conversa, tentando impedir seu devaneio.

— Imagine! Esta loja no aeroporto funciona 24 horas, como muitas outras que encontrarão por aqui. – o sorriso dela era insistente.

— Mas não é somente isso, não é mesmo, Enzo querido. Precisamos conferir nosso cartão do banco. – Sorri hipocritamente.

— Não *Chérie*, isto não é problema algum, nossa compra será à vista. – disse ele retirando do bolso, uma pilha farta de euro. — Recebi a segunda parcela da casa de meus pais, e ainda tenho o dinheiro da casa praiana e do apartamento em Avacieé.

A vendedora arregalou os olhos e tratei de puxar Enzo para um canto.

— Está completamente louco? Não pode expor assim o que tem ou deixa de ter. Não vamos a lugar algum, esqueceu-se de nosso trabalho?

— Isso! Pode me chamar de louco. Sou louco porque vivo a vida sem me prender ao passado? Ou sou louco porque acredito

gostar de uma pseudo? Por que sou louco, Clarice? Ahm, responde? – disse ele se aproximando de mim com um olhar desafiador. — Viva a vida, Clarice! Por que nunca se permite a viver livremente? Não precisamos deste emprego, precisamos viver o hoje como se fosse o último dia de nossas vidas.

Agora ele falou como Klaus e um frio percorreu minha espinha.

— Vamos lá, querida, sem clichês – disse ele sorrindo, novamente falando como Klaus. Certamente que desta forma acabou me convencendo. — Bem... vou atrás das malas. Divirtam-se! – disse ele se afastando. Andando como Enzo e falando como Klaus. Eu deveria estar maluca, tendo alucinações.

Comprei sem saber o porquê comprava. Escolhi apenas o necessário; não sabia se realmente havia tanta necessidade de comprá-las, pois não sabia para onde Enzo pretendia me levar. E nem sei o porquê obedecia. Minutos depois ele chegou com uma mala grande. Em seguida, escolheu rapidamente algumas bermudas, camisetas e roupa de banho. Colocamos tudo na mala, fechamos e seguimos para a fila do embarque.

— Pode me dizer para onde vamos? – disse eu, olhando para suas mãos e percebendo que ele já tinha comprado as passagens.

— Cozumel.

— O quê? – Não acreditava no que ouvia.

— Sim, *Cherié*, Cozumel. Não era este o lugar que Klaus queria ir e você foi em seu lugar?

— Sim... Mas...

— Então. Agora você irá por você.

Ele queria brincar mais uma vez de ser Klaus por um dia, porém, ele não era Klaus. Lembra-me de algo nas palavras, e em alguns momentos, no jeito de olhar, mas quando estivemos juntos no café, não foi igual ao que vivi com Klaus. Nem melhor ou pior.

Estou aprendendo a sentir os momentos vividos ao lado de Enzo com Enzo, mesmo desejando a presença de Klaus em meu coração.

As asas daquele avião me traziam uma liberdade que jamais imaginei sentir. Eu as olhava pela janela e me lembrava da viagem que fiz ao lado de Klaus. Pensei em Deus sendo o dono de tudo e tão simples... Ele não precisa de avião para chegar a algum lugar, eu sim.

As mãos de Enzo lentamente buscaram as minhas. Ficamos em silêncio, com as mãos atadas uma na outra. Seus dedos longos cobriam totalmente minha mão. Ele reencostou a cabeça no banco da aeronave e parecia dormir ou rezar.

— O que mudou em você após a experiência pós-morte? — ele me perguntou com os olhos ainda fechados.

Eu poderia dizer qualquer besteira, mas pensei e busquei pela resposta em meus sentidos. Deveria ter mudado algo sim. Talvez mudasse.

— Eu não sei Enzo. Talvez eu tenha aprendido a aceitar, dia a dia, a vida sem Klaus.

— Você acredita que ele está vivo?

— Talvez não. Ele me disse que estaria aqui, na vida fora do coma, mas ainda não o encontrei...

— Não deveria buscar o amor em suas relações com outras pessoas, após a experiência quase morte?

— É ruim o que proporciono em minhas relações após o coma?

— Você sente que dá tudo que pode?

Eu não sei. Pensei em silêncio.

— Não sabe ou não quer? — Ele leu meu pensamento. E seu eu perguntar, dirá que são os duendes fofos e invisíveis que assopraram em seu ouvido.

Que raiva! Não conseguimos nos comunicar sem entrarmos em controvérsia. Ele nunca ameniza a situação.

Retirei minha mão do meio das suas e as escondi entre minhas pernas, num gesto infantil quase bobo. Ele olhou para mim, riu de forma desaforada e pegou novamente minha mão. Puxei. Ele segurou mais forte e me olhou de modo quase encantador.

— Não fuja de mim! Eu preciso de você.

— Eu amo uma mulher que não consegue escolher o que deseja para sua vida, que não tem noção do que sente... Não sabe ao menos se me quer como sou, ou se me afasta por ter medo de não ser feliz por toda a sua vida. — sua voz tinha um tom áspero e era atropelada por lágrimas que escorriam dos olhos ao pescoço.

— Não importa saber se para você não sou necessariamente requisito de felicidade... Eu sou gente que sente e posso sentir raiva e não aceitar o fato de ser rejeitado até que eu consiga pensar melhor a respeito. Sinto que você ainda continua em mim, mesmo eu não querendo que esteja... Vá embora, por favor. — falou quase implorando.

— E acredite... Você não consegue ser feliz nem nos sonhos.

Não tem capacidade para enxergar que somente vim ao seu encontro para... te ajudar a voltar para sua vida. Não morra... Não... não morra..."

O Voo da Estirpe I pg. 107

Chegamos a Cozumel e as lembranças chegaram comigo. Não tinha certeza se queria ver os golfinhos como fiz na última vez que estive aqui. E também não sabia dizer o porquê de pensar assim. Andei pela areia branquinha, olhando os turistas usando os velhos chapéus mexicanos. Estava tudo tão estranho e diferente, como se algo realmente tivesse mudado algo dentro de mim a ponto de me fazer perder grande parte de minha identidade.

Queria pensar em Klaus como antes, e uma barreira me impedia. Isso me irritava. A sensação de estar ali, definitivamente, deixara de ser a mesma.

Olhei para Enzo sentado sobre a esteira. Seu pensamento estava tão longe que mal pôde me ver chegando. O sol refletia e brilhava seus cabelos escuros.

— Poderia passar protetor em minha costa? – ele pediu sem olhar para mim.

Peguei o protetor e espalhei ligeiramente em sua pele.

— Poderia ser mais carinhosa ao passar o protetor em minhas costas?

Parei por um instante. Simulei várias bufadas e deslizei a mão na pele de Enzo, que permanecia ainda olhando para o mar como se eu não estivesse ali.

Ao terminar, sentei-me ao seu lado, virando-me de costa. Fechei os olhos e quis esvaziar meus pensamentos. Rompi com toda minha concentração para fugir espiritualmente dali, quando as mãos de Enzo tocaram em minha costa, deslizando o protetor sobre minha pele.

— Enzo, não há necessidade! Eu passei em meu corpo, o protetor, antes de vir para a praia, ainda no hotel.

— Foge de contato físico, de novos sentimentos... Foge de si também?

Levei um susto! Não estava esperando tamanha invasão. Sentei-me na esteira, percebendo que a metade do meu corpo estava na areia, por um simples e único motivo, Enzo havia tomado todo o espaço na esteira.

— Não estou entendendo o que quer dizer – disse eu, limpando a areia de minha barriga.

— Ah, sim, sabe sim! – disse ele. — Sabe tanto que não quer, perdeu a vontade de brincarmos de Klaus e Clarice por um dia.

Tossi disfarçando; arrumei os cabelos, prendendo-os num coque. De forma intrometida, ele tocou na presilha e soltou meu cabelo. Fiquei muito irritada. Minha mão chegou a coçar, queria mostrar a este menino que ele estava passando dos limites.

— Deixe-os soltos! Está linda assim...

Sua frase fez eco em meu ouvido.

— Como? – Queria ouvir de novo para ter a certeza de que não estava maluca.

— Deixe-os soltos – ele repetiu. — Adoro ver o vento brincando com seus cabelos.

Agora ele confirmou! Klaus usava a mesma frase, com as mesmas e idênticas palavras. A tonalidade da voz e o carinho na expressão. Tudo, tudo, muito igual. E agora? O que pensar e fazer?

— Por que está falando como Klaus? – perguntei com o coração acelerado.

— Não é por isso que viemos? Ou será que viemos para lembrá-la de que você o ama?

Fitei-o com raiva. Ordinário!

— Você está me deixando confusa e impaciente.

— Confusa? Pensei que soubesse o que sentia.

— E sei... Amo Klaus e nada me fará esquecê-lo.

— Está tentando me convencer ou se convencer de algo que não quer admitir nem em seus melhores sonhos?

Levantei quase sapateando na areia. Saí sem me importar se ele olhava ou não para meu traseiro. Se ria ou não de minha vontade de matá-lo. O sol agora ardia de verdade. A praia mais cobijada de Cozumel e todas as lindas lembranças dos golfinhos e o doce desejo de ser feliz um dia ao lado de Klaus naquele lugar, fora tudo água abaixo. O passeio acabou desde o coma. Este garçon* extrapolou meu bom senso e paciência. Entrei na água sem rumo certo. Mergulhei sem me preocupar com mais nada. Quando dei por mim, fui puxada por uma força descomunal para o fundo do mar. Tentei fugir, buscando força com as pernas, mas era impossível. Embora não visse o que estava me prendendo, senti duas mãos apertando meu pescoço, tentando me sufocar. Lutando pela vida, tentei escapar, voltando para a superfície; porém, nenhum esforço era possível. Morreria naquele momento. Abri os olhos e nada via, apenas sentia as mãos tão fortes em meu pescoço. Toquei em mim, mas nada conseguia sentir além de minha pele. Estava sem reação.

Vi quando Enzo se aproximou e puxou o que prendia meu pescoço, lutando dentro d'água, com algo invisível, mas com poder de matar alguém. Vagarosamente, retirei minha cabeça para fora d'água e respirei com pressa e insistentemente, buscando o ar por todos os lados.

Assim que me recuperei totalmente, voltei a mergulhar para ver onde estava Enzo, pois já era para ter voltado do mergulho, mas não o via em lugar algum.

O desespero passou a tomar conta de um ser que mal conseguia pensar. Sem perceber, já gritava seu nome dentro da água, com as pessoas me olhando curiosas e preocupadas. Ele simplesmente havia desaparecido.

Poucos minutos depois, o salva-vidas veio ao meu socorro e mergulhou. Em seguida, mais três salva-vidas estavam buscando por Enzo. Meu coração estava cada vez mais apertado, e nada do que eu fizesse me fazia sentir melhor.

Sentei-me na areia com lágrimas nos olhos e passei a clamar pela ajuda de Deus. Tudo aconteceu muito rapidamente e sem razão de ser. Sentia-me responsável por todos os eventos ocorridos até ali.

Os salva-vidas voltaram da água e me olharam de forma estranha.

— Tem certeza de que ele estava dentro da água? – um deles perguntou em um inglês sem legitimidade.

— Sim – respondi em francês.

— Não o encontramos. Iremos pedir ajuda para o corpo de bombeiros.

— Sim. Dê-me um minuto, irei até ao hotel para me trocar e já volto – disse em francês, fazendo gestos, esperando que compreendessem alguma palavra. Trocaria uma roupa e me prepararia para o pior.

Abri a porta do quarto do hotel com tanto desespero, que minhas pernas tremiam. A dor e o desequilíbrio eram algo que não tinha como medir. Sentia-me perdida em uma cidade que não conhecia ninguém, que não sabia falar seu idioma e sentia-me em uma situação totalmente avassaladora.

Abri a mala para pegar a primeira peça de roupa que achasse pela frente, foi quando ouvi o barulho de água caindo do chuveiro. Não dei importância, esquecemos-nos de fechar o registro quando saímos do quarto. Não havia tempo a perder. Mais que depressa, e sabe-se lá como, coloquei o primeiro vestido que encontrei por cima das roupas na mala.

Entrei no banheiro para passar uma escova no cabelo quando vi através do box o corpo de Enzo tomando banho. Não acreditei no que via.

— Enzo! – minha voz quase não saía.

Ele tirou sua cabeça para fora do box e sorriu lindamente, como se nada tivesse acontecido. Minhas pernas tremiam tanto que pensei não ser capaz de sustentar o corpo.

— Como... Quer dizer... Você não está... – eu não achava as palavras certas para dizer sobre o que tinha ocorrido e como ele conseguiu estar ali, diante de meus olhos, vivo e tranquilo.

— Está tudo bem, *Chérie*. Quer tomar uma ducha?

Quando fiz menção de jogar a escova, ele fechou o box e riu.

Saí do banheiro e passei a arrumar minha mala. Voltaria para casa. Fim do passeio para mim.

Senti o corpo de Enzo atrás do meu, todo molhado e ensaboado, abraçando-me. Fechei os olhos para não xingar e senti suas mãos me virando de uma vez só.

— Você não sairá daqui – disse ele, tentando segurar meus braços que já esbofeteavam seu peito.

— Ninguém me impedirá de não querer mais servir de palhaça – disse eu, sentindo meu corpo ser levantado do chão, sem defesa e de modo que nunca poderia acreditar... Somente em filmes havia visto alguém levitar.

— O que está acontecendo? – disse eu, olhando meu corpo flutuar no ar, sem que ele encostasse um dedo sequer em mim. — Como fez isso? Coloque-me no chão! – disse incrédula.

Vagarosamente meu corpo foi pousando em seus braços que me apertavam carinhosamente.

— Quem ou o que é você Enzo? – disse eu, com a voz já falhando de medo, susto e indignação.

— Sou o cara que está apaixonado por você e que seria capaz de mudar o mundo para fazê-la entender isso.

— Mas... – não pude falar. Seus lábios me envolverem com paixão, sufocando qualquer palavra com um beijo que jamais havia ganhado na vida.

— Diga... O que sente por mim? – ele quis saber com os lábios ainda encostados aos meus.

— Eu... – Novamente senti seu beijo. Tinha febre nele, desejo e amor. Fui invadida por algo que ninguém mais poderia ter me dado depois de Klaus.

— Sinta este momento... – dizia ele, como disse Klaus um dia.

— Quem é você? – perguntei totalmente perdida.

— A pessoa incumbida de te cuidar e te amar seja como for.

— Como fez isso que acabou de fazer? Como me fez levitar? Como saiu do mar sem ser visto e veio para cá?

Ele pôs com cuidado meu corpo sobre a cama e deitou ao meu lado, apoiando seu rosto em uma das mãos. De frente a mim, seus olhos brilhavam. Tudo para ele parecia tão normal quanto a cor do céu.

— Por que não me pergunta como entrei em seu coma? Como conheci Klaus?

Ele tinha o dom de fazer com que eu me sentisse cada vez mais louca.

— Por favor, me responda todas essas questões e me faça confiar em você.

— Por que quer confiar em mim?

— Porque... – eu não sabia responder. — Porque só tenho você, e você só tem a mim...

— Novamente você vivendo uma situação que não tem escolhas... Da última vez, era a única família de Klaus e ele a sua. E agora... Tudo se repete...

— Por favor, te peço, não me deixe mais confusa, diga logo... Quem é você?

— Meu nome é Enzo, o esquizofrênico de seu coma; porém, com uma ressalva, não sou esquizofrênico. Todas as respostas se resumem em uma só questão, eu não sou alguém realmente normal.

— E o que é?

— Talvez fosse mais fácil de entender se me classificasse como paranormal, como dizem as pessoas que não acreditam no oculto. Então, inventaram através da ciência, palavras que solucionam sua falta de crença em algo. Mas para que possa entender o que eu digo, entenda apenas desta forma: sou paranormal e tenho percepções extrassensoriais. Para você, que não entende o que falo, sou parte de acontecimentos "inusitados", "além do normal", ou seja, fora do conjunto dos fatos normais. Paranormal não deve ser confundido com "sobrenatural", pois a ciência rejeita esta possibilidade, e aceita a realidade da primeira opção. Porém, de qualquer forma, como você quiser entender, eu não sou igual a você.

— E por que está em meu caminho desde que se fez passar por Klaus, perseguindo-me em todos os lugares antes do acidente?

— Esta resposta você terá depois que entender e viver algumas situações que lhe trarão a compreensão mais ampla de tudo que aconteceu.

— E quando isso acontecerá?

— Assim que voltarmos para Paris.

— Como?

— Você irá comigo até o local sagrado, e lá, terá as respostas.

— E o que aconteceu dentro do mar?

— Assim que entrou na água, vim para o quarto tomar um banho. Mas recebi mensagens de que estaria em apuros. Estava sendo atacada pelos inimigos ocultos de outras vidas, e daqui, de onde estou, agi, sem precisar sair do quarto. O pensamento é o mecanismo para qualquer solução.

— Como isso pode ser possível, Enzo?

— Sua ciência explica que a mente é capaz de modificar todas as coisas, pois tudo é energia.

Estava cada vez mais admirada. O que mudara é que tive provas de que ele dizia a verdade, e não era loucura de sua cabeça.

— Agora que já sabe, vamos viver o que nos resta aqui.

Logo tudo se modificará e você precisará se ausentar.

— Para onde? Por que teria que me ausentar?

— Não está à busca de respostas?

— Sim. Sabe que sim. Mas não pode simplesmente me jogar todas essas informações, acreditando que são banais.

— Não são banais. São partes de nossa missão um com o outro nesta vida.

Caí por terra. Todas as minhas reservas, medos e defesas, sentaram-se comigo na cama. Passei a chorar como se isso pudesse me lavar de todo o mal que produzia contra a mim mesma.

Ele tocou delicadamente meus cabelos e enxugou minhas lágrimas.

— Não fique assim, meu anjo, eu estou aqui e nada de mal acontecerá. Eu prometo.

Toquei em suas mãos com carinho. Pela primeira vez senti algo diferente em relação a Enzo.

— O que está acontecendo comigo, Enzo?

— Estamos vivendo um momento juntos e está sendo bom para mim e para você.

— Isso não pode ser possível, eu amo Klaus, entende?

— Entendo. Entendo também que algo aconteceu, e que fez você se lembrar de Klaus como um homem que muito amou, porém, ele não está aqui hoje, e todas as tentativas de o trazermos para cá, não o fez permanecer. Estamos nós dois, eu e você. E queremos isso para nós.

Seus braços me envolveram como se eu fosse um bebê em seu colo. Sem perceber, vi-me abraçada ao seu pescoço com a cabeça encostada em seu peito. Seu corpo me embalava como se quisesse me acalmar e me libertar de todo o medo.

— Sente-se bem agora?

— Sim – disse eu com os olhos fechados, esperando por seu beijo.

Sem que eu pedisse, ele me beijou levemente na ponta do nariz, e em seguida, me deu vários beijinhos nos lábios; ternos, doces, deliciosos. Sua respiração era como se fosse a minha, e meu coração estava disparado, desprotegido e afoito por uma entrega que não havia mais como esperar.

Sentindo meu corpo com o sal do mar, ele me encaminhou até o banheiro, e me banhou como se ainda fosse possível fazer isto sem outras intenções. A água morna tranquilizava meus nervos e o cheiro do sabonete líquido de erva-doce invadia todo o meu ser. Após o banho, envolveu-me uma toalha muito grande e felpuda e levou-me no colo para a cama. Retirou da mala, um pijama seu e o colocou em meu corpo que aceitava todo o mimo oferecido. Depois enxugou meus cabelos com cuidado e os penteou com a escova de cerda, suavemente, como se tudo fosse pluma e nuvem.

— Por favor, não me deixe... – disse eu quase num sussurro, tentando esconder as palavras.

— Estou aqui – disse ele, deitando-me sobre si, enquanto meu rosto repousava nos pelos macios de seu peito. — Fecha os olhos e descanse, estarei aqui quando acordar.

Tocando em meus cabelos, ele passou a cantar a música da Carla Bruni, *Le Ciel Dans Une Chambre*:

*"Quand tu es près de moi,
Cette chambre n'a plus de parois,
Mais des arbres oui, des arbres infinis,
Et quand tu es tellement près de moi,*

*C'est comme si ce plafond-là, Il n'existait plus, je vois le ciel penché
sur nous... qui restons ainsi,
Abandonnés tout comme si,
Il n'y avait plus rien, non plus rien d'autre au monde..."*

— Durma em paz, meu anjo – dizia ele, em seguida, cantando a próxima estrofe da música.

Dormi de modo confortável. Há muito tempo precisava disso. Dormi sentindo uma última lágrima de carência saciada por apenas alguns segundos. Sentia-me amada.

Acordei algumas vezes, procurando pelos braços dele que estavam me ninando.

— Estou aqui – dizia com uma voz macia que me fazia dormir novamente.

Acordei horas depois. A janela anunciava que o dia já se foi. Enzo estava deitado ao meu lado, olhando-me acordar.

— Quando acorda, revela ao mundo que não precisa de maquiagem – disse ele sorrindo.

Eu tinha uma sensação de intimidade muito profunda com ele. Olhei para o pijama dele que vestia e ri. Não estava nada atraente. A barra da calça listrada de algodão arrastava no chão ou era pisada por meus pés de tão grande que era o tamanho.

— Acordando assim... Ninguém acreditaria que acabei de ouvir elogios.

— Sua beleza interior é geradora de tudo que tem por fora; no entanto, está por dentro, muito próxima ao seu coração.

Corei.

— Estou faminta – disse tentando desviar o assunto.

— Vamos procurar por algo no restaurante do hotel ou prefere dar um passeio por Cozumel.

— Prefiro o passeio – disse eu, lembrando que se esta pergunta fosse feita por Klaus, diria que preferia comer no hotel, mesmo que em seguida Klaus sugerisse que saíssemos para conhecer a cidade. Enfim... Meu comportamento com Enzo era mais solto, mais livre e diferente.

Saímos do hotel e pegamos um táxi. O motorista nos levou a um local chamado *Señor Frog's*. Ao chegarmos à frente do lugar, percebi que era um restaurante azul, alegre e grande. Entramos e eu observava todo o ambiente assobradado.

Logo que sentamos, fomos calorosamente recepcionados. Achei a comida ótima. O melhor sem dúvida é o ambiente super descontraído, música, pessoas dançando e a tequileira fazendo muitas brincadeiras com a bebida. Só não acho que seja um bom lugar para crianças ou adolescentes, mas fora isso é sensacional para quem quer se divertir, rir e beber.

— Está se divertindo? – perguntou ele carinhosamente.

— Muito – respondi sorrindo.

De repente, uma atendente trouxe até nossa mesa uma bebida e em espanhol ofereceu-me. Aceitei. Para minha surpresa, ela deitou a garrafa sobre minha boca e tomei no gargalo. Quase me afogando, mas rindo da situação. Depois foi a vez de Enzo, que se recusou educadamente a beber. Compreendi sua situação, embora ele tenha me dito que não é esquizofrênico.

—Vamos dançar? – perguntou ele animadamente, pegando dois um chapéu mexicano e colocando em sua cabeça, o que o deixou com um ar muito engraçado.

Aceitei, e lá estava eu rindo de verdade. Não sabia nem como se iniciava a música tipicamente da região, Rumba. Mas tentava dançar, acompanhando o ritmo da música, que era muito animada e divertida.

Quase no final da música, Enzo olhou-me profundamente nos olhos e meu coração novamente disparou. Sim. Algo havia acontecido fora de meu controle e meu impulso o desejava cada

segundo um pouco a mais. Imaginando que me beijaria, estava propícia a receber seus lábios quando o vi me deixando e caminhando à direção de uma senhora vestida com trajes mexicanos. Ela segurava uma caixa cheia de flores. Enzo lhe deu alguma moeda e trouxe até a mim uma rosa vermelha. Agradei e voltamos a nos sentar.

Saímos do restaurante após o jantar. Andamos de mãos dadas pela calçada da praia. Fazia uma temperatura muito agradável e o cheiro do mar era algo que me atraía, muito embora tenha lembranças desfavoráveis pelo o que aconteceu hoje de manhã.

Ficamos parados olhando para as ondas do mar que vinham e iam, trazendo a maresia para onde estávamos.

— Venha! – disse Enzo, segurando-me pelo braço, descendo e indo em direção do mar.

Andamos na praia após tirar nossos sapatos, e as ondas lambiam nossos pés, trazendo uma sensação muito agradável. — Gosta de sentir isso? – perguntou ele. — É incrível. Andamos cerca de vinte minutos pela praia. Conversamos sobre a cidade e sobre assuntos que não estavam relacionados a nós dois. Quando, de repente, seu olhar encontrou o meu e tudo parou, inclusive o tempo. Senti seus braços me puxando para perto de seu corpo e seu beijo inundando minha boca.

— Não sei o que espera ouvir de mim... Mas não queria que este momento acabasse.

Eu também não. Pensei em segredo.

— Pode dizer o que pensou, eu não vou te assustar, nem vou te achar estranha por isso.

Eu ri.

— Também não queria que acabasse – disse sem graça, escondendo o riso tímido.

— Jamais senti o que sinto por você – disse ele, tocando meu rosto levemente. — Mas entendo sua situação e tudo que lhe

aconteceu. Pena que...

Ele ia dizer algo, mas parou no meio do caminho.

— Termine o que ia dizer.

— Pena que terá que fazer uma escolha. Eu não tenho chances...

— Escolha? – perguntei.

— Sim. Mas deixaremos o futuro no futuro. Viveremos aqui e agora. Estamos somente nós dois na praia – disse ele, olhando para todos os lados, acompanhado de meus olhos, que se certificaram de que ele tinha razão. — Talvez farei a maior loucura já feita até aqui. Mas quero um momento. Sei que terei que prestar conta deste ato um dia, mas... Entenda... Uma lembrança, eu e você, como se fosse possível...

Ri.

— Por que ri? – ele me perguntou.

— Porque o que temos feito ultimamente, talvez não tenha tido este título de impossibilidade. A gente se deseja...

— Eu sei, é tudo sem sentido. Mas eu não te desejo apenas. Eu quero você para mim. Quero que seja diferente e que seja uma lembrança para sempre...

Deixei suas mãos retirarem suavemente meu vestido. Em seguida, despiu-se. Pegou-me no colo e levou-me para o mar, beijando-me como se aquele momento jamais pudesse ter fim e ninguém no mundo fosse capaz de nos separar. Fizemos amor de um modo carinhoso, sem desviarmos os lábios um do outro. O medo havia acabado. Eu poderia dizer a ele qualquer coisa naquele momento, tinha a certeza de que seria compreendida e aceita do jeito que era e conseguia ser. Eu fui a primeira mulher em sua vida e talvez fosse a última. Talvez fosse o último momento... Talvez não sobrevivêssemos para desejar a próxima oportunidade.

Acordei com Enzo segurando uma bandeja nas mãos. Seu rosto tinha o semblante de menino que acabou de fazer um desejo

e quer mostrar para alguém. Ele sorriu gentilmente e depositou a bandeja com o café da manhã em meu colo.

— *Bonjour mademoiselle.*

— *Bonjour monsieur.*

— *Mademoiselle* dormiu bem?

— Maravilhosamente bem, *monsieur* – disse com a boca cheia de biscoito.

— E que tal um passeio inesquecível em Cozumel para nos despedirmos do local?

Meu coração disparou e um frio percorreu em minha espinha. Eu não sabia dizer, mas não queria voltar para casa. Tinha medo de acordar no meio de um sonho bom.

Notando minha cara de espanto, ele deu vários beijinhos em minha boca que ainda mastigava.

— Não há nada a temer. Estamos aqui e juntos. – Sorriu.

Após o café da manhã – os lábios dele pareciam colados aos meus – o que me deixava cada vez mais ligada a ele.

Depois de um banho juntos, vestimos uma roupa de banho. Coloquei uma saída de praia por cima do biquíni e me deixei ser feliz.

— Se você quer passear e conhecer a ilha, o melhor é alugarmos uma scooter ou um fusca conversível. Sem um transporte não teremos a chance de conhecer o melhor da região. Só precisamos tomar os cuidados habituais, como verificar se está tudo certo com o veículo que alugarmos e... Você será nossa motorista oficial, não tenho carteira e isso aqui é vistoriado. – Ele riu.

Fomos até uma locadora de automóveis e tomei a direção do carro. Foi divertido sentir o vento bater forte em meu cabelo enquanto Enzo me guiava por um mapa em suas mãos, que conseguimos na locadora. Ligamos o rádio do veículo e a música mexicana tomava conta da animação de nosso passeio.

— Você pode optar por conhecer o lado norte ou o lado sul. O lado Sul é o melhor. Você pode dar toda volta ou parar em um bar de praia e passar o dia. No caminho existem vários bares de praia em Cozumel. São bares com estrutura para passar o dia, restaurante, cadeiras, banheiros, chuveiros, redes e passeios, que temos que pagar a parte. No caminho do lado Sul, você verá muitas praias e paisagens bonitas. O passeio é longo e quem for tem que estar disposto a passar muito tempo dirigindo. Mas a ilha é pequena e não temos como nos perder. Só tente marcar onde fica o lugar onde alugamos o transporte – disse Enzo, servindo-me de guia turístico, o que me fez rir, e ele também.

Andamos muito pela ilha. Vi paisagens que não consegui enxergar quando vim apenas com o desejo de realizar o sonho de Klaus. O sol estava forte e refletia contra meu rosto. Enzo pegou meu chapéu no banco de trás e ajeitou em minha cabeça com cuidado.

Descemos do carro e descarregamos o guarda-sol e a esteira. Quando pensei em me sentar, ele me puxou.

— Não a deixarei perder tempo, deitada em apenas um lugar enquanto o tempo corre contra nós.

Escapei-me de suas mãos e passei a correr com ele atrás de mim. As ondas que vinham à beira mar me lambiam e a água espirrava em minhas pernas, eu ouvia os sons de meus pés se afundando na areia molhada, formando pequenas poças. Os sons de nossas risadas confundiam-se com o som do mar. Estávamos felizes. Sentia-me plena e em paz diante de um sol com raios e nuances douradas que ofuscava qualquer outra beleza, exceto a de nossa alegria.

— Clarice, qual sonho ainda falta você realizar? – ele gritava, tentando me alcançar e me agarrar.

— Só conto se você conseguir me pegar – disse eu rindo enquanto corria mais ainda.

Suas mãos seguraram em minha roupa e me puxaram, obrigando-me a parar. Com o vento de Cozumel levando meus

cabelos para o rosto e as mãos de Enzo os retirando. Com a respiração ofegante, olhos nos olhos, sentindo o cheiro do mar, da pele dele... Senti seus lábios, seu gosto e seus anseios. Meus lábios o receberam em meu universo. Agora ele era parte, mesmo sem eu saber de quê.

De súbito, ele me ergueu e me colocou sentada em seus ombros. Achei tão... Coisa de criança, mas ele era tão fofo e tão espontâneo, não iria impedi-lo de viver o que sentia vontade.

— Sou pesada – adverti apenas.

— Não é...

Perto de 1,90 metros, eu realmente era apenas um grão de areia naquela praia. Andamos assim por quase vinte minutos. Eu olhava tudo de cima, e as mãos de Enzo seguravam-me pelas pernas. Eu sentia a textura de seus cabelos em minhas mãos, enquanto enrolava o dedo anelar em uma de suas madeixas. O vento era bom e nossa intimidade me comprazia.

— Amanhã será um dia novo e diferente – disse ele. Eu senti uma gota de tristeza em sua voz.

— Todos os dias são iguais.

— Não. Nem mesmo nós somos iguais todos os dias.

— O que poderia acontecer amanhã, que mudará todo o curso de nossas vidas? – perguntei, sentindo certa angústia pela resposta.

— Se eu te pedir para ficar, segurando sua mão, e você nada poder ou conseguir dizer, então apenas olhe para mim... Derrama-se no que ver. Estará tudo bem... acredite... Eu cresci desde nosso encontro em seu coma!

— Não estou entendendo, Enzo... Para onde irei?

Tinha medo de ouvir sua resposta.

— Eu te cuidei até aqui, cumprindo missão. Amanhã você estará livre para voar ao encontro de Klaus.

Senti uma forte pancada no peito e meu ouvido perdeu os sons fora de mim. Como assim? Sentia-me confusa e abstrata. O som das palavras dele ainda faziam eco. Eu não sabia mais quem era, por que era e se queria ser.

Desci de seus ombros com uma pitada de dor e meio perdida.

— O que houve contigo? – ele me perguntou, percebendo a expressão de meu rosto. — Não era o que mais queria na vida?

— Sim... Mas...

— Mas?

Eu queria falar para ele sobre nós, mas o orgulho impedia minhas palavras.

— Eu não sei mais...

Ele se aproximou de mim com aquele jeito todo especial e tocou em meu queixo, levantando meu olhar e fitando-me como um espelho d'água.

— Está tudo bem. Você precisa das respostas. Estarei aqui, quando voltar. Jamais a esquecerei. Jamais deixarei de esperá-la.

Um nó na garganta apossou de mim como se quisesse estragar meu passeio tão lindo.

— Perdão Enzo... Eu não sei o que estou sentindo...

— Não precisa saber ou dizer, apenas sinta.

Ele me ofereceu seu peito para que minhas lágrimas pudessem cair num lugar seguro. Eu sentia seu cheiro e queria guardá-lo dentro de mim.

— Não quero ir – disse num tom seguro, embora nem tenha percebido quando deixei escapar as palavras.

— Eu sei meu bem, mas precisa ir... Também queria que ficasse...

— Para onde irei? Por que preciso ir?

— Não quer se encontrar com Klaus?

A dúvida pairou no ar, tornando tudo tão... Novo e desconhecido. Como se eu fosse me encontrar com Klaus pela primeira vez, ou foi a presença de Enzo que está me fazendo estranhar a de Klaus?

Amores são efêmeros. Por mais que queiramos prendê-los, seja pelos fios de cabelos, ou pela última chantagem melodramática, não será possível... Ele segue seu destino sempre levando um pedaço de nós.

O tempo passa sem dar a oportunidade de prendê-lo entre meus dedos... Estou vivendo uma vertigem, um devaneio que não sai da prisão que construí dentro de mim – nego-me a esquecer.

Caso venha me perguntar: o que é saudade? E eu sei? Só sei que é uma dor que aperta o peito e me dá a sensação de que ele estará comigo, mesmo quando olhar para os lados e nada conseguir ver... Sei lá, mas estou quase convencida de que saudade é a ausência de um corpo que a alma jamais deixou de estar presente.

Voltamos para Paris, comigo grudada a ele. Quase não nos falamos. Sentia medo de fechar os olhos e ele simplesmente desaparecer. Viajamos assim, com a sensação de estar ao meio, partida em dois pedaços sem saber para qual lado tender.

Gostaria de me reencontrar com Klaus, mas a ideia de esquecer tudo que vivi ao lado de Enzo, assusta-me. Não sei se conseguirei. Klaus é o passado que não teve presente verdadeiro; é a história de amor que não aconteceu no mundo real. É meu fantasma, minha saudade e meu ponto de referência. Preciso revê-lo? Sim. Por quê? Para saber quem sou, o que sinto e o que quero viver.

É chegado o momento e eu estou impotente. Não sei reagir ou agir de forma diferente, com capacidade de surpreender até mesmo o mais infiel dos mortais. Klaus terá a chance de se tornar real em minha vida. Eu tenho agora a chance de viver ao lado de alguém que me deixa plena com o mais espontâneo que há em mim. Klaus salvou minha vida, acordando-me do coma e me

trouxe a oportunidade de conhecer Enzo. Enzo me fez enxergar que existe vida pós-klaus. Klaus me ensinou a voar e conectou sua alma à minha. Enzo me ensinou a viver acordada, como se eu não fosse um grande problema para mim, distraiu-me de meus medos.

Fiquei olhando da cama, a chuva pela janela a noite inteira. Não poderia dormir. Olhei Enzo dormindo ao meu lado como se fosse a última vez. Ele é lindo dormindo. Cobri seu peito por algumas vezes e dei meu travesseiro para ele abraçar. Falei algumas palavras em pensamento. Queria agradecê-lo por tudo que fez por mim. Ainda chorei em silêncio por várias vezes. Queria ver o dia amanhecer. Queria ver os primeiros raios de sol entrando pelo quarto, que ainda tinha jeito de sono. Queria sentir os pés de Enzo se encostar aos meus como se isso fizesse parte da despedida. Ter fé é assinar uma folha em branco e deixar que Deus nela escreva o que quiser. Eu não sabia o que iria acontecer. Não sabia nem mesmo como seria este reencontro com Klaus. Pensar em revê-lo disparava o coração e me distanciava de Enzo. Não sei se é possível me apaixonar por alguém quando ainda amo outra pessoa. Se não é, acabei de inventar esta possibilidade.

Enzo se mexeu na cama. Seus olhos ainda esbugalhados pelo sono me procuravam. Eu não os via na escuridão, mas os sentia. Senti suas mãos me acariciando, percebendo que eu ainda estava acordada.

— Ainda acordada...

— Não posso dormir.

— Venha cá... – pediu ele, abrindo seus braços. — Fique comigo. Ainda estamos juntos aqui. Faça-me feliz nesta metade de madrugada?

— Para onde irei, Enzo? – perguntei, aconchegando-me em seus braços.

— Rever o amor de sua vida.

— Onde ele está?

— No passado.

— Ele não está vivo?

— Sim, se você acreditar nisso.

— Ele está ou não? – Eu queria saber, mesmo se fosse meia verdade.

— Se o encontrará, certamente está.

— Como encontrarei alguém no passado?

— No lugar sagrado, você fará algo que se chama regressão a vidas passadas.

— Como no coma?

— Mais ou menos isso. Foi real para você, o que viveu durante o coma?

— Sim. Tudo que vivi está registrado em mim como se fosse parte do meu corpo.

— Então será feliz – disse ele com a voz embargada.

— Por que está chorando? – perguntei.

— Porque sou bobo.

— Eu voltarei Enzo.

— É um consolo?

— Não. É uma verdade.

— Eu te amo – ele revelou.

Fizemos silêncio. Não poderia dizer a ele o que eu sinto por Klaus. Se tivesse me dito que estava apaixonado por mim, conseguiria retribuir num, eu também.

Adormeci sem ver os primeiros raios de sol chegando. Adormeci sentindo o cheiro da pele de Enzo e ouvindo sua respiração em meu ouvido enquanto suas mãos acariciavam minhas costas.

* Rapaz

"Senti ondas de desespero e o desejo de fazer alguma coisa para consertar a situação, voltei até a porta, ela estava no trinco e abri. Ele não estava na sala. Percorri todo seu apartamento e encontrei-o no banheiro. Estava embaixo da ducha; com os olhos fechados, levando jatos de água no rosto.

Aproximei-me dele querendo passar a mão em seu peito tão belo. Ele me puxou com roupa e tudo para baixo do chuveiro, prensandome contra a parede. Seus olhos pareciam faiscar desejo e raiva, enquanto ainda me segurava pela blusa. Ao soltar, segurou em meus cabelos com uma mão, e com a outra, retirou minha roupa com a respiração ofegante de raiva e desejo, beijando e mordendo meu pescoço ávida e desesperadamente. Amamo-nos enlouquecidamente."

O Voo da Estirpe I, pg. 108

Passei o dia, solitária, escrevendo crônicas feito uma louca compulsiva e obsessiva. Hoje estou mais para ouvir Janis Joplin e seu *Summertime* rouco, louco e engasgado, doendo na garganta. Enzo saiu para trabalhar e eu fiquei pensando em minha viagem que não levaria, sequer, uma nécessaire.

Sentava e levantava da cadeira. Não fumo, mas senti vontade de fumar. Servi algumas doses de *champagne* e me jogava no sofá. Suspirava profundamente a fim de encontrar algo que me aliviasse. O que estava sentindo – Angústia? Não. Pois não é necessariamente um momento de aflição. Loucura? Não. Sou louca nata, uma louca não se torna louca se já o é. Hum... Já sei... Estou ansiosa! Sim. Estou. Por quê? E eu sei o motivo? Não sei não. Sei apenas que irá acontecer algo que mudará tudo daqui a pouco. Assim que esta porta se abrir e Enzo entrar por ela, lindo, alto e viril, minha vida se transformará em algo que desconheço. Verei o amor de minha vida num encontro que acontecerá numa vida passada, sabe-se lá quando e onde. E o que acontecerá depois, somente Deus é quem sabe.

E Enzo? Enzo ficará aqui me esperando. Por que Enzo precisará me esperar? Porque sou tão gostosa assim e ele não pode viver sem mim? Como sou ridícula e pretensiosa, trocar um passado por um presente é coisa de pessoas patéticas e tão frustradas que não conseguem gozar e relaxar sem sentir antes, uma pitadinha de dor... E quem me garante que tudo que imagino é verdade?

E se eu não quiser voltar? Enzo estará me esperando? Até quando? Não me espere Enzo! Eu não sou o que você imagina. Não sou não! Juro que não! Procure não me entender, assim não te manipulo.

Meu maior problema ou dificuldade, entenda como quiser, é que não quero só um pouco de alguma coisa; quero tudo e o todo ao mesmo momento; quero algo que irá me matar ou me fazer perder a graça daquilo que um dia foi atraente para mim. E tem

mais... Sem querer assustar ninguém, em dias assim, sou nociva. Sinto ânsia de sair por aí e comer alguém por inteiro ou inteira. Sim. Comer que digo não é comer feito canibal, e sim, comer feito um maníaco sem escrúpulos, pudor ou recato não sou uma donzela recatada. Sou uma covarde que gosta de fugir de seus medos em coisas fúteis. E você, o que é em sua versão mais feia ou suja? Em momentos assim, me vem à mente os peitos da atendente do café ou o corpo de Estela sob a tela cheia de tinta, toda lambuzada de mim e de meus estranhos hábitos pansexuais. Seus lábios carmim ainda estão entreabertos em minha mente, esperando para que o encha com minhas mordidas, palavrões e tapas em sua bunda sexy.

Tomei toda a *champagne* e minha cabeça não parava de pensar sempre as mesmas coisas. Minha vontade estava dividida. Meu sonho era não ser eu por dois minutos, até que meu cérebro oxigenasse e eu passasse a funcionar melhor. Como esquecer que existo?

Acabou a *champagne*... E agora? Em que fugirei? Será que a velha e estranha Clarice estava de volta? Olhei para meu visual, mais parecia uma mulherzinha de cabaré com a meia rendada na cor preta e botas até os joelhos. As botas odiadas por Enzo, tanto quanto odeio seus sapatos pretos ilustrados la anos 50.

Tirei as botas, queria ver meus pés livres. Rasguei, ainda em meu corpo, a meia rendada. Joguei as botas do inferno na parede e gritei alto

– QUEM SOU? TEM ALGUÉM AÍ? SE TIVER, DIGA DE UMA VEZ QUEM SOU?

Eu preciso de um Klaus que me dê direção à vida! Que durma abraçado a mim e me ame do jeito que eu estiver – velha, gorda, desarrumada, pansexual.

Eu preciso de um Enzo que me ame, suando, implorando até amanhecer o dia! Que brigue comigo e me faça dormir, cantando.

Esperei a respiração acalmar, jogando-me no sofá grená. O jeito que vivo minha vida não é algum tipo popular. Eu gosto

daquilo que a sociedade despreza. Eu curto o que ninguém vê. Eu gozo em silêncio.

Coloquei uma música num volume bem alto. Dancei sozinha no meio da sala, como nos velhos tempos; nas pontas dos pés. Reinventei a divina comédia de um modo diferente – chinfrim! Eu não tenho mais um nome ou uma identidade. Não posso me responsabilizar por meus atos. Não sei administrar um coração partido em dois. Não sabia fazê-lo nem quando a dor tomou de uma vez, o mesmo coração que só batia por uma pessoa, agora então, foi tudo para o espaço. Eu não sou mais eu.

Vidas passadas; amor dúbio; mulher carente que brinca de ser amada e dança seminua na ponta dos pés na sala de estar – sou um ser inventado. Não sou normal, não existo e não tenho nada mais que um coração que bate, pés que dançam e um pulmão que respira.

A maçaneta da porta se mexeu, não estou louca. Ouvi barulho de chaves. Ouvi e vi a porta se abrir. Vi o corpo dele, moreno, lindo e alto. Ele quis sorrir, mas algo nele não deixava. Seus olhos estavam téttricos, sem piscar. Sua boca semiaberta não era convite para um beijo. Eu não errei, ele estava tenso.

— Está pronta? – disse ele olhando para minhas pernas descobertas e com a meia rasgada.

— Pareço-me pronta? – respondi com acidez.

— Temos horário marcado.

— Talvez eu não vá. – Bati o pé, já irritada com seu jeito indiferente ao meu conflito existencial.

— Se não quer ir, não vá! – disse ele dando-me as costas e indo para seu quarto. Fui atrás dele com raiva, pisando firme no chão.

— Por que estamos irritados? – perguntei a ele com as mãos na cintura, na porta de seu quarto.

— Porque estamos com medo.

Ele estava certo.

— Sabe me dizer, o que fazer depois de não querer mais ser eu mesma?

— Insista em ser, pois não há outro jeito de olhar para si mesma e saber o que quer.

— E se eu não quiser mais saber o que quero?

— É um direito seu. Só não me chateie com as consequências.

Ele estava afiado hoje. Eu queria surrá-lo por isso.

— Seja mais doce para eu gostar de você? – disse com ironia.

— Seja menos infantil para eu te olhar como uma pessoa adulta – ele respondeu.

— Ogro! – disse eu, saindo de seu quarto.

— Isso! Faça isso; saia batendo o pezinho e fazendo biquinho – disse ele, provocando-me.

Bati a porta do quarto com muita força e fui procurar uma roupa que se adequasse ao meu estado de humor e ao tal lugar sagrado que devo ir. Peguei as roupas do cabide com raiva e as joguei na cama. Nenhuma roupa que via me deixava mais tranquila. Nenhuma roupa que ousava vestir, me deixava com vontade de ser eu. Então olhei para o vestido de noiva no manequim. Ideias loucas me vieram à mente. Retirei o vestido de lá e me vesti.

Olhei-me no espelho, a luminosidade que entrava pela janela me fez ver uma mulher adulta e louca, vestida com um velho vestido de noiva, pronta para viver ou morrer. Toquei minha silueta como alguém que desejasse a si mesma. Ensaiei alguns passos de valsa e deitei na cama, cobrindo meu rosto com o véu; segurando as flores de cetim rente ao pescoço, com os olhos fechados, apenas respirando... Eu preciso me sentir... Sentia-me morta, num funeral triste numa tarde de domingo, com os pássaros voando no céu,

buscando por seus ninhos... Lá estou, no voo de uma estirpe que desconheço.

Antes de pensar em qualquer outra coisa, sai do quarto e fui para o fundo da casa. Sentia-me insana. Olhei para todos os lados e nada me fazia voltar ao normal. Observei algo que não tinha ainda me dado conta. Aliás, vi três coisas que me chocaram intensamente.

Havia um moinho de vento nos fundos da casa, acima do muro. Ele me fez olhar para dentro de mim e ver o quanto sou frágil e pequena.

Os girassóis que Enzo havia plantado estavam gigantes. Cresceram como se tivessem sido adubados com fermento. O amarelo vivo me trouxe uma paz tão profunda que eu nem queria mais respirar para não espantar o que sentia.

Acima do tanque havia algo que me fez lembrar de uma cena ocorrida há tanto tempo... Uma gaiola com pássaros. Peguei a gaiola com desejo de libertação e, cuidadosamente, soltei os pássaros que ali estavam. A sensação de liberdade veio instantaneamente. Projetei-me no que provavelmente estavam sentindo. Eles voavam com asas de sensações. Era como sentir o próprio vento tocando em suas plumas que agora eram minhas. O moinho de vento ajudava no cenário de libertação. Então pude me acalmar, sentindo meu coração bater como se Deus quisesse sair dali e dizer – acalma-se ser meu, contaminado pela distorção e mal contato.

Sentei-me no meio do caminho, com a gaiola no meio das pernas e com tantos girassóis ao meu redor. Deitei-me no meio deles e olhei o céu tão azul, tão vivo. Por que me firo sem perceber?

Gotículas de chuva eram jogadas por toda a criação e eu estava ali, entre as flores para renascer. Eu precisava sentir que era naquele tempo, naquela roupa, com aqueles sentimentos. Quando dei por mim, Enzo chegou como sempre chega a minha vida – do nada e cheio de mãos. Tomou meu peito e aproximou sua cabeça.

Houve um silêncio. Não entendo tanta coisa, e não sei como Enzo tem e organiza em seus pensamentos, os maus e bons presságios.

— Quem é você, Enzo?

— Vamos! – disse ele, olhando para meu vestido de noiva, sem me responder.

Levantei suavemente e fiz sinal com a mão, para que ele me esperasse por alguns minutos. Ainda não tinha digerido direito o que havia acontecido. Enzo me mostra cada vez mais que não sei exatamente nada sobre ele. Ele sabia que eu me vestiria assim e que iria soltar os pássaros e sentir paz ao ver o moinho de vento. Ele não interrompeu minha vinda para o fundo da casa porque sabia que eu precisava sentir tudo o que senti para conseguir sair de meu inferno interior. Enzo me conhece melhor do que eu mesma e muito mais do que eu consigo imaginar.

— Vista a roupa que está sobre a cama – disse ele. — Pegue a mala que arrumei para você.

Quando voltei, vestida com a roupa dos anos 20 que ele havia separado, ofereceu seu braço e saímos de casa quase tropeçando no incomum. Sentia-me uma personagem de peça de teatro. Era melhor não entender. Não perguntaria o motivo da mala e nem do traje. Iria descobrir quando chegasse ao tal local sagrado.

— Não sei quem sou, Enzo – disse em descompasso.

— Ninguém precisa saber disso, nem mesmo você.

— O que acontecerá comigo neste local?

— Você saberá quando chegar.

— Você irá comigo?

— Uma parte de mim irá contigo – disse ele olhando em meus olhos como se pudesse saltar de suas retinas. — Meu coração.

Dos olhos dele desceram duas lágrimas. Paramos no meio do caminho. Passei a mão em seu rosto e vi descendo outras

lágrimas, uma atrás da outra. Meu peito apertou. Abracei-o forte.

— Não sei o que acontecerá Enzo, mas sei de algo...

— Diga-me... – disse ele chorando, com o rosto entre meus cabelos.

— Você é muito especial para mim. Estou aceitando vir até aqui, porque confio em você. Não sei se iremos nos separar, mas por onde quer que eu vá, levarei comigo o coração que você me deu.

— Não gosto de despedidas.

— Nem eu...

— Te amo. Jamais se esqueça.

— Não me esquecerei – disse eu, também em lágrimas.

Andamos abraçados, sentindo um ao outro. Os pés de Enzo pararam e os meus também.

— É aqui – disse ele mostrando-me uma casa antiga com ares estranhos, ou apenas uma sensação causada por saber que ali funcionava coisas que eu desconhecia, mas o local era bem pintado de um tom azul sóbrio. Havia um símbolo de metal dourado na fachada. O símbolo era algo parecido um círculo e uma cruz no meio.

— O que significa este símbolo?

— É o símbolo da espiritualidade. O logotipo do UOQuester é formado pela famosa Ankh e um arco que a circunda.

Paramos no portão. Havia um gongo de chumbo. Enzo o tocou por três vezes. Assim que o som ecoou, surgiu de dentro da casa uma pessoa coberta por um manto que ia até nos pés. Aparentemente, parecia-se uma mulher, pois seu rosto estava coberto por um capuz do próprio manto.

— Estávamos esperando por você – disse a voz feminina a mim ou a Enzo.

Quando esta presença se aproximou, senti um cheiro da essência de flor de lótus. Olhei para Enzo, buscando por

explicações, mas ele fingiu não perceber minha curiosidade. Nos minutos seguintes, seguimos a mulher para dentro do local completamente diferente de tudo que já vi.

As paredes eram pintadas de azul anil muito claro e o cheiro de flor de lótus não vinha daquela mulher, e sim, de todo o ambiente. Em nenhum cômodo da casa havia móveis. As paredes tinham desenhos de tons dourados e lilás e sua substância não era de cimento, e sim, de um material que ainda não sei lhe dar um nome, mas se fosse comparar com algo, compararia com a substância de uma barra de sabão.

O chão era feito por uma espécie de vidro, todo transparente como cristal. Havia muitos pilares e em algumas partes da casa, o teto também era feito de vidro; por onde entrava luz solar, pois em nenhum lugar por onde andei, vi janelas.

Outro detalhe era a quantidade de plantas com flores dentro da casa. Estavam em vasos e xaxins. O detalhe é que não eram flores comuns. Tinha uma forma muito diferente de todas que eu já vi na vida. Pareciam ser desenhadas por um artista plástico, se não fosse o brilho que saía delas, como algo do além.

Em algumas das plantas, pude perceber que escorriam gotas que eram amparadas por um vasilhame de cristal, depositado no chão. Dali saía todo aquele cheiro maravilhoso que circundava pelo ar.

O mais fantástico foi ver uma nuvem de fumaça quase transparente envolvendo algumas delas. Pasmei e parei os passos, não acreditando no que via.

— Enzo, por favor, me diga o que é isso? – perguntei com os olhos arregalados, vendo aquele fenômeno bem à minha frente.

Ele permaneceu calado, mas a mulher que nos conduzia, virou para trás e disse em uma voz doce:

— São nossos amigos do plano etéreo colhendo a essência desta planta para fazer remédios.

Engoli a seco. Jamais poderia acreditar em materialização de fantasmas ou qualquer espécie que não seja feita de osso, pele e órgãos.

— Pode acreditar. Eles existem – a mulher respondeu, lendo meu pensamento. Segui em silêncio, tentando não pensar mais em nada.

Andamos em um corredor que parecia não ter fim. Quando chegou ao final, olhamos para uma parede que ficava ao lado de uma porta fechada. A parede funcionava como retro projetor. De repente, surge a imagem de uma cachoeira cuja água cristalina descia pela ribanceira. Antes de descer, ela batia no cascalho e fazia borbulhas. Eu ouvia o barulho de água na correnteza como se fosse real.

Antes de adentrarmos a uma sala com porta fechada, lavamos nossas mãos em um reservatório que ficava ao lado da porta. A mulher me pediu para lavar também meu rosto, pois aquele local era sagrado. Assim obedeci e fiz de tudo para não pensar em nada, nem julgar.

Entramos na sala sagrada. No meio dela, havia uma cama como a de um hospital. Ao lado da cama, duas cadeiras. Tudo aparentemente normal, o que desmistificou o sagrado de minha mente. Enzo se sentou na cadeira mais afastada e eu me deitei na maca como pediu a mulher, que desapareceu em seguida.

Olhei para o teto e aí, as coisas anormais começaram a surgir. Não havia telhado naquele lugar, nenhum vidro ou qualquer espécie de proteção. Perguntei-me mil vezes como fariam em dias de chuva e não consegui ter respostas. Outro aspecto, é que não havia raios de sol também ali. Era como se fosse uma parte de outro lugar na Terra. Local onde não havia sol, vento, escuridão, chuva ou qualquer coisa que viesse do céu. Nem nuvens. Pensei por mais mil vezes – que lugar é esse? Quis sentir medo, mas uma paz consolava-me de imediato. Olhei para Enzo e ele estava de cabeça baixa, como se estivesse meditando. Meu susto foi maior quando olhei para o chão e não o vi. Como pisei ali? Como passei por ali? A

cadeira de Enzo estava suspensa. Passei a suar frio, imaginando cenas que só via nos filmes de cinema. Isso não é normal. Isso não existe, desafia a lei da gravidade e tudo que o ser humano possa entender na face da Terra.

Estava quase me levantando, quando uma voz, vinda de algum lugar, falou comigo.

— Você não está na Terra.

Tremi inteiramente. Procurei pela voz e não a via. Era um fantasma? Passei a chorar, sentindo raiva de Enzo por ter me levado até aquele lugar, e agora, continua de cabeça baixa como se nada estivesse acontecendo e acreditando que tudo que está aqui é normal.

— Não se revolte. Enzo quis apenas te ajudar – disse a voz, lendo meu pensamento. — Você pisou sobre o vácuo sem cair, porque sua confiança em Enzo a confortou e foi seu chão.

— Estou com medo! – disse eu, chorando.

— Não há o que temer. Não quer todas as respostas de uma vez por todas?

— Sim.

— Estou aqui para ajudá-la.

— Quem é você?

— Lembra-se de Enzo ter dito muitas vezes sobre vozes que ouvia? Sou um dos que bem o aconselhava em sua missão. Chamo-me Geinxast. Enzo não é esquizofrênico. Ele está em missão e veio ampará-la, por isso nos ouvia, porque foi preparado para tal finalidade. Porém, inimigos ocultos existem por todos os lados e tentaram persuadi-lo muitas das vezes, eram as vozes malignas.

— Geinxast, como faço para sair daqui? – disse não querendo procurar ouvi-lo ou entendê-lo.

— Agora mesmo, se quiser, poderá sair, mas creio que gostaria de salvar o futuro do homem que ama ou estou enganado? Klaus sofrerá vida após vida, se não voltar até o passado e mudar

sua sorte. Tudo dependerá de você. Somente você poderá libertá-lo. Ele está sendo vítima de vingança. E Antes de me perguntar, preciso dizer que este lugar é espiritual. Não é surreal como consegue conceber. As pessoas comuns passam pela frente da casa e não a enxergam. Você somente está aqui, porque veio acompanhada por Enzo.

Lembrei-me do tiro estrondoso que ouvi, como se estivesse assistindo uma cena em minha mente.

— Também creio que queira saber o porquê foi perseguida por esses inimigos ocultos, e por que Enzo estava em todos os lugares que ia e você o confundiu com Klaus.

— Digam-me, por quê?

— Então ficará?!

— Sim – fui obrigada a concordar.

— Nossa conversa é longa e creio que precisamos de paciência para entendê-la.

Dizendo isto, surgiu a minha frente, do nada, a imagem de um homem de cabelos longos e grisalhos. Tinha uma barba bem cuidada e vestia uma túnica azul com fios dourados. Sua feição era de bondade e seu sorriso puro como de uma criança.

Postou-se a minha frente e tocou em minha mão. A temperatura a mesma de uma mão de pessoa comum. Estava tão fora de mim, que nem houve tempo para me assustar.

— Clarice, sinto muita satisfação em ajudá-la nesta missão – disse com uma voz amorosa. — Devo dizer que Enzo não é uma pessoa comum. Nasceu como ser humano, teve uma família que amou, mas sua origem é de nosso mundo. Ele hoje é humano na condição de ajudá-la, mas sua essência sempre será cósmica. Mesmo tendo um corpo, ele consegue se comunicar conosco. Sua força de pensamento e sentimentos são as mesmas que temos. Enzo está em seu planeta especialmente para auxiliá-la.

— Você está querendo dizer que... Enzo não é humano? – perguntei.

— Estou querendo dizer que Enzo é humano como condição para viver em seu planeta por tempo determinado. Ele quer ficar, mas sabe que não pode transgredir as leis – disse Geinxast olhando para Enzo.

— Isso explica o porquê de não sofrer tanto com a ausência de seus pais quando estes faleceram?

— Enzo sofreu a dor da separação, pois não pode voltar ao nosso mundo até que encerre sua missão na Terra. Mas compreende perfeitamente que não existe a morte, e sim, um tempo de separação. Através do pensamento e do amor que o une aos seus pais, ele conversa com eles em estado de meditação, e a resposta dos pais chega ao seu coração.

— E por que ele me perseguia antes do acidente que me levou ao coma, vestido de Klaus?

— Enzo a perseguia para te proteger dos inimigos ocultos que influenciavam seu pensamento com intenção de te levar ao suicídio. Na verdade, esses inimigos são os que ainda querem a alma de Klaus e sabiam que você fez parte da existência dele em vidas passadas. Esses inimigos estavam tentando te induzir ao suicídio, tentando impedi-la de fazer a regressão e voltar no tempo para salvar a alma de Klaus. Enzo vestia-se como Klaus para poder chamar sua atenção, tentando se aproximar e salvá-la. Sabíamos que seu subconsciente guardava memórias refratárias da presença de Klaus de 1950. Talvez não tivesse a consciência do que estava acontecendo, mas se visse a roupa que Klaus usava, numa vida anterior mais próxima a 2012, iria se perturbar de algum modo.

— Enzo estará em 1920 também? – Meu coração começou a se sentir mais confortável em fazer esta regressão.

— Você passou o tempo todo procurando por Klaus e não o encontrou. Sabe me dizer o por quê?

— Klaus me dizia que se eu acordasse do coma o encontraria na vida real. Jamais o encontrei...

— Por que não o fez através do coração. Queria encontrá-lo, tocá-lo. Ver com os olhos. Jamais conseguirá encontrar a verdade desta forma. Tudo que vê é apenas o aspecto físico de todas as coisas. Klaus esteve o tempo todo de seu lado e você jamais se deparou com a verdade.

— Klaus esteve do meu lado? – levei um susto. Tentei sentar-me na cama, mas fui ampara por Geinxast que me impediu.

— Sua fobia pelo físico afastou Klaus de sua verdadeira essência. Não pode vê-lo. Tudo que reviveu com Klaus durante o coma, foi uma espécie de sinal, avisos. Você não conseguiu interpretar os sinais. Iludiu-se acreditando apenas viver um grande amor. Na verdade, até a vivência deste sentimento e o reencontro com Klaus teve um significado – sobreviver para salvar duas pessoas da miséria espiritual, Klaus e o inimigo oculto.

— A verdade não é aquela que se prova de algum modo? Seja através dos olhos ou da consciência?

— Não. A verdade é aquela que não precisa de prova para existir. Ela simplesmente existe.

Calei-me. Ele era sábio e eu, uma simples mortal.

— Por que não me deixaram seguir a luz durante o coma? Era a sua voz que me advertiu para voltar para a Terra por ainda não ter chegado minha hora de partir?

— Ainda não era o momento de ir. Era apenas a sua vontade que a conduzia. Quanto à voz, esta resposta você também saberá quando regredir a 1920.

— Quando poderei voltar para minha vida atual?

— Você tem um prazo para permanecer na década de 20. Passado este prazo, não poderá mais sair do passado. Todo o presente ficará onde está, e jamais conseguirá voltar a 2012, se quebrar as regras de permanência.

— Quais são as regras de permanência?

— Clarice, em 1920 houve um acontecimento que gerou todo o ódio desses que hoje chamamos de inimigos ocultos. Sua missão é voltar até lá e mudar os fatos para libertar uma alma do sofrimento. Esta alma é quem te acompanha até os dias atuais e te influenciou ao suicídio. Ela quer vingança. O tempo de sua permanência lá será até o desfecho deste ocorrido. Você saberá o tempo certo. Enzo não a esperará no presente. Nós o levaremos para a eternidade. Se permanecer além do tempo estimado, jamais você terá outra chance de voltar a 2012. Não terá vida futura. Seu destino está em suas mãos. Se usá-lo com sabedoria, alcançará as respostas. Você decide. Estamos aqui para ajudá-la. Isso foi o suficiente que eu precisava ouvir para me decidir a voltar.

— O que devo fazer para chegar em 1920?

— Apenas seguir as instruções.

— Quando podemos começar?

— Agora.

Meu coração acelerou.

— Klaus está me esperando? Geinxast riu.

— Klaus não a conhece neste momento. Você terá que encontrá-lo e fazer parte da vida dele.

Entendi não querendo entender. E se Klaus não me quiser em sua vida?

— Neste caso, faça-se ser. – Ele leu meu pensamento.

Olhei para Enzo que agora também me olhava.

Geinxast saiu da sala, entendendo que queríamos ficar a sós. Vi quando Enzo se levantou da cadeira que flutuava e flutuando chegou até onde eu estava. Segurou minhas mãos com ternura e as beijou. Vi seus olhos já cheios de saudades e senti desejo de chorar.

— Você precisa ir – disse ele também chorando.

Sentei-me na cama e o abracei fortemente.

— Obrigada por tudo que fez por mim.

Ele olhou em meus olhos e encostou sua testa a minha.

— Faria tudo de novo se você voltasse.

— Jamais poderei te esquecer. – Senti o nó parado em minha garganta.

— Não me esqueça, anjo. – Ele me pediu num beijo terno.

Antes de eu me decidir esquecer tudo que ouvi; esquecer meu passado, Klaus e o coma. Pensei na situação que aprisiona Enzo aos inimigos por minha culpa. Ele não mereceria ser chamado de esquizofrênico com toda inteligência e coração generoso.

— Me perdoe por te causar tanto sofrimento – disse a ele, tocando em seus lábios com a ponta dos dedos.

— Eu faria qualquer coisa por você. Minha vida... – disse ele chorando.

Senti suas lágrimas em meus lábios e nos abraçamos num pranto inconsolável.

— Sinto como se você jamais tivesse deixado de existir em minha vida – eu disse em soluços.

— Eu sempre existirei em sua vida.

Geinxast entrou novamente na sala e nos separamos sem vontade. Nossas mãos ainda se tocavam pelas pontas dos dedos e os olhos estavam colados um ao outro através de lágrimas que escorriam juntas em seu rosto e no meu.

Não me intimidei com a presença de Geinxast entre nós. Olhei mais uma vez para Enzo que suplicava com o olhar.

— É chegado o momento Clarice – disse Geinxast se posicionando entre nós dois.

— Não desista de mim... – pedi.

— Jamais, minha vida – disse ele.

Após isso, deitei-me na cama, tentando segurar o choro, tampando a boca e sufocando-me por dentro. Era horrível sentir novamente o peso de uma despedida em minha vida. Eu sabia que

poderia não cumprir a promessa se olhasse novamente para Klaus. Mas tinha a plena certeza do significado de Enzo em minha vida.

Geinxast colocou minha mala próxima ao meu corpo.

— Iremos transformá-la no mesmo material que seu corpo físico para que possa adentrar ao passado com tudo que levará consigo.

Parei um minuto de chorar e pus a mão sobre meu peito, sentindo apenas meu coração bater tão descompassadamente.

Queria neste momento uma caneta para descrever toda a sensação sentida.

— Preparada? – perguntou Geinxast.

— Sim – disse cheia de coragem.

Ouvi um som tão forte em meu ouvido, como se uma ventania dissipasse em todo o local. Não conseguia mais ver o rosto de Enzo ou de Geinxast. Tudo estava tomado por um estado de neblina.

Repentinamente meu corpo passou a girar lentamente em direção a algum lugar. Eu não sentia medo, mas estava ansiosa para saber o que estava acontecendo, já que não havia mais nada ali, somente eu e um espaço infinito.

Meu corpo passou a girar mais aceleradamente, e senti uma temperatura mais fria. Vi feixes de luzes ao meu redor que brilhavam como algo que eu não conseguia descrever. Não era como o brilho de estrelas ou de algum mecanismo, era diferente e incomum. Tinha impressão que de que um planeta todo havia explodido no céu como nas noites de réveillon. Havia ali todos os tipos de imagens e cores, em meio a este cenário, assistia as cenas de minha vida como se fosse de uma única vez. Sentindo novamente os sentimentos e sensações causados por meus atos. Quando tudo se aquietou e meu corpo parou de girar, vi formar entre luzes coloridas, o rosto de uma mulher que sorria, trazendo em seu cenho uma luz de cor dourada. A imagem foi se dissipando à medida que meu corpo passava por uma fileira de pequenas

flores vermelhas pequeninas que estavam sendo jogadas sobre mim.

Passei rapidamente por diversos mundos que todos diziam não ter vida, e neste momento vi que a ciência e opiniões humanas que tentaram me fazer acreditar, não passavam de teorias inúteis. Existia vida em todos os lugares. Vi sorriso e sofrimento em mundos distintos. Vi planetas abarrotados de seres decaídos, atolados em lama, gritando por socorro ou misericórdia. Em contrapartida, vi um mundo feito de cristal, com flores de espécie rara que chegavam seu cheiro até onde eu me encontrava, e crianças com coroas feitas dessas flores, cantavam em ciranda, vestidas de túnicas azuis. Se houvesse tempo, queria parar e contemplar melhor, saber o que havia além dos portais de cada planeta, porém, eu tinha um tempo determinado para estar no espaço. E meu corpo era conduzido por uma força que controlava a velocidade.

Algumas formações de nuvens circulavam-me. Vi-me entrando em uma espécie de túnel e senti vontade de dormir. Um sono profundo se apossou de meu ser. Queria resistir e permanecer acordada para apreciar todo aquele espetáculo que jamais havia visto, mas foi impossível. Eu não conseguia resistir.

TOMO 2
Clarice e Klaus
1920

"Eu nunca te disse isso, sempre te repeti a mesma frase em outras vidas, mas é isso... estou apaixonado por você, minha alma gêmea que me fez voltar apenas para estar ao seu lado neste momento tão difícil.

Não planejei nada, as coisas acontecem quando menos esperamos...

Encontro-me só, sem sua presença. Sinto febre e frio, muito frio, muita dor... Queria te pedir para não me deixar, mas meu orgulho foi maior.

Hoje você não está mais... Não vou segui-la. Não insistirei. Você tem suas razões. Espero apenas que seja feliz, mas me deixe dizer que não te esqueço um minuto sequer, pois sem querer você me devolveu a vida...

Tinha vários planos para nós. Sonhei demais, esperava que tudo fosse verdade e eu pudesse morrer do seu lado numa vida real, mas devo aceitar que as coisas não são como queremos, e perder é uma questão de amar o outro de longe e vou te amar de onde eu estiver... Embora tão fora de hora, descobri que você é a mulher de minha vida... Queria que soubesse disso. Espero que um dia descubra, mesmo que eu não esteja mais aqui, não sei como, nem de qual modo, mas farei com que esta carta chegue até você, para que saiba o quanto você é importante. Já é hora de ser feliz. Seja feliz, nem que seja por um dia, saiba que morrer também vale à pena.

Klaus." O Voo da Estirpe I pg. 140

Acordei em um quarto de hotel.

Ainda sem saber onde estava, olhei diretamente para um relógio a minha frente – eram 18 horas e 36 minutos.

Passei a vista pelo quarto. Os móveis eram antigos e tinha uma cor berrante, entre o vermelho e o marrom. Vi minha mala no chão, depositada ao lado de minha cama.

A cortina estava fechada e o quarto cheirava a algo que não conseguia definir. Todos os meus sentidos estavam aguçados àquela nova realidade.

Ainda pensei no rosto de Enzo se despedindo de mim e não conseguia me lembrar de mais nada. Era como se eu não tivesse tido vida até ali. Apenas me lembrava dos sentimentos, rostos e nomes.

Levantei da cama e caminhei até a janela. Senti uma leve tontura, mas logo voltou ao normal. Abri a janela e olhei o lindo jardim que havia para o lado de fora. Mais adiante, próximas a uma passarela de flores, passeavam mulheres elegantes, vestidas no estilo melindrosa, circulando num grupo de seis elegantes *mademoiselles*. Olhei para mim, estava também vestida assim.

Ao lado de minha cama, vi um chapéu preto com um laço na lateral. Jamais usaria isso! – pensei. Mas olhei as mulheres para fora do hotel e elas usavam algo parecido como se fosse normal. Certamente estava no ano de 1920 e deveria me dar boas-vindas.

Precisava sair e averiguar como tudo acontece neste ano. Em qual cidade devo estar? Será Paris? Será que falo o mesmo idioma? Ah meu Deus! Sentia-me meio perdida. Olhei para o criado mudo e vi um anuncio do hotel. Para minha alegria, percebi então que estava em Paris.

Respirei profundamente e decidi sair do quarto, precisava encarar o novo mundo com otimismo, sabendo que tenho uma

missão a cumprir e talvez não seja fácil chegar até meu objetivo – encontrar Klaus.

Saí pelo corredor do hotel. As pessoas passavam e me cumprimentavam com cordialidade. Mas nem sempre foi assim. Os franceses da atualidade tiveram seu coração comido pelo orgulho construído durante as gerações passadas, por seus nomes e grandes atos durante a história. Então, dou minha opinião sem errar – franceses atuais não são tão solícitos. São rabugentos e individualistas. Ainda não deram conta de que perderam há muito tempo seu posto de “atração cultural” para Nova York. Há quem diga que Berlim, hoje, tem maior expressão cultural que Paris. Londres já havia roubado um pouco ou bastante do antigo prestígio parisiense, no ano de 1960, embora nesta data eu ainda não houvesse nascido, mas é o que dizem nas calçadas de 2012. A cidade nunca perdeu seu charme, mas é triste testemunhar a ocupação da Rive Gauche pela indústria da moda, o abominável mundo fashion. Onde antes havia uma livraria, hoje existe uma boutique. Sem dizer que La Hune, a legendária livraria que separa o Café de Flore do Deux Magots, que ainda não foram inventadas em 1920, foi comprada pela grife Vuitton. Consolo: pretendem reabrir La Hune a poucos metros dali, na Rua Bonaparte.

Passei por um grupo de cavalheiros que se reuniam no saguão do hotel. Estavam ao redor de um rádio que anunciava uma notícia nova:

“1920, Philippe Berthelot transforma o serviço de “informação e de propaganda” – existente no interior do Ministério das Relações Exteriores francês – em “Comissariado Geral da Informação”, o qual passa a ser dirigido por Antony Klobukowski. O Comissariado se instala num prédio fora do Ministério das Relações Exteriores francês, com o nome de Maison de la Presse. Os colaboradores são a intelectualidade parisiense.”

Certamente, tudo que era novidade para eles, já não era mais para mim, e terei que me esforçar muito para não dar pistas de minha origem futurística.

A mulher da década de 20 era incrível. Sua postura altiva, demonstrando certo orgulho por representar o rosa choque, que nesta época não era necessariamente esta a cor que mais se destacava nos corpos esculturais que iam e vinham, passando por mim, mas era a nova atração para meus olhos. Aqui não se usava tênis, nem minha preciosa bota marrom com fivela dourada. Elas eram ousadas, bem penteadas e maquiadas. O movimento gótico deveria ser oriundo desta inspiração dos anos loucos e suas mulheres incrivelmente sexy e glamourosas.

Sem nada a fazer, acompanhava o rebolado das parisienses melindrosas que tinha o bumbum marcado por suas roupas inusitadas, pouco quadril, pouco seio e pernas de fora. Precisava cortar meu cabelo para acompanhar o clima que ali se encontrava. Flappers era uma "nova geração" de jovens ocidentais que usavam saias e cabelo curto, ouviam jazz e ostentavam seu desprezo para o que era então considerado um comportamento aceitável. Eram vistas como ousadas por usar maquiagem em excesso, beber, tratar o sexo de uma maneira casual, fumar, dirigir automóveis e violar as normas sociais e sexuais. Quer mais? Isso é simplesmente a minha cara.

Ao sair nas ruas, alguns prédios ainda eram os mesmos em uma versão mais nova, porém, muita coisa mudou ali. Não seria fácil encontrar um salão de beleza como na atualidade. Estava do outro lado da cidade. Talvez eu conseguisse reconhecer alguns pontos e me situar. O que mais deveria fazer neste momento é explorar minha nova realidade.

O que mais me chamava atenção além das melindrosas e flappers, eram os carros. Pareciam de brinquedo e me faziam sentir vontade de dar uma volta pela cidade dentro deles.

A roupa que eu usava era sexy, porém, desconfortável. Assim como o sapato no estilo boneca. Poderia ir tranquilamente a uma festa com uma desta, porém, caminhar o dia todo com ela me causava urticária. Alguém poderia dizer quem inventou vestuário assim? Que franjas demais, laços e miçangas demais são como

galhos de árvores dentro da roupa da gente? Coçando as costas como louca, encontrei um salão de beleza Salon femme. Arrumei meu cabelo e ajeitei minha roupa antes de entrar, não sei o porquê sentia-me tão inadequada e desajeitada. Essas melindrosas mexiam com algo dentro de mim – a impressão de que deveria cuidar mais de minha autoestima. *Saint de Dieu**! Era somente isso que me faltava. Além de estar num tempo que não é meu, sinto-me na obrigação de mudar também o que já está pronto. Sem dizer que me sinto uma desajeitada sem memória. Penso em Enzo e somente consigo saber seu nome e me lembrar de seu rosto, e uma vaga sensação de que ele me faz bem. Mas sei quem é Klaus. Sei como ele é e quem ele é em minha vida. Lembro-me de nossos momentos, mas não me lembro exatamente onde se passaram. Creio que perdi a memória. Creio também que será um trabalho de mestre encontrá-lo e... Conquistá-lo. Disso lembro perfeitamente. Esta é minha missão. É como se alguém soprasse em meu ouvido a todo o momento sobre esta questão. Não sei, mas estou sem eixo, tempo, passado e saudades é tudo a mesma coisa. Tropecei no bico quadrado de meu sapato e foi assim que entrei no salão.

— *Oh mon bijou!* – exclamou uma *mademoiselle* quando me viu, quase caindo, ao entrar no salão.

— Por favor, gostaria de... Cortar o cabelo – disse embaraçada, com todas as mulheres que estavam lá dentro, olhando para mim.

— *Oui!* Mas como deseja? – perguntou ela, rodeando meu corpo, analisando meus cabelos. — *Oh-la-la, mon Chérie!* De onde veio com este corte de cabelo?

Percebi que as coisas agora começaram a se complicarem um pouco mais.

— Bem... Daqui mesmo... E quanto ao corte... Bom, pode ser... – eu não sabia dizer um nome sequer de corte de cabelo. — Pode ser igual... Ao seu. – Definitivamente estava perdida!

— *Mon petit doigt me l'a dit...** você não é daqui.

E agora Clarice? Saia desta sem ser chamada de louca, pois de estranha você já deve estar sendo julgada!

— Sou daqui – disse ligeiramente, sentando-me na cadeira, tentando mudar de assunto, de ideia e ir direto ao ponto que me levou até ali. — Vim da zona rural e não tenho muito contato com o modismo, então... – Ri sem graça depois de mentir. — Então é isso.

— Zona rural? – Seus olhos se arregalaram tanto que mais parecia uma coruja com máscaras para cílios.

— *Oui!* O que faz ou fez na zona rural?

Como ela falava... Ah! Quando começará o corte me meu cabelo para distrair a língua.

— Observava pássaros. – Achei uma ótima resposta ou não? Ela ergueu a sobrancelha e quietou-se. Em quase exatos 15 minutos, terminou o corte. Fiquei me olhando por mais longos dois minutos. Eu deixei de ser quem era.

Levantei-me para sair após pagar pelo corte de cabelo com ela me achando a mais estranha das criaturas, quando surge pela porta a magistral presença de uma mulher encantadora. O seu jeito de andar com postura. A forma elegante de se sentar e apagar seu cigarro, fez com que eu quase perdesse a fala. Era ela... Estela.

Se não fosse destino ou alguém invisível que me levou até ali, não saberia dizer como poderia ser tanta coincidência.

Os olhos dela estavam distantes. Seu rosto é moldado por cabelos tão escuros quanto a noite sem lua, só perdia a atenção para a pele alva, que fazia a imaginação desenhar traços de unhas em sua carne fresca. A boca vermelha, sensual, no tom carmim, estava bem traçada, eu podia sentir o cheiro de seu batom e a malícia de seu toque de tigresa, manhosamente escondia as unhas para ferir quando ninguém visse. Estela... Cativa todas as criaturas que se postam diante de seu ser tenro e voluptuoso. Fiquei estática olhando para ela após pagar o corte. Não sabia mais o que fazer

por ali para que pudesse estar mais tempo em sua presença. Então... Poderia pintar as unhas.

Assim que ela se levantou, saindo apressadamente pela porta do salão, quase empurrei a manicure que terminava de pintar minhas unhas. Não poderia perdê-la de vista. Ela era minha única referência até aquele momento nesta Paris tão diferente.

O sapato dela quase cantava pelas calçadas. Antes de entrar em seu carro, ela parou, colocando a mão na testa. Aparentou estar passando por alguma angústia ou vertigem. Corri até onde ela estava.

— Olá! Posso te ajudar em algo? Está se sentindo mal? – perguntei mais que depressa. Esta era minha única chance de me aproximar.

— Oh! Não! Sim... Não sei...

Ela parou, encostando-se no veículo.

— Quer que eu busque ajuda?

— Não, por favor... Não é necessário...

Ela entrou no carro e assim que ligou o carro, novamente pôs a mão na testa e desta vez passou a chorar.

— Posso levá-la até sua casa... Não sei... Posso guiar para você.

Ela apenas assentiu com a cabeça e passou para o banco do carona. Mais que depressa, entrei no carro sem saber ao certo como dirigir aquele carro antigo. Assim que dei partida, foi tudo automático... Pelo *feelling*, creio eu.

Andei pelas ruas de Paris dos anos loucos sem ter noção para onde ir. Estela chorava ainda ao meu lado e murmurava algumas palavras incompreensíveis.

Após quinze minutos andando sem rumo, ela resolve falar. — Como sabe o caminho de minha casa? – perguntou. Saber eu, não sabia, mas não saberia explicar como. Talvez, algo que vivi por

aqui no passado deva ter ficado registrado em meu subconsciente ou simplesmente estavam soprando em meu ouvido novamente.

— Não sei onde é sua casa.

— É justamente aqui. – Apontou para uma casa que parecia casa de boneca, tanto pela arquitetura como pela cor rosada, quase pêsego, com o portão e janelas pintadas de branco.

Estacionei e esperei ela falar alguma coisa.

— Obrigada – ela falou e eu não sabia o que falar depois.

— Não há o que agradecer – então me lembrei como se respondia a um agradecimento.

Com sacrifício, desci do carro e me ajeitei em pé, feito uma estátua meio idiota.

— Você mora onde? – ela me perguntou.

— Estou num hotel. Vim da zona rural. – Insisti naquela mentira que deu certo, assim, ninguém me perguntava coisas sobre a MetrÓpole.

— Quer entrar? – Era tudo que eu queria ouvir.

— Sim! – Quase não controlei a emoção.

Entramos e Estela foi tirando seu sapato. Suas pernas bem torneadas estavam à mostra na saia curta, após a retirada da meia de cor acinzentada. Jogou-se no sofá e pegou, na mesinha ao lado, um cigarro que foi colocado na piteira. Ela experimentava longos tragos e soltava a fumaça me olhando.

— Quer um cigarro? – ela me perguntou.

— Eu não fumo.

Então a vi se levantar e buscar por uma bebida que estava no balcão de madeira da sala. Pegou sua bolsa e retirou de lá uma pílula. Tomou-a com um gole denso da bebida. Serviu meu copo e me perguntou se eu aceitava com gelo.

Eu não sabia ao certo o que ela estava me servindo, porém, para não causar transtornos e abuso, aceitei sem gelo. Ela

se jogou novamente no sofá, colocando as pernas em cima da pequena mesa do centro da sala.

— Estranho... Tenho a sensação de que a conheço de algum lugar... – disse Estela me olhando de forma estranha, tentando se lembrar de algo.

Mais que depressa, eu tentei distrair seus pensamentos.

— Isso não é possível. É a primeira vez que saio de minha cidade.

— *Oui* – disse ela tomando de sua bebida e eu da minha. — Desculpe-me pela forma que nos conhecemos... Estou passando por alguns problemas pessoais e... Nos conhecemos num momento delicado.

— Não se importe com isso. O importante é que agora já está bem – eu disse, pensando que deveria ir embora. Sei onde mora agora e outros encontros armados seriam mais fáceis.

— Fique para o jantar – disse ela, quase adivinhando que estava pretendendo ir embora.

— Bem... Se assim deseja... É que...

— Entendo... Não se sente confortável em casa de estranhos, não? Eu também não, mas enfim... Já que estamos aqui e o destino resolveu nos colocar uma de frente a outra num momento desses, então... Acho que deveria agradecer pelo o que fez oferecendo um jantar.

— Aceito a gentileza. – Sorri sem graça. Estava me sentindo uma intrusora. Um corpo estranho na casa de minha quase amiga do... Futuro? Que coisa mais estranha... Futuro... Não é certo dizer assim. Pois quando a conheci, ela estava no coma e já tinha morrido. Era somente uma alma. É tão estranho olhar por este prisma.

Ela foi para a cozinha e falava tanto quanto se mexia. Falava com a boca, com as mãos, com as pernas. Céus! Como ela é ligada na tomada!

— Sou filha única e então... Sabe como isso funciona né? Sou o capricho materializado de meus pais e tudo que esperam de uma filha perfeita. E seus pais?

E agora?

— Meus pais morreram.

— Oh, lamento muito...

— E está aqui... Por causa de?!!!

— Hum... Vim... vim para tentar uma vida nova – disse isso. O que não deixava de ter um fundo de verdade. Isso já me aliviava, pois mentir a todo o momento estava se tornando enfadonho.

— Qual é o seu nome? – ela já me fez esta pergunta um dia.

— Clarice.

— *Oui*, Clarice, nem nos apresentamos. – Ela estendeu sua mão suja de peixe. — Oh! Desculpe-me! Sou cozinheira de primeira viagem – disse ela me entregando um guardanapo, tentando me limpar.

— Não tem problemas.

— Meu nome é Estela Josefina. A maioria das pessoas me chama de Josefina.

— Posso chamá-la de Estela? – Eu não me acostumaria em chamá-la de Josefina.

— Fique à vontade. Além de você, meu futuro noivo também me chama desta forma.

— Você está noiva?

Ela baixou a cabeça tristemente.

— Sim. Família e seus negócios em comum. Não que eu não goste dele. Qualquer pessoa em sua sã consciência gostaria dele, porém, não tive tempo de me apaixonar. Os negócios sempre vêm em primeiro lugar. Meus pais moram em Reims, e estou por

aqui, quase órfã, terminando meus estudos e assegurando minha família e a de meu noivo, que nosso casamento um dia se realizará.

— Desculpa-me o intrometimento em sua vida, mas... Por que estava chorando?

— Justamente por este motivo... Sinto-me só por aqui. Sinto que não é o momento de me casar... E, além disso, tem outros fatores que... Prefiro não comentar neste momento – falando isso, vi que ela pegou outra pílula do armário da cozinha e tomou com mais um gole da bebida. Achei um exagero, mas preferi não comentar. Aliás, preferi não ver o que vi.

Sentamo-nos à mesa para comer o peixe que havia preparado. Estela abriu uma garrafa de vinho. Achei melhor não tomar, pois não queria misturar as bebidas, em meu copo ainda tinha o que ela havia me servido assim que cheguei.

— Clarice... Você disse que está morando num hotel? – disse ela com a boca cheia.

— Sim, temporariamente. Logo que conseguir algum emprego, penso em alugar um local para morar.

Estela tomou em três goles, a taça de vinho.

— Pode ficar aqui, se quiser... – disse sem me olhar. Senti que sua carência por uma amiga ou uma pessoa que a ouvisse era maior que colocar uma pessoa estranha dentro de sua casa.

— Não, não, obrigada pelo convite, mas...

— Compreendo o modo de pensar de pessoas que estão vindo da zona rural e ainda não se habituaram ao modo desenfreado das moças de Paris, mas insisto no convite. Se quiser pensar melhor, eu posso esperar...

Passei a suar frio e me engasguei com o gole da bebida.

Estela se levantou e passou a bater em minhas costas, o que me fez estranhar a forma tão espontânea em manter contato físico com uma pessoa estranha como se a conhecesse. Na verdade,

nos conhecemos sim, mas ela não sabe disso e se comporta como se soubesse.

Assim que me desafoguei, ela riu bastante e alto.

Ajeitei-me na cadeira e tentei apenas sorrir. Fomos para a sala e ela acendeu mais um cigarro, colocando uma música na vitrola.

— Veja os passos de dança que aprendi com uma *mademoiselle* que chegou com novidades na cidade.

Passou a dançar no meio da sala, afastando a mesinha do centro. A dança era muito diferente do que costumei ver em 2012, mas gostei do ritmo alegre e agitado, porém, ousado. Digamos, revolucionário para a época.

— Venha! – Puxou-me ela, pelo braço.

— Oh! Não... Não tenho jeito para isso...

— Eu te ensino; basta apenas copiar meus passos. Vou bem devagar para você conseguir ver como é.

Ela encostou seu rosto em meu ombro e olhou-me de uma forma sensual. Seu nariz encostou-se a minha blusa e sorveu meu cheiro como se quisesse arrancar minha roupa. Minutos depois, vi a marca de seu batom em minha pele. Ela apenas olhou para minha cara de pasma e sorriu, passando de leve sua mão de pele muito fina, como se quisesse gravar meus poros em seus dedos.

Não tive alternativa. Ela era espirituosa e espevitada. Com o corpo duro, eu seguia. Lá quase no final da música consegui me soltar e acertar o passo.

— Isso! – gritou ela com alegria. — Somos uma dupla perfeita! Vamos revolucionar Paris! Oh-la-la!

— Calma... – Ri da impetuosidade dela. — Sou tímida e seguir alguns ritmos e costumes me parecem estranhos...

— De jeito nenhum! Precisamos nos divertir – disse ela bebendo o resto da segunda taça de vinho.

Estela parou o carro na frente do hotel onde eu estava hospedada.

— Foi muito bom te conhecer Clarice – disse ela, beijando meu rosto rente a meus lábios. Jamais pensei que em 1920 as moças eram mais afoitas que as de 2012. Certamente este comportamento advinha da revolução que viviam na época. E as *mademoiselles* da atualidade se acomodaram; já teve alguém que lutou antes para que pudessem se acomodar tranquilamente no sofá da sala, enquanto assistem a programas de televisão.

Na manhã seguinte, assim que pus meu pé fora do quarto do hotel, dei de cara com Estela na porta de meu quarto.

— *Bonjour* – disse ela acompanhada de meus olhos admirados por sua procura. — Estava indo para a escola, mas resolvi passar aqui... Não estou me sentindo bem... E... Preciso de uma companhia hoje... E pensei que você poderia passar o dia comigo, e quem sabe... Irmos juntas para minha aula de música, então... Que tal?

Haveria outra resposta a não ser, sim?

— Aula de música?

— Sim, faço aula de piano e violino. De repente você goste... Ham?

— Sim, não tenho nada para fazer mesmo. Podemos ir. Ela foi tagarelando até chegar a tal escola de música.

— No andar de cima, funciona a escola de música. No andar de baixo, escola de artes plásticas. Uma galeria de arte contemporânea e barroca. Tem telas lindas por lá. Meu sonho é um dia trabalhar num lugar assim...

Silenciei. É tão estranho saber o destino das pessoas. Ela não sabe, mas sei que ela trabalhará um dia lá, e depois, irá comprar o prédio. Seria muito chato mesmo, as pessoas saberem de seu futuro. Com o tempo, perderia a graça contar com o futuro certo em sua vida. O sonho que brilha nos olhos dela neste

momento tem como segredo, a imprevisão; o desafio e a luta para conquistar algo.

Desci do carro e vi os olhos dela passando pelas telas que havia no corredor. Ela tinha paixão pelo o que via. Seus dedos alvos contornavam os quadros e sua unha pintada de vermelho se perdia no vasto vermelhão da arte pintada. Momento ou outro, ela encostava seu corpo em minha perna, como se fizesse isto de propósito, mas, no mesmo instante, sua feição era de alguém inocente no que fizera.

Eu ouvia o som vindo lá de cima. Eram lindos os acordes. Pouco tempo depois que chegamos, vi Estela se posicionando para sua aula de piano e a concentração explícita em seu rosto. Ela tocava o piano de forma sensual, como tudo que havia nela.

Andei por toda galeria e certifiquei-me de que estava exatamente igual como era no coma. Estela estava praticamente em casa e não sabia.

Todos os sons me chamavam atenção. Parecia-se uma orquestra. Em cada sala de aula, uma magia, um encanto diferente que acalentava a alma. Algo insistia em vir a minha lembrança, mas com a mesma rapidez, escapulia. Eu somente sabia repetir em silêncio o nome de Enzo, tentando lembrá-lo sem sucesso. Uma tristeza sem nome se fez presente, e senti que lágrimas silenciosas rolavam em minha face, pois sem saber como, este nome me trazia tantas saudades... Eu só queria saber o motivo... Sei apenas que ele está ligado a meu futuro e que isso é algo desejado por mim. Por algum motivo, precisei esquecer... Algo me diz que este fato está relacionado a plena realização de minha escolha – ficar no passado, aqui, ou voltar por futuro, lá, sem saber ao certo o que me espera em ambos os lugares.

"Siga seu coração..." – Esta frase veio a minha mente como se alguém a tivesse dito.

Parei a frente de uma das salas e admirei o som do cello. O instrumento estava sendo tocado por uma jovem que não notou minha presença. Este instrumento é algo lindo de ver e ouvir. Possui

quatro cordas e se diferencia dos outros instrumentos pelo tamanho grande, apoiado no chão por meio do espigão, que é uma haste de metal em sua extremidade.

Acordei para o tempo presente e caminhei algumas salas adiante. Vi quando Estela atravessou apressadamente uma das salas. Ela não havia me visto e eu precisava saber o que estava acontecendo. A porta estava quase encostada, mas pela fresta a procurei discretamente com os olhos. Quase no canto da sala, vi a cena – Estela beijava apaixonadamente outra moça ruiva que correspondia ardentemente à sua expectativa.

Não fiquei espantada, mas foi uma surpresa flagrante-la numa cena clandestina em sua escola de música, mas sabendo que ela tinha um compromisso sério que caminhava para um casamento, logo me veio à mente que este talvez seja o motivo de seu pranto quando nos encontramos ontem.

Apressadamente, saí do local, tentando fazer de conta que nada vi, pois não queria me envolver com assuntos que não me diziam respeito. Eu já conhecia sua tendência bissexual. Ela deveria estar sofrendo.

Na saída da aula, permaneci como se nada tivesse acontecido, mas tentava fugir dos olhos dela para que não descobrisse que eu havia visto o que vi. Ela dirigia cantando. Parava de cantar para me dizer uma coisa ou outra.

— Vamos a algum café? – ela me perguntou numa voz quase aflita.

Ao estacionar, parou num local proibido.

— Não pode estacionar aqui – disse eu.

— Eu posso qualquer coisa *mon Chérie*, sou livre! Pelo menos é assim que deveria ser. – Suspendeu os braços para cima quase num deboche. — Está vendo este prédio aí? – Apontou para o local em que estacionou o carro em frente. — É de meu pai. Ele quer ser o dono do mundo, comprar pessoas com seu dinheiro maldito; portanto, só me resta quebrar as regras impostas.

Sentamo-nos uma ao lado da outra e eu já tinha certeza de que havia encontrado uma pessoa muito mais louca do que eu. Eu não era nenhuma santa, a diferença era de que agia em silêncio e Estela não fazia questão alguma de saber qual era a opinião de qualquer pessoa a respeito de suas atitudes.

— Por favor, um café forte – pediu. — Traga-me vodca também.

— Vai misturar café com vodca? – perguntei, agora sim, admirando.

— Qual o problema? – disse ela, abrindo sua bolsa e retirando uma pílula de lá.

— O que é isso que tanto toma? – Novamente não pude me conter.

— É isso mesmo que você está vendo, pílulas. Estou agitada. Preciso me acalmar de algum modo. Eu preciso delas.

— Toma apenas para se acalmar?

— Para dormir, para acordar, para não comer tanto... Como disse, eu preciso delas.

— Não deveria tomá-las com bebida. – Não acredito que novamente não pude fechar a boca.

— Eu estou doente Clarice. Dependo dessas pílulas para viver, entende? Agora é tarde demais... Não consigo ficar nenhum dia sem elas.

Deste detalhe eu juro que não sabia. Estela era dependente dessas pílulas e também... Bebia demais.

Preferi não dar continuidade àquele assunto.

— Clarice, pensou em meu convite?

Sua pergunta me pegou desprevenida.

— Ainda não.

— Você terá um tempo maior para organizar sua vida, se tiver um lugar para morar.

— Nós estamos nos conhecendo, não posso invadir sua privacidade... Conhecemo-nos ontem...

— O que quer saber de minha vida para nos tornarmos amigas?

Amigas? Eu tive apenas uma amiga, ela chamava-se Bella e me traiu. Roubou meu namorado e desapareceu da face da Terra.

— Amizade é algo que acontece naturalmente na vida das pessoas.

— Desculpa-me! Eu não quis forçar uma situação, mas... Escuta... Eu preciso confiar em alguém.

Meu estômago gelou. Seria agora que ela diria que gosta de meninas.

— Estou aqui, posso te ouvir.

— Não é somente ouvir, Clarice, eu preciso de uma amizade. Alguém que não irá me julgar se souber de meus segredos.

— Jamais te julgaria... Acredita piamente que sou santa?

Ela riu.

— Estou noiva, como você já sabe, porém, como já sabe também, eu não amo meu noivo. É uma relação por conveniência. Ninguém me aceitaria como sou verdadeiramente.

— E como você é?

— Estou me destruindo dia a dia... Não suportaria me casar agora.

— Não se case! Viva sua vida como se ela dependesse única e exclusivamente de você.

— Minha vida não depende apenas de mim... Meu cunhado... Você não o conhece... É por causa dele que estou nesta situação. Se eu terminar meu noivado, meus pais estão mortos.

— Explica-me melhor isso. – disse eu, sentindo seriedade no assunto.

— São jogos de interesse. Fradique, meu cunhado, é chefe do crime organizado aqui na França. O poder vem da Itália, através dos contatos que tem por lá. E meu pai... Meu pai infelizmente faz parte desta organização. Meu casamento é um selo que acordaram. Eles desviaram do Estado, um patrimônio muito grande. Para ninguém descobrir, meu pai passou tudo para meu nome. Com o patrimônio que pertence a mim, Fradique poderá ser quase o dono deste país. Meu pai possui uma dívida com meu cunhado, e o pagamento se dará através de meu matrimônio com o irmão dele. Assim que conseguirem alcançar o desejado, eles dividem o dinheiro que conseguirem, e tudo estará consumado.

— Não estou entendendo... O que isto tem a ver com seu casamento...

— Está tudo premeditado, não entende? Assim que me casar, passarei meus bens para meu futuro marido. Ninguém desconfiará que isto é uma farsa, um pagamento de dívida.

— E por que você e Fradique não ficaram noivos, ao invés de você noivar com o irmão dele, se o interesse era apenas troca de benefícios?

— Meu pai está ligado à política na França. Seria muito direto e evidente minha união com Fradique, que é seu parceiro na organização criminosa. A imagem de meu pai é a receita do sucesso nos planos deles. Através do poder do Estado, meu pai consegue alcançar meios de desenvolver em Paris, um braço da máfia italiana. A questão de meu casamento não ser com meu cunhado é que todos, ou os mais poderosos, sabem do envolvimento de Fradique com a máfia. Mas não podem nem imaginar o de meu pai com este caso. Se a organização descobrir o golpe que estão dando, morrerão os dois.

— E como eles pretendem desviar a atenção das pessoas e da máfia para efetivar este plano? Como conseguirá passar seus bens para seu cunhado, se é com o irmão dele que se casará?

— Matando meu marido.

— Como? Não entendi... – fiquei abismada com o que ouvi.

— Matando meu noivo. Tudo que pertence a ele, passa para o irmão. O único parente da família mais próximo, e ninguém desconfiará como tudo se fez. Meu noivo ainda não sabe sobre uma herança de sua avó que ficou para ele na partilha dos bens. Fradique escondeu esta informação. Ele é herdeiro de uma mina petrolífera. Esta herança também é um dos motivos de Fradique sonhar com a morte do irmão.

Agora passo a entender melhor a situação de Estela e seu jeito de levar a vida, sempre aflita, inquieta, angustiada. Vivia como se fugisse de alguma parte de si. É horrível ter que ouvir todas as suas confidências sem poder fazer exatamente nada. Estou me sentindo no ápice da rendição e impotência.

— Na verdade... Ele me leva no número 20 da Rue Jacob, no salão de Natalie Barney. Leva-me fantasiada com alguma máscara para que eu não seja reconhecida. Neste salão, Mata Hari cavalcou nua num cavalo branco e dançarinos de Java apresentaram-se também nus. Sob ameaças, sou meramente prostituída neste local, por velhotes bêbados e ricos sem escrúpulos. Se me negar a ir, ou contar isso para alguém, matará meus pais. Então obedeco. Fradique é um homem doente e pervertido. Ele sente prazer em fazer o que faz.

Levantei-me da cadeira. Fiquei pálida! Quando nos encontramos no coma, Estela se prostituía nas ruas. Isso deve ter alguma ligação com o que aconteceu naquele período. A alma de Estela certamente estava querendo me apontar esta situação... Tudo é como um jogo de quebra-cabeça. Jamais poderia imaginar que o fato de ela estar nas ruas durante o coma, era um aviso. Ela queria expressar algo, usando parábolas ou um pedido de socorro através de enigma. Estou perplexa com a complexidade da vida e seus acontecimentos... Tudo está interligado passado, presente e futuro. Somados, não são mais do que um par de todos os meus sentimentos reunidos. Para tudo existe uma razão de ser.

Tudo que ouvi, levou-me a crer que a alma de Estela, durante o coma, não descansou por causa deste motivo. Ela estava

me pedindo ajuda.

— Estela... Como posso te ajudar? – eu disse. Se ela me pediu ajuda indiretamente, no coma, é porque posso ajudá-la de alguma forma. Se, estou aqui hoje, e voltei a reencontrá-la, significa que posso ajudá-la.

— Ninguém pode me ajudar. Gostaria que viesse morar comigo.

Acenei a cabeça, consentindo. Era o mínimo que eu poderia fazer. Apesar de estar sentindo muito medo desta situação. O que duas mulheres poderiam fazer numa situação desta? Agora entendo o desespero por ter uma amizade. Ela quer apenas alguém para confiar e desabafar.

— Como fará com seu noivo? – perguntei, tentando encontrar uma saída ou descobrir a solução que ela deveria já ter imaginado alguma vez.

— Gosto dele. É uma pessoa maravilhosa. Teve um tempo que imaginei... Se não fosse minha condição, poderia ter me apaixonado por ele.

Fomos juntas até ao hotel e peguei minha mala, meus sonhos antigos, quase esquecidos pela trajetória da vida. Andei pelo corredor do hotel, quase troncha, muda, com olhos estáticos. Estava afundando-me no desconhecido – isso era viver, mesmo sem saber o motivo. Mudei-me para a casa de Estela. Confesso com muito medo. De quê? Do que me tornarei quando souber quem sou. Medo de me envolver com as coisas alheias tão profundamente, e na volta, perder-me pelo caminho, pois é tão mais fácil achar as soluções fora de mim, e não para mim...

Antes de dormir, ela entra em meu quarto para me dar boa noite. Caminhou até a porta e disse algo que me fez pasmar:

— Você e meu noivo fariam um lindo par. – Vi em seu olhar um brilho mórbido, estranho. Jamais a entenderia se fosse para escrever um texto sobre ela.

*Um passarinho me disse

* Santo Deus

— Juro caminhar contigo, até o último momento de minha vida. Juro estar ao seu lado e te proteger. O meu amor será seu, eternamente...

Juro diante deste sol e de Deus, que por nenhum momento deixarei de agradecer por tê-la ao meu lado, trazendo-me vida a cada instante que ela em mim for diminuída... Juro fazê-la feliz, meu amor, e juro que é por você meu único desejo de viver um pouco mais, para poder estar ao seu lado, te amando, te respeitando até o último momento.

Quando chegou a minha vez, a voz estava embargada. As lágrimas rolavam fortemente vendo o rosto dele tão sereno e sincero.

— Juro ser leal pelo resto de minha vida, protegê-lo, e a ti dedicar todo o meu ser, corpo, alma e espírito, como sinal vivo do desejo que você renasça em cada amanhecer. Juro que não me esquecerei de agradecer por todos os momentos verdadeiros ao seu lado.

Juro que em mim ficará o seu melhor para que você permaneça, na alegria, ou na tristeza, na saúde e na doença, por todos os dias de minha vida.”

O Voo da Estirpe I, pg. 147

Não digo que tem sido fácil sobreviver à década de 20. Gosto do glamour apresentado, quase lírico. As pessoas pareciam mais inocentes. Existiam sonhos criados em sua forma mais pura de ser. A questão não se encontrava na época, e sim, na difícil forma de enxergar os problemas de Estela, sem imaginar uma solução. Uma pessoa estava marcada para morrer e isso não era algo banal. Estela poderia não ter um fim menos ameno. Neste exato momento, gostaria de acreditar em Dom Sebastião e criar uma maneira de alimentar a esperança em algo.

Estava aprendendo a me pintar como as melindrosas. Estela era divertida em seus momentos de distração. Além de dançar, ela me ensinava a conviver com a nova realidade, mesmo sem saber da verdade acerca de minha origem.

Nunca fui boa em tantas coisas, e agora, tenho a oportunidade de aprender as coisas simples da vida. Não posso me esquecer de citar as mais difíceis, e dizer que nestas eu sou péssima.

A razão de gostar de meninas não a retirava a feminilidade. Ela dançava com muita graça. E seu sorriso era iluminado.

— Toque em sua cintura e rebole ao trocar os passos — dizia ela me ensinando a dançar o charleston, balançando sua cabeça, fazendo cair seu chapéu. O chapéu, até então acessório obrigatório, ficou restrito ao uso diurno. O modelo mais popular era o cloche, enterrado até os olhos, que só podia ser usado com os cabelos curtíssimos, a la garçonne, como era chamado o corte de cabelo, e acabei me familiarizando com este nome, pois não o sabia na época que cortei meu cabelo. — Com espontaneidade, Clarice... Vamos lá, faça cara de que não se importa para ninguém.

A mulher sensual era aquela sem curvas, com seios e quadris pequenos, que soubesse se agitar na hora da dança e

executar passos mais audaciosos com seus parceiros. Eu era, especificamente, péssima nisto. Não seria sexy para esta década. Clara Brow não me elegeria sua sucessora.

Fomos interrompidas pela campainha.

Estela correu para atender a porta e eu aproveitei para me jogar no sofá e torcer para que ela se esqueça de voltar às aulas particulares de dança.

Ela voltou segurando uma correspondência. Seu olhar parecia preocupado. Abriu o envelope e passou a ler.

— É um telegrama – disse. Após ler. Sentou-se ao meu lado, jogando no chão, o envelope. — Meu pai marcou a data que oficializará o noivado. Será neste final de semana. — Levantou-se e pegou uma pílula. Em seguida, serviu um copo de bebida. — Você irá comigo?

— Sim – disse sem saber ao certo como a ajudaria apenas comparecendo a um evento que não era sinônimo de sua felicidade.

Ela foi até a lareira e queimou o telegrama, olhando-me com ardência nos olhos. Talvez eu não soubesse descrevê-la naquele momento, mas ela tinha desejo e medo no olhar.

Durante o dia todo, ela permaneceu trancada no quarto. Hora ou outra eu a ouvia falar ao telefone. Em algumas vezes, falava em tom alto, parecendo discutir com alguém. Em outras, ouvia seu choro, como se pudesse tirar de dentro de si a alma ou a dor.

Quase ao entardecer, escutei a campainha. Para minha surpresa, dei de cara com a moça ruiva que Estela beijara na escola de música.

— Olá! Meu nome é Anelisse, gostaria de falar com Estela, ela está me aguardando.

Quase não consegui dizer alguma palavra.

— Entre.

Ela entrou com tristeza nos olhos e seguiu diretamente para o quarto de Estela. Em seguida, eu ouvi o som do jazz vindo do quarto em volume alto. Elas riam. Eu não podia compreender tamanha mudança no comportamento de Estela. Num momento estava sofrendo, dependente de algo que não sei dizer, e em outro momento, vivia a vida como se nada mais importasse.

A semana correu para seu final.

Era um sábado sem sol. Triste como o semblante de Estela, que se vestiu inteiramente de preto para a festa de seu noivado. Nenhum vestígio de alegria havia em sua imagem. Por nenhum momento sorriu ou disse algo engraçado. O sol não deveria ter nascido naquele dia por respeito aos seus sentimentos.

Sem saber como me encaixar naquele momento, vesti a melhor roupa que... Nossa! Lembrei-me de algo! Quem arrumou minha mala foi... Enzo!

Segui até a mala que ainda não havia desfeito e fui atrás de lembranças, mas elas não vinham a minha mente, apenas um sentimento bom e saudoso. Abracei as roupas, colocando o rosto entre elas, ficando assim por alguns momentos. Até que senti, em meus dedos, a sensação de tocar em algum papel. Peguei-o e li – *Clarice, jamais se esqueça de que te amo e em tempo algum estará longe de meus cuidados e pensamentos. Enzo.*

Abracei às roupas dentro da mala. Eu me lembrava de seu rosto e sentia sua importância, era o suficiente para fazer meu coração se expressar de algum modo.

Escutei Estela me chamando e tratei de limpar meu rosto e esconder o papel.

— Vamos? – disse Estela entrando em meu quarto.

Estacionamos em frente à bela casa que tinha vários pés de pinheiros na área do jardim.

Antes de descer, Estela retirou uma pílula de sua bolsa e a tomou. Não disse nada, mas me olhou como se quisesse dizer – *estou ferrada*. Toquei timidamente em sua mão e descemos do carro. Não havia nos sentimentos de Estela um mar de profundidade, e sim, uma infinidade de superfícies. Ela era uma espécie de praga da qual não se consegue ou se quer fugir.

Sentia-me inteiramente bege naquele vestido na cor de pérola. Se não fosse a boca carmim, pintada para parecer um arco de cupido; os olhos bem marcados, as sobrancelhas tiradas e delineadas a lápis. Meu sapato de camurça chegava a assoviar na calçada, tamanha era minha inadequação ao entrar naquele palacete da década de 20.

Os convidados eram poucos, mas a receptividade e o grande número de empregados uniformizados atravessando as salas da casa era algo de se admirar. Pelo que me lembro, Estela me disse que moravam ali apenas o noivo e seu irmão, não consigo entender o motivo de morarem em uma casa tão grande.

Os perfumes com impressão de nostalgia rasgavam os ares da casa. Nada de cheiros adocicados da atualidade. Ali predominava a exuberância e *glamour de Chanel 5, Fougère Royale e Parfum Idéal*.

Com os olhos eu procurava um cantinho confortável para me esconder dos olhos curiosos dos convidados. Nem o canto mais discreto da sala de estar, onde estavam reunidos, fariam com que desviassem os olhos de onde eu estava, pois ao meu lado, encontrava-se, nada mais, nada menos que a noiva, às dez horas da manhã, com um rosto triste e de poucos amigos, vestida de preto – meia, vestido, sapatos, chapéu e colar de pérolas.

O garçom veio nos servir uma bebida, e para meu alívio Estela saiu de perto de mim, pedindo licença por alguns instantes. O ruim deste acontecimento é que, no instante em que ela desapareceu da sala de estar, todos os olhares novamente voltaram para a estranha que se encontrava casa – eu.

Vi quando uma grande porta de correr se abriu, e dela saiu a imagem de um homem claro, alto, cabelos castanhos quase loiros e olhos amendoados. Num sorriso, ele cumprimentava as pessoas, tocando levemente em suas costas, e com algumas palavras gentis, saudava os convidados. Ao me olhar, vi em sua expressão me estranhando, pois certamente sabia que eu não fazia parte de seu rol de convidados.

Era uma festa perfeita num fascinante período em que escritores e pintores; músicos e bailarinos; novos e velhos ricos, exilados da Rússia comunista e dos Estados Unidos, convergiram num movimento único da história para uma Paris estimulante e irreverente. E ali, deveria ter doses concentradas desta sociedade, que para mim era até então desconhecida. Eu, porém, deveria ser a única quase nada num evento estonteante por seu status social. O homem vestido com uma calça xadrez de tons marrons, um colete bege que combina com meu visual do dia, camisa branca de cambraia e sapatos que de tão lustrado, pareciam um espelho, aproximou-se não escondendo sua expressão curiosa.

— *Bienvenue* – disse ele me dando boas-vindas.

— *Merci* – agradei.

Quando pensei que ele apenas iria me cumprimentar e daria o fora em seguida, enganei-me. Ele estava em sua casa. Faria e iria para onde quisesse.

— É convidada de quem?

— Vim a convite da noiva, Estela Josefine.

— Compreendo – disse em um olhar que me irritava e deixava-me completamente sem identidade. — Você é de Paris?

O que poderia dizer a este desconfortante ser?

— Sim, estou em Paris no momento. – Mudei a pergunta dele com minha resposta.

— Veio para cá, recentemente?

— *Oui*. – Isto era uma entrevista ou uma investigação?
Pensei irritada.

— Pretende permanecer? – ele insistia.

— *Je ne sais pas* – respondi que não sabia.

— *Franchement**, creio que deveria experimentar.

— Ainda não tenho um destino certo – disse eu, sentindo-me sufocada.

Para minha alegria, Estela se aproximou, desfazendo o clima tenso que tomara conta do melhor canto da casa, o que escolhi para me esconder e o *monsieur* não deixava.

— Josefina, não me apresentou sua encantadora amiga? – disse ele para Estela, olhando em meus seios, o que me causou repudia, pois neste exato momento lembrei-me do que obriga Estela a fazer, por puro capricho ou perversão. Notei em seu olhar certa insinuação a Estela. Mas gostaria de dizer a ele que jamais conseguiria me levar a tal lugar ou fazer comigo qualquer algo relacionado ao que faz a ela.

Estela o olhou com raiva e por alguns minutos acreditei que ela o cuspiria.

— Clarice, este é Fradique, meu futuro cunhado.

Apenas o cumprimentei com o balançar da cabeça, pois no mesmo momento me lembrei das barbáries que ele estava causando na vida de Estela e dos outros que ainda não havia conhecido.

— *Voilà*, sintá-se à vontade Clarice, *a tout à l'heure**.

Até mais tarde? Pensei. Eu não merecia isto. Aparentemente é um homem bonito, mas possui um coração maldito e ardiloso. Devo me manter afastada. E outro detalhe, de boca muito fechada, pois, falar menos é falar mais neste caso.

Ele se foi com um sorriso sujo e irônico nos lábios enquanto os olhos de Estela pousavam nos meus.

— Onde está seu noivo?

— No jardim próximo à piscina. Daqui a pouco servirão o almoço, logo o apresentarei.

Tomamos mais algumas doses do vinho servido. Percebi que Estela já estava um pouco embriagada. Suas pernas quase trançavam quando andava e, vez em quando, trombava em algum móvel ou nos próprios pés. Fradique não tirava os olhos dela ou em qualquer gesto que ela fazia. Percebi que ele a estava repreendendo longe dos olhos dos convidados. Não dava para ouvir o que dizia, mas vi o seu domínio sobre Estela. Vi quando ele tirou de suas mãos, o copo de vinho. E vi também, que ela quase o empurrou, sendo detida por ele, segurando em seus punhos. Não sei dizer, mas percebi entre eles algo estranho. Talvez eu tenha bebido um pouco a mais e passei a ver coisas.

O vinho começou a fazer efeito e senti que estava suando. Tudo girava ao meu redor como se estivesse em um parque de diversões num daqueles brinquedos girantes. Caminhei pela casa até sair ao ar livre. Era um belo jardim ao redor de uma piscina com mais de 15 metros de comprimento. Tirei um pouco o chapéu. Tudo estava me incomodando. Sentei-me em um banco de jardim e aproveitei para tirar os pés para fora do sapato. Respirava tranquilamente com os olhos fechados quando uma voz perturbadora, enlouquecedora, soou ao meu ouvido. Não sei de onde veio, apenas sinto e tenho certeza de que a conheço e jamais poderia me esquecer.

Abri meus olhos desassossegados pela carga emocional que acometia uma taquicardia dentro de mim, não apenas no coração que batia no peito, mas em todos que surgiram no corpo com esta aparição tão repentina. Queria falar algo, mas não conseguia. Queria correr e abraçá-lo, mas não pude mexer um músculo sequer de meu corpo.

Klaus... – Meus lábios balbuciaram e minhas mãos se moveram, como se pudessem tocá-lo. Ficaram suspensas no ar. Meus olhos moviam algo que ficou guardado para este momento, uma lágrima silenciosa e cheia de pretensão. Relembrei em fração

de segundos, todos os momentos passados ao seu lado durante o coma. Eu o amava na mais livre expressão que alguém poderia conseguir pronunciar. Será que ele se lembrará de mim? É claro que não. Minha doce ilusão queria facilitar as coisas. Nem tudo seria fácil ou um mar de rosas. Nossa realidade era apartada por uma parede de vidro. Eu o via, sentia tudo que um dia senti, reconheceria-o de qualquer outro jeito, mas toda a verdade estaria apenas do lado em que me encontro, dentro de minha memória e meus sentimentos. Eu o conheço, mas ele ainda não sabe de minha existência.

Vi quando Estela se aproximou dele e trocaram um beijo suave. Vi o carinho dela por ele e o modo como ele a acolhia, mesmo sabendo de tudo que sei e da circunstância que gerou o noivado, havia neles um carinho recíproco escondido, secreto, e isso me incomodou sem ter causa. Jamais o imaginei ao lado de outra mulher, pois sempre o considerei como meu... Meu homem, meu Klaus, minha vida.

Poderia estar afetada grandemente pela bebida naquela manhã sem sol, mas algo me dizia que havia história a mais. Estela não me contou sobre a base que havia em suas verdades.

As lágrimas não deixavam de molhar minha face. Não há mais nada meu amor... Não há mais nada entre nós... – pensei com indecência. Não sei por qual motivo, não queria mais me aproximar de Klaus. Levantei-me disfarçadamente e abandonaria o local sem ser percebida. Arrumaria minha mala e iria para algum lugar. Para algum lugar? Como? Para onde? Se não tem mais a ideia de Klaus em minha vida, em plena década de 20, não teria mais razão de continuar ali. Voltaria para meu tempo, minha realidade... Esquecerei o coma, seus motivos, seus acontecimentos. Esquecerei... – fui interrompida de pensar quando a mão de Estela tocou meu braço carinhosamente, despertando minha loucura pasma diante dos olhos de... Klaus.

— Clarice... Gostaria de te apresentar esta pessoa vibrante que se chama Klaus – disse Estela em um gesto suave e alegre,

apontando-me a imagem de meu amor.

Olhei para ele sem fala. Seus olhos me reconheciam mesmo que sua mente pensante e radiante não. Ao invés de sorrir, deixei escapular uma lágrima errante, que ele viu e secou num gesto tão carinhoso quanto o carinho de uma mãe parida.

Os olhos dela, cor de mel, são sensações que não consigo me lembrar, mas sei que já as tive em algum lugar. Fitam como braços que prendem. Estou louco... Ela é a menina dos sonhos que tive durante toda minha vida — pensou Klaus.

— Olá Clarice! — disse ele, retirando o dedo de meu rosto.

— É... Oi... — disse eu, sem saber mais o que dizer. Ficamos parados nos olhando. Cada um em sua neurose e pensamento articulado.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Estela ao perceber que Klaus enxugou minha lágrima traidora.

— Oh! Não Chérie! Apenas... Lembrei-me de... Casa... — Ah sim, Klaus, esqueci-me de dizer, Clarice veio da zona rural, seus pais faleceram e ela está em Paris para tentar uma vida nova.

Pronto! Minha mentira tem perna longa agora. Irá me acompanhar até o final de minha odisseia pela década de 20.

— Aceita um drinque? — perguntou Klaus, pegando um copo de alguma coisa. Eu já estava mais para lá do que para cá, aceitei sem murmurar.

Ao passar o copo para minha mão, seus dedos se encostaram aos meus e calafrios bandidos e malditos percorreram meu mamilo que se ouriçou no mesmo momento. O toque de seus dedos eram os mesmos.

Antes de dizermos qualquer palavra, o que foi uma salvação para o que consigo suportar, alguém anunciou o almoço. Saímos daquele local e fomos para a sala de jantar. Eu mais parecia com Alice no país das maravilhas. Estava fascinada pela presença extasiante de Klaus. Era ele! Oh meu Deus, era sim! Mesmo com aquela boina cinza, suspensórios e calça de época.

Alcançamos o ambiente do jantar. Segurei-me sutilmente na ponta da mesa, enquanto tentava adivinhar qual seria a melhor cadeira para me sentar. Percebi que Estela e Klaus permaneceram em pé, na ponta da mesa enquanto os convidados se acomodavam cada um na frente de sua cadeira. Eu era a única que estava sentada. Levantei-me sob os olhares afoitos que perceberam meu gesto de indelicadeza. Sim, esqueci-me de que ficariam noivos naquele momento, e eu, a estraga-prazer do coma, não fazia questão de assistir àquela cerimônia.

Já em pé, lembrei-me do momento em que eu e Klaus ficamos noivos e como foi linda a surpresa que me fez no restaurante. Não tão glamourosa quanto esta cerimônia com fotógrafos e jornalistas presentes, mas foi realizada pelo amor que sentíamos um pelo o outro.

Não quis ouvir o discurso de Fradique. Sua voz me causava ânsia. Nem quis saber do que Klaus teria a agradecer num noivado de mentira, envolto por interesses sujos e promíscuos. Enquanto falavam, eu cantava no pensamento alguma música que me distraísse. Era realmente insuportavelmente indelicada. Esta sou eu, e você, quem é?

Vi quando a mão dele, que é minha, tocou a mão dela, que eu passei a odiar. Percebi que colocou a aliança de diamantes, depois, a de ouro, sob os flashes de máquinas fotográficas. Fui obrigada a permanecer e ver Estela também colocando a aliança na mão de seu noivo e beijando o dedo dele como se estivesse morrendo de amor. O gesto gerou uma foto que certamente irá para o jornal. Quanta falta de verdade! Ela parecia tão arrasada quando chegou, tão... Desamparada, mas agora, gostava da cerimônia, fazia até poses para os fotógrafos. Fradique não estava impondo nada. Estava calado, tão triste feito eu, olhando a tudo com as mãos esticadas uma sobre a outra, de frente a seu corpo. Quem é quem aqui? Somos condenados como um vício. Éramos um fio extensivo de encaixe imediato.

Todos saudaram o casal com palmas como se fossem divindades descidas do céu. Eu permaneci quieta, sem me mexer. Não bateria palmas para uma hipocrisia, a intolerância também tem suas ressalvas. De repente me lembrei... Esta é a comemoração da futura morte de Klaus. Ele não sabe ainda, mas irão matá-lo. Estela é cúmplice. Ela consente, dizendo que não há nada a ser feito. Eu estava ali, e por que estava? Minha missão era salvar Klaus... Como? Até então pensei que seria salvar Estela...

Lembrei-me da voz de Geinxast:

"... em 1920 houve um acontecimento que gerou o ódio desta pessoa que hoje chamamos de inimigo oculto. Sua missão é voltar até lá e mudar os fatos para libertar uma alma do sofrimento. Esta alma é quem te acompanha até os dias atuais e te influenciou ao suicídio. Ela quer vingança. Klaus morreu com um tiro, tentando salvá-la desta pessoa no passado... Você precisa desfazer este fato."

Ouvi os copos brindando e os olhos de Fradique pairaram sobre mim, percebendo minha indisposição na participação do brinde, e depois, o pensamento longínquo. São muitos os sentimentos e nenhuma pista do que esteja acontecendo. Klaus sorriu para mim e eu correspondi sem jeito. Eu o sentia, dentro e fora de meu corpo. Seus mistérios e minha vastidão de incertezas. Mesmo de longe, éramos um.

Eu tenho um vírus que me corrói, incuravelmente. Ele contagiou meu coração e influenciou minha razão. Morrerei condenada, vida após vida, de amor por este homem que jamais saiu de mim. Não terei pressa em tê-lo ao alcance de minhas mãos, porque ele voltará. Quando eu fechar os olhos sem vida e repousar debaixo da terra, ao acordar, em outra existência, ele estará lá, com as mãos estendidas, prontas para me acolher e me amar como se eu fosse a única fêmea na face da Terra.

Não via a hora de sair dali e parar para pensar em minhas neuroses, tranquilamente, sem ouvir sequer a minha respiração. Comi o mais rápido que podia, mas estava atenta a tudo. Vi quando

Estela se sentou entre Fradique e Klaus. A cena era algo estranhamente lúdico de se ver, e ficou mais interessante, assim que senti um pé pisando no meu sapato de camurça bege. Fiquei incomodada e levemente ouriçada ao descobrir o que estava acontecendo. Senti novamente pés e pernas passarem sobre meus pés. Afastei um pouco o corpo da cadeira e consegui ver o que ninguém mais via – as pernas de Fradique e Estela se entrelaçando de forma luxuriosa. As mãos dele alcançavam suas coxas e deslizavam até sua vulva. Ela abria as pernas e seu rosto tinha uma expressão sensualmente xula, sem detalhes. Uma excitação pobre, quase sem vida. Sinceramente, enojei-me!

Limpei com classe, os lábios no guardanapo de tecido sobreposto em meu colo com zelo. Sem olhar para os lados, pedi licença aos mais próximos e me levantei da mesa suja e adúltera. Senti olhos me acompanhando, mas eu não importei. Estava confusa demais para me importar com o que os outros se importam.

Andando com um pé na frente do outro, segui, como alguém que passa batom enquanto anda sobre um fio de aço. Passos atrás de mim, ouvi. A ideia do batom foi ótima, peguei-o de dentro da bolsa e olhei pelo pequeno espelho quem estaria atrás de mim. Os passos eram discretos. Mas não houve tempo de olhar a imagem, pois as mãos eram mais velozes e me tocaram no cotovelo. O toque arrepiou. Parei os passos e fechei os olhos.

— Aonde vai com tanta pressa? – disse a voz de meu amor.

Não sabia o que dizer. Na verdade, estava com medo de dizer besteiras.

— Apenas me retirei da mesa – respondi.

— Não gostou da comida? – quis saber.

— Não é o caso.

— Qual é o caso?

É você! Não vê?

— O caso sou eu – decidi transferir a responsabilidade para mim. Seria mais fácil de ele entender.

— O que há com você? – disse ele ainda andando atrás de minhas costas.

— Sou antissocial.

Escutei os sons de sua risada. Meu Deus! Era ele! Ele voltou.

— Que tal praticarmos um social mínimo no jardim?

— É um convite?

— Não. É uma proposta. Parei de súbito.

— Sabe que hoje é o dia de seu noivado? – lembrei-o.

— Sim. Sei que hoje nossas famílias se fortaleceram mais, com o início da junção de poderes e patrimônios.

Céus! Ele sabe de tudo ou é engano meu? Estou a cada segundo mais perdida e sem saber em quem confiar neste mundinho de Oz dos anos 20.

— Não estou entendendo... – disse eu, dissimulada.

— É simples, se ficar mais tempo por aqui, logo entenderá.

— O que entenderei, *Monsieur*?

Novamente sua risada, linda e irritante.

— Não existem uniões estabelecidas através de sentimentos em uma família como a minha e a de Estela.

Lembrei-me de como Klaus era desgarrado de bens materiais. Por que diabos ele mudou tanto assim?

— Entendo, mas... Não quero entender. Acho muito deselegante *Monsieur* se levantar da mesa do almoço de seu noivado e vir conversar no jardim com a hóspede de sua noiva.

— De onde você saiu? – perguntou, ele, irônico. — Estela jamais se importaria. Estamos conversando, não?

Eu era mais retrógada que as moças dos anos 20.

— Talvez tudo que eu faça ou veja é através do sentimento.

— Talvez seja por este motivo que meus olhos não conseguem deixar de te olhar, *mademoiselle* Clarice. Engasguei e passei a tossir feito idiota.

No meio de tanta inadequação, ouço a voz de Estela que chegou com duas taças de *champagne*. Ofereceu uma para mim, outra para Klaus. Não suportando mais beber, nem ouvir as risadas hipócritas vindas de dentro da casa, muito menos a voz de Estela, bebi sem sentir o líquido fervescente descendo em minha garganta seca de voz e umidade.

— Preciso ir – disse ofegante com o efeito da bebida.

— Ir para onde? – perguntou Estela grogue.

— Dormir – respondi.

— *Chérie*, não posso sair agora – respondeu ela.

— Imagina! Nem pensei na possibilidade de lhe causar transtornos. Vou a pé, não é tão longe.

Os dois me olharam de forma estranha. Certamente nos anos 20 ninguém se metia a andarilho pelas calçadas para encarar dois ou três quilômetros de caminhada. Esta sempre foi minha realidade.

— De forma alguma! – disse Klaus. — Eu a levo.

Estremeci. Juro que senti vontade de guardar minha cabeça debaixo da terra.

— Faça isso *Chérie*!

Ficarei esperando-o para cortarmos a torta – respondeu Estela num sorriso que reluzia confiança e gesto agradável.

Eu estaria louca. Deveria ter imaginado quando ela contou toda aquela história que envolvia Klaus, Fradique e seu pai. E principalmente, envolvendo-a, de forma triste e revoltante. Quem é essa anti-heroína que me causa medo e piedade num inquieto

desejo de descobrir sua verdadeira face? E por que os lábios dela me atraem em segredo?

Entrei no carro de Klaus. Ali havia seu cheiro. O mesmo cheiro de sempre. Suas mãos deslizavam sobre o volante igual o jeito de antes, com dedos longos e unhas bem cortadas. As pernas entreabertas quando se senta. O olhar fixo no caminho; a forma de seus cílios se moverem antes de piscar. A pele clara, o contorno do maxilar que segue até o queixo, afunilando. Os olhos levemente puxados nas extremidades. A cor dos olhos... A cor que não esqueço. Um castanho denso, tão comum e ao mesmo tempo... Misterioso, que grita dentro da retina. Um castanho escuro com uma ciranda de raios esverdeados ao redor da menina dos olhos... Eu não posso esquecer... Não consigo me esquecer de como esses olhos me prendiam quando me olhavam, e como foi a primeira vez que eles adormeceram sobre mim.

— Pensativa – ele disse, sem eu saber se era uma afirmação ou se quis fazer uma pergunta.

— Estou apenas em silêncio.

— Em silêncio... As pessoas enxergam coisas que as outras não podem ver.

Ele começou suas filosofias de sempre. Amo!

— Não estou olhando para nada e nem pensando em alguma coisa.

— Está em meditando então... – seu tom de voz tinha algo similar os momentos de Enzo me zombando.

— Não sou mística.

— Me diga o que você é, Clarice? – ele disse isso, parando o carro.

— Nós não chegamos à casa de Estela. – Olhei assustada ao redor para reconhecer onde estava.

— Sim, eu sei.

— E... Por que parou?

Ele desceu do carro sem me dizer nada. Em seguida, abriu a porta do lado em que estava sentada, convidando-me a descer. Imaginei mil vezes se não havia falado tanto bobagem e ele estava tão irritado que queria acabar com a carona ali mesmo.

— Desça por favor – pediu num sorriso gentil.

Quando me mexi meu corpo para descer, ele estendeu a mão. Se não fosse a luva, sentiria a textura macia de sua pele. Mas mesmo assim, eu pude saborear o calor que vinha dela, e se estivesse me convidando gentilmente para seguir o restante do caminho a pé, ainda iria sentindo seu calor.

— Posso saber o motivo de me tirar do carro? – perguntei.
— Curiosidade estraga surpresas.

Que tipo de surpresa ele teria para me fazer, se “aparentemente” acabamos de nos conhecer?

— A inimaginável.

Ele continuava o mesmo de sempre, sedento por mistérios e aventuras fora de hora. Fiquei em silêncio vendo a mão dele ainda me conduzindo, segurando a minha mão levantada.

Nossos passos adentraram uma igreja e pudemos ouvir a capella gregoriana que saia dela. Não entendi seu motivo de entrarmos ali. Vi apenas seu corpo esguio se curvando para se sentar num dos bancos ao meu lado.

— Feche seus olhos – ele me pediu e eu, obedeci. — Ouça o som, sem procurar entender. Apenas sinta a tonalidade das vozes e o sentimento utilizado para expressar o canto.

— Por quê? – perguntei, fazendo de conta que não conheço Klaus e seu jeito de ver a vida.

— Em silêncio – alertou-me numa voz calma, quase um sopro. Fechei os olhos e ouvi o canto. Senti na pele as vozes como se fossem os pelos de meu corpo. A súbita sensação causava-me vontade de voar, como se nada mais existisse lá fora.

Ao voltar os olhos para meu lado, ele me olhava como se estivesse olhando para minha alma.

— Eu venho aqui todos os sábados neste mesmo horário para meditar. Queria que sentisse o que sinto quando escuto essas crianças cantarem. As pessoas desprezam a existência delas, eu as idolatro. São anjos perdidos entre nós.

Meu corpo estremeceu. Eu adoro seu jeito.

— Podemos ir? – perguntei sufocada de vontade de beijá-lo.

— Ainda não. –Ele sorriu tranquilamente.

— Não? – perguntei intrigada.

Ele se levantou e me levou suavemente pela mão. Deixei seus passos me guiarem dentro da igreja tão linda, cheia de monumentos e pinturas no teto. Passamos por um corredor feito de pilares no tom areia.

— Falta você ver o que ouviu – disse ele apontando para o grupo gregoriano que cantava a capella.

Meus olhos encheram-se de lágrimas. Deparei-me com dezenas de crianças e jovens vestidos com uma túnica branca, estavam descalços. Eram especiais, como os da instituição Esperança. Olhei novamente para me certificar de que não estaria maluca e vi o mesmo menino que um dia conversei com ele quando fui pela primeira vez na Instituição. Alguns estavam amparados por uma cadeira de rodas. Senti que cantavam sobre pétalas de rosas brancas, espalhadas por todo o piso da catedral. Senti-me comovida ao ver um menino de olhos fechados cantando, tendo na face, uma lágrima lânguida escorrendo. Não de tristeza, mas com expressão de agradecimento por estar ali, perto dos anjos. Era estranho ver tal cena e me remeter às crianças especiais do ano de 2012. Eu tenho certeza de que o menininho autista era o mesmo que vi um dia.

Desci do carro de Klaus com impressão de que jamais nos separamos. Suas mãos buscaram as minhas novamente. Ele me

olhou como antes e sorriu como quem jamais tivesse partido.

— Pareço tolo, mas... É como se já estivéssemos nos conhecido – disse ele. — Sinto e não me engano em relação à paz que sua companhia me trouxe.

Nada disse. Apenas desci do carro olhando para ele e levando comigo a impressão daquele momento, para que nunca perdesse a sensação que me causou.

— Quando te vejo novamente? – ele perguntou.

Apenas sorri e caminhei rumo à porta da casa de Estela. Caminhei vagarosamente sob seu olhar. Gostei da sensação de tê-lo como minha sentinela. Ele continuou com o carro estacionado. Permaneceu assim até que minha imagem desaparecesse.

Assim que entrei na casa, corri e me joguei na cama. Dormiria dias e dias assim. Morreria se fosse preciso. Deixaria de comer, beber e trocaria um dia todo de sol, pela sensação que os olhos dele me causavam.

Não poderia deixar que se casasse com Estela. Não deixaria que sua vida fosse trocada por dinheiro. Ele me salvou um dia da morte. Agora chegou meu momento de ajudá-lo. Sei que estou aqui, não por Klaus, e sim, para que o inimigo oculto se liberte, descanse e nos deixe em paz. Mas... Onde ele se encontra? Ainda mais agora, que meus olhos, pensamentos e alma estão todos voltados para o lugar onde está a presença de Klaus, tenho a impressão de que nada mais existe.

* Santo Deus * Até mais tarde.

Dormimos abraçados. Quase consegui dizer que o amava, mas ainda não foi dessa vez. Precisava me decidir a falar, mas me faltava a coragem. Ele era meu marido, por que a distância do sentir e expressar? Ao me decidir não deveria mais adiar, ele certamente estava esperando para ouvir isso de mim. Iria escolher um lugar que eu ficasse à vontade para falar de meus sentimentos secretos. Não podia esperar a sua morte para dizer que o amo, mas só de pensar em ambas as coisas já sinto um calafrio.”

O Voo da Estirpe, I, pg. 164

Os dias se passaram estranhos. Sentia-me solitária num mundo incompreensível. Não vi Klaus. Estela estava esquisita, arisca e trancada em seu mundo. Na maioria das vezes, escrevendo em um diário que não me chamou muito a atenção. Às vezes eu saía para dar uma volta nas calçadas molhadas de Paris. Mesmo tendo visto Klaus, ainda pensava em Enzo. Não consigo me lembrar de nossos momentos, mas uma dor por dentro, perturbava-me. Todos os sentimentos e pessoas estavam dentro de um liquidificador que unificavam as situações, dando-me a impressão de que eram um só. Estela havia mudado o comportamento. Eu tinha a sensação de que ela sabia de algo a meu respeito. Eu a espreitava sem que ela me percebesse, e algo me chamou a atenção, ela estava com o rosto mais redondo. Não sei o porquê tive esta impressão, mas vi que usava roupas mais largas que escondiam seu corpo, não apenas de mim, mas do mundo. Passei por seu quarto que estava com a porta semiaberta. Tentei me controlar para não olhar, mas foi impossível! Eu estava desconfiada de algo e ainda não sabia exatamente de quê. Vi o corpo dela de costas. Estava nua, tentando colocar uma faixa no abdômen. Ao virar o pescoço, deparou-me com meus olhos. No mesmo instante, seu rosto mudou de fisionomia, senti sua ira me atingindo.

— O que perdeu aqui? — gritou. Em seguida, escutei a porta bater num estrondo.

Sei que não fiz certo. Talvez fosse o momento de procurar um hotel e sair de sua casa. Não estávamos mais em sintonia. Sinto que algo de muito ruim está preste a acontecer. Eu não sabia o que era e não tinha como impedir. Estava emocionalmente envolvida com seu noivo. Havia muitos motivos para tomar alguma atitude.

Entrei em meu quarto e passei a arrumar minhas coisas. Não precisava estar ali, metendo-me em confusão gratuitamente. Mas algo me incomodava enquanto eu colocava as peças de roupa na mala – o que vim fazer nesta década? Não estarei fugindo de

uma missão sem seu cumprimento? Não sei. Sei apenas que estava dentro de uma casa que sua dona passou a se sentir incomodada com minha presença.

A porta se abriu vagarosamente. Estela surgiu pela fresta, olhando-me com lágrimas nos olhos.

— Por que está arrumando suas coisas? – perguntou-me.

— O que parece? – respondi.

— Não vá, por favor! – pediu-me.

— Não posso mais ficar. Estou incomodando e não tenho razões para estar aqui.

— Tem sim. Sou sua amiga e preciso de você.

— Impossível. Conhecemo-nos ontem!

— Estou grávida de outro homem – ela disse com uma voz desesperada. Diminui a velocidade de minhas mãos que colocava as roupas na mala. Olhei para seu rosto que me apontava uma subida angústia.

— O que pretende fazer? – perguntei.

— Não sei o que fazer. Nunca tive sexo com Klaus. Não há como mentir.

Lembrei-me da experiência quase morte durante o coma. Ela havia dormido com Klaus e não houve sexo. Poderia ser um aviso de algo que desconheço e não consigo definir. Estela estava morta durante os anos 50. Sua mera participação durante o coma foi para me orientar sobre algo que não consigo decifrar.

— Que diferença faz minha presença aqui? – perguntei secamente, tentando não me envolver com seu caso.

— Irei viajar. Inventarei uma desculpa para Klaus. Estou grávida de seis meses.

Espantei-me. Não parecia! Percebi que estava mais gorda, mas uma barriga de seis meses já estaria despontando e a dela não mostra volume debaixo das roupas. Então ela levantou a blusa e

me mostrou a faixa apertando todo o abdômen. Lembrei-me de que... Oh!!! Meu Deus, eu me lembrei de algo muito importante de 2012. Estela teve um filho! Sim! O homem velho que cuidava da galeria quando fui até lá, para saber informações sobre ela.

— Para onde irá?

— Ainda não sei... Mas penso em algum lugar fora de Paris, onde eu possa ter meu filho e voltar depois.

— Estela! Por que não conta toda a verdade para Klaus sobre o que pode acontecer a ele? Se sua união com ele é por conveniência... Ele poderia te ajudar. Poderia até te ajudar com seu filho!

— Jamais! Se fizer isso, meus pais morrerão. Não posso pôr em risco a vida deles para salvar a de Klaus.

— Mas o deixará morrer? – perguntei incrédula.

— Infelizmente, não tenho escolha. Ela se sentou na cama e seu olhar estava perdido. Senti pena, mas ela não se importava com a vida de Klaus. Eu não sabia o que fazer.

— Por que confia tanto em mim? – perguntei sem perceber.

— Porque também não tenho escolha. – A mão dela procurou pela minha. Quando me tocou, sua temperatura estava fria, sem vida. Seus olhos escuros me encararam em uma súplica.
— Estarei viajando hoje. Fique aqui. Não há necessidade de sair. Volto daqui três meses, assim que ganhar a criança. Preciso de você na galeria de artes. Comprei o ponto nesta semana. Realizei um sonho, porém não terei como fazer parte dele nesses próximos três meses. Gostaria de te pedir para cuidar de tudo por lá enquanto eu estiver longe. Poderia fazer isso por mim? Eu a remuneraria, em contraprestação, você não precisaria se preocupar com procura de emprego, já que quer começar uma nova vida.

— Não sei. Preciso pensar.

— Não há tempo para pensar, Chérie. Estou viajando hoje. Se não puder tomar conta da galeria, ela irá fechar. Os alunos

ficarão sem as aulas de música e pintura.

Lembrei-me do coma. Eu estive na galeria durante a experiência quase morte. Era tudo tão lindo... Mas não havia mais as aulas de música. Talvez faltasse este aspecto para ser mais encantador como está agora. Talvez fosse um aviso, se, permanecesse com a ideia fixa de não colaborar para a galeria permanecer aberta na ausência de Estela, as aulas de música cessariam. Lembrei-me do som do cello e como isto me fascinou. Certamente em outra oportunidade, não contribui com o pedido de Estela, por este motivo não funciona ainda as aulas de música em 2012. Será que se mudar de ideia, as coisas mudam, se eu resolver voltar para o futuro?

— Tudo bem, eu fico – falei de uma vez, antes que mudasse de ideia.

Ela sorriu. Num impulso se levantou da cama e foi para seu quarto. Vinte minutos depois, ela surgiu a minha frente com uma mala nas mãos.

— Cuide de tudo para mim. Já inventei uma desculpa para Klaus e meus pais. Fradique não a incomodará, pois saberá de minha ausência.

Fradique? Oh não! Será que Fradique era o pai da criança?
— Não se preocupe. Ficarei te esperando.

Suas pernas não queriam vir até mim, mas vieram. Com braços tímidos, me abraçou. Com uma voz perigosa e em tom baixa, disse em meu ouvido:

— Cuide de Klaus para mim – ela disse, abaixando-se e me dando um leve beijo nos lábios.

Aquela frase me causou tremores e medo. Eu não sabia dizer até que ponto seria nociva e o porquê Estela me pedira tal favor. Favor ou insinuação?

Antes de ouvir minha resposta, ela saiu.

Senti-me impaciente. Andando de um lado para o outro. Estava, eu, numa armadilha? Quem era Estela e sua estranha forma

de ser e dizer as coisas como se soubesse de todas elas?

Precisava de ar. Precisava sair e perambular por aí, como nômade que sou. O avesso de tudo está o tempo todo evidente, não era necessário chegar o final para encontrá-lo, não existe o fim.

Ao sair pela porta da sala, vi o carro de Klaus estacionando. Meus sentidos foram todos aguçados. A pele ardia e o coração disparava. Eu precisava dele ou era impressão? Eu não o deixaria morrer ou era impressão? Estou ouvindo em minha mente, a música Stay de U2, em plena década de 20 ou é impressão?

Ele desceu do carro, elegantemente vestido para os padrões da época em um terno de cor grafite. Seu sorriso vinha moldando seu rosto como luzes no final do túnel. Do túnel... O túnel do tempo que quase atravessei no coma. O final de tudo era o sorriso de meu amor.

Ao se aproximar de mim, senti seu perfume inebriante pelo ar, o mesmo cheiro de sempre. Meu amor, meu anjo... Por que demorou tanto?

Eu senti que ele me beijaria. Eu vi seus lábios se entreabrindo e parecia ouvir pássaros cantando quando sua voz disse para mim, algo que não esperava: — Ainda bem que está aqui!

Assustei-me. Será que aconteceu algo?

— No que posso te ajudar?

— A viver... Nada se compara com a imagem de te ver logo de manhã.

Meu coração agora não bateu forte, ele quase parou. E neste momento, eu quis ouvir Don't Cry na voz rouca e gritante de Axel Rose. Klaus ainda não havia ouvido, mas ouviria se morresse mais duas vezes até chegar ao ano 2000, como foi a cronologia de sua pouca existência nas décadas de 20 e 50.

— O que disse? – fiz-me de boba.

— Dentro de mim, acontece algo incrível. A sensação que tenho desde que te vi pela primeira vez, é de que a esperava, mesmo sem nunca ter tê-la conhecido antes. Mesmo sem ter visto seu rosto antes, eu...

— Você, o quê? – perguntei.

— Eu esperava cada minuto por sua chegada. Era você a moça dos sonhos. Desde minha adolescência, eu sonho com a mesma garota e ela está em minha frente, com cheiro, voz, contornos... Não sabe o quanto esperei por você em minha vida...

Esta revelação deixou-me sem ar. Sentia o colo do seio arder. Ele recebia sinais. O que há entre nós é muito maior que nossos olhos possam ver e nossa pele possa sentir.

— Há algo marcado... Um encontro... Eu já sabia – Klaus concluiu.

Ele passou por mim, deixando-me aturdida. Entrou na casa de Estela e se sentou no sofá.

— Bem... Eu... – sabe se lá, o que eu ia ou queria dizer.

— Eu sei, Estela viajou, foi fazer um curso com duração de três meses. Ela comprou a galeria e quer se especializar nas artes que lá predominam. Fez um bom negócio.

Não era isso que eu queria dizer, mas já que ele disse, bem lembrado. Antes ela ter mentido, do que eu passar por tal fingimento.

— Tomarei conta da galeria até seu regresso.

— E depois, para onde irá? Esta pergunta não era algo que havia parado para pensar.

— Ainda não sei – não menti.

— Quer minha opinião?

Eu ia balançar a cabeça de modo negativo, mas sua voz de canto de passarinho me atropelou.

— Fique em Paris. Em meus sonhos, você surge e no final vai embora, como uma ave voando no espaço; voa por entre meus

dedos e eu não consigo impedi-la de ir.

Tossi, tentando limpar a voz ou me equilibrar. Ele estava profetizando minha decisão de ir ou permanecer ao seu lado.

— Foram apenas sonhos. Sonhos não correspondem à realidade. Ah! Isso é uma bobagem, não nos conhecemos. Você está surgindo agora, assim como eu...

— Meus sentimentos não são bobagens. Não quebre uma atmosfera com opiniões vis. Dentro de mim, e o que sonhei, são particularidades minhas que estou dividindo com você, saiba receber.

Cada vez está se tornando mais difícil o meu teatro. Eu não havia mais como negar, como poder dizer não ou correr de seu alcance. Ele nada fazia além de expor o que sente. E eu queria apenas ser tocada.

— Aceita um chá? – foi a saída que tive para amenizar a situação.

— Aceita um passeio? – ele foi mais criativo.

Andávamos pelas ruas de Paris em seu Quadrilette Peugeot. De repente, uma vertigem tomou conta de minha mente. Como não havia reparado nisso antes? Lembrei-me do carro na garagem da casa em que moro com... Enzo... Nossa! Lembrei-me de nós, dividindo a mesma casa e Enzo dirigindo um Quadrilette Peugeot. Um carro antigo que estava na casa que compramos. Um automóvel exatamente igual a este.

— Por que está pálida? – perguntou Klaus, olhando-me.

— Por que fica sondando minhas reações?

— Não lhe sondo, apenas te percebo.

— Não aconteceu nada. Não tive uma boa noite de sono.

Seu silêncio era quase uma meditação. Eu abaixaria minha espada em prol de suas asas.

Klaus estacionou seu carro. Meus olhos quase derramaram lágrimas ao olhar para o local.

— Entre! – disse ele, abrindo o portão da casa que moro com Enzo em 2012. O coração ficou pequeno e realmente, não pude me conter. As lágrimas escorriam como cachoeira. Limpei o rosto na manga da blusa. Ouvei o mesmo ruído da porta se abrindo. Eu tinha a sensação de que Enzo sairia de algum lugar. Eu me lembrei!

Vi o mesmo sofá de cor grená, exatamente no mesmo local.

— Esta é minha casa de veraneio.

Eu não podia acreditar! Então era Klaus o dono da casa!

Ele se sentou na poltrona solitária. Lembrei-me deste móvel e do homem que me vendeu a casa, dizendo que as pessoas que queriam alugar o imóvel se assustavam, porque viam o espírito do ex-dono da casa sentado nela.

— Esta é minha poltrona preferida! Se um dia morrer, minha alma não deixará ninguém se sentar aqui! – brincou.

Levantou-se e foi me apresentar o restante dos cômodos. Tudo exatamente igual como a casa que moro.

— Este é o quarto presidencial. – Mostrou seu quarto, que na verdade, em 2012 é o meu. A cama com mosquiteiro. A cômoda... Tudo no mesmo lugar e posta do mesmo modo. O cheiro do quarto era o mesmo.

— Você vem sempre para cá? – perguntei.

— Sim. Acabo ficando mais aqui do que na casa com meu irmão. Ele não gosta de barulho e eu... – Mostrou-me um cello no quarto, que não me lembro de tê-lo visto antes no quarto. — Eu tenho insônia e treino no período em que todos dormem. Além do piano. — Apontou para a sala e minha memória buscou pela imagem de Enzo sentado ao piano sem camisa, tocando de olhos fechados. Eu podia até sentir seu cheiro perturbador. As lembranças estão surgindo, embora Geinxast achasse melhor que eu não as tivesse enquanto permanecesse nos anos 20.

— Está tudo bem? – perguntou Klaus, vendo-me de olhos fechados, como se pudesse extrair a essência e cheiro de Enzo.

— Sim.

— Logo acima, subindo a escada, há um sótão. Lá guardo algumas lembranças de minha infância e documentos pessoais.

Lembrei-me do dia de nossa festa particular, e de Enzo usando as roupas de Klaus sem saber de quem eram.

— Aqui no quintal, estou inventando algo...

Abrimos a porta dos fundos. Quase me faltou o ar. Klaus estava preparando o moinho de ventos que eu não havia notado antes no quintal, mas sempre esteve lá. Apenas o percebi no dia da regressão. Lembrei-me como se passasse um filme em minha cabeça. O mais estranho era saber que estava em uma casa que moro 92 anos depois, mas que por ironia do destino, tudo continuava em seu interior, como se ainda estive eternamente em 1920.

Notei que ele havia plantado algo no solo.

— O que está plantando?

— Girassóis. Gosto muito deles.

Não podia ser! Ele fez exatamente como Enzo. Talvez pelo fato de Enzo saber tudo que acontece, ele deve ter adivinhado o que aconteceu no passado e plantou os girassóis para me atormentar, ou por se tratar de um ser de outro planeta, como foi dito por Geinxast, que tentou me convencer de mil coisas, inclusive, de voltar aqui e ver todas essas confusões que agora não passam de tormentos em minha mente subvertida.

Saímos da casa. Eu estava me sentindo meio zozza. As emoções variavam entre a loucura e a nostalgia. A cada minuto, a confusão mental aumentava mais. Estava num cerco de identidade dúbia, enfadonha, quase um lapso entre o passado e o futuro.

— Vou levá-la até a casa em que moro com meu irmão – disse ele no volante após colocar no banco de trás, seu cello.

— Mas... — eu ia dizer, mas você nem me consultou... Desisti de dizer. — Preciso me preparar para amanhã. Tenho trabalho na galeria logo cedo.

— Hoje não é amanhã.

Ele é petulante e eu não sabia.

— Eu sou alguém que preciso me preparar psicologicamente para fazer as coisas, caso contrário, não funciona.

— Que tal aceitar que tem uma responsabilidade a ser cumprida, ou leve apenas como se precisasse tomar um copo d'água?!

— Eu não sou um robô.

— Ah sim! Certamente não é. Mas é alguém adulta que sabe a diferença entre lazer e compromisso. E pela ordem natural das coisas, estamos agora, no lazer.

— Oh! — Queria dizer muito mais, mas o que pensar de um Klaus que quer mandar em meus passos? Isso me lembra sem querer de... Enzo.

— Quero fazer almoço para você.

— Para mim? Por quê? — disfarcei a satisfação.

— Ora, ora! Quero exhibir minhas habilidades. —
Sempre cozinha em sua casa?

— Só quando quero. — sorriu de modo encantador.

Logo que entramos em sua casa, ele foi para a cozinha e vestiu um avental branco de material têxtil. Serviu-me uma taça de uma bebida chamada *Kirsch*.

— O que é *Kirsch*? — perguntei antes de levar à boca.

— Prove — disse ele, tomando um gole de seu copo.

Tomei um gole e a sensação era de estar tomando uma aguardente, porém, de um sabor sem igual.

— São necessários 9 kg de cerejas para fabricar apenas uma garrafa desta aguardente.

Vi quando ele pegou um frango desossado da geladeira e percebi que não estava brincando quando disse que prepararia o almoço.

— Qual será o prato servido?

— Supreme a Cordon Bleu.

— E o que é isso?

— Trata-se de uma maneira de se rechear este frango com creme de queijo sem que este escape da carne no momento de fritá-lo.

— E quem te ensinou esta receita?

— Minha mãe – disse apenas isso e não insisti em continuar o assunto.

Fiquei olhando sua habilidade com a culinária e para minha surpresa, ele parecia fazer tudo certinho, embora eu não entendesse absolutamente nada sobre receitas e serviços domésticos culinários.

Tomei dois copos de *Kirsch* e me senti mais à vontade na presença de Klaus. Percebi que ele continuava o mesmo atrapalhado de sempre, pois na geladeira vi várias coisas que não deveriam estar lá, como lata de óleo e pratos. Ri disfarçadamente.

Ao servir, percebi fineza em sua forma de preparar a mesa, com os copos e talheres adequados. Ele tinha requinte e bom gosto. Sem dizer que sua comida estava realmente incrível.

— Consegui prendê-la pelo estômago? – perguntou em uma risada.

— Não pode! Sabe que não pode! — Esta não foi a pergunta. Quis saber se gostou da comida?

— Muito boa, *monsieur*.

— Que bom! Isso em muito me agrada.

— O que faremos a seguir?

— O que desejar. O que quer fazer? – perguntou ele, tocando em minha mão, que foi retirada imediatamente de seu contato.

— Ir para casa.

— Tão já? Não está gostando da companhia?

— Não é este o problema. A questão é... Você é o noivo de minha amiga Estela. Não deveria estar contigo enquanto ela está viajando e me confiando seu trabalho e sua casa.

— Então... É isso...

— Sim, e o que mais deveria ser?

— Acreditei que não estava se sentindo à vontade... Que estava sendo um chato contigo.

Se eu dissesse que ele era maravilhoso, estaria dando um passo largo demais. Se dissesse que ele era um chato, estaria mentindo. Klaus sempre me pegava de saia justa com suas perguntas. —

Sinto-me à vontade, não há com o que se preocupar. Apenas não quero problemas para mim.

— Se não trouxesse problemas, eu seria bem-vindo?

— Por que faz perguntas difíceis?

— Que tipo de dificuldade há nelas?

— Está querendo... Querendo... – Eu não sabia qual palavra usar para dizer que ele estava querendo me conquistar.

— Querendo? – Ele se divertia num sorriso.

— Leva-me embora – disse eu, levantando da cadeira.

Então, ele riu e eu me senti irritada. Ele não ajudava em nada. Deste jeito, muito mais cedo do que imagino, estaríamos atracados um no outro, sem chance de reversão.

Fomos em silêncio para a casa de Estela.

Quando desci do carro, pensando que entraria sozinha, mas ele entrou atrás de mim.

— Você entrará? – perguntei estranhando.

— Não posso? – ele perguntou, fazendo gesto com as mãos.

— Pode... É que...

— É que você disse que queria vir para cá, então lhe trouxe. Achei apenas que não queria permanecer em minha casa. – Novamente ele riu.

Não acredito nisso!

— Klaus, está brincando comigo?

— É claro que sim! – disse ele rindo e saindo da casa. — Estou apenas testando seus limites. Não sou um chato.

Estava me preparando para tomar conta de uma galeria de artes. Nunca pensei em fazer isso em minha vida. Pergunto-me – o que exatamente terei que fazer lá? Devo chegar cedo para me familiarizar com o local, talvez eu descubra meu ofício.

Saí mais cedo de casa. Minhas pernas trançavam nas calçadas. Não gosto da ideia de usar meia calça para tudo. Os sapatos estilo boneca não são tão confortáveis quanto o meu coturno marrom.

Atravessei a rua e abri a galeria. O cheiro era peculiar ao local, um misto de madeira envernizada com cheiro de tinta a óleo. Fui até o balcão ver as anotações e encontrei tudo em cadernos, não havia arquivos ou algo mais sistematizado. Encontrei cadernos de movimento de caixa; de lista de alunos e mensalidades, de materiais de limpeza e utilidades na galeria; caderno de endereço dos alunos e um cronograma de aulas. Apenas isso. Empoeirei a luva branca de renda que coloquei tão carinhosamente para impressionar os alunos dos anos loucos que certamente já estavam enjoados de ver algo no estilo. Tirei a luva, antes mão nua do que luvas manchadas de poeira. Sem dizer que estas me causam certa agonia. Mãos atadas significam asas cortadas.

Vistoriei todo o local para me certificar de que estava limpo e organizado, e aproveitei para olhar as salas e saber a

localização das turmas. Percebi que, para cada turma, havia uma letra que a indicava, e abaixo do papel com a letra da turma, o nome do professor. Apenas em uma das salas estava sem a letra que correspondia àquela turma. Depois veria essas informações.

Olhei o estoque de materiais para pintura a óleo, estava excelente, com bastante material que poderia manter as aulas por algum tempo; pelo menos, é o que espero.

Já os aparelhos para a manutenção dos instrumentos musicais, eu não entendi muito bem. Apenas vi que na estante feita de madeira havia muitas caixas e caixotes com cordas, dedais, pedais e outras coisas que não saberia dizer o nome, mas estavam organizados e separados por materiais correspondentes; se precisasse de ajuda neste sentido, iria me informar no tempo certo.

Ouvi alguém bater na porta. Arrumei meu vestido e chapéu, e fui atender a quem já estava chegando tão cedo para as aulas.

Assim que abri, quase soltei um gemido de espanto. Klaus estava a minha frente, elegantemente vestido com um terno em tom verde pastel bem clarinho, portando um chapéu. Em suas mãos, o cello.

— *Bonjour mademoiselle!* — Seu sorriso estava irradiante.

— *Bonjour!* Por que está aqui tão cedo? — perguntei ainda assustada.

— Obviamente não esperava por mim. Sou professor da turma C, segundo piso, horário das oito horas.

Lembrei-me que era a única turma que não vi nos corredores, e certamente, seria justamente a que estava sem a marcação na porta.

Ele entrou, divertindo-se com meu espanto, e guardou seu chapéu num porta-chapéus atrás da porta.

— Chegou cedo.

— Este é sempre meu horário. Costumo vir antes para ler o jornal e preparar a sala. Estela não comentou nada sobre minhas aulas aqui?

— Não.

— Fui seu primeiro professor. Conhecemo-nos nesta escola de arte. Faço isso por amor à arte. Desde pequeno meus pais me incentivaram a olhar atentamente para este campo. Fradique recebeu também as mesmas orientações, porém não quis adotar como meio de contemplação. Toca piano em nossa casa, para alguns amigos. Estela recebeu muita orientação para a arte, e acredito que ela deva tender mais para a pintura a musicalidade.

Sinceramente, este assunto não me interessava. Ainda mais sabendo que tudo era uma armação por parte de Estela, que deve ter planejado meticulosamente com Fradique, a maneira mais doce de atrair Klaus a seus encantos; duvidando, desde já, da difícil tarefa de Estela em se deitar com K. e tirar dele o mel que conheço. Klaus era uma presa fácil. Sua simpatia e delicadeza em tratar as pessoas, não deve ter sido difícil para Estela convencê-lo de que é uma excelente noiva. Seus dotes físicos misturados a sua boa articulação fez de Klaus, um patinho na lagoa.

Fomos interrompidos por um aluno que chegou também mais cedo. Logo subiram a escada. Escutei quando fecharam a porta da sala de aula. Minutos depois, deleitei-me ao som do cello. Certamente era Klaus quem o estava tocando. Imaginei seus dedos ágeis se apossando do instrumento, produzindo acordes que me davam à impressão de estar no céu.

Ainda bem que Klaus estava por ali. Menos mal! Se, por ventura, viesse a precisar de ajuda ou informação sobre o novo trabalho, não me intimidaria de consultá-lo, já que estava ali por mais tempo. Mas não poderia me esquecer de meu orgulho movido a vinho branco e caviar.

De repente, começou a chegar os alunos. Senti-me meio perdida, mas logo fui me familiarizando com os nomes e salas. Entre um atendimento e outro, meu pensamento estava no

momento em que a porta da sala de aula de Klaus se abriria e dela surgiria sua imagem esguia, retirando minha paz.

Ao me distrair, ele surgiu a minha frente. Silencioso, apenas me olhava enquanto guardava seu cello em uma caixa. Ele decorava meus movimentos e fitava para meus lábios. Sentia-me sem jeito.

— Já está indo? – perguntei.

— Sim. Eu queria dizer algo a mais, mas tudo era apenas subterfúgio para me manter próxima a ele.

— Até mais – disse sem sorrir.

Quase o puxei pelo paletó e o impedi de sair. Fiquei imaginando, por quanto tempo ainda suportaria ficar sem tocá-lo? Quanto tempo ainda fingiria que Estela importava? Ninguém está entendendo? Não percebem o que este homem significa para mim? Estão todos cegos e insensíveis!

O dia se passou assim. Meu pensamento e minha alma ligada a ele por um cordão invisível, em que eu me pendurava e me torcia de cabeça para baixo. A todo o instante eu corria até a porta, acreditando ter ouvido o ruído de seu carro estacionando. Haveria de existir algo que eu pudesse fazer para que ele não morresse.

Uma menina ruiva me chamou a atenção quando passou por mim e parou de costas, tentando buscar forças para me dizer algo. Aproximei-me e esperei que ela virasse seu corpo para me olhar. Sua pele tão alva reluzia no suéter de cor preta que usava. Aos poucos, vi quando seu rosto virava em minha direção. Os olhos tão azuis estavam assustados. As mãos aflitas, não cabiam mais nos braços.

— Você é amiga de Estela?

— Sim.

— Poderia me dar notícias dela?

Então me lembrei... Esta é a menina que beijara Estela no canto da sala de aula na primeira vez que estive aqui.

— Estela viajou. Foi fazer um curso de artes, mas logo estará de volta.

De repente, seu rosto mudou de expressão, então me fitou como se fosse uma mulher completamente amadurecida.

— Não precisa mentir. Eu sei da verdade. Temo por algum gesto impensado de Estela. Gostaria de me manter informada sobre tudo que se passa com ela. – Sua voz estava rouca e escondia alguma dor.

— Não sei do que fala. – Não poderia contar os segredos de Estela, ou falar deles sem sua permissão.

— Sabe sim! Ela te contou tudo, imagino. Mas entendo sua postura. Isto prova sua lealdade.

Ela se aproximou mais e de um jeito estranho. Olhou firmemente em meus olhos e tocou em minha mão.

— Estela é minha vida. É tudo que tenho. Não posso perdê-la! Você precisa me ajudar.

Dizendo isso, subiu a escada sem olhar para trás. Suas palavras foram ditas de forma forte e incomum. Seus sentimentos eram verdadeiros. Não poderia dizer se Estela a correspondia, mas sei que a menina estava sofrendo de algum modo e por algum motivo que eu ainda desconhecia. Talvez esteja com ela, a chave do armário secreto de Estela e suas respostas que mexem com meu teor imaginário.

Fiquei aguardando para ver a menina ruiva novamente. Ao surgir, Anelisse apenas passou por mim, olhando-me de jeito sério. Não tive oportunidade de me aproximar. Mas outros dias virão. Pelo menos era isso que eu esperava

Estava chovendo. As ruas de Paris pareciam um mar de guarda-chuva para todos os lados. Em tempo algum, vi tantas pessoas andando pelas calçadas naquele horário.

Saí meio apressada da galeria, e já sentia uma espécie de solidão. Talvez este mal me acompanhasse por toda a eternidade. Os faróis dos Cadilaques apontavam que a chuva estava bem fina.

Os cafés, lotados. Muita fumaça e música no ar, e pessoas falavam em tom alto. Ouvia risos afoitos de alguma melindrosa, alguém falando sobre a economia mundial pós-guerra.

Ouvi passos atrás de mim. Se o guarda-chuva não fosse tão grande, enxergaria ao menos os sapatos de quem ali estava. Parei e me virei. Vi apenas um sobretudo preto e pernas longas que caminhavam ligeiramente debaixo de outro guarda-chuva muito grande. O cavalheiro passou por mim e seu perfume me fez lembrar algo. Segui seus passos. Ele parou logo a frente de um café e tentou me esperar, ou esta foi apenas uma impressão solitária de alguém sem destino? Passei por ele sem olhar para seu rosto. Não foi possível. Ele estava completamente coberto pelo guarda-chuva. Decidi seguir meu trecho.

Ao avistar o portão da casa de Estela, vi que tinha alguém parado por lá, esperando por mim. Apressei-me. O escuro da noite não deixou que eu reconhecesse o rosto. Mesmo sentindo uma pitada de medo, seria a salvação de minha noite – alguém para conversar; tomar um bom vinho ou uma xícara aconchegante de um chá. Não havia em 1920, um vídeo para assistirmos a um bom filme, mas poderíamos conversar sobre as grandes peças teatrais da época.

Ao me aproximar com passos rápidos, eu o vi. Como se fosse o efeito de um raio atingindo meu peito, fiquei paralisada; grudada em sua imagem que me fazia sentir coisas que desconheço. Fui ao seu encontro sem saber o que dizer, minha boca salivava e eu sentia as veias quase rasgando a pele. Por que veio? O que tem a me dizer? Eu sabia que a partir deste momento, tudo estaria homogeneamente mexido dentro de mim. Ao me ver, fê-lo com profundidade. Seus olhos pretos de antes, brilharam na mesma intensidade. Ouvi o suspiro que soltou sorrateiro pelos lábios carnudos e com traço forte. Nada disse, apenas abaixou a cabeça, deixando as luzes da cidade reluzirem em sua cabeleira escura, e saiu.

— Enzo! – gritei. Ele não olhou para trás. Abriu seu guarda-chuva e se pôs a andar em passados rápidos. — Enzo! – insisti. Ele desapareceu.

Entrei para a casa, sem saber o que pensar ou fazer. Abri o portão com as mãos trêmulas e antes de entrar, tive a impressão de que havia alguém dentro da casa. Mas isso era apenas bobagem; impressões de uma pessoa solitária que teme a tudo, inclusive, ao dia do amanhã.

Assim que entrei, tratei de tomar um bom banho para preparar um chá bem quente. Estava segura, não havia o que temer. Preferi não ficar pensando muito no que vi, para me sentir bem em minha companhia. Mas é difícil conseguir me distrair depois do ocorrido. A casa estava cheirando a temperos ou algo assim, como se alguém estivesse preparando comida na cozinha.

Não sei o que os franceses fazem durante a noite na década de 20 em suas casas, mas deve ser por este motivo que os cafés são lotados. Achei um bom passatempo para me distrair, escrever alguma crônica sobre os momentos que estava vivendo, mesmo com os lábios de Enzo atormentando minha mente. Fui atrás de papel e caneta, ainda na tentativa de me distrair, quando me deparo com a imagem de Klaus no meio da sala, segurando justamente o que eu estava procurando. Fiquei pálida, e quase perdi os sentidos. As mãos suavam friamente e mantive meus lábios entreabertos.

— Perdoe-me, esta não foi minha intenção.

— Que susto me deu! Por onde entrou? Desde quando está aqui?

Ele balançou as chaves que tirou do bolso.

— Eu tenho cópias da chave. Passei na galeria, mas você já tinha saído. Resolvi vir na frente e ir preparando um jantar.

Aliviada. Joguei-me no sofá, tendo a certeza de que não era um fantasma. Mesmo estando de roupão, sentia-me à vontade. Ele parecia não perceber.

Depois do jantar, pedi licença para me trocar. Queria me sentir Clarice de 2012. Não sei se o motivo era porque vi Enzo. Vesti meu velho sobretudo e bota marrom de fivelas douradas. Soltei os cabelos e os deixei cair sobre a grande gola do casaco. Quando apareci na sala. Klaus olhou-me longamente. Deveria estranhar o traje, afinal, uma parisiense da década de 20 jamais se vestiria desta forma. Seus olhos curiosos tentavam se lembrar de algo, como se já tivessem me visto assim. Senti meu coração bater mais forte. Ele se aproximou me rodeando. Parou com certa dúvida e confusão. Olhou-me novamente e em seguida, tocou em minha mão. Seu toque era macio e saudoso.

— Diga-me... De onde a conheço fora de meus sonhos?

— Estamos nos conhecendo pela primeira vez.

— Impossível Clarice! Eu tenho a forte impressão de que... Já a vi com esta roupa em algum lugar.

— Não foi em seus sonhos? – dei corda a sua imaginação.

— Exatamente! Como soube?

— Apenas uma sugestão.

— Você estava exatamente com esta roupa... Incrível! Lembro-me de tê-la visto assim, em um tempo completamente diferente deste que vivo, porém, na mesma cidade.

— E o que eu estava fazendo?

— Estava com os braços abertos, de frente a um penhasco. Estava preste a sofrer uma Catástase. Será que ouvi direito?

— Quando foi isso? – perguntei.

— Já faz um ano ou mais. Exatamente o tempo em que sonhei com a mesma cena.

— Você se lembra de mais algum detalhe?

— Sim, você corria de um vulto que queria matá-la.

Não havia como negar. Era o mesmo sonho. Ele estava neste sonho.

Poderia enlouquecer se for pensar em tudo de uma única vez – Enzo, Klaus sonhando o mesmo sonho e algo que quase estava me esquecendo, Anelisse, a namorada de Estela. Todos num mesmo dia. Emoções a flor da pele. Certamente era uma noite que demoraria a dormir.

— Vamos jantar? – ele perguntou, sentindo o cheiro da comida no ar.

— Deste jeito ficarei mal acostumada.

— E que mal tem?

Sentamo-nos um de frente ao outro e não consegui me sentir confortável. A mistura de sentimentos fez com que eu perdesse a identidade de Klaus dentro de mim.

— Está inquieta.

— Engano seu. – Tentei esconder o que sentia.

— Um homem quando chega ao patamar de sua vida adulta, conhece uma mulher e suas reações, porque ele a observa melhor, mais do que olha para seus seios ou traseiro.

Corei.

— Não está acontecendo nada. Eu só tive um dia cansativo. Foi o primeiro dia na galeria, até me acostumar, demorará um pouco.

— Tem razão. – Ele me olhou. — Mas não me convenceu.

Levantou-se e recolheu os pratos sujos.

— Pode deixar que eu lavo. – Levantei-me prontificando.

Ele não se virou para me olhar e ficou de costas, lavando a louça, como se eu não estivesse ali. Fui até ele e percebi seus olhos fechados.

— Por que está lavando a louça com os olhos fechados?

— Porque gosto de sentir a água fria escorrendo pelos meus dedos. O gesto de ensaboar e retirar a gordura eu associo ao ato de purificação. Deve ser exatamente desta forma que acontece conosco.

— Nunca tinha parado para pensar nisso. Mas acho que você tem razão – disse eu, lembrando-me das velhas filosofias de Klaus. Ele é o mesmo.

Ao terminar de lavar a louça, enxugou suas mãos no pano de prato.

— Vamos? – perguntou de supetão.

— Vamos? – perguntei como resposta.

— Sim. Sair na noite, conversar...

— Oh! Adoraria! Mas preciso dormir, amanhã tenho trabalho logo de manhã e...

— Amanhã é domingo – disse ele num sorriso. — Quero te levar a um lugar lindo. Hoje você verá o sol nascer.

Fomos até o local que ele queria me levar. Quando chegamos percebi que se tratava de uma serra. Subimos de carro até quase o pico. Lá em cima, as únicas luzes acesas eram da cidade. A Torre Eiffel era a responsável pelo brilho mais intenso. Neste momento, respirei fundo e me esqueci das preocupações. Klaus estava com os braços cruzados olhando para o espetáculo abaixo de nós.

— Que lugar lindo! – exclamei.

O cheiro da relva trazia um ar fresco. Aos poucos fui relaxando e me permitindo a viver o momento.

— Clarice... Eu lhe trouxe até aqui, porque quero ouvi-la mais. Saber mais sobre você – disse ele, sentando-se no gramado.

— Eu não tenho muito a falar sobre mim – falei. Jamais falaria a ele o que realmente aconteceu e que iremos nos conhecer novamente na próxima vida, exatamente daqui trinta anos. Se eu não conseguir mudar o futuro, evitando que ele morra nesta existência.

Assim que me sentei ao seu lado, ele se aproximou mais. Sua mão depositada no gramado ao lado da minha, estava tão

próxima, que eu podia sentir seu calor. Aquele silêncio era perigoso. Eu não sabia o que fazer. Deveria escrever uma lista de ações quando fosse me encontrar com Klaus, para não dar mancadas. Não sei se ficar com ele estragaria alguma estratégia de minha missão para aquela época. Não sei se estaria sendo desleal com Estela ou se não ficar, seria desleal comigo, ou conosco.

— Tudo bem. Respeito sua maneira de se resguardar. Se quiser perguntar algo sobre mim, esteja à vontade.

Eu tenho vontade de falar a ele sobre esta relação maluca que ele construiu com Estela. Mas tenho medo de acabar entregando tudo que sei e meter os pés pelas mãos. Se eu pudesse contar tudo que sei...

— Quando se casará? – perguntei, sabendo que esta não era a pergunta que desejava fazer.

— Não sei. Estou quase desistindo desta ideia.

Não Klaus! Você não pode desistir! Será morto se o fizer!

— Por quê? – perguntei, escondendo meu temor.

— Eu não consigo levar adiante a ideia de me casar para o bem de nossa família.

— Alguém o obriga a tanto? – perguntei, mas já sabendo da verdadeira resposta.

— Não. –Ele riu. — Fradique tem planos para nossa família. Estela sabe o quanto isso nos renderá, mas... Não sei... Eu não tenho comigo a ambição arraigada de meu irmão.

Pobre Klaus! Se soubesse que seu irmão é uma víbora...

— E que tão grande negócio é este que necessita de um casamento?

— Falaremos sobre isso em outro momento.

— Klaus, os pais de Estela estão mortos? – perguntei para ter certeza.

— Sim. A mãe morreu em sua adolescência. E o pai morreu ano passado por uma doença desconhecida pelos médicos.

— Estranho... Ela não me disse nada sobre isso.

Se os pais estão mortos, significa que não tem ninguém para morrer, se ela não se casasse com Klaus, certo? E por que ela mentiu para mim? Nada se encaixava. Todos os pontos estavam controvertidos. Havia apenas um alívio – Klaus não estaria correndo risco de morte como Estela quis que eu acreditasse. Mas por outro lado, tem algo obscuro no caso e muito mais difícil de descobrir. Por qual motivo ela queria se casar com Klaus? Por que quer me fazer acreditar na história que me contou?

— Seu irmão, Klaus... Fradique... Ele trabalha para algum crime organizado? – Nem percebi quando fiz esta pergunta. Agora era tarde demais. Por que fui tão distraída?

Klaus deu um impulso para trás e passou a dar gargalhadas. Dobrava-se em seu riso, o que me deixou mais perdida ainda.

— Fradique, mafioso? – ele perguntou ainda rindo. — *Chérie*, Fradique é o homem mais rigoroso e sistemático que já conheci. Jamais compartilharia com este tipo de situação. Creio que devo te aproximar mais de meu irmão, para que possa conhecê-lo melhor. Mas... De onde tirou esta conclusão?

Ou ele não sabia sobre a verdadeira identidade de seu irmão, ou eu estava metida numa encrenca maior do que eu mesma poderia imaginar.

— Bobagem minha. Vim da zona rural e lá se fala que a organização criminoso dominou os maiores berços. Então, suspeitamos de todos que olhamos e achamos com cara de mafioso, como os que vemos nas revistas da atualidade.

Klaus ria cada vez mais com minhas desculpas esfarrapada. Deveria me manter com a boca fechada.

— Esta é uma novidade muito divertida. Fradique com cara de criminoso. Juro não comentar nada com ele. – Ele continuou rindo.

— Por que se casará sem amor, se o que te prende a Estela é apenas uma convenção?

— Eu e Fradique prometemos ao nosso pai em seu leito de morte, mantermos o nome de nossa família e continuidade de nossos títulos. Fradique acredita que será um bom casamento, sempre o ouvi, apesar de ser eu o mais velho. Eu não acreditava que poderia encontrar alguém que me fizesse casar por amor. Casamento para mim, sempre foi a união de interesses em comum, assim como foi com meus pais e meus antepassados. Não fui criado para ser um homem de se casar apaixonado e construir uma família baseando-me nesses princípios. Família para nós é a manutenção da linhagem do nome. Talvez não entenda o que digo. Somos pretendentes orleanistas ao trono da França. Tanto Estela, quanto eu e Fradique. Mas estou disposto a deixar tudo se me convencer de que existe algo muito mais forte, capaz de transformar um coração construído para reinar ou criar fortunas.

— Então vocês são condes, duques ou algo assim?

— Bem... Eu não queria falar sobre isso neste momento, mas se insiste, é exatamente isso. O reino está condicionado a um casamento. Por isso preciso me casar com a princesa Estela. Poderia ser Fradique, mas sendo eu, o irmão mais velho, devo obedecer à hierarquia. Meu futuro reinado depende desta união.

Fiz um silêncio. Ainda não me convenci da força que existe no motivo que levaria Estela a mentir tanto para mim. Juro que se não estivesse tão confusa, odiaria sua lembrança e tudo que pertence a ela neste momento.

Levantei-me sentindo a noite falar através do vento. Vi quando o corpo esguio de Klaus me seguiu, arrumando a gola de meu casaco. Em seguida, tocou em meu colar, quase um amuleto, com o pingente de uma cruz feita de ônix, e seus dedos tocaram levemente minha pele. Fechei os olhos e retirei o colar do pescoço, colocando-o em sua mão.

— Para você se lembrar de mim – disse, fechando delicadamente a mão dele.

Meus lábios desejavam o toque dos lábios dele. Sem intenção, sem maiores lamentações ou atos desenfreados. Lendo minha alma, ele aproximou seu rosto e me beijou suavemente. Ao soltar de meus lábios, sorriu, como se fosse para ele, a mesma sensação de que foi para mim – conhecida e saudosa.

— Não deveríamos... – disse eu, mentindo.

— Precisamos disso...

— Estela... — Ele me calou com um novo beijo.

Klaus me contou sobre sua infância e de como se sentia castrado em viver a vida em prol do nome da família.

— Eu não podia brincar com as outras crianças que moravam na rua de minha casa, porque meu pai achava que não seria bom aos olhos de seus amigos me verem brincando com uma criança sem dotes, sem boa criação e referências. Então minha infância se deu entre os livros e viagens que meu pai fazia para resolver negócios. Sempre muito limpo e educado, jamais pude falar um palavrão ou sair de casa com o cabelo despenteado ou roupa amassada. Tivemos uma babá que me pajeou até quatorze anos de idade. Esta foi minha infância.

Ao terminar de falar, olhamos para o alto e o sol nascia majestoso, com nuances vermelhas que iam se espalhando pelo espaço de tons laranja ao seu redor. Sorri ao ver tanta beleza. Klaus encostou sua cabeça em meu ombro e permaneceu assim por alguns segundos. Tudo era paz e calma. Aos poucos o sono chegava e me encolhi nos braços dele, que me serviram de abrigo enquanto eu olhava o sol nascer até adormecer.

Acordei em minha cama. Estava atrasada para abrir a galeria. Levantei-me num impulso desvairado. Não precisaria ir atrás de respostas para saber como é que vim parar em meu quarto. Obviamente Klaus me trouxe para cá, com seu cavalheirismo e mãos gentis, e todo o cuidado para não me acordar. Perdi de ver esta cena.

Fui aos tropeços para a galeria.

Não estava tão atrasada assim, pois não havia nenhum aluno esperando pelo lado de fora. O que me causou certo alívio. Retirei a chave de minha bolsa e abri a porta com pressa. Ainda dava tempo de arrumar as cadeiras e vistoriar se estava tudo no lugar, caso agisse com rapidez.

Ao voltar para o balcão, dando-me conta de que estava tudo em seu devido lugar, e que talvez nem precisasse varrer o assoalho, levei o susto que valeria por todo o dia. Enzo. Estático na frente do balcão. Olhava-me como se quisesse me dizer algo, mas não poderia prever o momento em que abriria sua boca. Não usava roupa da época e parecia nem se importar com isso.

Minhas pernas tremiam tanto, que achei não ser capaz de sustentar o corpo. Não estava quente, mas senti o suor descer em minhas costas dentro da roupa. Esta era sua presença em mim, não era uma lagoa tranquila e serena, e sim, o mar revolto diante da tempestade.

Eu ia abrir a boca para dizer qualquer palavra, ele se adiantou.

— Eu precisei vir.

— Eu não... – ele me interrompeu.

— Não vim apenas por você. Tenho missão aqui. Fique tranquila, ninguém saberá da verdade.

Verdade? Qual verdade? De nossa presença ali? Sobre nós dois?

— Qualquer verdade – disse ele lendo meus pensamentos, que agora não teriam mais paz. — Vim te ajudar.

Olhei em suas mãos e nelas havia um violino. Pronto! Meu inferno estava confirmado, ele veio estudar música na galeria.

— Qual o horário da aula de violino? – perguntou-me.

Eu poderia mentir que naquele dia não haveria.

— Não tente mentir. Eu vi a placa na frente da galeria e sei que hoje tem aula.

Até agora não consegui conversar com ele. Continuava o mesmo ogro de sempre.

— Agora é sua vez de falar... – disse ele num riso irônico, lendo novamente meu pensamento.

— Primeiramente, não estou pensando em nada a não ser, na falta de paz que sua presença me causa. Segundo, não tenho o hábito de mentir ou ser desonesta.

— Só pequenas mentiras, como, “eu vim da zona rural” – disse rindo.

Fechei a expressão, tentando expulsá-lo de minha frente.

— Não me irrite! Não estou para brincadeiras! – disse, tentando passar a ele, a zanga que estava no peito.

— Não deveria, não é mesmo? Ontem até viu o sol nascer...

— Como sabe? – perguntei abismada. Ele estava me sondando?

— Como já te disse, sou paranormal para os humanóides.

E agora? O que farei com este homem aqui, meu Deus?

Resolvi não responder mais a nenhuma de suas provocações. Peguei a pasta de horários e mostrei a ele. Ao buscar pelo caderno de matrículas, vi o nome dele marcado por uma letra que não é minha, e o mais interessante, numa data bem antes de eu vir para a galeria. Ele já havia providenciado em silêncio sua vinda. Escondeu suas intenções. Como sou idiota.

Ele ficou por ali. Retirou seu violino da caixa e afinou as cordas como se já soubesse o que estava fazendo. Tocou alguns acordes sob meu olhar. Para meu alívio, os alunos foram chegando, bem como o professor de violino. Esta era a maior turma da escola. Todos queriam aprender a tocar este instrumento.

A turma subiu a escada e Enzo subiu por último. Subiu três degraus e voltou.

— Esqueci-me de dizer! Adoro sua cara de brava. E essas roupas... Prefiro o vestido transparente de renda que você esqueceu em nossa casa.

Nem percebi quando peguei a pasta de horários de aula e joguei nas costas dele. Ele virou seu corpo para mim e piscou o olho, em seguida, subiu a escada como se assistir àquela aula fosse a meta de seu dia.

Agora não me sentirei mais solitária no paraíso. Encontrei alguém para me irritar e me distrair de mim mesma.

Depois de vinte minutos do término da aula, ninguém ainda havia descido. Daqui a cinco minutos, a sala estaria disponível para a próxima turma. Resolvi subir a escada e ver o que estava acontecendo. Para minha surpresa – o que não é tanta surpresa assim – vi Enzo sentado no lugar do professor, passando algumas notas para a turma. Ele tocava e os outros acompanhavam, inclusive, o professor. Eu tinha certeza de que ele não precisava daquela aula, e que seu motivo ali era estar perto de mim, cuidando e sufocando, como o travesseiro em minha cara naquela noite do pesadelo.

— Enzo! – disse impaciente, esquecendo-me de que estava na presença da turma. — Desculpam-me! Enzo, por favor, *monsieur*, temos uma próxima turma que já aguarda pelo professor. – Fingi um sorriso amável.

— Certamente, *mademoiselle* – disse ele, encerrando sua demonstração sob os aplausos da turma, inclusive, do professor.

Saímos lado a lado de dentro da sala. Em minha mente, muitas perguntas sem respostas. Não ia ficar me martirizando, quando podia perguntar.

— O que está fazendo aqui? – perguntei sem olhar para ele.

— Já disse, vim te ajudar.

— Por quê?

— Porque fui encaminhado.

— Quando foi encaminhado? Não me disse nada a respeito antes de eu vir para cá.

— Eu também não sabia. Os planos mudaram em minha legião.

— Pediu para vir até onde estou?

— Não Clarice. Está pensando bobagens. Não pedi, sequer, cogitei a possibilidade. Os planos foram mudados. Algo aqui não sairá da forma como tinha que sair. Estou aqui porque sei que precisará de mim.

— Ainda não me explicou bem essa história sobre sua origem. — Ou você não quis entender?

— Acredita que estou como sonsa, fingindo algo que entendi?

— Quer saber o que penso? Penso que não quer olhar para dentro de si. Vive do passado. Alimenta o passado, como se sem ele não pudesse viver seu futuro.

— Eu não discutirei essas questões contigo. Não é meu terapeuta ou algo parecido. Aliás, eu nem sei o que você é.

— Hoje, você não se lembra. Um dia não se importou com isso. Apenas me quis, e eu estava ao seu lado. — Olhou para mim sentindo-se ofendido.

— Perdoe-me, não quis ser grosseira.

— Não foi. Apenas disse o que sentia, e eu vi. Não posso fazer nada. Estou aqui a mando de ordens superiores, e aqui ficarei. Terá que desenvolver o hábito de me aturar.

— Desde que... — parei de falar.

— Desde que não atrapalhe sua vida, não é isso que ia falar?

Disse ele lendo meu pensamento.

— Sim, é isso mesmo – afirmei, levantando os ombros. Não o deixarei interferir entre mim e Klaus.

— Eu a ajudei chegar até aqui, isso não tem lógica.

— Como conheceu Klaus?

— Isso é tão complexo...

— Então não tente entender.

— Não fale bobagens! Sabe que não consigo andar um palmo na luz. Estou fazendo o trajeto todo no escuro, sem saber a verdade.

— Você havia se esquecido de todos os nossos momentos quando chegou aqui, e agora se lembra?

Eu não quis responder. Não queria lembrar. Não poderia me tornar mais confusa do que já estou.

— Está vendo... Se todas as pessoas se lembrassem de tudo que viveram e foram em vidas passadas quando estivessem em nova existência, ficariam como você está agora, confusa, sem saber o que fazer.

— Eu sei o que fazer. Apenas não sei como fazer.

— Tem certeza de que já fez sua escolha? Fiquei muda. Era lógico que não.

— Não poderemos ficar juntos. Você não faz parte deste mundo. Não conheço sua origem, mas sei que tem hora marcada para partir – eu não consegui dizer isso com naturalidade. Não sabia o que sentia por Enzo, mas ele era especial para mim, mesmo sendo implicante.

— Sabe Clarice... Seu maior erro é acreditar que sabe de tudo e que as pessoas pensam como você. Seu maior engano é jurar que me conhece o suficiente para dizer quem sou. Eu não sou capaz de cumprir minha missão e voltar para onde tiver que ir, sem ao menos tentar ficar com você. Sei que para isso, serei punido, pois terei que ser sincero o suficiente e pagar por minha falha na missão. Saiba, eu não gosto de ninguém na condição desta pessoa

ter que me amar. Você erra feio sempre. Você ainda não sabe que amor é de graça! Mas eu te amo de graça. Tome tudo que tenho! É seu! – disse, abrindo a camisa e mostrando o peito do lado de seu coração.

Virou as costas e vi seus passos indo... Chorei. Não sei por que chorei, talvez suas palavras sejam tão... Verdadeiras, que me tiram pedaços. Estar com Enzo é procurar por meus pedaços dentro de mim. Ele sempre me sinaliza. Eu não consigo fugir de minhas mentiras.

Por que sou tão... Estranha que não consigo chorar por minha própria dor, sem dar nome a ela? Sem inventar que chorar pelo o outro é sempre mais fácil do que chorar por algo que não deu certo dentro de mim? Por quê?

Fiquei engasgada com aquele soluço profundo. Fiquei procurando os passos de Enzo com a esperança de que ele voltasse e consertasse no que mexeu. Fui até a porta e não me importei com as pessoas passando na rua ou com quem estivesse dentro da galeria.

— Enzo! – gritei.

Sou péssima profissional. Certifiquei-me. Não tenho ética ou compostura. Há quem diga que não tenho nem vergonha na cara, porque exponho minha dor ou indignação. Ganho denominações porque sangro na frente de qualquer um, sem dizer que estou assim, por não saber dizer – Eu te amo Clarice! Minha amiga! Minha única e verdadeira amiga! Deixe de ser otária!

Passei sensibilizada a tarde inteira. Momento ou outro ia ao banheiro assuar o nariz. Enzo alcança tão profundamente minhas mazelas, que ao sair, me deixa carente. Torcia para que Klaus não chegasse. Não estava preparada para dar explicações. Não teria explicações, o que aconteceu, aconteceu na noite passada. O dia tinha amanhecido e a dificuldade era outra. A dor veio e me tornei egoísta. Não quero sentir os problemas de ninguém. Quero um quarto escuro, um travesseiro e vozes de anjos. Somente.

Andei pelas ruas com passos perdidos. Andei tocando nas flores e plantas pelo caminho. Meu desejo interno era me despejar nas calçadas. Enzo tocou em minhas mazelas e foi embora. Volte aqui! Venha me curar, menino! Venha... Estou aqui com o peito em ferida, olhe... Não foi você quem causou, foram meus tantos defeitos que me fizeram tão ao meio quanto estou neste momento. Não quero esconder a tristeza de você. Apenas venha aqui. Preciso de cuidados. Preciso de mãos e de alguém que diga que me ame, mesmo quando eu não mereça. Preciso de alguém que não se assuste diante de meu rol de erros e que tenha a coragem de me mostrar os seus para provar sua humanidade.

Abri a porta da casa de Estela decidida a sair dali. Não sabia o motivo, mas desconstruí a ideia de esperá-la voltar. Entrei no quarto e passei a arrumar minha mala. Precisava fazer algo por mim naquele dia tão insano. Não era culpa de ninguém. Eu apenas não sabia amar. Fui saindo devagar, com uma mão segurando o peito, como se quisesse tocar na dor. Voltaria para minha casa que não era tão minha, depois que descobri seu dono. Pediria a Geinxast para me fazer voltar. Desisti de cumprir a missão. Onde encontrarei Geinxast? Estou presa em 1920 para sempre?

Saí da casa procurando por algum lugar que não sabia ainda do que se tratava. Fui parada por um par de mãos que me fizeram voltar para a realidade.

— Para onde vai? — Klaus me perguntou assustado, olhando meu rosto lavado pelas lágrimas.

— Klaus, me tire daqui, por favor... — pedi a ele, que imediatamente se prontificou a carregar minha mala para dentro de seu carro.

— Para onde quer ir? — perguntou ainda sem acreditar no que via.

— Para um hotel. — Eu não conseguia parar de chorar.

— Façamos assim, esta noite, até que se acalme, te levarei para minha casa de veraneio. Amanhã, assim que clarear o dia, te levo para onde você desejar.

— Não! – gritei com medo. Lembrei-me que daquela casa, agora só consigo me lembrar de Enzo e nossos momentos juntos. — Por favor, não...

Ele me abraçou e deixou que eu me acalmasse para ligar o carro. Assim que parei de chorar, o carro se movimentou. Estava deitada ainda em seu colo e sua mão, ora ficava em meus cabelos, ora no câmbio. Quando o carro parou, levantei-me. Estávamos na frente de sua casa.

— Não tenha receio. Estou sozinho em casa. Fradique viajou. Estará fora por um longo período. Se quiser ficar aqui até que decida o que fazer, fique à vontade.

Não queria pensar no amanhã. Não agora. Saí do carro amparada pelo abraço de Klaus, que me ajudou a subir os degraus da entrada da casa.

Klaus me ofereceu um dos quartos de hóspedes e preparou minha cama para que me deitasse. Fechou as janelas e cortinas. Sentou-se na cama, ao meu lado, vendo-me encolhida como a um feto. Segurou em minha mão e tocou em uma mecha minha de cabelo.

— O que te deixou assim, criança?

— Preciso te dizer algumas coisas. Eu não tenho com quem falar.

— Diga, estou ouvindo.

— Eu não sei viver. Eu magoo as pessoas, e mais que isso, eu me agrido por dentro. Não consigo vencer a solidão, mas... Não confio em ninguém.

— Diga mais... – ele pedia. Eu não podia ver seu rosto, o quarto estava escuro, e isso me ajudava a falar.

— Estou há anos sozinha. Quando pensei que tinha alguém, que seria feliz, ele morreu. Foi embora de mim – disse em relação ao que vivemos no coma, como se fosse nos anos 50. — E se ele voltasse, eu não seria mais a mesma pessoa, pois tudo mudou tão de repente... Eu não tive intenção que mudasse, mas

mudou... Não consigo me reconhecer, estou com sentimentos diferentes dentro de mim. Tenho medo de me apaixonar novamente por alguém... Que vai embora. Que voará e me deixará sozinha quando me acostumar a receber amor.

— São apenas traumas, você superará. Eu tenho certeza disso.

— Existem mais situações... Mais e mais... Você confia em mim?

— Não sei se deveria dizer isso, mas confio. Trouxe-a para minha casa. Estamos aqui, não?

— Sim. Então me ouça. Escuta-me com atenção. Não se afeiçoe a mim, não cometa este erro. Assim como as pessoas aparecem em minha vida e somem, eu também sumirei da sua. Tenho data marcada para ficar aqui. Logo precisarei ir embora. Não é porque quero, mas tudo na vida tem apenas um caminho e meu caminho não faz parte desta época.

Senti suas mãos pararem de mexer em meus cabelos. Percebi sua tensão e confusão.

— Estou tentando entender, mas... Não consigo.

— Eu vivo no futuro, mais precisamente, em 2012. Estou aqui, a pedido de alguém que dividia comigo a mesma casa. Eu e você nos conhecemos em 2011, quando sofri um acidente e entrei em coma. Neste coma, revivemos todos os momentos da vida anterior, 1950. Casamo-nos e você tinha uma doença em estágio terminal, um tumor no cérebro. Você foi embora e eu fiquei. Assim também foi no coma. Você me pediu para estar com Enzo, e que ele me mostraria um caminho para chegar até você... Aqui estou, porém, neste mesmo caminho, muitas coisas mudaram. Eu e Enzo tivemos um relacionamento, e depois, descobri que ele não é uma pessoa comum, ele está em missão para me ajudar a voltar aqui e mudar uma situação que ainda não chegou. Ou seja, devo mudar o passado e isso deve refletir de algum modo em meu futuro. Consequentemente, também mudará o destino de todas as pessoas que aqui estão.

— Fale mais – disse ele seriamente.

— Vim para mudar sua vida, Klaus. Sou perseguida por inimigos ocultos, que hoje, estão aqui. São seres invisíveis que tentaram me induzir ao suicídio. Eles querem você. Ainda não consegui decifrar metade do que vim fazer aqui, pois me deparei com... Mentiras... Enganos. Estela... Ela me disse coisas muito ruins de ouvir. Ela mentiu que seus pais estavam vivos e que era obrigada a se casar com você, pois seu irmão e o pai dela eram da máfia e tinham um acerto de contas, e que este casamento traria um desfecho positivo para esta situação. – Pensei antes de dizer, mas resolvi não contar sobre o plano de sua morte. Poderia ser pior. Pelo menos, não contaria até descobrir o motivo que levou Estela a mentir desta maneira.

— Tudo que me disse é muito novo... Muito curioso para mim. Não entendi algumas coisas, e outras estão fora de meu entendimento. Precisamos voltar a falar sobre este assunto com mais calma, quando você estiver mais tranquila.

Ele deve achar que enlouqueci. Ninguém sai por aí, falando sobre almas de outro planeta e vida de outras vidas. Muito menos em uma época mais remota, onde os estudos e ciência ainda não tinham progredido. Oh! O que fui fazer? Klaus se sentia muito mais confuso que eu.

— Desculpa-me, Klaus. Eu não tive a intenção de lhe assustar ou dizer coisas que possam confundir seus pensamentos.

— Não estou julgando-a. Muita coisa que disse, eu já sonhei a respeito. Apenas preciso digerir melhor tudo que falou. Quando disse sobre uma doença terminal, um tumor no cérebro... Eu me lembrei de imediato de sonhos assim. E o mais incrível, é que sofro desde pequeno de dores intermináveis na cabeça. Já fiz tratamento médico, mas não existe uma causa ou um laudo que explicassem essas dores, mas creio que hoje você deve ter me explicado.

— Sinto-me melhor com a possibilidade de não me achar uma completa idiota ou maluca.

— Jamais pensaria algo deste tipo em relação a você.

— Obrigada – disse, apertando sua mão.

— Não falaremos mais nisso por hoje. Esqueceremos as dores e lágrimas. Quero vê-la sorrindo e feliz. Eu havia programado uma surpresa para você. Gostaria de te fazer uma proposta diferente, ao invés de fazer o almoço, quero levá-la a um restaurante. Se disser que aceita, prometo que será inusitado.

— Aceito.

— Então coloque sua roupa mais linda e prometa seguir as pequenas regrinhas – disse ele, tentando se livrar da preocupação que minhas palavras o causaram. Algo me diz que não deveria ter falado tudo que falei.

— Quais são?

— Um almoço silencioso.

— Não entendi.

— Você entenderá. O amor é como a criatividade: emerge quando a espontaneidade líquida percorre a solidez da estrutura. O amor que vem de mim, nunca será do tamanho do amor que passa por mim. O amor livre, que funciona e traz felicidade, é justamente aquele que não nos pertence. Para sentir o amor devemos silenciar. Para sentir tudo a nossa volta e entender o significado de cada uma delas, devemos apenas olhar, tocar e deixar que tudo se faça presente através de sensações. É um experimento. Aceita?

Fiquei submersa em suas palavras. Depois consenti com um aceno de cabeça.

— Você está falando de amor? – perguntei com um entusiasmo que há muito tempo não sentia.

Ele sorriu, levantou-se e retirou de seu bolso, um bloco de notas.

— Não nos falaremos durante o almoço, a não ser que seja através deste bloco. E tem mais um detalhe, até com o garçom, trocaremos bilhetes. Não tenha medo de se parecer ridícula. Eu

também estarei lá, sendo ridículo ao seu lado – disse, brincando com o dedo, na ponta de meu nariz. — Daqui vinte minutos, um carro virá buscá-la.

— Não irei contigo? – perguntei atônica.

— Não – ele respondeu num sorriso.

Arrumei-me achando a brincadeira lúdica, lírica, incitante. Esborrifei gotas de meu perfume Quartz, atrás da orelha e entre os seios. Ele sempre me mostrou a vida de outro ângulo. Klaus sempre me fascinou num ponto marcante, expondo meu lado feminino de forma delicada, como sempre deveria ser.

Aguardei o carro que ele enviara para me buscar, chegou em seus precisos vinte minutos ditos. Entrei, sentindo-me diferente, como se o velho amor pudesse voltar à tona em sua melhor forma, longe da obsessão. Passei batom nos lábios, olhando para seu formato, e achei-me mais bonita que o rotineiro.

O carro parou e eu desci como a dama desejada de Don Juan. Entrei no restaurante que tinha ares de requinte e sofisticação. Vi homens e mulheres muito bem trajados sentados à mesa. Alguns tomavam licor ao som de um clássico jazz. Ouvi taças se encontrando num brinde e a risada discreta de uma *mademoiselle*.

Fui recebida por um garçom que se dizia a minha espera.

Dirigiu-me à mesa do canto, próxima a janela. Havia apenas dois lugares e, em cima de um dos acentos, um botão de rosa vermelha. Peguei-a com cuidado e li o primeiro bilhete – “Seja bem-vinda ao meu mundo que só não era encantado pela sua ausência.”

Sentei-me, sentindo completamente confortável. Minutos depois, ele surge. Seus olhos eram a chave de nossa comunicação. Brilhavam ao me verem. Eu podia ler seus pensamentos e vi várias vezes seus lábios se movimentarem em uma gesticulação saliente e sedutora. Klaus era um cavalheiro que sabia a arte de seduzir.

Era um jantar em silêncio. Um jantar carregado de respirações, olhares, cheiros, gestos. Eu vi em Klaus, coisas que não veria se estivéssemos conversando. Senti suas mãos tocando as minhas. E quando queria falar, mandava-me bilhetinhos cheios de segredos que estavam sendo revelados a mim, de maneira gostosa e interessante:

“Imaginei o gosto de seus lábios neste batom, desde que a vi se sentar.”

“E que gosto acha que deve ter?” – perguntei em um bilhete.

“Amora...” – ele respondeu o bilhete.

Imediatamente, lembrei-me do sorvete de amora que pedi em nosso primeiro encontro.

“Quer pedir o almoço? Ou quer retocar o batom no banheiro?” – ele me perguntou.

Quase quebrei o jogo. Ri. Lembrei-me... Ele ainda não sabia que temos históricos com banheiros, e certamente tudo começou em 1920.

“Pediremos o almoço.” – respondi, escrevendo num sorriso maroto.

“Estou ficando maluco... O que está sentindo?” – ele escreveu.

“Paz.” – respondi.

Comemos e tomamos vinho branco. Seus olhos me fitavam o tempo todo. Hora ou outra, sua perna roçava elegantemente à minha no esconderijo debaixo da mesa posta por uma toalha de linho branca, toda bordada com fios dourados.

Ao sair do restaurante, nossos rostos rindo, olhando nos olhos, se encontraram. Suas mãos alcançaram minha cintura e me abraçaram como antes. Senti seu abraço de saudades. Senti seu suspiro em minha pele como se necessitasse de mim, e novamente senti o mesmo amor de antes.

Ele olhou em meus olhos e ofereceu seu beijo terno. Fechei meus olhos e o senti. Eu o pertencia. Cruzei as vidas e fiz do impossível uma fórmula de nos encontrarmos. Nossa riqueza juntos não é percebível. Estava confusa, mas sabia que minha alma pertencia a ele.

— Não vá ainda... – ele disse após o beijo, sem afastar seu rosto do meu. — Fique comigo.

Senti seu hálito quente em minha pele. Novamente o desejo de beijá-lo veio à tona e o fiz.

— Espera-me... – ele pedia entre o beijo.

— Estou aqui – respondia em sussurro.

— Irei te encontrar...

Eu sorri e entramos no carro.

Sua expressão séria enquanto dirigia e as mãos no volante como antes.

— Daria todo o reino por seus pensamentos?

— Não tente me entender...

— Eu não preciso, basta olhar para você, é como se soubesse o que sente.

— E o que sinto? – perguntei, provocando-o.

— Você é minha alma gêmea. Sente o que sinto. Voa quando quer. Vai e volta, mas sempre volta.

— Estranha esta frase... Por que diz isso?

— Porque é assim sua alma, a metade da minha. Se um dia se for, eu vou te encontrar.

— Como poderá fazê-lo?

— Como pode fazê-lo?! – ele me retrucou.

Eu ri.

— Seria capaz de atravessar as vidas para me encontrar?

— Eu seria capaz de muito mais. Não me tente... Ri novamente.

— Está me conhecendo agora. Faz tão poucos dias que nos encontramos.

— Não! Você sempre esteve dentro de mim, em algum tempo, algum lugar.

— Acredita em vidas passadas e futuras?

Ele parou o carro e me olhou de forma diferente. Trouxe minha cabeça para seu peito e suspirou, beijando minha cabeça.

— Eu acredito no amor que se faz presente em locais que desconhecemos dentro de nós. Perdoa-me se algum dia, eu tive que partir de sua vida. Perdoa-me por nossa separação. Eu irei te encontrar onde quer que seja. Assim como sempre foi nos sonhos que tive com você.

De um jeito triste, correu uma lágrima de meus olhos. Os lábios dele beijaram uma após outra. Abracei seu pescoço e trouxe sua face de encontro com meus lábios.

— Ama-me – pedi.

Ele riu.

— Como antes?

Ele disse como se lembrasse de algo que eu jamais esqueci.

— Como antes – sussurrei.

Estacionou o carro em um local deserto. Tirou minha roupa de baixo com carinho, beijando minhas pernas enquanto eu desabotoava sua camisa e sentava sobre ele.

— Minha... – ele dizia beijando minha pele toda.

— Sua...

— Para sempre... – ele afirmava.

— Para sempre – confirmei.

Ele amou meu corpo olhando em meus olhos. Sentimos nossas lágrimas escorrendo juntas pela face. Sem entender, eu chorava com ele uma emoção que nos tomou sem nome.

Klaus me deixou na galeria no horário em que teria de estar lá. Sentia-me completamente refeita, com nada retirando minha paz. Porém no fundo, não sentia vontade de estar na galeria, e torcia para que Estela voltasse logo e retomasse as ocupações e responsabilidades que a ela pertencia. Contudo, havia assumido uma obrigação, que para mim, estava difícil cumprir com o combinado.

Limpava o balcão com o espanador, quando vi entrar Anelisse vestida com um casaco que tinham plumas vermelhas em suas extremidades e combinavam perfeitamente com a cor de seus cabelos e batom.

Percebi que não trazia nenhum instrumento. Também não me lembro de ter alguma aula marcada para ela neste dia. Parou de frente a mim e mexeu em sua bolsa. Sua luva rendada era tão suave que se confundia com o tom de sua pele. Pegou um papel e mostrou-me. Era um telegrama.

“Anelisse, vá até a galeria e tome o posto dos afazeres, dispensando a ajuda de Clarice. Agradeça pelos momentos que me prestou favores e lhe dê a quantia pelos dias trabalhados.”

Surpreendi-me. Será que ela sabe ou soube de meus passeios com Klaus? De certa forma, não estava me sentindo bem com esta situação. Melhor assim.

— Obrigada Anelisse. — Fui procurar minha bolsa para sair imediatamente daquele local.

Ao me virar, Anelisse estava com uma quantia de dinheiro em mãos.

— Oh, não! Não aceitarei. Não fiquei aqui por dinheiro. — Você tem para onde ir? Claro. Entendi o recado. Certamente ela receava de eu voltar para casa de Estela. — Sim. Não se preocupe.

Notei que em sua fisionomia havia algo de estranho. Ela insistia em me oferecer o dinheiro.

— Não aceitarei Anelisse. Obrigada.

— Estela me pediu para saber o nome do hotel onde está hospedada.

Senti um frio na barriga. Ora, como irei mentir?

— Assim que sair daqui, irei providenciar minha hospedagem em algum hotel. Ainda não sei. — Disse-me que tinha onde ficar... — ela me persuadiu.

— Sim, não faltarão hotéis em Paris para que eu possa me hospedar, não?

— Clarice... — ela queria me contar algo.

— Diga.

— Estela não está nada bem. Ela conversa com os mortos, segundo o que me disse quando a vi falando por várias vezes sozinha.

Lembrei-me de algo familiar. Enzo também conversava e diz que ouvia as vozes. Será que não acontece o mesmo com Estela? Não sei se seria possível. É apenas algo que acabei de me lembrar.

— Por que está me contando isso?

— Ela precisa de ajuda. Não fique com raiva de Estela.

— Fiz o que pude por Estela, não estou com raiva.

— Ela está sendo influenciada por uma força estranha. Ela me disse que as vozes falaram com ela e disseram para que a mandasse embora; retirasse-a de seu trabalho e de sua casa. Achei muito estranha esta atitude, mas prefiro não discordar.

Então o inimigo oculto está entre nós. A missão está quase à minha frente. Basta eu ter sabedoria para conseguir discernir e compreender o que tenho de fazer.

— O que disseram? Ela comentou com você?

— Disseram que você está querendo destruir o casamento de Estela.

Sim. Eles já estão aqui.

— Não se impressione com isso – pedi, notando os olhos assustados da menina.

— É verdade que você está tentando impedi-la de se casar? – ela me perguntou, com uma esperança estampada nos olhos. Na verdade, percebi que ela torcia para que isso fosse verdade.

— Não.

— Você seria capaz de impedi-la?

— Por que me pergunta isso?

— Preciso saber... Você sabe o que sinto por Estela... Ela é tudo que tenho. Quero cuidá-la. Ela precisa de mim. Outra pessoa não poderia fazê-lo com zelo... Eu a amo.

Consenti com a cabeça, entendendo seu sentimento, mas infelizmente não poderia me envolver em um assunto tão íntimo e delicado.

Saí da galeria com a sensação de que tudo se transformara tão repentinamente. Tive um almoço maravilhoso ao lado de Klaus, e ao anoitecer a angústia estava de volta. Terei que ir até sua casa buscar minha mala e procurar por um hotel. Ele não era mais um “estranho”, uma vez que confessei a ele meus segredos. Não teria motivos para me sentir inadequada por entrar em sua casa e pegar minhas coisas. Ele tentará me convencer de ficar, mas diante da desconfiança de Estela, não poderei aceitar. Agora tudo estava mais perto da revelação.

Senti meus pés pisando nas folhas das árvores e uma segunda sensação se apossava de meus sentidos. Não sabia explicar como, mas não me sentia só. Tinha alguém ao meu lado, por mais que eu não conseguisse ver sua forma.

“Não vá até lá...” – eu ouvi nitidamente alguém me dizer. Senti medo.

— Quem está aí? – perguntei enquanto caminhava.

Ele surgiu à minha frente do nada. Parou-me, colocando as mãos na frente, impedindo-me de trocar passos.

— Você não tem o direito de me impedir – disse com ranço na voz.

— Você tem feito bobagens, Clarice. Atrapalhou nosso trabalho aqui. Não deveria ter contado a Klaus tudo que sabe.

Ele não tem permissão para saber do futuro. Os inimigos ocultos podem estar em qualquer lugar. Eles ouviram e viram suas confidências. Você mudou os planos. Não deveria tê-lo feito. Agora entende o porquê de eu estar aqui?

— Sentia-me apavorada. Deixou-me sozinha com minhas aflições. O que esperava, Enzo? Que eu seja feita de perfeição e imortalidade?

— Espero que tenha bom senso. As pessoas não devem saber do futuro, se fosse para saber, nasciam sabendo. Você foi impetuosa.

— Não me diga o que fui ou sou. Tive um dia bom, espero que não estrague minha noite – disse, desviando-me de seu corpo e seguindo meu caminho rumo à casa de Klaus.

Por um momento, pensei que havia desistido, senti até a brisa no ar levando meus cabelos, mas quando menos esperava, Enzo estava atrás de mim. Puxou-me com força e me colocou dobrada, quase uma boneca de pano, em seu ombro. Por mais que eu rebatesse com os braços e pernas, era impossível conseguir me soltar. Bati algumas vezes em suas costas e o mordi.

— O que pretende? Ponha-me no chão, imediatamente! – gritei com raiva.

Ele não respondeu. Era como se nada fizesse diferença para ele. Parou um cabriolet que passava por nós e entramos no

táxi. Tentei sair, mas ele prendeu meus braços enquanto o motorista nos olhava de forma estranha pelo retrovisor. Respirei fundo e tentei me controlar. Não tinha cabimento Enzo surgir do nada e tentar colocar ordem em minha vida. Uma vida que não o pertence, tratando-me como se eu fosse imbecil ou criança.

— Está tudo bem, *mademoiselle*? – perguntou o motorista do cabriolet, parando o carro.

— Sim, está, *monsieur*! – intrometeu-se Enzo, abraçando-me como se estivesse realmente tudo bem e estivéssemos passando por um acerto entre marido e mulher. — Minha esposa é muito rebelde e nervosa, às vezes precisa de medidas drásticas. A pobre toma remédios fortes para consertar seu gênio. Então...

Sempre preciso estar atento a seu comportamento na rua... Pobrezinha, ela estranha as pessoas. Tem crises de pânico – mentiu Enzo, o que me deu vontade de xingá-lo, mas ao invés disso, pisei forte em seu pé e o belisquei abaixo de sua costela. Ele sorriu, divertindo-se às minhas custas.

Eu o odeio! Homo Sapiens! – pensei, virando o rosto para minha janela.

Entramos num hotel que nem me dei o luxo de olhar o nome, de tão irritada que me encontrava. A todo o momento eu tinha impressão de que ele ia prender novamente meus braços. Isso é um absurdo! Que espécie de anjo sideral é este com costumes de homens da caverna?

— Eu não sou anjo sideral. Faço parte de uma equipe de missões especiais, mas não sou anjo. Está vendo asas em minhas costas?

— Você é muito engraçadinho, Enzo. E muito atirado para ser um E.T. Não sei se seus superiores sabem de suas peripécias, mas na primeira oportunidade entregarei suas mentiras.

— Você acha que passarei ileso à punição?

— Não acho nada. Acho apenas que hoje você ultrapassou a linha do suportável.

— Ah, *Chérie*... Relaxe.

Já ia dar uma boa resposta, mas o rapaz nos abordou:

— Boa noite *monsieur, mademoiselle*! Em que posso lhes ser útil?

— Por favor, a chave do quarto reservado para Clarice Lefevre.

Olhei para ele incrédula. Ele já havia reservado o hotel antes mesmo de me consultar. E usou o nome que eu tinha ou tenho – nem eu mesma sei mais quem sou – o sobrenome que encontramos no cartório.

Enzo tratava tudo com naturalidade. E eu tinha a sensação de ter engolido uma bomba relógio.

— Apartamento 412 – disse o recepcionista com uma voz que fazia eco em minha cabeça.

Viramos as costas e nos direcionamos à escada. Tentei me manter o mais distante possível do corpo de Enzo. Estava irritada e ele conseguiu estragar minha noite.

— Preciso buscar minhas coisas na casa de Klaus.

— Não há necessidade. Eu já as busquei.

— Como? – Parei, segurando a cintura.

— Sim. Fui até a casa de seu amado e a empregada me atendeu, dando-me a mala.

— Eu não posso acreditar que você fez isso!

— O que há com você, Clarice? Você paga para se dar mal? Não entende as coisas que digo? Você está correndo riscos! Não pode evitar pelo menos um dia ter de sofrer? Não te disse que os inimigos ocultos estão armando uma arapuca?

— A única arapuca que conheço é esta que me enfiei com você.

— Quer ir até lá, vá... Depois de uma noite intensa de amor e sexo, não irá dizer que não avisei; quer o amor de sua vida

morto por sua culpa? E depois de morto, perdido no breu e na escuridão, num daqueles planetas povoados por almas sofredoras?

— Não! – gritei me lembrando da dor no gemido e lamentação daquelas almas que eram cobertas por lama.

— Então seja boazinha e se comporte.

Isso obviamente quer dizer – me obedeça.

INFERNO!

Deitei na cama com a cabeça coberta por um cobertor e tentei não pensar em nada e não me lembrar de que ele estava deitado ao meu lado como um cão de guarda.

— Vai ficar aqui? – perguntei com uma voz nada amável.

— Tem alguma sugestão?

— Veja outro quarto no hotel ou vá para o lugar que você estava antes de me encontrar.

— Daqui a pouco, assim que você apagar.

— Eu não quero dormir! – respondi, com a voz abafada pelo cobertor.

— Você está sugerindo que eu passe a noite fazendo sua vigília? – Ao ouvi-lo, pensei vários palavrões, e ele disse num sorriso sarcástico — E não me xingue!

Após alguns minutos, ouvindo minha respiração abafada. Ele resolveu falar:

— Quer fazer o favor de descobrir sua cabeça?

— Para quê?

— Para dormir – disse, apagando a luz do abajur.

"Queria conversar com ele, então seguia até o jardim. Molhava as plantas e com os pés no chão e os olhos molhados, eu digo que ele levou metade da minha alma e que nunca tive tendência a suportar almas limitadas e com extremidades ao meio. Tudo isso me parece sem estímulo, quase feito do nada e jogado em um canto qualquer, ao bel-prazer do destino... Eu estou sem destino. Revisto-me tão somente de várias e várias peças de saudade. Memórias recortadas e coladas em um álbum que coleciona momentos bons. Saudades do amor que recebi, do abraço, do aconchego de madrugada.

Se pudesse dizer algo a ele, gostaria apenas de pedir que não me abandonasse assim.

"Quando sentir saudades, olhe para o céu!", dizia Klaus.

O Voo da Estirpe I pg. 186

Acordei sem a presença de Enzo ao meu redor.

Poderia se impressão, mas tinha a nítida certeza de que o tempo parecia passar mais rápido. Pensei na possibilidade de estar se aproximando meu plantão naquela época, e até agora nada de saber o que tenho de fazer para concluir minha missão.

Precisava encontrar Klaus e me desculpar por desaparecer sem dar sinal de vida. Após o banho, troquei-me e resolvi sair para dar uma volta, perfumada com minha marca registrada – Quartz, sempre. Eu agora levava no corpo, as marcas que antes eu tinha. Klaus havia voltado e eu queria que ele ficasse mesmo com Enzo atormentando minha mente.

Deixei que meus pés direcionassem meus passos, determinando meu destino. Mais do que a brisa fresca em meu rosto, era o céu tão lindo, com raios de sol novinhos, recentemente nascidos. Senti falta de meus cabelos longos, com o vento brincando com eles.

Ouvi o som do cello vindo de algum lugar que eu ainda não havia descoberto. Olhei para todos os lados, e somente pude sentir a minha presença e o som do instrumento esparramado pelo vento. Passei por uma confeitaria e percebi que se tratava daquele lugar, o premiado pelo som do cello. Parei de frente a ela e vi tanto movimento que me deu uma imensa vontade de entrar e me deleitar do que fazia com que seus narizes suspirassem e prestassem atenção atentamente à atração que era gerada no local.

Olhei para o músico e meu olhar ficou estático na imagem de Klaus. Ele tocava o cello ao som do coral das crianças gregorianas. Vi um relógio ostentado na parede, eram apenas nove horas da manhã, num dia com raios de sol tímidos, embora o inverno imperasse com vento gelado, avermelhando a face.

Somente pude entender o que estava acontecendo, quando notei a árvore de Natal e as felicitações. Então era Natal. Ele estava fazendo uma apresentação natalina para o público. Estava lindo com um cachecol enrolado elegantemente no pescoço e uma boina preta, da cor de seu casaco.

Ele levantou a cabeça, abrindo os olhos que foram justamente em minha direção. Sorriu levemente antes de fechar novamente os olhos. Ao encerrar, deixou seu instrumento cuidadosamente escorado no banco em que estava sentado e chamou a atenção de todos os presentes:

— Gostaria de desejar um Feliz Natal a todos, e dizer que Papai Noel existe e está dentro da esperança, daquilo que move nossos sonhos, e na inocência escondida dentro de cada um de nós. Sendo o Natal uma data tão especial, aproveito a ocasião, sem tanto tempo a perder, para cumprimentá-la, *mademoiselle* Clarice, e pedir, honradamente, sua mão em casamento.

Todos admiraram, fazendo ruídos e burburinho. Afinal, era o candidato a um dos tronos da França. Estava boquiaberta, tanto quanto aos presentes. Não saberia o que dizer.

Aproximei-me de onde ele estava e o chamei, discretamente, embora, naquele momento, não houvesse nada mais que cobrisse a minha imagem dos olhos das pessoas.

Conduzi-o para o canto mais próximo, mesmo sendo fitada por todos os lados.

— Não pode fazer o que fez. Klaus, você está noivo! Você é um príncipe, e eu, uma plebeia.

— Terminei o noivado ontem à noite. Após uma visita de Estela em minha casa.

— Estela não voltará antes de três meses passados.

— E quanto tempo você acha que já se passou?

O que ele está dizendo? Está dizendo que já se passou três meses desde que Estela saiu da cidade? Não é possível! Eu conto uma semana deste ocorrido. Então me lembrei de que hoje de

manhã, eu tive a sensação estranha do tempo estar correndo contra mim. Precisava ser rápida. Meu tempo estava acabando.

— Mas você não teria que se casar para ter direito ao trono?

— Sim. Abdiquei do reinado. Passei a Fradique, o que caberia a mim. Renunciei à coroa.

— Oh! – consegui apenas exclamar.

— Eu quero me casar por amor. Você aceita se casar comigo?

— Bem... Eu... Você sabe de minha situação, Klaus. Tenho um tempo contado no relógio para ficar aqui e resolver o que ainda não sei o que tenho de fazer. Não sei se condiz com minha condição...

— Eu quero ficar com você o tempo que estiver aqui. Estou apaixonado, Clarice, pela primeira vez na minha vida.

Eu não tinha como dar esta resposta para Klaus. Eu poderia ficar e me casar com ele, mas as consequências poderiam ser terríveis, pois estaria rompendo com as regras de permanência. Poderia me perder no tempo e... Tinha Enzo... Oh! Meu Deus! Tinha Enzo!

— Por favor, te peço, deixe-me pensar! Prometo ser breve. Sei que casamento é algo sério, não se resolve desta forma... Ainda mais em meu caso, quase uma forasteira neste tempo e realidade.

— Você tem todo o tempo para pensar! Eu pensei muito em tudo que me disse. Considerarei como realidade todos os fatos, levando em conta os sonhos que tive com você desde quando era um moleque. Isso não pode ser algo comum ou normal. Tenho certeza de que há algum modo de ficarmos juntos, se quiser...

Sim. Eu poderia escolher ficar aqui. Mas precisava pesar tudo. Sei que se fosse há tempos atrás, eu não pensaria duas vezes, mas agora, depois de tudo que ouvi no templo sagrado, e... Enzo indo embora, assim que cumprir sua missão, sinto-me sufocada pela divisão.

— Você acredita no amor?

— Sim.

— Você acredita que amor é para sempre?

Ele se referia a todos os momentos que passamos juntos em outras vidas. Ele se refere ao sentimento que um dia senti por ele e não poderia ser propenso ao desistir. Amor é para sempre. Ele tem razão. Somente eu que não sei mais o que sinto.

— Sim. Acredito que o amor é para todo o sempre.

Antes que ele pudesse me fazer mais perguntas, para as quais não tinha as respostas neste instante, ajeitei a postura para ir embora.

— Eu prometo pensar sobre a proposta.

— Eu esperarei por ela...

Ele apertou minha mão com tamanho carinho, que pude sentir a leveza de seus sentimentos verdadeiros. Fitei-o pela última vez, antes de sair, e encarei os olhares curiosos de pessoas desconhecidas e bitoladas pelos ditames sociais.

Estava tudo correndo rapidamente para algum final que eu não conhecia. Por um lado, minhas manias, ranços, sentimentos. Por outro, divididos por uma parede – Enzo e Klaus.

Sentei-me no banco da praça, sentindo-me um coração de galinha dividido em dois pedaços, cujos pedaços eram unidos por uma frágil película que os mantinha em um, mas quase a ponto de se separarem.

Uma mão em meu ombro me fez voltar do espaço. A mão era macia e quente. Toquei-a.

— Por que menospreza o que sente por mim? – disse Enzo, que mais parecia onipresente, pois estava em todos os lugares. Inclusive, dentro de meu pensamento, lendo-me como se eu fosse um jornal.

— Não menosprezo. Deixe-me ficar sozinha – disse com calma.

— Você deve aceitar o pedido de casamento.

— O quê? – eu não sabia se estava sonhando ou se ele realmente havia me dito o que disse. — É isso mesmo que você ouviu. Aceite o pedido. — Está decidindo algo por mim, Enzo? – estava começando a perder lentamente a paciência, que de santa, havia perdido seu aspecto de imortalidade.

— Não Clarice. Estou dizendo que este é o momento de você iniciar sua missão aqui. Ao aceitar, estará iniciando o ciclo.

Eu não sabia mais, se ele tinha sentimentos verdadeiros por mim, ou se tudo que um dia me disse, acabou e a missão era o mais importante para ele neste momento.

— Eu achei que... – detive-me.

— Você achou que eu te amava? – perguntou, sentando-se ao meu lado, esticando as pernas e colocando as mãos atrás de sua nuca.

— Pelo menos foi o que me disse um dia.

— Este não é o caso agora, Clarice. Se quiser salvar Klaus, terá que aceitar o pedido. Caso contrário, ele não conseguirá cumprir sua tarefa aqui, e o ciclo da vingança dos inimigos ocultos continuará se abatendo sobre a vida dele.

— Por que eles o odeiam tanto, diga-me?

— Porque em uma vida antes desta, ele matou acidentalmente esta pessoa que hoje se aliou às forças do mal, vendendo sua alma com intenção de destruí-lo.

— Meu Deus! E quem é esta pessoa? Diga, por favor?!

— Você logo saberá! O importante é ter em mente que precisa evitar que Klaus seja morto, pois esta é a oportunidade que ele tem de evoluir nesta vida. Ficando vivo e escapando do tumor no cérebro na próxima vida.

— Como poderá escapar da morte com um simples casamento?

— Não deixando que ele se case com Estela.

— Estela... Então... É ela...

— Espero que não procure Klaus e conte a ele essas revelações. São segredos do plano etéreo. Como disse... Você não tem o direito de revelar a ele tais mistérios.

Não iria me irritar agora. Ele disse coisas que me fariam pensar o restante da tarde.

— Não contarei. Por favor, me faça entender toda esta história. Conte-me, prometo guardar silêncio.

— Tudo começou em 1800. Estela ia se casar com Klaus, que já amava você, porém ela mentiu para os pais que ele havia tirado sua honra, e K. foi obrigado se casar com ela. Mas no dia do casamento, a arma de Klaus disparou por acidente enquanto ele a limpava para guardar. Estela chegou bem neste momento, vestida de noiva, e foi atingida pelo tiro, morrendo instantaneamente. Sua alma jamais o perdoou, pois ela acredita que ele atirou de propósito para poder se casar com você. Nas trevas, movida pelo sentimento de ódio, aliou-se aos inimigos ocultos, sendo uma de suas discípulas. Eles a fizeram retornar com o sentimento de vingança. Em 1920, Estela novamente foi trocada por você, e no dia de seu casamento com K. ela os matou. Klaus foi atingido na cabeça e você, no peito. Em 1950, Estela não conseguiu retornar. Klaus voltou e te reencontrou. Porém, o tiro que ele levou na cabeça foi dado com tanto sentimento de raiva na vida anterior, que motivou o câncer no cérebro exatamente na região em que a bala se alojou. Em 2012, você sofre o coma. Klaus e eu tentamos reanimá-la para acordar. Você acordou e fez a regressão para modificar os acontecimentos de 1920 e libertar a alma de Estela que está em sofrimento, e também, ajudará Klaus em sua evolução espiritual. Klaus poderá voltar a 2012. Certamente não será tão fácil como pensamos, pois ele precisará passar por novas missões. Esta é toda a história. Estela tem os mesmos dons que tenho. Ela escuta os conselhos de seus superiores e monitora todos os seus passos. Faz parte do exército das forças especiais do mal. A qualquer momento, também poderá retornar a uma vida futura.

Creio que após o cumprimento de sua tarefa aqui, que é levar a alma de Klaus para as trevas.

— Isso que dizer que Estela... Forjou tudo...

— Sim. Ela sabia onde te encontrar e como se aproximar. Mentiu para que pudesse te afastar. Ela sabe que você veio de outro tempo, e que foi o amor de Klaus por todas as vidas.

— No coma, ela queria me provocar...

— No coma ela foi uma alma das trevas, assim como é agora, e precisa perdoar para deixar de ser instrumento materializado do mal. Você também a libertará se conseguir chegar até o momento certo.

— Ela é humana?

— Sim, apenas tem alguns dons, assim como eu, mas voltados para o lado do mal. Você não me acha humano?

— Você acha que se parece?

— Acho que sim. Tenho necessidades fisiológicas. Sangro. Nasci. Sou mortal. Acha-me diferente apenas porque consigo ler seus pensamentos e desaparecer quando quero?

— Humanos não são como você, que não precisa morrer para voltar para sua origem.

— Você não sabe nada sobre minha origem. Eu não desapareço. Você é quem não consegue me ver. Como não consegue ver os milhares de almas que estão aqui neste momento. Você não consegue perceber nem mesmo que...

— Nem mesmo quê? Diga de uma vez o que ia dizer?

— Não posso...

"Querida dizer! Juro! Desta forma descomplicaria toda a situação." – pensava Enzo.

— Quem era a alma que me assombrava na casa antiga?

— Estela. Tentando tirá-la de lá.

— Como acha que devo me casar com Klaus? Vocês me disseram que se eu ficar aqui, irei me perder no tempo...

— Se cumprir sua missão, poderá viver de modo diferente, tudo que viveu um dia ao lado de Klaus. Mas precisa respeitar o tempo de permanência aqui. Precisa ter fé... Você não conseguiu encontrar Klaus em 2012. Acha mesmo que ele não está lá neste momento? Talvez... Chegará a 2012 com outro destino. Diferentemente do que teria que viver, caso não voltasse aqui e modificasse seu passado, para que este se refletisse de outra maneira no futuro.

— Klaus está vivo em 2102? Diga-me? – Balancei seu corpo.

— Tente descobrir sozinha.

— Se eu cumprir a missão, Klaus não terá o tumor no cérebro, é isso?

— Sim.

— Que fantástico!!!

— Pois é.

Seu "pois é" veio com ares de desprezo. Pela primeira vez senti ciúmes em sua voz.

— Isso é para te provar a minha mortalidade – disse ele após ler meu pensamento. — Sou agora coberto de defeitos, porque me apaixonei enquanto estava em serviço.

— Você nunca demonstrou ciúmes.

— Eu não posso expressar o que sinto e estragar o real motivo que me trouxe a sua vida.

"Não posso entregar a verdade agora... Falta pouco. Preciso mentir, me perdoe!" – pensava Enzo.

— Você irá morrer após terminarmos a missão?

— Nossa! Que falta de sensibilidade com minha presença em sua vida!

— Não é isso! Foi você mesmo quem disse que para voltar a sua origem terá de morrer?

— Sim. Se você não voltar comigo para 2012. Não tenho mais motivos para ficar neste plano.

— Como quer que eu me case com Klaus, e... Deixe você morrer...

— Eu disse que você precisa aceitar o pedido de casamento. Depois disso... A escolha será sua.

— E a culpa também?

— As consequências também.

— Não é justo! Não é nada justo me pôr nesta encruzilhada e ficar de braços cruzados esperando a vida ou a morte, conforme as consequências de meus atos! – disse quase chorando.

— Por que quer chorar, hein? – disse ele, segurando em meu queixo e forçando-me a olhar em seus olhos.

— Não estou chorando! – disse limpando a lágrima.

— Não era tudo que queria... Chegou o momento de consolidar a vida eterna ao seu amor por Klaus.

— Como se fosse simples dizer assim... – desabei.

Ele tocou em meu braço e me trouxe para perto de si.

— De que forma posso acreditar no que sente, Clarice? Você atravessou o tempo para estar com ele. Você acordou do coma por causa dele. Viveu sua vida toda em torno deste reencontro. Todos os seus sonhos e planos iam em direção a Klaus. Diga-me... Como posso acreditar no que sente por mim? Mas saiba... Se ficar em 1920, não ficará com ele. Klaus não está aqui... Klaus estará em... Klaus estará em 2012, se você salvá-lo das trevas.

— É mentira! Está mentindo para mim! Tentando me enganar para que eu volte. Não poderá tomar esta decisão por mim.

— Não posso tomar nenhuma decisão por você! Mas posso garantir que você está no passado, tentando consertar uma situação. Sua vida é no presente, em 2012. Toda sua realidade se encontra lá. Tudo que fizer aqui irá interferir em seu futuro ou jamais chegará a ter um, entende?

Soltei-me de seus braços e passei a correr no meio da rua, alcançando a calçada. Eu ouvia os passos de Enzo vindo logo atrás, em minha direção.

— Diga, Clarice! Olhe para dentro de si! Sem fugir! – ele dizia quase gritando, enquanto tentava me alcançar.

— Deixa-me em paz!

— Não deixo! Aceito meu destino! Sei que serei punido quando voltar, por ter sido tão fraco! Mas quero ouvir de sua boca, prometa! Prometa para mim, que irá voltar para 2012. Não fuja da verdade!

"Ela não sabe ainda... Mas se ficar, irá me odiar para sempre quando souber da verdade, e não poderá voltar o tempo para consertar. Iremos nos perder para sempre... Volte para mim, Clarice! Volte!"

Cansada e quase tropeçando. Fui parando aos poucos, respirando com dificuldade, enquanto Enzo segurava em meus pulsos.

— Eu não vou deixar você ficar neste tempo. Tenho medo, entende? Não fique... Não fique... – disse ele baixinho.

Ficamos um de frente para o outro. Percebi que seus olhos também choravam. Um rio negro derramando água pelas bordas sem se importar se alguém estivesse olhando. — Por favor, Enzo... Preciso ficar sozinha. Suspirei fortemente, vi suas mãos me soltarem e seu corpo se distanciar de mim. As lágrimas dos olhos dele eram visíveis. Ele estava sofrendo com a possibilidade de separar seu mundo do meu. Ele não era diferente de mim, nem de ninguém. Enzo era o divisor de água em minha vida.

— Feliz Natal, Clarice! – Ouvi sua voz engasgada. Ele virou de costas e andou em passos rápidos até se perder de minha vista.

O vento muito frio congelava minha face. Para onde eu olhava, alguém estava comemorando o Natal. Pequenas reuniões nas casas, alguns cafés ainda ofereciam música e bebida, e crianças corriam para esquentar o corpo. O meu estava sem vida, pálido. Numa indecisão que corroia os ossos. A única coisa que sabia, era o que realmente importava saber – cumprir com o que devo e partir, sabendo que não posso ficar nem com Klaus, muito menos com Enzo. Aceitaria o pedido de casamento, e após a tentativa – sabe se lá como – de salvar Klaus de um tiro, voltarei para 2012. Sozinha. Enzo não é deste mundo. Ele terá que partir. Klaus, não poderei levá-lo em minha bagagem. Separaremos-nos novamente, como sempre foi e será por toda nossas vidas.

Parei de frente para o hotel solitário em que estava hospedada e fiquei procurando dez motivos que me fizessem entrar. Eu já estava acostumada a passar o Natal sozinha. Talvez sentirei falta de meu gato para servir a ele a melhor ração que comerá durante o ano. Também sentirei falta de meus discos démodé, somente eu ainda tenho coragem de ouvi-los.

O hall do hotel estava com as luzes apagadas. Percebi luzes acesas na sala ao lado, onde serviam o jantar, mas não me importei. Alguém estaria comemorando o Natal sozinho tanto quanto eu. Não havia música, convidados... Somente um cavalheiro sentado à mesa, de costas para mim. Subiria a escada despercebidamente, para não despertá-lo de seu calvário particular.

— Clarice... – a voz me chamou.

Desci os degraus que havia subido e surgi na entrada da sala de jantar do hotel.

Klaus se levantou da mesa, trazendo consigo um lindo buquê de flores brancas e um sorriso majestoso.

— Feliz Natal!

Aproximou-se de mim, depositando as flores em minhas mãos. — Feliz Natal! — respondi.

— Não poderia deixar de passar esta data ao seu lado. Conversei com o gerente do hotel e reservei a sala de jantar para nós.

Olhei para a mesa e deparei-me com uma decoração fantástica. Dentro de algumas taças atadas com laço de fita vermelho, flores brancas e vermelhas em pequenos buquês. Uma pequena árvore de Natal feita de doces com laços de marshmallow. Frutas, assados, sobremesas. Tudo perfeito. As velas acesas acima da cabeça para não atrapalhar a visão. Talheres de prata, pratos de porcelana e taças de cristal.

— Tudo preparado para você!

A noite foi incrível. Sorrimos, brincamos, dançamos abraçados a luz de velas. Por nenhum momento fomos interrompidos. Bebemos vinho chileno e brindamos algo que não tinha nome, razão ou perspectiva de dar certo.

Eu havia abusado um pouco do vinho. Sentia-me zozza e anestesiada dos medos tão íntimos.

Senti-me aflita quando ele saiu de perto de mim por alguns instantes. Estava tudo tão mágico e agradável que tive medo de ele desaparecer e eu jamais poder ter uma noite de Natal tão maravilhosa. Podia não acabar.

De repente, em menos de dez minutos, ele voltou. Abraçou minhas costas e ficou assim como se conhecesse meu corpo.

— É tudo tão puro... Tão lindo e sublime minha querida. Se acontecer algo com o poder de me separar de você, sei que jamais me esquecerei desta noite. Por este motivo, quero que viva todos os segundos e milésimos de segundos ao meu lado enquanto pudermos.

— Klaus... Você sabe que...

— Eu sei que tem que ir. Mas vamos fingir que não... Fingiremos que nada poderá me separar de você.

Beijei-o com ternura. O gosto de seus lábios é doce. Klaus é quase o pedaço do céu que não consigo alcançar com as mãos, mas ao chover, eu abrirei os lábios e sentirei seu gosto.

— Quero ouvir sua resposta – disse ele, acolhendo-me entre seus braços, de frente ao meu corpo, olhando em meus olhos.

— Resposta?

Quando terminei de falar, escutei os acordes dos violinos tocando a nossa volta. Em meio aos músicos, um cavalheiro se aproximou e passou a Klaus, seu cello. Ele se sentou, posicionando o instrumento no meio de suas pernas e, juntos, realizaram uma pequena orquestra para mim. De repente, de todos os lados surgiram as crianças gregorianas cantando um coral como fazem os anjos do céu. Não contive as lágrimas. Era tudo tão lindo e emocionante que somente um homem capaz de amar uma mulher durante séculos, vidas, milênios de vida, poderia realizar tal surpresa como um presente, uma benção ou algo que fosse capaz de torná-la santificada neste momento.

Klaus olhou em meus olhos. Seus lábios sorriram. Ele olhou minha face com carinho, todos os ângulos e contornos enquanto dedilhava a corda do cello. Eu o vi voltando para nosso mundo, com flores colhidas em seus braços. Ele insistia em me olhar e sorrir enquanto meus olhos não paravam de lacrimejar, com pingos alucinados, como se pudessem me fazer retornar ao passado – ou futuro – nem eu mais sei em qual parte de minha vida ele se encontrava. Seus olhos se escondiam em meus cílios úmidos e beijavam meus olhos à distância.

Lembrei-me de algo que ele me disse – sonhos! Sonhou comigo antes de me conhecer. Também sonhei com ele antes de conhecê-lo. Havia um encontro marcado. Ele tinha razão! Somos pessoas normais, vencendo as barreiras para nos encontrarmos. Nada poderá nos separar, nem a vida, nem a morte!

Quando a música cessou. Ele me tomou num abraço enlouquecido, tentando abraçar meu corpo todo de uma só vez.

— Diga... Aceita meu pedido?

— Aceito.

Ele soltou um grito com jeito de liberdade. Este era Klaus voltando do futuro. Este era Klaus, saindo do meu coma e curando-se do câncer.

— Eu grito porque quero que você me escute... Grito porque quero tirar algo de mim.

Ele disse exatamente a frase que ouvi de seus lábios no coma.

— Abraça-me! – pedi.

Ninguém abraça desta forma. Desde qual época estamos juntos? Minha alma está conectada a ele de uma forma tão comum, tão natural, que jamais perceberia sua presença, se esperasse por um terremoto emocional.

— Não vá com a luz, acorde... – ele disse, exatamente como dizia como eu ouvia durante o coma quando vi a luz.

— Eu sonhei que estava te dizendo isto, Clarice. Senti medo de te perder. Você estava seguindo uma luz. Eu dizia, é cedo, volte...

Novamente, uma montanha de lágrimas. Ele se referia as frases que ouvia durante o coma, quando tentava acordar, mas fui atraída pela luz. Estava sonhando neste tempo com tal momento, prevendo o que mais tarde iria acontecer. Mas não acontecerá mais, eu o salvarei de nosso futuro perverso. Ele faz parte de meu corpo e de minha alma.

— Fique comigo esta noite – pedi.

Ele me pegou no colo e subimos os degraus do hotel.

— Faça-me feliz esta noite? – eu pedia.

— Todos os minutos desta noite, eu te farei feliz.

Deitou-me na cama, cobrindo meu corpo com pétalas de rosas que trouxe consigo da sala de jantar. Beijou-me inteira. Sentiu cada gosto de meu corpo e dizia, entre um suspiro e outro, que eu era linda.

Quando amanheceu o dia, ele olhou pela vidraça os raios da manhã.

— Oh não! – reclamou. O dia já o chamava para a vida.

— A noite foi linda – eu disse, deitando-me sobre seu corpo, perna sobre perna, ventre sobre ventre.

— Confesso... Não sei como viverei o restante deste dia sem você – disse ele, enlaçando suas pernas ao meu redor.

Ao se levantar, antes de vestir sua roupa, eu quis um último abraço. Ele me suspendeu, e senti meu corpo todo deslizando nos pelos de seu corpo. Beijou-me no ar, rodopiando levemente no meio do quarto.

— Pense em mim. Para sempre... – sussurrou.

— Pense em mim. Para sempre – respondi.

Deixei-o ir.

Sem vontade de sair do quarto. Achei seu primeiro bilhete no banheiro, em cima de minha escova de dente: “Abra o armário devagarinho e procure algo para você.”

Fui até o armário e abri a porta. Corri vagarosamente os olhos entre minhas coisas e roupas, e achei um botão de rosa de cor diferente das que tinha na mesa de ontem e outro bilhete: “Procure seus sapatos. Não deve ficar descalça no inverno. Faz frio. Te amo.”

Abaixei e olhei embaixo da cama, lá estavam meus chinelos de quarto de pelúcia com outro bilhete dentro: “Vá até a Rua Petits Champs número 174 e procure por Etienne. Ela estará te esperando.”

Troquei-me apressadamente e fui ver a surpresa que Klaus havia me preparado. Deparei-me com uma loja de vestido de noiva. Entrei e procurei por Etienne, que passou a me apresentar vários modelos. Todos lindos, modelos criados para serem usados pela alta sociedade de Paris. Meus olhos já não sabiam para qual olhar, quando no meio de todos, um me chamou a atenção – o mesmo vestido que encontrei no manequim em meu quarto da casa antiga. Etienne sorriu quando viu meus olhos voltados para aquele modelo.

— Estou sorrindo, Clarice, porque Klaus me disse com exatidão por qual desses vestidos você se interessaria. Apontou para este, estilo romântico, alças e peito em tule bordado, suave drapeado na cintura. Saia simples com aplicações a condizer.

— É este! – disse eu, colocando a mão sobre os lábios. Não podia acreditar se não o visse aqui. O vestido que estava no quarto, era meu vestido de noiva.

Vesti-o e fiquei por vários minutos rodopiando à frente do espelho. Era um conto de fadas. Eu conheço todas as minhas referências.

Logo que saí da loja, um carro me esperava na frente do prédio. — Madame Clarice? *Monsieur* Klaus pediu-me para apanhá-la e levá-la para sua casa de veraneio. Estava tão feliz que não queria raciocinar. Queria abraçá-lo e dizer que ele já estava me fazendo feliz. Então... Lembrei-me... Estou partindo... Estou deixando Klaus.

— O casamento de vocês está marcado para às vinte horas. Deixá-la-ei na casa de veraneio e por volta das dezenove horas estarei de volta.

Novamente, não contestei. Sabia que tínhamos pressa. Precisamos nos casar o quanto antes. Meu tempo estava vencendo e... Lembrei-me, a missão! A missão certamente seria hoje. As desgraças de nossas vidas sempre ocorreram, de 1800 a 1920, nas datas de casamentos. Então, aterrisei do céu da pior forma, olhando para a realidade que me levou até ali.

Dezessete horas do dia 27 de Dezembro de 1920.

Estou aflita. Algo comprime meu peito e me faz andar de um lado para o outro daquela casa já tão conhecida por mim. Eu não sabia o porquê me sentia assim, mas sentia que algo estava para acontecer e meus nervos pulsavam como se fossem parir um filho.

Dezessete e quarenta.

Tomei um banho na banheira que tanto gosto e tentei relaxar, mas muito ansiosa para tanto. Era o dia de meu casamento. Não sabia o que iria acontecer dali para frente. Sei que tenho algo a cumprir ainda hoje além de dizer “sim” a Klaus.

Troquei-me e fiquei por longos minutos olhando-me no espelho. Esta estranha sou eu.

Bilhete para Fradique

Sua postura imponente na sala de estar de sua casa, mais se comparava a dignidade de um rei. Fradique arrumava seus cabelos com zelo enquanto pensava na impetuosidade que guiava os passos de seu irmão, que daqui a pouco se casaria sem ao menos se lembrar da promessa feita ao seu pai no leito de morte. Ele teria de fazer algo! Tentaria impedir este casamento a qualquer custo, mesmo que seja levado a cometer os piores dos absurdos na surdina, sem que alguém descobrisse ou desconfiasse, mais tarde, como se nada tivesse acontecido, saberia dos resultados. E depois, estaria presente na cerimônia, como se insistisse na falta de entendimento dos motivos que levariam Klaus a abdicar do que para ele era o mais precioso em sua vida. Neste instante, foi interrompido por sua empregada.

— *Monsieur*, alguém com nome de Anelisse pede para falar com o senhor.

Ele se admirou. O que esta menina teria para tratar com ele? Tentava se manter afastado dos escândalos. Preferia não atendê-la, mas queria saber o que a trazia até sua casa.

Passou pelo corredor e a recebeu no hall de entrada da casa, o lugar mais próximo da porta.

— O que a traz aqui? Se forem notícias de Josefine, por favor, não quero saber. Não posso me dispor a tal preocupação no momento.

Pensou nos tantos compromissos que assumiria dali por diante com sua posição como novo rei da França.

— Creio que se trata de algo de seu e meu interesse, *monsieur*.

— O que seria tão importante que a faria se absorver em tamanha petulância para vir até minha casa?

— Sua filha recém-nascida que está comigo. Estela a deixou em minha casa. Não tenho condições de olhá-la. Sou muito nova, não tenho conhecimento sobre bebês.

Fradique arregalou os olhos, pronto para expulsar de sua casa, aquela que trouxe uma notícia que soava com um mal agouro para seus planos sociais. Mas no momento que o faria, viu que ela retirou uma cesta da entrada da porta, com a pequena menina dentro desta, as mãos na boca procurando pelo seio da mãe.

— Ela está com fome – disse Anelisse.

O choro da criança retumbou os cômodos da casa, e no mesmo instante, os empregados apareceram admirados com a novidade. Já não havia mais tempo de esconder seu segredo. Fradique pegou a cesta e passou para a criada, pedindo que tomasse providência quanto ao leite e roupas limpas. Tão logo que pegou a cesta que trazia a criança, a criada desapareceu da sala, levando consigo três outras mulheres que seguiam em burburinhos pela casa.

— Pode ir – disse Fradique encerrando a visita desagradável.

— Ainda não. Tenho este bilhete, a pedido de Estela, para lhe entregar. Ela retirou de sua bolsa o pequeno bilhete amassado e o entregou.

Fradique com ares de desconfiança, sem saber se o certo seria ler, abriu o bilhete.

"Algo de muito ruim irá acontecer neste encontro que sua atual cunhada me pediu para comparecer. Como sabe, ela morou em minha casa e se esqueceu de levar seu diário que está sob meu poder. Neste diário, ela arquitetou todo o trajeto que faria hoje, após o casamento, de sua morte e a de Klaus. Ela espera se apossar de tudo que pertence a vocês. Trata-se de uma oportunista. Encontro contigo às dezoito horas e trinta minutos na casa de veraneio, para impedirmos esta tragédia. Josefina."

Assim que terminou de ler, mantendo na face uma expressão aturdida, mas com um manto de frieza que escondesse a preocupação, pediu que Anelisse se retirasse de sua casa.

Antes de ir, ela retirou de sua bolsa um objeto todo enrolado por uma flanela amarela. Entregou a Fradique. Uma arma.

— Estela pediu que a levasse consigo. Dizendo isso, saiu, sem olhar para trás.

Bilhete para Klaus

Klaus se apressava no volante. Teria que chegar a tempo de seu casamento, o dia mais importante de sua vida. Pensava o quanto desejava segurar o tempo, para que este não passasse tão rápido, e assim, permaneceria por mais um momento ao lado de Clarice, antes que ela tivesse de partir.

Sabia de todos os riscos que estava correndo, mas não se importaria com o que os outros poderiam falar, após o sumiço de sua esposa depois do casamento. Viveria o momento, e hoje, não passar o dia ao lado de Clarice, foi algo que doeu em sua alma, pois todos os segundos eram preciosos daqui por diante.

Pisou firme no acelerador enquanto se dirigia para sua casa. Ao passar pela praça de seu bairro, freou bruscamente ao se deparar com uma menina ruiva que estava prostrada no meio da rua, impedindo que ele continuasse seu destino. Ela levantava as mãos para cima, aparentando desespero. Poderia ter desencadeado uma tragédia. Suou frio na testa e bateu no volante de maneira tensa.

— Você não pode agir desta forma no meio do trânsito! Poderia ter acontecido uma desgraça, não percebe? – disse Klaus irritado. Mesmo diante de tal situação conflitante, ainda sentia-se incomodado com a pressa. Então, olhando com mais atenção para a pessoa a sua frente, reconheceu-a. — Anelisse? O que faz aqui? Por que me parou desta forma?

Ela era sua aluna na escola de música de Estela.

— Estou muito apreensiva, *monsieur*. Alguém me pediu que para lhe entregar este bilhete com urgência – disse Anelisse com as mãos trêmulas, entregando a Klaus um papel dobrado.

"Vá agora até a casa de veraneio. Seu irmão Fradique saiu armado de sua casa e está indo até Clarice para matá-la, impedindo desta forma, seu casamento."

Klaus ficou transtornado no mesmo instante. — Quem lhe pediu para entregar este bilhete? – disse Klaus.

— Não posso dizer. Apenas disse que é um amigo e que sabe sobre o desejo de Fradique. Antes de ir, leve isso contigo – entregou a Klaus uma arma enrolada em uma flanela amarelada.

Sem saber se aceitaria, mas tendo em mente que não havia mais tempo a perder. Entrou em seu carro e seguiu para a casa de veraneio, onde havia deixado Clarice para se trocar.

A situação era complicada. Ele não esperava que Fradique deixasse ser levado por tal decisão. Era certo que sabia sobre seus desejos em relação ao trono, mas jamais esperaria que seu irmão tomasse tamanha coragem em fazer tal feito. Logo ele, que sempre se demonstrou correto com suas atitudes. Mas deixaria para se alarmar quando chegasse lá, e esperava sinceramente que fosse antes de seu irmão.

Jamais pensou em ter coragem de usar uma arma. Algo dentro dele estava registrado sem que percebesse do que se tratava. Olhava para o revólver depositado no banco do carona e um frio percorria seu corpo. Fragilizando-o.

Por Enzo

Chegou o momento. Sinto-me angustiado, pois não sei o resultado de mais nada daqui por diante. Ela está linda no vestido de noiva. Eu não contenho as lágrimas toda vez que preciso olhar para ela.

Clarice está sentada no sofá grená que era ou é nosso. Tudo depende apenas de sua decisão. Estou pronto para correr ao seu lado, todos os riscos que nosso futuro poderá se traduzir. Estarei pronto para pagar por minha punição, enfrentando mundos raivosos e revoltados por minha escolha, que depende de sua escolha.

Os olhos dela parecem felizes, mesmo estando extremamente inquieta. Qualquer barulho atrai sua atenção. Ela não sabe, mas estou sentando ao seu lado, abraçando-a e sentindo seu perfume tão reconhecido por mim. Ajeito seus cabelos e seguro em sua mão para que não se sinta sozinha. Ela sente minha presença, mas não me vê. Sinto que seu coração se acalma e eu digo baixinho: “Estou aqui, está tudo bem...”

— Enzo? – ela pergunta sem me ver.

Eu silêncio. Não posso interferir em sua decisão. Continuo em silêncio com o desejo de gritar. Engulo o que sinto.

Sinto a dor. Algo lateja por dentro e meu desejo é cantar neste momento para poder me lembrar de nossos melhores momentos juntos. Se eu pudesse ter a chance de contar a verdade, sem que ela pudesse testar a sua fé... Não fique em 1920! Volte para mim...

Sua respiração vai se acalmando. Ela escuta os sons dos sapatos de Klaus lá fora. Meu peito sente ciúmes. Não deveria, mas sente! Não poderia sofrer num momento tão crucial, mas não consegue evitar. Meu coração é bobo, com sintomas de asas de borboletas batendo, voando em meu estômago na proximidade do contato físico com o ser, corpo e pele de Clarice. Perdi-me de tanto amor...

Os olhos de Clarice brilham e suas batidas cardíacas são alteradas. Ela sente a presença de Klaus e a percepção da minha humilde existência é substituída pela dele. Neste exato momento, preparo-me para me recolher e desaparecer da sala. Irremediavelmente, eu e Klaus não podemos ocupar o mesmo espaço. Desafiaremos a sociedade que estuda até mesmo os fenômenos menos prováveis de serem provadas suas veracidades. Não foi a morte, meu amor! Foi a vida que nos separou. Foi a vida e tudo que tem nela. O amor em silêncio é pior do que o esquecimento. É uma infecção me correndo por dentro, latejando, enquanto permaneço quieto, com uma cruz rente aos lábios para não pecar, não me perder. Implorar para me amar, mesmo se olhar para meu rosto e ver o rosto de outro homem. Se soubesse a verdade... Se eu pudesse revelar...

Ela escuta o som da porta se abrir. Eu não me afasto de seu corpo. Continuo grudado a ele como se me pertencesse. Abraço-a com as duas mãos a ponto de sentir que Clarice está sufocada por meu amor. O desejo de gritar se intensifica. Ele entra, eu desapareço. É a lei. Ele olha com ansiedade... Klaus já está no jogo da mudança de 1920. Eu não consigo perder Clarice, nem num momento deste.

Por um observador oculto:

A porta da sala se abriu com o aspecto de medo e desespero. Klaus entrou apressadamente, pálido, segurando uma arma sem saber se estava agindo da forma mais correta. Olhou Clarice sentada no sofá com seu vestido de noiva, linda e apreensiva. Aproximou-se dela sem saber se a abraçava ou a colocava por detrás de suas costas na ânsia de dar o que podia de si, para salvar sua vida.

— Vamos sair daqui! – gritou, olhando quando o corpo dela se levantou e seus olhos se prenderam na renda do vestido. Caminhou timidamente com os olhos até seu decote inocente, e observou o buquê de flores feitas de cetim nas mãos que delicadamente eram cobertas por uma renda da luva na cor creme.

— Para onde? – gritou ela, apavorada, olhando para a arma nas mãos de Klaus. Ela o imaginava voltando para ela num sorriso, levando-a pelo braço até ao altar. Imaginou nos lábios dele, um sorriso que a tranquilizasse quando pensasse em partir para seu canto, sua vida. Exatamente para esta casa, noventa e dois anos depois desta data.

Não houve tempo de trocar o segundo passo. A maçaneta antiga de cor bronze moveu. Seus corpos tremeram. De súbito, Klaus colocou Clarice atrás de suas costas, mirando a arma para a direção da porta. Seu dedo segurou no gatinho, sem piedade. O espírito de sobrevivência era maior que a razão. A prudência cega que o amor tece nas pessoas, cegou-o neste momento. A única sobrevivência que importava, era àquela movida pelo egoísmo, vinda da própria felicidade.

O rosto de Fradique surgiu. A arma de Fradique reluzia. O rosto de Klaus ficou pálido. Os ouvidos de Klaus ensurdeceram. Estava preparado. Morreria pelo instinto de sobrevivência de sua felicidade. Estado de necessidade.

O tiro veio de algum lugar. O tiro era extenso e precisava de um vazio para fazer eco. Em seguida, um grito de dor. Após o grito, um gemido. O corpo caía no chão como uma criança pedindo por um copo d'água. As pernas se movimentaram. O corpo sangrava. O sangue era vivo. O sangue era a prova da discrepância torpe.

— Fradique! – gritou Klaus, correndo ao encontro do irmão que ele atingiu. — Fradique! – Klaus atirou-se no chão ao lado do corpo que sangrava e dos olhos que pertenciam ao corpo, que choravam.

— Por que fez isso meu irmão? – disse Fradique, segurando com uma mão, o lado que foi ferido.

“Por que fez isso?” A frase não saía de sua cabeça. Klaus procurava a resposta para dar. Klaus não conseguia dar a resposta. Ele apenas sentia a dor de sua justificativa.

— Não queria te matar, acredite... – chorou Klaus. — Acredite em mim? – implorou.

Poucos metros dali, a imagem sombria de alguém que seria a noiva se Clarice não tivesse voltado. Estela também usava um vestido de noiva, porém, preto. Inteiramente preto com ares fúnebres. Seu rosto era envolto por um véu, que cobria seus olhos insanos. Em suas mãos delicadas, o frio de uma arma. Ela espreitava a cena na sala. Ela ansiava pela morte de Fradique. Ele tardava. Clarice estava próxima a ela. Poderia lhe dar um tiro nas costas. Poderia fazer jus de seu instinto escorpiano. Ali estava o ouro de Klaus. Ali, a chave de toda sua miséria humana e desumana. A lágrima fria caía em sua face, trazendo o escuro do lápis de olho que usava em demasia.

Ela encorajou-se. Cansou de esperar pela morte de alguém que não vinha. Entrou na sala como uma majestade de luto. A atenção de todos era voltada à sua direção. Em seu peito, apenas ódio. Vagarosamente, ela levantava o véu preto de seu rosto, exibindo a lágrima preta suja de ódio.

— Chega de teatro! – disse ela calmamente. Embora em seu tom de voz, existisse o amargo do fel. — Afastam-se apenas um dia de suas feridas e meu desejo é que morram em desespero.

Clarice buscou se afastar, procurando por proteção.

— Não corra de mim, Clarice... – ela pedia com ares de misericórdia.

— Não faça besteiras, Estela – pediu Klaus.

— CALA-SE! I-MUN-DO! – gritou ela, soletrando.

Estela se aproximou de Clarice como um cisne negro num lago vermelho. Ela pisava sobre a poça do sangue que escorria de Fradique e levantava a barra do vestido.

Tocou o rosto de Clarice com uma das mãos. Contornou o pescoço da noiva como se fosse com amor... — Pobrezinha... Terei que matá-la... Não seremos amantes. Não? – quis saber de Clarice

que a olhava com pavor. — Perdeu a voz? Ahm? Diga a Klaus que você me deseja e que seus pensamentos são... Sujos. Diga?

Ela levantava o vestido de Clarice com a ponta da arma. O corpo de Clarice se contorcia por medo e sensações jamais sentidas.

— Venha cá? — Estela chamou Clarice. — Não tenha medo, não vou feri-la, apenas quero te... Beijar...

O corpo de Clarice está na frente de Estela. Estela não viu quando Klaus levantou a arma. Ela também não viu, quando Fradique, mesmo deitado e ferido, mirou sua arma na direção dela.

Estela desejou infinitamente os lábios de Clarice naquele momento. Sentiu vontade de matá-la, beijando-a como se fosse o beijo da morte. Queria sentir o gosto do sangue de Clarice invadindo sua boca. Faltavam apenas trinta centímetros para tocá-la. Faltava apenas trinta segundos para provar o agridoce de seu sangue na língua e se comprazer de sua loucura.

Um novo tiro surgiu vindo de alguma direção. Um novo grito.

Ninguém escutava a dor, somente o grito e o tiro. Ninguém via o sentimento de pele rasgada no movimento do dedo indicador no gatilho. A lágrima roçava na pele, agarrando-se às lembranças para essas não morrerem com o corpo que caia num lamento.

— Você não faria isso comigo... Você... Você não faria... — A voz do corpo que caia latejava, expandia-se em baixa rotação pela sala, num eco, num sussurro dolorido. Era o cenário único de uma só visão. Porém, com cinco sentimentos expostos. Cada um em seu universo.

A atenção era voltada para a menina de cabelos ruivos, apontando a arma para seu único amor, Estela Josefine. Estela que somente ela conhecia e tinha suas razões para atirar.

— Perdoe-me, grande amor da minha vida. Esta foi a única maneira que encontrei de te libertar da prisão dos homens; da prisão da moléstia que se encontra em seu ser. Prometo te amar

onde estiver. Prometo ser fiel e cumprir com suas ordens por toda a eternidade.

Dizendo isso, ela levantou o calibre 38 e disparou apenas uma vez, dentro de sua boca. A bala passou por seu corpo, levando massa cefálica para a parede.

Agonizando, Estela olha para Klaus e diz em sofrimento:

— Fique... Com a culpa...

Fechou seus olhos e não voltou mais a abri-los.

O silêncio impera. Conseguindo se refazer do estado de choque, Klaus socorre seu irmão, pedindo que Clarice fique no lado de fora da casa, enquanto ele irá buscar ajuda para Estela e Anelisse.

Clarice segue seu pedido, fechando a porta devagar, ainda olhando pela fresta a imagem de Estela caída no chão.

A alma negra de Estela se levanta do chão, rancorosa e em estado latente de perturbação. Rosnava e chorava como um cão. Do outro lado, a de Anelisse tentava despertar e se desprender do corpo. Nenhuma via a outra. Anelisse gritava por socorro em vão.

Enzo surge e é notado pelos olhos cruéis de Estela.

"Vamos?" – ele diz em transmissão de pensamento.

"Nunca! Estou aqui para me vingar, e me vingarei a qualquer custo!"

"Acabou... Agora precisa descansar. Redimir-se, buscar a luz."

Ela ria alto.

"Não vou! Quem você pensa que é?"

"Sou alguém incumbido de te ajudar. Basta seguir esta equipe que aqui está. – apontou para as luzes que vinham surgindo uma a uma. — E tudo estará bem. "

"Não o escute, Estela! Venha! Viemos te buscar! Siga-nos! – disse a imagem horrenda de uma alma escura e sangria, que fedia a carniça. Era o mentor da equipe de forças especiais do mal."
"Não Estela! Está sendo usada para beneficiá-lo! Ele não pode te ajudar em nada! Veja o que houve? Acredita que depois de tudo que aconteceu, eles fizeram algo de bom por você? Reflita – disse Enzo."

Estela para por um momento e olha para seu amigo do mal.

"Você não cumpriu sua promessa... Mentiu para mim."

"Olhe para ele, Estela, olhe direito! Olhe para seu verdadeiro rosto; o rosto da alma... Não o reconhece? Vamos levá-lo para as trevas! Vamos! Acorde Estela!"

"Eles não podem te ajudar, Estela! Se conseguir me ouvir, eu poderei te ajudar. Não da forma como você deseja, mas de um modo muito melhor; terá condições de buscar a paz para sua alma."

"Eu não posso! – Ela chora. — Klaus não poderá ser feliz às custas de minha infelicidade!"

"Você somente conseguirá ser feliz quando tiver condições de perdoar. Por enquanto, você pode seguir essas luzes, eles te guiarão e te mostrarão como terá que fazer."

"Eu não posso! Eu não tenho condições! – ela gritava."

Uma das luzes se aproximou de Estela, envolvendo-a e, em poucos segundos, ela sentia-se mais aliviada.

"Agora vá! Siga a luz!"

Em lamentos de dor, Estela foi sendo levada. Sua alma flutuava em prantos e gemidos. Quando estava prestes a entrar no Túnel que a levaria para outra dimensão, ela olhou para trás e viu o verdadeiro rosto de Enzo. O rosto que ninguém conhecia além da equipe de forças especiais do bem. Espantada e confusa, ela voltou

dois passos. Firmou o olhar, tentando se convencer que era real o que viu.

“Eu não acredito! É você? É você?”

Em seguida perdeu os sentidos, tamanho o susto pela visão inesperada que teve ao se deparar com a mais absoluta verdade.

“Perdoe-me, Estela, eu não fiz por mal! Não foi minha culpa. Se eu pudesse voltar no tempo e mostrar o quanto sou inocente, saberia que jamais desejei lhe fazer mal. Siga em paz! Descanse! Busque o discernimento – Enzo disse. Era a primeira vez que revelava a alguém, sua verdadeira identidade.”

Outras luzes carregavam a alma de Anelisse que seguia em profunda perturbação.

Acabou este ciclo. Eles conseguiram modificar o passado. Toda a vida de Clarice no futuro se dará por novos rumos. Nada mais será como antes. A fúria do mal e da vingança fora extirpada, embora seus passos possam modificar tudo novamente durante o tempo que leva o cílios para piscar os olhos. O futuro aguarda apenas por uma decisão. Clarice escolherá a época que viverá sua vida, e a partir deste momento, uma nova mudança se dará em um novo ciclo.

A decisão

Enquanto eu esperava Klaus retornar do hospital, caminhava para pensar um pouco, sem nem mesmo saber se havia tempo hábil para me sentar em algum lugar e optar por minha decisão. O tempo passava cada vez mais rápido e eu sentia por dentro algo estranho se derramando dentro de mim, o novo sempre me causava a impressão de invasão íntima. O novo me cobrava uma decisão. Eu sentia que deveria me decidir o quanto antes.

Nada melhor do que pensar nas consequências quando for necessário decidir por algo. Sei que permanecer em 1920 seria bom somente por um tempo, quando a cobrança desta decisão chegasse e eu sentisse que não teria mais para onde correr. Algo de vazio e ruim aconteceria com minha alma, que se perderia no tempo e no espaço, tornando-se impossível minha felicidade tão desejada. Eu deveria confiar em algo, mas não sei exatamente em quê. Algo no interior me dizia para voltar, confiando; e se isso não fosse possível, era chegado então o momento de praticar a fé. Fé em quê?

No peito, um aperto. Despedidas eram tão ruins. Acabei não me casando. Aceitei o pedido de casamento apenas para salvar a vida de Klaus, mas no fundo, casar-me-ia com ele quantas vezes fossem necessárias. Caso optasse por ficar, casaria mais ou mais tarde. Mas meu peito continuava apertado. Não adianta insistir quando o livro da vida fala com você e todas as coisas se tornam sem sentido.

Sim. Chegou o momento. Terei que secar o pranto e seguir meu caminho. Sou um corpo estranho em 1920, após o cumprimento da missão. O bônus não virá neste tempo. A única benfeitoria desta época foi salvar a alma de quem acredito amar. Eu disse "amar". Quando eu disse, eu afirmei? E Enzo, qual sua importância em minha vida? Ele partirá ou já se foi sem se despedir de mim? Eu não disse o que sentia por ele, porque não sei o que sinto. Ele não está ao meu lado neste momento. Não o sinto. Fez a viagem de volta sem despedida. Jamais saberei o que sinto por ele,

se não olhar novamente para seus olhos. Morrerei eternamente grata por tudo que fez por mim e por Klaus, mas sem saber quem ele foi em minha vida. Voltarei para nossa casa e retirarei minhas coisas de lá. Se, não sei o que sinto, é melhor não viver de lembranças.

Talvez o voo da estirpe seja um voo solitário do autoconhecimento de minhas limitações e sentimentos. Não deveria acreditar que as relações humanas são a principal causa da felicidade. Mas também, não posso deixar de crer que nenhuma felicidade é plena se eu não compartilhá-la com alguém.

Andando pela beira do Rio Sena, fui tentando controlar minha respiração ofegante e me acalmar dentro do possível. Minha decisão é voltar para 2012 e viver o que me resta. Não teimarei com o destino. Não me despedirei de Klaus. Não existe despedida entre nós, ele estará sempre dentro de mim. Enzo já partiu, o que tornou tudo tão mais fácil. Apenas esperarei o sinal e o momento de voltar.

"O sinal apenas virá quando você definir seus sentimentos."

Eu não estava louca. Ouvi uma voz masculina que soava dentro de minha mente. Como se meu pensamento falasse comigo.

"Sou eu, Geinxast. É necessária uma definição. Não pode passar a vida sem saber o que sente."

"Não posso, não estou preparada. Quero ir embora agora!"
– disse em pensamento para Geinxast.

Um vulto caminhando na areia do Rio Sena, vinha em minha direção. Vinha sorrindo e vestido de roupas brancas. Ele abriu os braços e acenava para mim.

— Klaus! – Corri ao seu encontro, com os pés afundando na areia.

Ao alcançá-lo, ele me abraçou e continuou sorrindo, como se esperasse por tudo que eu tinha para falar a ele.

— Klaus, chegou o momento de ir – disse com receio de olhar para sua face e não conseguir cumprir com meu destino.

— Eu sei... Já esperava por isso. Pena que não ficará. Não houve tempo de nos casarmos. Sentirei sua falta...

— Eu sinto sua falta todos os dias, todos os minutos de minha vida. Não queria mais ter que me despedir de você todas as vezes que nos encontramos.

— Façamos assim... Aqui não será uma despedida. Confia em mim? Apenas diga que sim.

— Sim – disse com lágrimas nos olhos.

— Dê um sorriso? – pediu ele, levantando suavemente meu queixo e deixando um beijo doce em meus lábios.

Sorri chorando.

"Você tem 10 minutos" – disse Geinxast.

— Preciso ir. Não me diga adeus – pedi.

— O código de nosso reencontro é a frase "para sempre"! Quando eu te reencontrar, me reconhecerá através desta frase. Confia em mim?

— Confio.

Ele sorriu.

— Agora, vá, Klaus, sem dizer adeus e sem olhar para trás – pedi.

Ele olhou em meus olhos, prendendo-se em minhas retinas. Seu corpo se virou e caminhou para frente. Eu fechei os olhos e tentei não ver sua imagem se desfazendo. Permaneci com os olhos fechados até sentir um frio intenso invadir todo o espaço que me encontrava, como se o ar estivesse menos denso.

Ao voltar a abrir os olhos, vi o túnel girando à minha frente; suas nuances azuis eram brilhantes e ele corria de cima para baixo.

Enzo surgiu na porta de entrada do túnel. Acenou sem sorrir. Uma vontade súbita de abraçá-lo invadiu minha mente e corpo. Fui até ele, mas no momento exato de tocá-lo, pairou entre nós uma camada transparente, mais parecida com uma superfície plástica. Eu coloquei a mão para tocar nas mãos dele, mas sentia apenas os contornos. Tentei agarrá-lo e puxá-lo para junto de mim, mas não havia possibilidade. Estávamos separados; em mundos diferentes. Eu apenas estava vendo sua imagem. Passei a gritar. Eu ouvia Enzo gritar pelo meu nome. Era uma união impossível. De repente, ele sumiu. Ele desapareceu como se não estivesse naquele instante passado à minha frente.

Entrei no túnel totalmente sem rumo. Eu sabia o que sentia. Minha alma amava a alma de Klaus. Meu corpo amava o corpo de Enzo. Era o côncavo e o convexo em uma pessoa apenas. Não tinha como separar esses dois sentimentos dentro de mim.

— Está me ouvindo, Geinxast? – eu gritava em prantos enquanto caminhava dentro do túnel azul.

A dor era desesperadora. Não havia controle remoto para fazê-la parar. Passei a correr dentro do túnel, sentindo-o girar em torno de meu corpo. Meus pés não o tocavam. Minha velocidade não controlava o tempo que eu demoraria a chegar. Estava submersa no nada, embora transbordando sentimentos.

Em instantes, eu não via e nem sentia mais nada. Era como se tivesse adormecido. Ao acordar, estava deitada num banco de alguma praça em Paris, 2012. Sentei-me e fiquei assustada, lembrando-me do que havia acontecido e de onde vim. Em algum lugar do passado, preendi minha vida. Eu não me esqueci. Passei a mão em meus cabelos e eles estavam grandes, como antes de ir a 1920.

Levantei-me e passei a andar. Localizei-me. Estava próxima a Instituição Esperança. Sem muito pensar, abri o portão e entrei. Estava tudo como antes, o jardim e as árvores que circundavam o prédio. Algumas crianças brincavam, outras estavam

perdidas em seu próprio mundo, paradas debaixo de alguma sombra.

Andei entre elas e ouvi o som do cello. Meu coração disparou. Corri no corredor da Instituição, procurando a direção que vinha. Abri várias portas e não encontrava. Vi quando um garotinho saiu de uma sala vestido com túnica azul prateada, como os gregorianos de 1920. Sorri e chorei, não sei. Cheguei de mansinho na porta e espiei. Vi o grupo de gregoriano ensaiando no coral. Estavam todos vestidos com túnicas. Vi o corpo dele de costas para mim, tocando o cello, concentrado. Sorri silenciosamente. Ele veio! Era ele! Ele veio como disse! Ou ele sempre esteve aqui e eu não havia percebido? Não sei mais nada! Não importa saber, o que importa, é que ele está aqui.

Quando terminou de tocar. Um dos alunos especiais, o chamou:

— Professor Enzo!

Não entendi. É Klaus que ali está! Não ficaria triste se visse Enzo, mas não era Enzo. Eu não estou vendo coisas. Belisquei-me. Senti que estava em tempo real.

Ele se levantou e foi atender o aluno. Quando voltou, olhou-me na porta e sorriu. Era Klaus. Jamais me esqueceria de seu rosto.

— Klaus! – disse eu, sem perceber, sussurrando.

— Moça! O nome do professor é Enzo – disse o menininho que havia saído da sala e estava retornado.

— Não, não. Não é possível! Eu o conheço... – eu disse.

— Sim, ele é nosso novo professor. Era aluno antes, mas agora que aprendeu a tocar o cello e escrever livros, é nosso professor.

Fiquei aturdida. Petrificada. Passada.

Olhei novamente para ele, e desta vez vi o rosto de Enzo. Os meninos estavam certos. Era Enzo. Como foi possível esta visão

de ótica?

Ele se aproximou de

mim e disse num sorriso:

— “Para sempre...” Corri. Corri o mais rápido que podia. Este era o código que Klaus me diria quando eu o reencontrasse. Alguém está tentando brincar comigo. E está conseguindo. Estou assustada, com medo e sem saber para onde ir.

Entrei no metrô, tentando me esquecer de quem era. Meu fim seria num sanatório no extremo da loucura, delirando... Era loucura demais para ser real. É perigoso entrar no sobrenatural e ver suas facetas. O ser entra em um processo confuso acerca de sua própria existência.

Desci na estação próxima da casa antiga.

Andei pelas calçadas atenta a tudo que via. Não via a hora de chegar à casa antiga e retirar de lá, minhas coisas, voltando para a casa de minha mãe. Recomeçaria minha vida do zero. Tentaria esquecer de que quase fui feliz. Vi um rapaz sorrindo, segurando um botão de rosa. Acreditei que sua manifestação não era para mim, mas ao chegar perto dele, cumprimentou-me e me entregou o botão juntamente com um bilhete:

“Para sempre é meu amor por você. Para sempre estarei contigo em tudo que faço, penso, sou e existo. Existo para você.”

Eu tinha certeza de que era Klaus. Isso é coisa dele! Sabia que não estava maluca e que o vi na Instituição. Os meninos se confundiram. Depois de minutos andando nas ruas como se estivesse na contramão, enfim, cheguei. Abri o portão com receio, lembrando-me da cena que presenciei ali dentro, na última vez que estive nesta casa. Abri a porta da sala com receio. Estava tudo como deixei. Havia um silêncio contido, muito embora tivesse a sensação de que as paredes respiravam.

Examinei todo o espaço da sala com calma. Descobri algo que ainda não havia visto, gotas de sangue na parede. Nunca antes tinha percebido as pequenas manchas, certamente por ainda não

saber o que tinha acontecido naquela sala. Então, lembrei-me do tiro que Anelisse deu em sua própria boca. Era o mesmo local em que ela estava posicionada. Ainda pude ver seu corpo caído no chão, com os olhos abertos.

Corri para o quarto e vi que estava tudo como antes. O vestido estava no manequim e a cama desarrumada. Eu e Enzo dormimos nela antes da regressão. Sentei-me e fiquei assim, olhando para o teto. A casa sentia falta de Enzo. Joguei meu corpo no colchão e fechei os olhos, adormecendo. Estava exausta. Precisava dormir. Precisava dormir para sempre.

Chovia fino lá fora. Levaria quinze minutos para desistir de arrumar minha mudança. Mexi-me na cama, buscando com as mãos aquele que era minha família e meu companheiro. Sentia saudades. Eu já sabia que sentiria assim que chegasse aqui. Coloquei a mão em seu travesseiro e senti um pequeno papel dobrado ao meio. Peguei-o e li:

Está um dia lindo, embora chuvoso. Não percebeu minha presença durante a noite. Espero que tenha dormido bem. Tenho um presente para você! Levante-se e vai tomar seu café.

Levantei e saí perambulando pela casa, eu era uma alma penada. Se, não estiver muito louca, li no bilhete que alguém dormiu comigo esta noite.

Abri a porta do quarto que era de Enzo. Abri vagarosamente. Estava escuro, mas seu cheiro estava no ar. Deixei a luz entrar primeiro pela fresta da porta. Esperei que meus olhos se acostumassem à escuridão. Respirava profundamente para sentir seu cheiro.

Olhei sua cama. Estava arrumada. Quando saímos da casa pela última vez, Enzo esqueceu seu travesseiro em minha cama. Não sei quem dormiu ao meu lado, mas tenho certeza de que os bilhetes são de Klaus. Embora nesta casa, tudo lembrasse Enzo. Fechei a porta antes que a saudade batesse forte no peito e me torturasse.

Não era real a cena que presenciei ontem na Instituição. Enzo não está aqui. Eu não vi o rosto de Klaus no corpo de Enzo. Enzo não me disse o código de Klaus. Eu não estou louca.

Sentei-me à mesa. Estava linda. Arrumada com um vaso de flores, um copo com suco, um prato com croissant, uma faca e um garfo. Tudo para uma pessoa. Perto do prato, outro bilhete.

“Esqueceu que dia é hoje? Parabéns pra você, nesta data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida... Coma sem pressa! Hoje é um dia muito importante. Hoje é seu dia.”

Meu Deus! Hoje é o dia de meu aniversário! Havia me esquecido completamente. Agora tenho certeza de que é Klaus, o autor dos bilhetes, Enzo não sabia da data de meu aniversário.

Comi silenciosamente e percebi uma linda caixa de joias perto da jarra de suco. Peguei-a e abri com curiosidade. Dei um suspiro de admiração quando me deparei com um lindo anel coberto de pequenos brilhantes. Uma bailarina dançava, pequenina, ao som da música que Enzo um dia cantou para mim... Le Ciel Dans Une Chambre:

“E quando tu estás tão perto de mim,
É como se este teto,
Não existisse mais.

Eu vejo o céu inclinado sobre nós...
E ficamos assim, Abandonados como se
Não houvesse mais nada, mais nada no mundo...”

Que lindo! Dentro da caixa, um novo bilhete:

“Reconhece esta melodia?”

Meus pensamentos foram interrompidos por um ruído – a máquina de cortar grama que tem ao redor do jardim. Se, libertei Estela, não tem motivos para que ela voltasse a me assombrar. Mesmo assim, não custa checar.

Fui até a cozinha e a porta do fundo estava aberta.

Parei. Eu não vi meu rosto, mas tenho certeza de que estava pálido.

Minhas pernas tremiam como bambu verde. O vento levava a chuva fina e confundia minha visão com o que eu não acreditava estar vendo... Ele estava no jardim aparando os girassóis. Não havia notado a minha presença. Estava sem camisa e os músculos de suas costas abrigavam as gotas de suor que percorriam, quase rasgando sua pele morena, sem misericórdia dos olhos de quem o observasse. Então era ele...

Senti um misto de espanto e alegria. Ele não me olhava, não sentia minha confusão. Deitou-se no chão e aparava a parte de baixo da plantação dos girassóis. Ousei dar um passo, dois, três. Parei. Respirei e dei o quarto, quinto e sexto passo. Parei novamente, colocando a mão sobre os lábios, confusa, aflita, ansiosa. Sétimo, oitavo, nono... Faltava apenas um passo. Décimo.

— Enzo... – disse eu. Sabe-se lá, de onde tirei coragem.

Ele se levantou. Sorriu como se nada tivesse acontecido. Abriu os braços.

— Venha cá! – chamou-me.

Fiquei com medo. Não sei o porquê, mas o medo era algo paralisante.

— Não tenha medo... Venha... – ele insistia.

Estendi a mão vagorosamente, tentando tocar primeiro para me certificar de que ele não era apenas uma alma. Quando estava quase alcançando seu braço, ele gritou:

— **Huuuuuuuu.**

Meu coração parecia que ia sair para fora de meu vestido. Era o mesmo Enzo de sempre, com suas brincadeiras masoquistas que gostava de me ver sofrer.

— Sem graça! – disse zangada.

Então ele me abraçou. Meus braços ficaram no ar, sem querer corresponder, mas sentindo o cheiro dele misturado ao

aroma que vinha da relva fresca dos girassóis e terra molhada, fiquei sem poder me defender.

— Não tenha medo! – disse ele, apertando-me em seus braços com seu suor colado ao meu corpo.

— Como veio parar aqui? Não nos despedimos em 1920? Ou pelo menos, tentamos?

— Tenho algo a te dizer... Não corra! – disse ele, segurando forte em minha cintura. Olhou em meus olhos com sentimentos fortes e sem se poupar de qualquer coisa que o afastasse de minha intimidade: — “Para sempre...”

— Como sabe do código que Klaus selou comigo?

— Não consegue sentir? Olhe em minha alma... O tempo todo estive ao seu lado. Não consegui me ver, a não ser, quando brincamos de Klaus por um dia. Não consegui me sentir, porque buscava por meu corpo e não o encontrava. Não olhou para dentro, não olhou para a alma. Precisou ir até 1920 para escutar um código que lhe trouxesse fé, e mesmo assim, não conseguiu identificar. Nem mesmo quando as evidências eram tão grandes...

— Você quer dizer que...

— Quero dizer que te persegui antes do acidente e não consegui me diferenciar de Klaus, apenas porque eu estava com sua imagem. Quando escrevi o poema, consegui me ver, pois senti minha alma e teve certeza de que jamais a abandonaria. Era apenas uma questão de tempo... Eu precisava de uma chance para vir até você. Fui até seu coma como Klaus, como Enzo... Disse que sempre te amei, em todas as versões, e mesmo assim, não consegui perceber minha presença. Também atravessei o tempo para estar ao seu lado. Morri de medo que tivesse ficado em 1920, acreditando que assim, estaria ao lado de Klaus, quando na verdade, o real começaria somente agora, no futuro. Mas não pude fazer nada, pois estava limitado entre a imagem de um Klaus que se encontrava no passado e à imagem de Enzo no futuro, que tudo sabia, e nada podia lhe dizer.

— Você é... Klaus?

— Olhe para mim... Como me olhou na porta da Instituição, acreditando que veria o rosto de Klaus após ouvir o cello. Olhe para mim, como Estela me olhou com a alma, ao ver pela primeira vez meu rosto quando fui resgatá-la.

Olhei-o com o mesmo sentimento e vi o verdadeiro rosto de Enzo. O rosto de sua alma. Sua alma se chamava Klaus, que veio ao meu encontro muito antes de ter me passado o código "para sempre". Enzo é Klaus em 2012. A alma sempre foi a mesma, a diferença está na forma do corpo que nasceu nesta vida e eu jamais pude perceber porque sempre procurei distinguir pelo corpo, pela superfície, como fazem os humanos ao se apaixonarem, deixando que a paixão morra com o envelhecimento, como se esta fosse a causa mortis do amor verdadeiro. Eu apenas via seu corpo... Em alguns relances, eu via sua alma e me confundia, sem perceber que não era nada mais que a visão da verdade. A verdade que não vem em todos os momentos, mas em momentos decisivos que precisamos saber quem somos e quem são as pessoas que estão ao nosso redor. Se eu pudesse esquecer o corpo de todas as pessoas que estão a minha volta e me lembrar somente de suas almas, conseguiria encontrar entre elas, minha mãe, meu pai e muitos que partiram sem minha permissão.

Agora o olhei novamente nos olhos dele e percebi os olhos de Klaus. Talvez ainda eu demore a me acostumar com a ideia de que não há diferenças, e que corpos não são nada mais que simples vestimentas usadas pela alma para nos tornarmos humanizados. Voltei a olhar e vi o rosto de Klaus, sorrindo para mim como antes.

— Eu nasci para te reencontrar. Precisei me humanizar para você acreditar que o amor de verdade jamais se acaba. Estou liberto das vozes do mal por sua causa e por causa do amor que sente por mim, voltando ao passado e mudando nossa história.

Precisei me desligar da equipe de forças especiais do bem, para estar com você novamente. Tenho duas missões como

condição de permanecer aqui – dedicar-me às crianças especiais e plantar girassóis em todo terreno baldio e sem vida.

— Como devo chamá-lo? – perguntei confusa e sem saber exatamente o que pensar. Minha razão sempre colide com momentos únicos. Meu fascínio pelas coisas que não se explicam sempre me aproxima do que espero realmente da vida. Lembrei-me de quando fiz a regressão técnica até o momento de minha concepção, o terapeuta me perguntou quem eu via quando o homem de paletó marrom me perseguia, e eu disse que apenas via Enzo. Deve ser pelo motivo de Klaus e Enzo ser uma pessoa só.

Ele sorriu.

— Como quiser. O importante é como irá me sentir.

— Se você é Klaus, diga-me, então não foi surpresa alguma quando te contei toda a verdade em 1920? Por que ficou bravo quando soube que eu havia contado tudo a Klaus?

— Não consegue entender que Klaus não conhecia o futuro. Ele simplesmente estava em 1920 e isso era tudo que sabia. Mas todos os fatos se deram dentro da memória espiritual do passado, não em tempo real, por isso eu estava lá. Assistindo as lembranças do meu passado. E você, com sua coragem, conseguiu modificar, alterando nosso futuro e trazendo-me para você. Mudando nossos desencontros, tornando real, pela primeira vez, nossa história de amor.

Abraçou-me, deitando meu corpo sobre as folhagens secas dos girassóis. Tirou delicadamente meu vestido, beijando meu corpo como se fosse ontem, hoje e amanhã. Beijou-me com lábios de Enzo, de Klaus e dos dois juntos. Se eu não conseguia separá-los de imediato, sentia os dois como se jamais pudesse viver sem eles. Um era o corpo que eu amava; o outro, a alma prometida.

A chuva fina lavava nossas maldades.

O corpo e alma dele estavam comigo hoje. Estará nesta e em todas as vidas em que um dia eu despertar. Com este ou outro rosto. Com este ou outro toque. Estará... Mesmo quando eu não

perceber, porque o amor verdadeiro dura o tempo necessário que leva a eternidade para nos fazer enxergar a verdadeira e única identidade de nosso ser.

Este é o voo da estirpe. O voo que nos conduz para dentro de nós mesmos. A linhagem que passa de um corpo para o outro, mantendo a essência e os verdadeiros sentimentos.

"— Quero ir com você!

A melodia de Enzo novamente me acompanha em um cantarolar suave, e eu podia ouvir a voz de Klaus me pedindo para acordar, recitando as palavras que alegravam o meu estado de contemplação:

"Acorde, prometo que vou te encontrar... Eu vivo na vida real, me encontre..."

Vi uma luz forte se aproximando, ofuscando meus olhos.

Ainda escutava a canção de Enzo, como se estivesse me chamando.

A indecisão tomou conta de meu ser. Queria ir onde estava a voz de Klaus, mas não consegui conter o desejo de seguir a melodia que ouvia, como se uma força motriz pudesse me invadir completamente."

"Não vá com a luz! Acorde! Estou te esperando na vida real. Estou lá, acredite! Volte Clarice... Volte..."

Fechei os olhos e nada mais pude sentir além de seus braços, do mesmo modo como me abraçavam antes. Ele estava ao meu lado.

Eu não precisava morrer, nem viver. Klaus me fez sentir o desejo de viver e me deu a direção. Encheu de cor a minha vida. Não estou mais no deserto. Aprendi a sentir. Eu sei amar. Klaus me ensinou. Nada mais poderá nos separar, nem a vida, nem a morte.

"Eu pertencço a você. Para sempre!"

O Voo da Estirpe I, pg. 225

Table of Contents

Prólogo

TOMO 1

Clarice e Enzo

1

2

3

4

5

6

7

8

TOMO 2

Clarice e Klaus

1

2

3

7

A decisão